

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ALEX APARECIDO DA COSTA

**AS VIRTUDES DO PRÍNCIPE IDEAL NO *PANEGÍRICO*  
*DE TRAJANO* DE PLÍNIO, O JOVEM**

Maringá

2014

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ALEX APARECIDO DA COSTA

**AS VIRTUDES DO PRÍNCIPE IDEAL NO *PANEGÍRICO*  
*DE TRAJANO DE PLÍNIO, O JOVEM***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Lopes Biazotto Venturini

Maringá

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Biblioteca da Unicesumar – Maringá – PR)

C543a COSTA, Alex Aparecido da

**As Virtudes do Príncipe Ideal no Panegírico de Trajano de Plínio, o Jovem.** Alex Aparecido da Costa. Maringá-Pr. UEM, 2014.

Mestrado em História

Orientadora: Dra. Renata Lopes Biazotto Venturini

1. Estoicismo. 2. Principado. 3. Tradição. 4. Virtudes. 5. Plínio, O Jovem.

6. Panegírico. I.Título.

CDD 22ª Ed. 907

NBR 12899 - AACR/2

ALEX APARECIDO DA COSTA

**AS VIRTUDES DO PRÍNCIPE IDEAL NO *PANEGÍRICO DE  
TRAJANO DE PLÍNIO, O JOVEM***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História.

Aprovado em \_\_/\_\_/\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Margarida Maria de Carvalho  
Universidade Estadual Paulista – UNESP/Franca

---

Prof<sup>º</sup>. Dr<sup>º</sup>. Jaime Estevão dos Reis  
Universidade Estadual de Maringá – UEM

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Renata Lopes Biazotto Venturini  
Universidade Estadual de Maringá – UEM  
(Orientadora)

*Dedico este trabalho e o esforço nele empreendido aos pesquisadores e pesquisadoras, estudantes e professores, e também a todos que acreditam na busca do conhecimento como forma de um dever profundamente pessoal em favor da humanidade.*

## AGRADECIMENTOS

*Direciono meus mais sinceros agradecimentos aos meus irmãos, aos meus familiares queridos e aos meus amigos estimados, que durante essa jornada têm me apoiado e contribuído. Sem a vossa compreensão, incentivo e camaradagem, certamente, as dificuldades e a solidão que me acompanharam neste trabalho teriam sido mais difíceis de superar.*

*Dentre tantos, algumas figuras devem ser destacadas, pois sem a concorrência direta de cada uma delas esta pesquisa não seria possível, e os obstáculos inerentes mais difíceis de transpor. Portanto, merecem gratidão especial:*

*Minha orientadora, Professora Doutora Renata Lopes Biazotto Venturini, cuja sensibilidade em conhecer minhas aptidões e deficiências tem me ajudado a corrigir estas e potencializar aquelas em um clima pleno de entendimento e paciência;*

*A Professora Doutora Margarida Maria de Carvalho por ter aceitado o convite para compor nossa banca, a propriedade de suas críticas ajudaram-me a sanar erros e vícios e o valor de suas indicações contribuíram na escrita desta dissertação;*

*O Professor Doutor Jaime Estevão dos Reis, que com seu rigor e amparo tem me proporcionado conselhos e incentivos inestimáveis, que mais uma vez se renovaram no Exame de Qualificação;*

*O Professor Doutor David Ferreira de Paula, que me fez a gentileza de trazer material bibliográfico da UNESP de Assis;*

*A CAPES, cujo financiamento vem ajudando a tornar realidade minha pesquisa de mestrado;*

*Todos os demais professores do Programa de Pós-Graduação e do Departamento de História da UEM, que muito contribuíram para minha formação;*

*Os colegas da graduação e do mestrado, especialmente os integrantes do nosso Laboratório de Estudos Antigos e Medievais, que compartilham as esperanças e incertezas de uma carreira acadêmica que se inicia;*

*O Professor Mestre Carlos Eduardo da Costa Campos e o Núcleo de Estudos da Antiguidade da UERJ, que tem possibilitado as divulgações iniciais de minha pesquisa;*

*A Professora Alicia Maria Canto, do Departamento de Prehistoria y Arqueologia da Universidad Autónoma de Madrid, grande estudiosa da Hispânia romana, que, obsequiosamente, me enviou dois de seus esclarecedores artigos;*

*A Professora Rebeca Martins, que fez a gentileza de revisar o manuscrito desta dissertação dando sugestões que melhoraram nosso texto;*

*Minha tia Maria, preocupada e zelosa, que me recebeu em sua casa, em Nova Iguaçu, e fez questão de me acompanhar em meu primeiro congresso no Rio de Janeiro;*

*Meu falecido e saudoso pai, que, superando muitas dificuldades, criou a mim e a meus irmãos e irmãs com grande esforço;*

*Minha mãe, sempre forte e dedicada, que com sua simplicidade e ternura tem cumprido amavelmente seu insubstituível papel em minha vida;*

*E, finalmente, minha esposa Alessandra, seu amor, carinho, compreensão e estímulo têm sido fontes de apoio e tranquilidade fundamentais para mim.*

*Que presente do céu é mais precioso  
ou mais belo que um imperador virtuoso,  
santo e em tudo semelhante aos deuses?*

(Plínio, o Jovem, **Panegírico de Trajano**, 1, 3)



## RESUMO

Nossa pesquisa busca compreender a construção da imagem idealizada do príncipe na época do Alto Império romano, especialmente durante a passagem do século I d. C. para o século II d. C. Nesse período, Plínio, o Jovem, amigo íntimo e colaborador do imperador Trajano dedicou a este governante um discurso de agradecimento denominado, posteriormente, *Panegírico de Trajano*. A partir desta obra, abordando especialmente as ideias morais e políticas da *virtus* e do *mos maiorum* e a filosofia estoica, pretendemos apresentar a concepção pliniana do *princeps* ideal, fundamentada nos valores do estoicismo e na tradição ancestral romana.

**Palavras-chave:** Estoicismo; Principado; tradição; virtudes, Plínio, o Jovem; Panegírico.

## ABSTRACT

Our research seeks to understand the construction of the idealized image of the prince at the time of the High Empire Roman, especially during the passage of the first to the second century of our age. During this period, Pliny the Younger, a close friend and collaborator of the emperor Trajan dedicated to this ruler a speech of thanks named later as *Panegyric of Trajan*. From this source, especially addressing the moral and political ideas *virtus* and *mos maiorum* and Stoic philosophy, we intend to present the plinian conception of ideal *princeps*, which was based at that time on values of the stoicism and of the ancient Roman tradition.

**Key-words:** Stoicism, Principate, tradition, virtues, Pliny the Younger, Panegyric.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO I – Os escritos de Plínio, o Jovem.....	19
1 – O epistolário pliniano .....	19
2 – Estudos a respeito do <i>Panegírico de Trajano</i> .....	24
CAPÍTULO II – Nossos protagonistas: Caio Plínio Cecílio Segundo e Marco Ulpio Trajano .....	43
1 – Plínio, o Jovem, e sua vida privada .....	44
2 – Plínio, o jovem, e sua vida pública .....	47
4 – A Hispânia sob os césares.....	56
5 – Trajano imperador .....	63
CAPÍTULO III – As instituições e as ideias: Principado e estoicismo .....	70
1 – O Principado e os grupos políticos dirigentes .....	70
2 – As bases ideológicas do Principado .....	85
3 – O estoicismo .....	93
CAPÍTULO IV – A idealização do <i>princeps</i> no <i>Panegírico de Trajano</i> .....	102
1 – O <i>Optimus Princeps</i> sob a ótica senatorial .....	102
2 – O imperador soldado .....	123
3 – Divinização e religiosidade em torno do príncipe .....	137
4 – A política imperial de Trajano .....	147
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
REFERÊNCIAS .....	167
1 – Fontes impressas .....	167
2 – Bibliografia .....	167
ANEXOS .....	179
1 – Mapeamento das ideias morais e políticas romanas no <i>Panegírico de Trajano</i> ....	179
2 – As primeiras dinastias romanas da época imperial.....	188
3 – Mapas.....	189
4 – Imagens .....	195
5 – Glossário .....	205

## INTRODUÇÃO

Com nossa pesquisa acerca da idealização do imperador romano pretendemos compreender, a partir do recorte proposto, o Alto Império, e da fonte escolhida, o *Panegírico de Trajano*, quais elementos da realidade romana influenciaram e foram utilizados por Plínio, o Jovem para construir, a partir de Trajano, o modelo exigido de homem político para assumir o Principado. A importância de um estudo como esse encontra respaldo na necessidade de esclarecermos as instituições e as forças sociais e políticas que atuavam para a manutenção de um sistema de governo ambíguo, no qual as inovações estavam permeadas por valores tradicionais e também por ideais, que a despeito de suas origens gregas e latinas, afirmavam sua presença em um mundo que exigia a integração de vastas camadas de populações que conviviam no mundo romano. Cabe resaltar aqui que compreendemos o mundo romano conforme Guarinello (2010) como um espaço de diversidade que, apesar da flagrante dominação política e militar dos povos conquistados, tendia à integração das diversas culturas nele presentes, integração esta feita por meio de uma constante hibridização e reconfiguração ao longo do tempo.<sup>1</sup>

O período sobre o qual nos debruçamos, especialmente a passagem do século I d. C. para o século II d. C., exige uma análise localizada a respeito da construção da imagem do príncipe, pois, apesar de o regime imperial ter sido instituído mais de um século antes, desenvolvimentos políticos econômicos e sociais acumularam transformações sobre o mundo romano, fazendo com que as diretrizes estabelecidas no tempo de Augusto sofressem mutações em face das demandas enfrentadas em cada período. O governante, assim como a construção de sua imagem, precisa ser observado a partir das tensões que pressionavam as estruturas e das instituições que orientavam a realidade da época. Durante o Alto Império<sup>2</sup> o príncipe era para os romanos a materialização de uma série de valores tradicionais, que, sintonizados com um sistema social altamente hierarquizado, forneciam a coesão para a manutenção da ordem dos estratos que compunham a pirâmide social do mundo romano, do alto da qual o César orientava os interesses divergentes em favor da estabilidade do império, garantindo assim, sobretudo, sua posição retora.

---

<sup>1</sup> Ver as regiões abrangidas pelo império romano no mapa 5.

<sup>2</sup> Usaremos aqui o termo Alto Império tão somente como marco cronológico, desvinculado, portanto, da ideia de apogeu do sistema imperial.

Embora o objeto de nosso estudo esteja separado da nossa realidade contemporânea por um hiato de quase dois milênios a atual análise busca contemplar a constante preocupação com a figura do homem político que, seja em regimes imperiais, monárquicos, absolutistas ou constitucionais pontilhou a história com uma infinidade de obras que, a exemplo de *O príncipe* de Nicolau Maquiavel, no início da Idade Moderna, focalizaram e tentaram orientar a postura e as atitudes dos governantes ao longo dos tempos. Ao abordarmos o político romano não nos apartamos do presente, pois o foco no ser humano, acima de tudo, é o elo que nos mantém ligados à nossa época. Afinal, a política e o ser humano são temas universais da História; revistas, jornais, propagandas ou discursos são fontes que nos permitem compreendê-los, e a distância no tempo é um convite instigante que o historiador aceita pelo prazer do ofício.

Ao utilizarmos Plínio, o Jovem como interlocutor com o passado, nosso trabalho segue um caminho que já vem sendo trilhado por outros pesquisadores brasileiros que direcionaram seu interesse para a história da Roma imperial. Nos programas de pós-graduação do país mestrands recentemente defenderam dissertações nas quais Plínio, o Jovem figura como fonte principal de suas investigações. Em 2010, na Universidade Estadual Paulista - UNESP - Campus de Assis, Daniel Aparecido de Souza titulou-se com *A representação do homem político no principado romano: uma leitura das cartas de Plínio, o Jovem (96 – 113 d. C.)*. Sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andréa Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi ele buscou “identificar a representação do homem político a partir dos escritos plinianos” (SOUZA, 2010, p. 13). Ao final de seu trabalho são tecidas algumas considerações acerca das possibilidades e dificuldades referentes ao estudo de Plínio, o Jovem no Brasil. Em relação à sua análise, conclui que a retomada de valores é contínua em Roma onde o *mos maiorum* a *virtus* e o estoicismo<sup>3</sup> foram, durante o Principado, as fontes para a representação do homem político. Ao analisar a representação do homem político por meio da eleição de uma seleção de cartas da correspondência pliniana, o autor destaca a tensão entre os valores do passado e as demandas do presente, levando, assim, à diversas apropriações dos valores ancestrais em resposta aos interesses de grupos. Nesse sentido, entende que Plínio é um agente “importante na elaboração de proposições que defendessem seu *status quo*” (SOUZA, 2010, p. 135).

---

<sup>3</sup> De acordo com Brun (1986, p. 17-18) a nomenclatura dessa filosofia origina-se de *stoa*, palavra grega que designa pórtico, pois Zenão de Cício ensinava nas proximidades do Pórtico de Poecilo em Atenas. Divide-se para fins práticos em três fases: *estoicismo antigo*, *estoicismo médio* e *estoicismo da época imperial*. Também chamada filosofia do Pórtico, abrange em seu sistema de pensamento preocupações que envolviam interesses pela física, lógica e moral.

Devemos mencionar, a respeito do trabalho de Daniel Souza (2010), a presença de um levantamento acerca da situação dos estudos plinianos no Brasil e no exterior, assim reunidos: na Alemanha ele ressalta os trabalhos pioneiros de tradução desde o século XIX e enfatiza a obra de Theodor Mommsen. Avançando para o século XX, afirma que nesse período a hegemonia cultural francesa favoreceu o florescimento do estudo do epistolário pliniano, tendo como precursores Eugène Allain e Anne-Marie Guillemin; destaca também as recentes contribuições de Nicole Méthy. A Itália ocupa posição privilegiada (SOUZA, 2010, p. 41), e tem como referência as obras de Giuseppe Arico, Sesto Prete, Pier Vincenzo Cova, Giusto Picone e Francesco Trisoglio. Na Inglaterra a ênfase de Souza (2010) recai, sobretudo, em Sherwin-White, um dos autores mais citados em estudos plinianos. Ele encerra sua revisão internacional sobre os estudos plinianos nos Estados Unidos da América, destacando o trabalho de Betty Radice.

Em relação à produção pliniana nacional, Souza (2010) inicia sua apresentação pela figura da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Mára Rodrigues Vieira, professora de Línguas Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, que concentra suas pesquisas principalmente na análise da gramática latina a partir das obras de Plínio. Passando para o campo da História, coloca em tela o Prof. Dr. Carlos Roberto de Oliveira, que desde os anos de 1970 estudou o epistolário pliniano. Aparece também o nome da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Luiza Corassin, professora da Universidade de São Paulo - USP que também dedicou estudos à obra de Plínio, o Jovem. Por fim, não deixa de incluir entre os pesquisadores nacionais da obra de Plínio o nome de sua orientadora, a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Andréa Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi, cujo abrangente índice sobre a obra pliniana é uma importante contribuição, embora infelizmente ainda aguarde a publicação.

De nossa parte incluímos, nesse levantamento acerca das pesquisas sobre Plínio, a dissertação de mestrado de Thiago David Stadler, defendida também em 2010 na Universidade Federal do Paraná - UFPR, sob a orientação do Prof. Dr. Renan Frighetto com o seguinte título: *O poder das palavras na idealização de um princeps – epistolário cruzado entre Plínio, o jovem e Trajano (98 – 113 d. C.)*. Nela o autor buscou entender “como, através do uso das virtudes, Plínio, o Jovem moldou a figura de Trajano como a de um soberano ideal” (STADLER, 2010, p. 14). Usando como fonte o livro X das *Cartas*, que reúne as missivas de Trajano e Plínio quando este governava a província romana do Ponto-Bitínia o pesquisador buscou focar principalmente as virtudes utilizadas na idealização do *princeps*. Em suas conclusões Stadler (2010) apurou que na exaltação das virtudes cumpre importante papel os elementos sociais que circundam o imperador, estando Plínio, desta forma, numa

posição privilegiada como fonte para a apreensão da imagem de Trajano, devido a intimidade de ambos. No livro X a imagem virtuosa de Trajano foi construída por Plínio principalmente por meio da comparação, da busca de aceitação pública e também da adequação no “imaginário e *habitus* social” (STADLER, 2010, p. 142). A exaltação das virtudes de Trajano é expressão da aceitação de sua figura no mundo romano, do qual Plínio é considerado por nós como porta-voz, sobretudo por ter sido “um homem crente nas ações de seu soberano, capaz de entendê-las e repassá-las, com a vontade de preservar seu *amigo* à frente do Império e com a certeza de querer manter-se ao seu lado” (STADLER, 2010 p. 146). Outro trabalho de pesquisa que coloca em tela a obra de Plínio, o Jovem é a dissertação de mestrado de Dominique Monge Rodrigues de Souza, recentemente defendida, em setembro de 2013, sob a orientação da Prof<sup>fa</sup>. Dr<sup>a</sup>. Margarida Maria de Carvalho na Universidade Estadual Paulista – UNESP- Campus de Franca. Intitulada *Ações judiciais de Plínio, o Jovem, no tribunal dos centúviro e na corte senatorial (séculos I-II d. C.)*, usou como fonte as *Cartas* e o *Panegírico de Trajano* para compreender o papel jurídico da ordem senatorial durante a época do Principado, especialmente o intervalo compreendido entre os governos de Domiciano e Trajano.

Para finalizar essa sintética apresentação das pesquisas acerca da obra de Plínio, o Jovem gostaríamos de apresentar o trabalho de minha orientadora, Prof<sup>fa</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata Lopes Biazotto Venturini intitulado *Relações de poder em Roma: o patronato na correspondência pliniana*, tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo - USP no ano 2000. Sob a orientação da Prof<sup>fa</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Corassin, a pesquisa buscou “identificar o vocabulário político para elucidar as relações patronais na sociedade romana do século II d. C” (VENTURINI, 2000, p. 10). Com uma série de tabulações, juntamente com o diálogo e argumentação sobre a historiografia e sobre a fonte, sua tese desvenda o papel que as noções de *amicitia*, *auctoritas* e *fides*, entre outras, desempenhavam nas relações de patronato em Roma. De acordo com a análise de Venturini (2000) o patronato, que se revela no epistolário pliniano por meio das palavras citadas, era fundamental para o desenvolvimento da carreira pública, expressando capacidade, prestígio e laços mútuos de confiança nas negociações políticas do mundo romano, no qual havia “uma íntima conexão entre amizade e política” (VENTURINI, 2000, p. 174). A autora considera que sua principal contribuição consistiu em fornecer uma identificação mais precisa do “vocabulário político presente na correspondência de Plínio, o Jovem” (VENTURINI, 2000, p. 172), o que se fazia necessário em razão da diversidade de interpretações às quais as palavras latinas estão sujeitas. Uma das afirmações finais da tese diz que “Plínio, o Jovem revelou-se porta-voz do sistema” (VENTURINI, 2000,

p. 174), trata-se de uma justificativa sólida para nossa pesquisa, pois as relações de poder que compunham o patronato estavam no cerne da manutenção do poder imperial, portanto Plínio e sua obra colocam-se de maneira privilegiada em nossa busca para compreendermos a idealização do *princeps*.

Esse olhar panorâmico mostrou-nos que as *Cartas* ocupam posição de destaque nos estudos plinianos, granjeando o interesse da maioria das pesquisas que pudemos observar. Acreditamos que a força de atração do epistolário pliniano decorra principalmente da variedade de assuntos tratados e da extensão cronológica que ele abarca, em oposição ao *Panegírico de Trajano*, que por seu caráter de discurso político enfoca essencialmente assuntos na órbita da figura exaltada. Todavia, apesar do recorte que a própria fonte impõe, diversas questões, já exploradas em forma de artigos e comunicações, também podem ser propostas para uma análise dessa obra em que Plínio foi pródigo em construir imagens, dentre as quais cito a idealização das figuras femininas<sup>4</sup>, a representação do príncipe a partir de ideias morais e políticas específicas<sup>5</sup>, e até mesmo sobre sua divinização<sup>6</sup>. Estes trabalhos, assim como aqueles, desenvolvidos no âmbito da iniciação científica, nos possibilitou aprofundar nosso conhecimento sobre a fonte para que nesse momento tomemos a iniciativa de investigar a concepção pliniana do príncipe ideal.

Nossa análise transitará principalmente entre o estoicismo e um par de ideias morais e política romanas, a *virtus* e o *mos maiorum*.<sup>7</sup> O primeiro trata-se de uma filosofia que se originou na Grécia em fins do século VI a. C., e que durante o período imperial romano esteve ligada à evolução da noção de Estado, às estruturas sociais e à atitude do indivíduo, principalmente em oposição à escalada do poder pessoal, porém com mais acento nas questões morais e abstenção em relação à política. Presente nos vários estratos sociais do mundo romano, o estoicismo atuou principalmente nos círculos intelectuais dos aristocratas que compunham a ordem senatorial. A *virtus*, por sua vez, era um valor fundamentalmente romano, remete-nos ao homem direito que elenca em ordem de importância a *res publica*, a família, posicionando em último lugar a si mesmo, exprimindo-se no modo de atuação a serviço do Estado. O *mos maiorum* expressava suporte moral dos homens romanos, pois

<sup>4</sup> Sobre a figura, no *Panegírico*, de Plotina, esposa de Trajano, fizemos uma comunicação na XI Jornada de Estudo Antigos e Medievais no PPE da UEM, no VI Fórum de Pós-Graduação em História, também na UEM, expusemos nossos resultados de análise da figura de Marciana, irmã de Trajano, também construída por Plínio no *Panegírico*.

<sup>5</sup> Por exemplo, a noção de *gravitas* sobre a qual apresentamos uma comunicação no VI Seminário de Pesquisa do PPGHS da UEL.

<sup>6</sup> A respeito desse tema um artigo de nossa autoria foi publicado na segunda edição de 2012 da revista NEARCO do Núcleo de Estudos da Antiguidade da UERJ.

<sup>7</sup> Além das referidas noções abordadas nessa pesquisa incluímos nos anexos um mapeamento de outras ideias morais e políticas presentes no *Panegírico de Trajano*.



representava a observância dos costumes dos antepassados como base da grandeza do Estado romano. Na época imperial o apelo ao *mos maiorum* foi representado em tendências republicanas dos senadores, que diante da impossibilidade da restauração da República reclamavam ao menos seus valores. Diante da presença desses elementos na mentalidade romana da época de Plínio, o Jovem nossa pesquisa visa compreender a *virtus* do príncipe ideal no contexto do Alto Império. A busca desse objetivo passa pela análise específica do *Panegírico de Trajano*, no qual analisaremos a presença da *virtus*, construída dentro do modelo de príncipe ideal, cuja noção é respaldada no *mos maiorum* e traduzida pelo estoicismo.

Nosso trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos. Reservamos o Capítulo I para a apresentação das obras de Plínio, o Jovem: as *Cartas* e o *Panegírico de Trajano*, expondo seu conteúdo, características, contexto e ligação com o tema proposto para esta pesquisa. Acreditamos que ao expormos desde o início as fontes com as quais pretendemos dialogar, especialmente o *Panegírico*, facilitaremos a compreensão de nosso texto, tornando mais seguras as discussões que apresentaremos.

Em seguida, no Capítulo II, daremos destaque à pessoa de Plínio, o Jovem, sua carreira pública e atuação no seio das camadas dirigentes romanas, que o colocaram em condições de fornecer em sua obra subsídios para a compreensão do Principado. Acrescentaremos também uma apresentação do imperador Trajano e do contexto que o levou ao poder, para que os dados historiográficos nos sirvam de baliza para a análise de sua idealização na concepção pliniana.

O Capítulo III nos fornecerá a ocasião de delinear as ideias, instituições e as estruturas sociais que forneciam as diretrizes condutoras da vida no mundo romano do Alto Império. Com a preocupação de entendermos a evolução do sistema político do Principado apresentaremos também a ordem equestre e a ordem senatorial, a filosofia estoica e as ideias morais e políticas romanas, principalmente a *virtus* e o *mos maiorum*.

No Capítulo IV nos dedicaremos à análise do *Panegírico de Trajano* objetivando compreender como, na concepção pliniana, foi construída a imagem idealizada do príncipe a partir dos valores ancestrais e da filosofia estoica então presentes na mentalidade romana em face das demandas que a realidade do império exigia. Ao final, acrescentaremos, nos anexos, um levantamento temático do *Panegírico de Trajano*, que permitirá o mapeamento do variado conjunto de temas que podem ser encontrados nesta obra de Plínio, uma seção de imagens

com mapas e figuras, uma lista dos imperadores da época do Principado e um glossário com os termos específicos de língua latina usados em nossa pesquisa.

## CAPÍTULO I – Os escritos de Plínio, o Jovem

Ao iniciarmos este estudo acreditamos que o melhor caminho a ser adotado é o de apresentarmos inicialmente a obra pliniana. Dessa forma, estabeleceremos a relação entre nosso recorte e a fonte escolhida para a análise proposta. Nossa intenção é entender a idealização do imperador romano a partir do contexto em que essa problemática estava inserida. Nesse sentido, os escritos de Plínio, o Jovem, são duplamente indicados para nossa pesquisa, pois, como veremos, versam, de um lado, sobre diversos aspectos da sociedade da época, e de outro focam diretamente nas questões que envolviam os assuntos políticos acerca do Principado. Portanto, procuraremos apresentar neste primeiro capítulo a obra pliniana e, principalmente, seus aspectos que contribuem para a discussão proposta.

### 1 – O epistolário pliniano

Antes de adentrarmos no *Panegírico de Trajano* devemos dedicar um olhar, senão profundo, ao menos atento, ao epistolário pliniano. Por se tratar da parcela majoritária de seus escritos devemos ressaltar sua importância, pois a maioria das informações sobre a vida pública e privada de Plínio chegou até nós por meio de suas missivas. Fonte de informações sobre a mentalidade política social e econômica do Principado romano sob os Flávios e Antoninos a correspondência pliniana é composta de:

Nove primeiros livros [que] reúnem a correspondência de caráter privado. São cartas endereçadas a indivíduos que fazem parte do círculo social de Plínio, como senadores, governadores de províncias, equestres, funcionários municipais, ou ainda, seus familiares. O décimo livro é dedicado à correspondência com o imperador Trajano (VENTURINI, 2000, p. 40)

Os correspondentes de Plínio já demonstram o potencial historiográfico a ser explorado pelo pesquisador interessado nos altos círculos sociais do poder romano. Todavia, se o caráter elitizado dos correspondentes restringe a possibilidade de análise a uma visão

aristocrática do período, a variedade temática oferece um leque variado de assuntos a serem estudados. Pois

O conteúdo das cartas é tão amplo quanto diverso. Segundo o próprio Plínio, seus escritos são *epistulae curatius*. Os assuntos tratados vão desde problemas de natureza econômica até a discussão de temas especificamente urbanos, tais como os negócios públicos, a ocupação de cargos, a recomendação para a carreira política, discussões jurídicas, o funcionamento do Senado, o espaço agitado da *Urbs*, a vida cotidiana em Roma com o convite para as leituras públicas, e para os jantares na casa dos amigos, o aconselhamento, sua jornada como homem público, sua vida familiar, seus interesses literários (VENTURINI, 2000, p. 40-41).

Dentre os correspondentes mais notáveis de Plínio devemos ressaltar as figuras de Tácito e Suetônio<sup>8</sup>. O primeiro, autor de obras importantes que, assim como as de Plínio, lançam luz sobre a época do Principado, são elas: *Diálogo sobre os oradores*, *Germânia*, *Agrícola*, *Histórias* e *Anais*. Sobre Tácito<sup>9</sup>, Pereira (2010) acrescenta que foi um dos modelos do panegirista; o segundo, por sua vez, contribui no mesmo sentido com, sobretudo, *A vida dos doze césares*. A julgar pelos temas das obras desses dois correspondentes fica evidente que o epistolário pliniano configura-se como uma fonte essencial para a compreensão do sistema político do Principado. Além disso, elas confirmam que a obra de Plínio é uma seara fértil para nossa investigação acerca de assuntos relativos à política imperial, dado seus contornos, semelhantes ao do *Panegírico*, onde se destaca

O caráter histórico, filosófico e a vocação moralizadora-estética das *Cartas*, pois ela nos facilita a compreensão da ideologia adotada pelo seu autor. (...) [Ademais] A correspondência pliniana era portadora da existência de uma propaganda governamental que traduzia o pensamento oficial presente no reinado de Trajano. Era um capítulo da história da ideologia oficial em Roma que ilustrava uma das razões do sucesso e da estabilidade imperial (VENTURINI, 2000, p. 51-53).

Questões a respeito do epistolário pliniano têm sido levantadas, Fernández (2005) destaca a controvérsia da autenticidade das *Cartas* enquanto correspondência verdadeira. Segundo o autor especulou-se se as missivas não se tratavam de simples exercícios retóricos.

<sup>8</sup> Nascido por volta do ano 70 d. C., a exemplo da obra citada escreveu também outras biografias de outras figuras importantes.

<sup>9</sup> Historiador nascido aproximadamente em 56 d. C.

Tal desconfiança é advinda da percepção que os estudiosos identificaram na obra: revisões esmeradas de estilo. Mas estes cuidados visavam, na verdade, preparar o texto para a publicação, como o próprio autor informa (PLÍNIO, *Cartas*, I, 1). Ademais, a análise do conteúdo das *Cartas* demonstra que dada a variedade de assuntos seria de difícil invenção. Nesse sentido podemos destacar na correspondência a presença de hábitos próprios do período, como as cartas onde aparecem as práticas de *commendatio* e *liberalitas*, (VENTURINI, 2000), que revelam as relações de poder do mundo romano.

Fernández (2005) também ressalta a inserção do epistolário pliniano nas questões políticas sociais, administrativas e jurídicas de seu tempo, aponta também a preocupação com a dignidade do Senado e com a educação da juventude aristocrática. Em tudo Plínio atenta para o desenvolvimento das virtudes nobres dos homens. O mesmo autor aponta nas *Cartas* a variada gama de interesses que elas despertam, e que vão além do interesse puramente histórico, por exemplo: na medicina, informações clínicas, especialmente sobre a morte de seu tio, Plínio, o Velho; no vulcanismo a descrição da erupção do Vesúvio em 79 d. C. (*Cartas*, VI, 16); na engenharia a construção de um canal na Bitínia (*Cartas*, X, 41); no estudo do cristianismo (*Cartas*, X, 96 e 97). Para o autor citado, as *Cartas* expõem a posição de Plínio também em relação aos hábitos intelectuais de sua época: oratória, epistolografia, história e poesia. Em sua obra percebe-se a fusão das diretrizes clássicas com as práticas literárias de seu tempo e as influências de grandes nomes da língua latina, entre os quais merecem destaque, primeiramente, seu mestre Quintiliano<sup>10</sup>; Cícero<sup>11</sup>, Marcial<sup>12</sup> e Tácito.

Um dos destinatários mais eminentes de Plínio é o imperador Trajano. As cartas reunidas no livro X contemplam as missivas trocadas entre ambos, majoritariamente, no período de sua legação como governador na província do Ponto-Bitínia e informam sobre o sistema administrativo romano sob o governo do imperador em questão. Configuram, portanto, uma importante “coletânea de jurisprudência administrativa”<sup>13</sup> (DURRY, 2002, p. ix). A importância do livro X é enfatizada por Durry (2002) pela presença das respostas do imperador às questões feitas por Plínio e por se tratar de uma fonte única a respeito da administração imperial, pois para as demais províncias sobreviveram apenas textos jurídicos e inscrições, enquanto que na correspondência cruzada entre Plínio e Trajano figuram nas

---

<sup>10</sup> Orador e mestre de retórica viveu entre 35 d. C. e 100 d. C., autor a *Institutio oratória*.

<sup>11</sup> Orador e político viveu entre 106 a. C. e 43 a. C., autor de vasta obra composta por poemas, cartas, discursos, tratados retóricos e filosóficos.

<sup>12</sup> Famoso por seus *Epigramas* viveu entre 40 d. C. e 104 d. C.

<sup>13</sup> Recueil de jurisprudence administrative.

palavras do legado e do imperador os problemas deparados e as soluções empreendidas sobre a administração da província.

Quanto à conservação do epistolário pliniano, ela ocorreu a partir da existência de três fontes independentes:

A família dos nove livros ( $\alpha$ ). É representada pelos códices *Mediceus* XLVII, 36 (M) e *Vaticanus* 3864 (V), ambos escritos em minúscula carolíngia do século IX ou começos do século X. O primeiro contém as *Cartas* I-IX 26,8, com certo número de lacunas: I 16, 1-20, 7; III 1, 11-3, 6; 9, 1-9, 28, o segundo contém os livros I-IV, com as mesmas lacunas do *Mediceus*, o que indica que derivam de uma fonte comum. Dessa mesma família é o códice ( $\theta$ ), perdido, do qual seriam descendentes o códice *Chigianus* H. V. 154 (c), o *Parisinus* 8620 (f), o *Vaticanus Lat.* 11460 ( $\theta$ ) e o *Taurinensis* D II 24 (t);

A família dos dez livros ou das cem cartas ( $\beta$ ). Seria oriunda de um manuscrito com o texto completo, representado pelos códices *Pierpont Morgan* M. 462 (II), *Ashburnhamensis* R 98 (B), *S. Marci* 284 (F) e o *Parisinus* (P), exemplar que foi conhecido por Iucundus, Budé e Aldo, mas que desapareceu no século XVI. O códice *Parisinus* conservou-se na edição de Aldo e no volume da Bodleiana, que contém as cópias manuscritas feitas por Iucundus (I) e as anotações de Budé (i). Acredita-se que as tradições  $\alpha$  e  $\beta$  derivariam de um manuscrito comum W, do século II ou III, possuindo um valor basicamente igual;

A família dos oito livros ( $\gamma$ ). Contém os livros I-VII e IX, entretanto, falta-lhe a carta 16 do livro IX e a ordem dos livros V e IX está invertida. Seu arquétipo é um códice que já era conhecido no século IX ou X ( $\delta$ ), conservado na biblioteca da catedral de Verona e que Guarino Veronese apresentou em 1419, do qual existem cópias parciais ou mais ou menos completas: códice *Dresdensis* D 166, *Holkhamensis* 396 (l), *Venetus Marcianus lat.* IX 37 (3928) (m), *Vaticanus latinus* (Flor3), *Londinensis Harleianus* 2570 e os códices *Parisinus* 8621 e 8622, que, embora derivem de  $\delta$ , tem sido corrigidos com o códice *S. Marci* 284 (F) da tradição  $\beta$  (FERNÁNDEZ, 2005, p. 44-45).

Fernández (2005) informa também que as *Cartas* foram editadas várias vezes, todavia, as edições mais antigas não traziam consigo o livro X, delas ele destaca: L. Carbo, Venécia 1471 (*editio princeps*), (livros I-VII e IX); J. Schürenerus, Roma 1474 (livros I-IX); P. Laetus, 1490 (livros I-IX); Ph. Beroaldus, 1498 (livros I-IX). Em 1502, ano da edição de Avantius, realizou uma segunda edição na qual incluiu as cartas 41 a 121 do livro X.

Como já dissemos acima, a revisão do epistolário visava à publicação, o que de fato ocorreu segundo Durry (2002) para os nove primeiros livros até o ano de 107 ou 108 d. C. Tendo sua legação no Ponto-Bitínia ocorrido entre 111 e 113 d. C. as cartas que posteriormente comporiam o livro X, a correspondência oficial com Trajano enquanto governador dessa província, ficaram apartadas de suas cartas privadas. Morto provavelmente

em 113 d. C., quando cessam as cartas, a publicação das últimas missivas ficaram a cargo de um editor desconhecido no mesmo ano ou em data posterior. Devido a isso a tradição manuscrita do livro X possui uma história à parte.

Os nove livros nos foram transmitidos por três famílias: família  $\alpha$  ou dos 9 livros (I-IX, com lacunas); família  $\beta$  ou das Cem Cartas (I, I-V, 6, menos IX, 26); família  $\gamma$  ( $\delta$ ) ou dos 8 livros (I-VII e IX, menos IX, 16). Do livro X nada. Mas no fim do século XV, o dominicano Iucundus de Verona descobre um *Parisinus* com todas as cartas. Este *Parisinus* desapareceu posteriormente, no início do século XVI, mas o texto se estabeleceu sob os traços que dele subsistiu. Em 1502 Hieronymus Avantius publica as cartas do livro X, 41-121 (A) de acordo com uma cópia incompleta do *Parisinus* feita por Petrus Leander; as cartas do livro X, 1-40 ficaram então de fora dessa publicação por conta de um erro de Leander, pois elas figuravam no *Parisinus*. É por isso que Iucundus estabelece então uma cópia completa do *Parisinus*, que é levado de Paris à Veneza pelo embaixador Aloisio Mocenigo. Ele confia esta cópia à Aldus, que publica em 1508 sua edição (a) de todas as cartas, então com o livro X inteiro (X, 1-121). É neste momento que o *Parisinus* desaparece. As edições que se sucederam estabelecerão então o texto do livro X sobre duas impressões: a edição de Avantius 1502 (A) e a de Aldina 1508 (a) (DURRY, 2002, p. xii).

Sobre as *Cartas*, incluímos também o *Panegírico*, devemos acrescentar ainda que para Plínio elas deveriam cumprir um papel muito importante: fazer com que seu autor fosse lembrado na posteridade, ou como Champlin (1982, p. 1047) nos diz, ele desejava com sua obra conquistar “o prêmio da eternidade”<sup>14</sup>. Segundo Fernández (2005), para garantir tal desejo Plínio recorre à Tácito: “tenho o convencimento, convencido estou de que será certo, que tuas histórias serão imortais; pelo que desejo ainda mais (admito francamente) ser incluído nelas”<sup>15</sup> (*Cartas*, VII, 33, 1). Tal pedido soa para nós hoje desnecessário, pois o valor histórico da obra pliniana é constantemente confirmado nos vários temas que oferece à pesquisa, completando, inclusive, lacunas que os contemporâneos não contemplaram e discutindo assuntos triviais de seu cotidiano hoje de grande interesse, mas que não faziam parte das preocupações dos historiadores de sua época. Certamente, o desejo de imortalidade de Plínio por meio de sua obra estava atrelado à crença de uma eterna longevidade do mundo romano compreendido como uma grande realização humana que, portanto, deveria prevalecer pelos séculos. A ênfase pliniana nos valores ancestrais, que veremos no *Panegírico*, reforça esta visão, pois ele desejava que as tradições que até então fizeram a grandeza de Roma

<sup>14</sup> The prize of eternity.

<sup>15</sup> Tengo el convencimiento, convencimiento que estoy seguro resultará cierto, de que tus historias serán inmortales; por lo que deseo aún mas (lo admito francamente) ser incluido en ellas.

estivessem, em seu tempo, prontas para serem renovadas e perpetuassem as realizações do mundo romano pelos séculos vindouros<sup>16</sup>.

Com essa sucinta descrição das *Cartas* visamos simplesmente apresentar essa importante parte da obra pliniana. Certamente, as confluências de significâncias entre o epistolário e o *Panegírico de Trajano* fazem de ambos um bloco comum de informações sobre o Principado, o que poderia inclinar-nos a uma tentativa de contemplar as duas obras na presente pesquisa. Contudo, devemos, por outro lado, atentar para o caráter literário da obra pliniana, o que faz surgir diante de nós dois tipos de narradores: o epistolário, que dialoga com um vasto leque de correspondentes sobre variados assuntos; e o panegirista, que também dialoga com muitos leitores, mas que, entretanto, mantém seu foco no tema principal que nos interessa.

## 2 – Estudos a respeito do *Panegírico de Trajano*

Em 100 d. C. Plínio, o Jovem fez uma elocução, *gratiarum actio*, a Trajano diante do Senado (CHAMPLIN, 1982), tratava-se de um agradecimento ao César por sua nomeação como cônsul sufecto para setembro e outubro. Em princípio tratava-se de um discurso convencional, que desde Augusto os novos cônsules dedicavam aos imperadores:

É preciso obedecer ao senato-consulta que, no interesse geral, quis que sob o título de ação de graças, pela voz de um cônsul, os bons príncipes reconheçam o que fizeram, e os maus o que eles deveriam fazer<sup>17</sup> (*Panegírico*, 4, 1). Tornou-se um hábito, que os cônsules, uma vez terminado o agradecimento geral, proclamem também em seu próprio nome sua dívida para com o príncipe<sup>18</sup> (*Panegírico*, 90, 3).

Posteriormente o agradecimento de Plínio a Trajano foi por seu autor remodelado e expandido três a quatro vezes em relação à sua extensão original, recitado diante de seus amigos literatos (PEREIRA, 2006) e, depois, publicado. Em sua correspondência aparece a preocupação com a obra, que é enviada para apreciação do amigo Voconio romano: “me

<sup>16</sup> Assim como o passado, o futuro é um tema recorrente no *Panegírico de Trajano* e repete-se em várias passagens: 9,2; 15,4; 26,4; 52,4; 53,5; 55,1; 55,9; 55,11; 75,3.

<sup>17</sup> Il faut obéir au sénatus-consulte qui, dans l'intérêt général, a voulu que sous le titre d'actions de grâces, par la voix d'un consul, les bons princes reconnussent ce qu'ils font, les mauvais ce qu'ils devraient faire.

<sup>18</sup> Il est passé en habitude que les consuls, le remerciement général une fois terminé, proclament aussi en leur propre nom leur dette envers le prince.



agradaria que neste texto leves em consideração não só à nobreza do tema, mas também sua dificuldade”<sup>19</sup> (*Cartas*, III, 13, 2). Em outra missiva, Plínio, orgulhoso, revela a Vibio Severo o êxito do remodelamento do discurso “com maior amplitude e esmero em uma versão escrita” (*Cartas*, III, 18, 1), pois “agora encontramos não só quem quer lê-lo publicamente, mas também quem quer escutá-lo durante três dias”<sup>20</sup>. Conservado pela tradição manuscrita, a obra foi reunida no século IV d. C. e anexada a outros discursos dedicados aos imperadores, conhecidos como panegíricos. Assim, o discurso pliniano passou a chamar-se *Panegírico de Trajano*.

A obra apresenta-se em um estilo laudatório, marcada, especialmente, pela gratidão de Plínio, mas não deixa de apresentar diversos dados relevantes sobre os governos de Nerva e Trajano. No entanto, não devemos aceitá-los prontamente, sob pena de aceitarmos os elogios do autor como verdades objetivas. Portanto, para enriquecer nosso trabalho, ao lado da ênfase nas importantes informações por ele fornecidas, devemos propor outras indagações que coloquem a própria obra em questão, para assim buscarmos intenções implícitas para além de seus elementos mais óbvios. Nesse sentido importa saber que,

Na verdade, todos os textos, sejam antigos ou modernos, de historiadores, políticos, filósofos ou romancistas devem ser considerados como discursos, estruturados por autores específicos para públicos determinados, visando objetivos concretos bem delineados (FUNARI, 1995, p. 21).

Os fragmentos que, reunidos, deram forma ao *Panegírico* atual são conhecidos desde o século XV, quando, conforme veremos adiante, passaram a ser submetidos às etapas necessárias para o estabelecimento do texto que temos em mãos para nossa pesquisa. Na sua introdução do *Panegírico de Trajano* Durry (1972, p. 88) afirma: “para começar Plínio criou um gênero”<sup>21</sup>. Mas que tipo de gênero? Nas primeiras linhas da obra Plínio diz: “É uma boa e sábia instituição de nossos ancestrais, pais conscritos, fazer começar por preces tanto os discursos quanto os atos”<sup>22</sup> (*Panegírico*, I, 1). Assim, devemos verificar qual tipo de alocução é a nossa fonte. Enfatizando a afirmação de que Plínio criou um gênero temos outra citação que nos ajuda a identificar o caráter de seu texto:

<sup>19</sup> Me gustaría que en este texto tengas en cuenta no sólo la nobleza del tema, sino también su dificultad.

<sup>20</sup> Ahora encontramos no solo quien quiere leerlo publicamente, sino también quienes quieren escucharlo durante tres días

<sup>21</sup> Pour commencer pline créait un genre.

<sup>22</sup> C’est une bonne et sage institution de nos ancêtres, pères conscrits, de faire commencer par des priers aussi bien les discours que les actes.

A tentativa era tão nova que – algo surpreendente e difícil de explicar – ela não suscita imitações imediatas. Para encontrar algumas, que são muito inferiores ao modelo, é preciso esperar o século IV, época na qual os retores reuniram o *Corpus* denominado *XII Panegyrici ueteres*; no início da coletânea eles colocaram o *Panegírico* de Plínio, do qual assim reconhecem a originalidade, primazia e importância (DURRY, 1972, p. 89)<sup>23</sup>.

Portanto, os mestres de retórica do Baixo Império identificaram o discurso de Plínio com os posteriores cujas similaridades localizavam-se na característica de elogio aos imperadores, daí a conservação que nos permitiu conhecer a elocução pliniana de enaltecimento a Trajano. E o caráter de exaltação do panegírico de Plínio é inegável: “glória imensa e pouco comum de um príncipe de quem eu receio menos a reprovação de insuficiência do que a de excesso de elogios”<sup>24</sup> (*Panegírico*, 3, 3).

Outras obras precedentes podem ser apresentadas como possíveis inspirações de Plínio na composição do *Panegírico*. Confirmando a influência grega na cultura temos o panegírico de Isócrates de 380 a. C., tal obra exortava a união de Atenas e Esparta contra a ameaça Persa. Mas se a obra desse panegirista grego diferia no tema do discurso de Plínio, seu trabalho o aproximava do autor das *Cartas*. Isócrates escrevia discursos forenses destinados a litigantes, sabendo que Plínio era um advogado vemos aí pontos de convergência entre a prática profissional comum de ambos, dando-lhes subsídios para suas semelhantes, porém distintas, intervenções políticas. Connolly (2008) acrescenta aos precedentes gregos as odes de Píndaro, os discursos de Péricles em Tucídides.

Em língua latina Durry (1972) nos apresenta como precursor do *Panegírico* o *De Clementia*, escrito por Sêneca<sup>25</sup> e dedicado a Nero. Sêneca na época era preceptor do último Júlio-Cláudio e o referido discurso encaixa-se também em um contexto de início de governo, assim como o *Panegírico*, pois quando ele foi lido por Plínio, Trajano tinha não mais que três anos a frente do império. Contudo, as duas obras divergem em pontos mais elementares, pois a de Plínio foca a figura do César e a de Sêneca uma virtude para ele necessária diante da conjuntura política da primeira década de instauração do regime do principado.

<sup>23</sup> La tentative était si neuve que – chose surprenante et à expliquer – elle ne suscite pas aussitôt d’imitations. Pour en trouver, et qui sont très inférieures au modèle, il faut attendre le IV siècle, époque où des rhéteurs réunirent le *Corpus* dit des *XII Panegyrici ueteres*; en tête du recueil ils placèrent le *Panegyrique* de Plin, dont ils reconnaissaient ainsi l’originalité, la primauté, et la parrainage.

<sup>24</sup> Gloire immense et peu commune d’un prince dont je redoute moins le reproche d’insuffisance que d’excès dans la louanges!

<sup>25</sup> Político, homem de letras e filósofo romano adepto do estoicismo. Originário de Córdoba, Hispânia, nasceu por volta de 1 a. C. e morreu no ano de 65 d. C.

Neste tratado Sêneca apresenta a cristalização de suas ideias políticas e uma resposta ao diagnóstico das carências que encontrou em seu momento histórico-político. (...) Quem ler a obra *Da clemência* verá como Sêneca formula uma teoria de governo autoritário, mas propondo a *clementia* como componente humanístico indispensável para que um governante tenha êxito no exercício do poder (BRAREN, 1990, p. 13-14).

A afirmação acima pode ser comprovada nas primeiras linhas do discurso em questão, quando Sêneca expõe seus objetivos para a confecção do tratado em questão:

Dispus-me a escrever a respeito da clemência, ó Nero César, para que eu, de certa forma, desempenhasse a função de espelho e te mostrasse a tua pessoa como a que há de vir para maior de todas as satisfações” (SÊNeca, *De clementia*, I, 1).

Sêneca enfatiza que a noção de *clementia* deveria ser uma das principais virtudes daquele que detinha o *imperium*, ao contrário do que ocorre no *Panegírico*, no qual as virtudes figuram muito mais como atributos reconhecidos do imperador do que atitudes que haveriam de ser adquiridas por ele para serem praticadas no exercício do poder. Além disso, o caráter laudatório afasta-o do texto de Sêneca: “tu és duas vezes modelo de valor, César Augusto, por que não permitis que te rendam graças em outro lugar, mas o permites aqui. Assim honras não a ti mesmo, mas aquele que te louvam”<sup>26</sup> (*Panegírico*, 4, 3).

Outra distinção é a postura muito mais modesta diante do César, que vemos desde o início, ressaltando que Trajano figura como modelo. Nesse sentido, embora ambos dirijam-se a imperadores o *De clementia* caracteriza-se mais pelas recomendações em comparação com o *Panegírico de Trajano*, marcado principalmente pelo elogio, o primeiro a fazê-lo a um imperador vivo, característica que os panegíricos posteriores imitaram (DURRY, 1972). Essa diferenciação que apresentamos tem o intuito de evitar que a tentação de uma análise muito cotejadora, motivada pela singularidade de nossa fonte, nos direcione para generalizações comparativas. Afinal não só Durry (1972), mas também Radice (1968) apontam para as similaridades dos dois discursos.

---

<sup>26</sup> Tue es deux fois un modèle de mesure, César Auguste, et parce que tu ne permets pas qu'on te rende grâces ailleurs et parce que tu le permets ici. Ainsi tu fais honneur nom à toi-même, mais à ceux qui te louent.

Em um período um pouco mais recuado e em um contexto diferente, o final da República, a figura de Cícero é apontada como inspiração de Plínio. Tal ligação ocorre porque Plínio, o Velho, seu tio, o enviara de Como a Roma para ser educado entre outros mestres por Quintiliano (MUÑOZ, 2009), o qual era grande admirador de Cícero e incentivava seus discípulos a seguirem seus exemplos segundo nos informa Pereira (2006), que em dois artigos recentes<sup>27</sup> discute a influência ciceroniana em Plínio.

Tal influência se deu por um traço característico da personalidade de panegirista, a emulação. A autora afirma: “homem essencialmente adepto da moderação, se acaso algum sentimento verdadeiramente forte nele existiu, esse foi o da *aemulatio*” (PEREIRA, 2010, p. 106). E esse sentimento também era por ele valorizado nos demais indivíduos políticos que iniciavam suas carreiras a serviço do império. Sob o beneplácito e incentivo de Trajano assim ele via os *homines novi* que administravam as províncias:

A juventude foi inflamada e o que ela via ser louvado colocou em seu coração um desejo de emulação, e não houve ninguém que não tivesse esse pensamento, sabendo que tudo o que cada um fazia de bom nas províncias tu o sabias<sup>28</sup> (*Panegírico*, 70, 3).

E o Arpinate<sup>29</sup> foi um dos objetos da emulação pliniana: “a figura intelectual que mais profundamente marcou Plínio foi o orador Cícero, em quem sempre viu um indiscutível modelo exemplar, não apenas nas letras, mas também na vida” (PEREIRA, 2010, p. 113), o que o epistolário confirma em sua correspondência: “pessoalmente procuro imitar Cícero, e não estou contente com a eloquência de nossa época; pois acredito que resulta em estupidez não tentam imitar os modelos mais excelentes”<sup>30</sup> (*Cartas*, I, 5, 12). Tal admiração resultou que o *Panegírico de Trajano*

Não só observa as cláusulas preferidas do Arpinate, como inspirou-se, do ponto de vista do conteúdo, no *Pro Marcello* de Cícero, um discurso epidíctico no qual agradece a César o ter permitido o regresso de Marcelo, apoiante de Pompeio, do exílio (PEREIRA, 2006, p. 91).

<sup>27</sup> PEREIRA, Virgínia Soares. Plínio e a sombra tutelar de Cícero. *Ágora*. Nº. 8, 2006, p. 79-104; Inveja e emulação em Plínio-o-Moço. In: PEREIRA, Belmiro Fernandes; DESERTO, Jorge (Orgs.) *Symbolon II: Inveja e emulação*. Porto, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, p. 103-124.

<sup>28</sup> La jeunesse a été enflammée et CE qu'elle voyait louer lui a mis au coeur un désir d'émulation, et n'y eut personne qui n'eût cette pensée, sachant que tout CE que chacun faisait de bien dans les provinces, tu le savais.

<sup>29</sup> Cícero era oriundo da cidade de Arpino.

<sup>30</sup> Personalmente procuro imitar a Cicerón, y no estoy contento con la elocuencia de nuestra época; pues creo que resulta muy estúpido no intentar imitar los modelos más excelentes.

Tal admiração por Cícero pode ser entendida para além das letras, pois o orador de Arpino teve um papel ativo nos finais e decisivos momentos da República, a qual ele defendeu em mais de uma ocasião. Ele foi finalmente assassinado a pedido de Marco Antonio, então aliado de Otaviano, pois o já velho senador era ainda um empecilho ao estabelecimento do poder pessoal que os triúnviros aspiravam. Embora favorável ao regime do Principado, o panegirista era cioso dos valores antigos cristalizados na idade do ouro republicana que teve em Cícero um de seus expoentes, ou seja, ele convivia com sentimentos um tanto contraditórios que refletiam as ambiguidades do regime, baseado em inovações e permanências. Talvez por isso, conforme aponta Connolly (2008), no *Panegírico* Plínio não assumia uma atitude reacionária e nem tampouco nostálgica.

Já destacamos que o *Panegírico de Trajano* carrega no próprio nome a indicação do gênero a que pertence, então, a partir disso, devemos destacar os aspectos literários da obra. Durry (1972) critica sua qualidade estética, caracterizando o texto como demasiadamente forçado, com excesso de figuras de linguagem, no que o estilo é sacrificado em favor do assunto abordado. Todavia, sua apreciação não deixa de reconhecer que Plínio fez uma louvável, porém baldada, tentativa de renovar a língua com traços de poesia. Durry (1972) também absolve Plínio da fracassada tentativa de fazer no *Panegírico* a junção das duas correntes literárias de sua época: o Aticismo<sup>31</sup>, mais doce e o Asianismo<sup>32</sup>, mais severo.

A apreciação literária de Radice (1968,) também reprova a qualidade do *Panegírico de Trajano*. Para ela o discurso de Plínio oferece uma leitura desagradável e “apenas a um historiador de ofício o dever em relação às fontes pode fazê-lo continuar até o último capítulo, o nonagésimo quinto”<sup>33</sup> (RADICE. 1968, p. 169). Além disso, a pesquisadora critica a excessiva extensão da obra, o baixo nível de abstração e de teorização política se expressa pela escassa menção aos filósofos. Platão é citado duas vezes, mas Aristóteles, nenhuma. Lamenta também a reduzida recorrência aos artistas gregos, limitando-se apenas a Homero e a alguns oradores. Dentre outras observações dessa autora devemos destacar uma favorável a Plínio, que arrolamos em favor de nossa abordagem: “Seu aconselhamento a Trajano é mais direto do que qualquer coisa feita por Dion Crisóstomo<sup>34,35</sup> (RADICE, 1968, p. 171). Diante

<sup>31</sup> Refere-se ao estilo oratório da Grécia peninsular, destinada especialmente às plateias populares na época da democracia ateniense, nele predominava apelos sentimentais.

<sup>32</sup> Cultuado entre os gregos da Ásia Menor a partir do século IV a. C., era pautado pelo estilo túrgido e declamatório.

<sup>33</sup> Only a historian's sense of duty towards his sources can make him keep on until the last, ninety-fifth chapter.

<sup>34</sup> Filósofo e orador nascido em Prusa, na província romana do Ponto-Bitínia. Sua vida pública se deu a partir do governo de Domiciano. Adepto da oposição estoica a esse imperador foi banido de Roma, posteriormente gozou dos favores de Nerva e Trajano.

<sup>35</sup> Its advice to Trajan is far more direct than anything in Dio Chrysostom's.

disso, sem desmerecer a obra desse orador<sup>36</sup>, cremos que a opção pelo *Panegírico* é a mais verticalizada para entendermos a idealização da figura do príncipe, pois concorre para isso além da intimidade entre o César e o senador, a ocasião política em que se localiza o discurso, ou seja, os anos iniciais do governo de Trajano, quando a propaganda de seu círculo pessoal era importante para respaldá-lo no poder. Ressaltando uma vez mais nosso papel em relação ao *Panegírico de Trajano* devemos acrescentar que

No geral ele foi deixado para os historiadores peneirarem o joio do trigo e usar sua evidência para os governos de Nerva e Trajano diante da ausência de outras fontes, pois Suetônio termina em Domitiano, o que temos de Tácito cessa no reinado de Vespasiano e a *História Augusta* começa com Adriano (RADICE, 1968, p. 167)<sup>37</sup>.

Nesse sentido, nossa abordagem, que privilegia o vocabulário específico do contexto político, ajudará na análise, pois para além da sinceridade e exaltação de Plínio a Trajano outros aspectos da obra também fornecem respostas que transcendem seus aspectos mais evidentes.

Ao lado de sua concepção artística o *Panegírico de Trajano* teve uma função basicamente burocrática. Embora esse fato não descaracterize o discurso de exaltação ou a sinceridade de Plínio, desde o início ele denuncia a obra como sintoma simbólico das relações entre o príncipe e o Senado:

No ano 100 Plínio tem a felicidade de alcançar o consulado. Ele é, com Iulius Cornutus Tertullus, consul suffecto para setembro e outubro. Em primeiro de setembro, dia de sua posse, ele pronuncia diante do Senado a *gratiarum actio* que um senato-consulta, datando do reino de Augusto, recomendava aos cônsules endereçarem-se nessas ocasiões ao príncipe que os havia escolhido (DURRY, 1972, p. 86)<sup>38</sup>.

<sup>36</sup> Na Tese de doutoramento de Andrea Lúcia Dorini de Oliveira (ver bibliografia) os discursos de Dion Crisóstomo são também utilizados para ilustrar a imagem do príncipe, além disso, a análise expande a discussão ao conceito grego de *basileus*. Trata-se de uma interessante visão da necessidade de integração do império captada por Dion Crisóstomo, que percebia a necessidade de mais atenção de Roma para com o Oriente, nisso a identificação cultural dos termos grego e latino foi importante.

<sup>37</sup> On the whole it has been left for the historians to sift the grain from the chaff and to use its evidence for the reigns of Nerva and Trajan in the absence of other literary sources-Suetonius ends with Domitian, what we have of Tacitus breaks off in the reign of Vespasian, the *Historia Augusta* starts with Hadrian.

<sup>38</sup> En l'année 100 Pline a la joie d'atteindre au consulat. Il est avec C. Iulius Cornutus Tertullus consul suffect pour septembre et octobre, Le 1<sup>o</sup>. septembre, jour de l'entrée en fonction, il prononce devant le Sénat la *gratiarum actio* qu'un senates-consulte, datant du règne d'Auguste, recommandait aus consuls d'adresser en pareille occasion au prince qui les avait choisis.

Devemos entender, portanto, que enquanto panegírico o discurso de agradecimento representa a relação imediata entre Plínio e Trajano, mas como *gratiarum actio* a obra tem também outras significações. Como nos diz Funari (1995, p. 29): “o público pode ser determinado pela forma e pelo conteúdo do texto”, e, nesse caso, a função denuncia as relações entre as forças políticas representadas pelo senador e pelo César. O panegirista assim afirma: “É preciso obedecer ao senato-consulta que, no interesse geral, quis, sob título de ação de graças, pela voz de um cônsul, que os bons príncipes reconheçam o que eles são, e os maus o que eles deveriam fazer”<sup>39</sup> (*Panegírico*, 4, 1).

Sendo o *Panegírico* produto de um senato-consulta<sup>40</sup>, um tipo de decisão importante e tradicional da cúria (GRIMAL, 1999), a obra configura-se como um reconhecimento senatorial, na pessoa de um de seus membros, dos benefícios oferecidos à ordem pelo imperador. Porém, outra explicação pode se avizinhar a essa, pois, sabemos que, durante o Principado, o Senado foi pacificado por meio da inclusão elementos da confiança dos Césares, e, muitas vezes simplesmente ratificava as decisões imperiais. Então, sob essa ótica, a exigência de um pronunciamento de gratidão pode revelar a submissão do *ordo senatorius* ao poder do príncipe. Certamente há uma interdependência entre as duas possibilidades e a coexistência delas nos alerta para fazermos uma leitura cautelosa do entusiasmo pliniano em relação a Trajano. Contudo, o *Panegírico* suplantou seu caráter ordinário de *gratiarum actio*, pois:

Desde a instituição do Principado foram ouvidos centenas destes agradecimentos, e aquele de setembro do ano 100 ficaria escondido nas *acta* do Senado se Plínio não o tivesse remodelado. É assim que a *gratiarum actio*

---

<sup>39</sup> Mais il faut obéir au sénatus-consulte qui, dans l'intérêt général, a voulu que sous le titre d'actions de grâces, par la voix d'un cônsul, les bons princêes reconnussent ce qu'ils font, les mauvais ce qu'ils devraient faire.

<sup>40</sup> “Decisão tomada oficialmente pelo Senado para resolver um problema particular como, por exemplo, tomar medidas policiais, cuja responsabilidade nenhum magistrado queria assumir. Estas medidas não podiam ser contestadas tão facilmente como o seria a decisão de um magistrado” (GRIMAL, 1999, p. 166). Finley (1997, p. 14) também discute o *senatus consultum ultimum*, enfatizando seu papel nos conflitos sociais da República. Tratava-se, portanto, tradicionalmente, de uma medida de segurança contra conturbações no interior do Estado que neste caso, sob o Alto Império, guardou sua importância adquirindo, porém a função de legitimar a posição do príncipe. Caso exemplar da distorção das instituições republicanas em favor do poder imperial.

se tornou o *Panegyricus*, título tardio que a tradição manuscrita consagrou<sup>41</sup> (DURRY, 1972), p. 86)<sup>42</sup>.

Portanto, apesar das críticas expostas acima em relação ao trato literário, foi em função da tentativa artística de Plínio que temos para nossa análise esta importante fonte, que na concepção de Radice (1968) expressa o surgimento inicial de uma liberdade de expressão sob os Antoninos. O clima favorável animou Plínio a expandir o texto inicial, como informa Champlin (1982), pois segundo Durry (1972) os discursos feitos na cúria eram curtos, o que o leva a crer que o *Panegírico* é três vezes maior que a *gratiarum actio* original, pois como podemos observar é ampla a variedade de temas nele presentes:

### Quadro dos temas abordados no *Panegírico de Trajano*

1	Homenagem aos deuses	24	Simplicidade	53	Maus príncipes	75	<i>Comitia</i> . Pregação
2-3	Sinceridade de Plínio	25	<i>Congiarium</i>	54	Recusa dos elogios	76	Caso Mario Prisco
4	Retrato físico de Trajano	26-28	<i>Frumentationes</i>	55	Honras discretas	77	<i>Renuntiatio</i> dos cônsules substitutos do ano 100
5	Partida para o exército	29	Anona	56	Consulados	78-79	Oferta de um 4º consulado
6	Revolta dos pretorianos	30-32	Seca no Egito	57-58	Recusa do 3º consulado	80	Comparação com Júpiter
7-8	Teoria e cerimônia de adoção	33	Anfiteatro	59	Prosopopéia	81	Caça
9	Obediência	34-35	Delatores	60	Aceitação de um 3º consulado	82	Viagens
10-11	Morte de Nerva	36	Tesouro, fisco	61-62	Dois cônsules	83	Plotina
12	Bárbaros	37-41	<i>Vicesima hereditatium</i>	63	<i>Renuntiatio</i> de Trajano cônsul	84	Marciana
13	Exercícios militares	42	Escravos	64-65	Juramento	85	Amigos
14	Campanhas	43	Legações	66	Senado: 1º de janeiro de 100	86-87	Adeus ao prefeito do pretório
15	Tribunado militar	44-45	Príncipe modelo	67	Redação dos <i>vota</i>	88	Libertos. <i>Optimus</i>
16	Pacifismo	46	Pantominas	68	<i>Nuncupatio votorum</i>	89	Nerva e Trajano pai
17	Triunfo	47	Recepção no palácio	69	<i>Comitia</i> . Nobreza	90	<i>Privata gratiarum actio</i>

<sup>41</sup> Depuis l'institution Du principat on avait entendu des centaines de ces remerciements et celui de septembre 100 serait reste enfoui dans lès *acta* du Sénat si Pline ne lui avait fait un sort em le remaniant. C'est ainsi que la *gratiarum actio* devint le *Panegyricus*, titre tardif que la tradition manuscrite a consacré.

<sup>42</sup> Depuis l'institution Du principat on avait entendu des centaines de ces remerciements et celui de septembre 100 serait reste enfoui dans lès *acta* du Sénat si Pline ne lui avait fait un sort em le remaniant. C'est ainsi que la *gratiarum actio* devint le *Panegyricus*, titre tardif que la tradition manuscrite a consacré.



18	Disciplina dos exércitos	48	Audiências	70	Comitia. Homem novo	91	Cornuto Tertúlio
19	Legados	49	Jantares	71	Comitia. Suffagatores	92	Agradecimento de Plínio
20	Viagem do Danúbio à Roma	50	Donativos	72	Comitia. Prece	93	Programa
21	<i>Pater patriae</i>	51	Circo Máximo	73	Comitia. Sofrimento	94	Invocação a Júpiter
22-23	Entrada em Roma	52	Estátuas	74	Comitia. Aclamações	95	Homenagem ao Senado

Fonte: (DURRY, 1972, p. 94).

Como bem destaca Radice (1972), o comentário padrão do *Panegírico* é o de Durry, por isso não devemos hesitar em recorrer tantas vezes a ele, especialmente quando afirma que o discurso pode nos fornecer “muitos detalhes das instituições”<sup>43</sup> (DURRY, 1972, p. 87), pois é por meio delas que poderemos compreender como as ideias políticas ilustram a idealização do príncipe.

Quanto à conservação do *Panegírico de Trajano*, Durry (1972) destaca sua tradição manuscrita distinta das *Cartas*, tendo sido conservado juntamente com o chamado *Corpus Panegyricorum*, um conjunto de textos, que a exemplo da *gratiarum* de Plínio dirigiam-se a imperadores romanos. A conservação do referido *corpus* deu-se da seguinte maneira:

Partindo de um arquétipo suposto (Y), estaremos diante de duas ramificações: 1º. a primeira é representada por 3 folhetos de um palimpsesto R, sem descendência conhecida; 2º. a segunda por um arquétipo suposto de Mayence (M); deste arquétipo três testemunhos: um de Upsal A; a descendência (mais de 30 exemplares) de Mayence destacado por J. Aurispa em 1432 (X), mas hoje perdido; um da Coleção Harley no British Museum H. O que resulta no seguinte esquema:

<sup>43</sup> Maint détail d’institutions.



Fonte: (DURRY, 1972, p. 90)

O texto do *Panegírico* é então estabelecido sobre a descendência de (M), que tem três ramificações:

1º. A. Cod. Upsaliensis Scr. lat. 18, membr. In 4º, fº 199, s. XV. Foi copiado em parte por J. Hergot entre 1458 e 1460 em Mayence e está em Upsal desde 1719; se ele apresenta numerosos erros de cópia, por outro lado tem interpolações;

2º. (X) designa o exemplar cuja presença é atestada em Mayence em 1432 por uma carta de J. Aurispa; desapareceu, mas ele é fonte de todos os *deteriores* entre os quais convêm destacar:

W. Cod. Vaticanus 1775, membr. in-4º., fº. 156 (*w manus altera*);

P. Cod. Parisinus 8556, membr. in-4º., fº. 231;

M. Cod. Venetus Marc. cl. XI, cod. Xii, membr. in-4º., fº. 136;

P. Cod. Parisinus 7805, membr. in-4º., fº. 139;

Med. Cod. Mediolanensis, olim Patauinus, AD. XIV, 40, 4, chart in-8º., fº. 71;

B. Cod. Venetus Marc. 436, membr. in-4º., fº. 156;

V Cod. Vaticanus 1776, membr. in-4º., fº 156;

O. Cod. Ottobonianus 1303, chart. In-8º., fº. 138.

3º. H. Cod, Harleianus 2480 chart. In-4º., fº. 109. Mais recente que A, mas que não apresenta erros de cópia, foi encontrado no British Museum por Émile Baehrens em 1875 (DURRY, 1972, p.90-92).

Em relação às edições do *Panegírico de Trajano* devemos assinalar também que elas ocorreram de três maneiras distintas: sozinho, com os demais panegíricos do *Corpus Panegyricorum* e com as *Cartas*. Em ordem cronológica as principais edições são:

Puteolanus, Milão, 1482 (?), (com os panegíricos), *editio princeps*; Catanaeus, Milão, 1506, 1518 (com as *Cartas*); Aldus, Veneza, 1508 (com as *Cartas*); Cuspinianus, Viena, 1513 (com os panegíricos); Livineius, Antuérpia, 1599 (com os panegíricos); Lipsius, Antuérpia, 1600, 164 (somente o *Panegírico de Trajano*); Ch. Cellarius, Leipzig, 1693 (com as *Cartas*); Paralo, Veneza, 1708, 1719, 1743 (com os panegíricos); Schwarz, Nuremberg, 1737, 1746 (somente o *Panegírico de Trajano*), edição cujas notas são de uma grande riqueza; Lallemand, Paris, 1769 (com as *Cartas*); Gierig, Leipzig, 1796 (com as *Cartas*), o comentário é original e sutil; Lemaire, Paris, 1822 (com as *Cartas*); Dübner, Paris, 1843 (somente o *Panegírico de Trajano*); Keil, Leipzig, Teubner, 1853, 1870 (com as *Cartas*). Émile Baehrens, Leipzig, Teubner, 1874 (com os panegíricos), edição que marca uma data no estabelecimento do texto, mas seu autor descobriu o manuscrito *H* somente no ano seguinte; C. F. W. Müller, Leipzig, Teubner, 1903 (com as *Cartas*); Kukulka, Leipzig, Teubner, 1908, 1912 (com as *Cartas*); chegamos assim aos trabalhos críticos essenciais de Guillaume Baehrens, que edita o *Panegírico* de Plínio sob duas formas: primeiramente em sua dissertação de Groningue em 1910 com um prefácio capital, o *Panegírico* de Plínio é anexado como *exemplar editionis*; a partir do ano seguinte Guillaume Baehrens publica em Teubner os *XII Panegyrici*, onde o de Plínio reencontra seu lugar. Enfim, em 1933 aparece a edição completa de M. Schuster. É aproveitando o esforço de todos esses pioneiros, a que eu presto homenagem, que eu fiz uma edição exclusiva do *Panegírico* (Paris, Belles Lettres, 1938), onde tentei esclarecer da melhor maneira os numerosos problemas gramaticais, literários, históricos impostos pela *gratiarum actio* remanescente do consul do ano 100 (DURRY, 1972, p.92-93).<sup>44</sup>

É de Durry (Paris, Belles Lettres, 1972) a edição bilingue (francês/latim) que ora utilizamos, esta, porém, acompanhada do livro X das *Cartas*. Acreditamos tratar-se do mesmo texto que ele noticia ter estabelecido em 1938, já que o exemplar que temos em mãos pertence a uma quarta edição na qual não há menção de revisão de um texto anterior. Ela contém importantes informações introdutórias, que já utilizamos amplamente, e em notas, que muitas vezes são a única luz sobre alguns pontos a serem analisados no *Panegírico*.

O valor do *Panegírico de Trajano*, em relação à época do Principado, é atestado por sua presença como fonte em diversas obras clássicas sobre o mundo romano, entre as quais citamos: *Rome* de M. Rostovtzeff, *La vie quotidienne à Rome à l'apogée de l'empire* de Jérôme Carcopino, *Les institutions politiques romaines: de la Cité à l'État* de Leon Homo,

<sup>44</sup> Ver anexos, imagens 7 a 10.

*Les institutions romaines* de Jean Rougé, *Recherches sur l'aspect idéologique du Principat* de Jean Béranger, *Storia del diritto romano* de Mario Bretonne. Nessas obras, que visam proporcionar uma visão de conjunto a respeito de diversos aspectos políticos e sociais de Roma, o discurso de Plínio cumpre função pontual ao lado de outras fontes do período. Em estudos mais recentes, focados na figura do imperador Antonino, o *Panegírico* tem suas informações mais exploradas. É caso do importante trabalho de Eugen Cizek, *L'Époque de Trajan: circonstances politiques et problèmes idéologiques*, e também de *Trajano*, de José María Blázquez.

A origem Hispânica de Trajano incentivou o interesse de diversos pesquisadores espanhóis, entre os trabalhos recentes, além do de Blázquez, já citado, figura a coletânea de conferências *Trajano, óptimo príncipe, de Itálica a la corte de los césares*, coordenada por Julián González Fernández. Nos estudos de Alicia Maria Canto o *Panegírico de Trajano* é apontado como uma obra que, de certa forma, omite ou forja informações sobre o imperador: em *Las raíces béticas de Trajano* ela aponta a ausência de informação a respeito da origem hispânica do César; em *La dinastia Ulpio-Aelia (98-192 d. C.): Ni tan "Buenos", ni tan "Adoptivos", ni tan "Antoninos"*, ela ressalta que a descrição pliniana da adoção de Trajano por Nerva não corresponde exatamente ao que ocorreu na realidade.

No Brasil, conforme enfatizamos em nossa introdução, a produção acerca das obras de Plínio, o Jovem concentra-se nas *Cartas*, porém, recentemente, em 2013, Dominique Monge Rodrigues de Souza, defendeu junto à UNESP de Franca a dissertação de mestrado intitulada *Ações judiciais de Plínio, o Jovem, no tribunal dos centúviro e na corte senatorial (séculos I-II d. C.)*, nela a autora aborda, juntamente com as *Cartas*, o *Panegírico de Trajano*. Nesse estudo, sob a orientação da Professora Doutora Margarida Maria de Carvalho, em que Plínio e suas obras estão em discussão, buscou-se apontar que no período em tela o Senado desempenhou um importante papel ao lado do imperador, pois muitos de seus membros, entre eles o panegirista, desempenhavam papel ativo nas áreas políticas, administrativas e jurídicas do Império.

Nossos levantamentos bibliográficos mostram que no âmbito internacional, além dos espanhóis, autores de língua inglesa e francesa também publicaram trabalhos recentes tendo em foco o *Panegírico de Trajano*. Atestando a constante renovação dos estudos acerca do discurso de Plínio selecionamos três desses textos para apresentá-los aqui, no intuito de demonstrar que nosso interesse pela obra é compartilhado por pesquisadores internacionais.

De Nicole Méthy, da Université Michel-de-Montaigne (Bordeaux III), um artigo<sup>45</sup> analisa vários aspectos da obra e aponta algumas divergências entre o discurso de Plínio e a propaganda oficial de Trajano. A autora destaca primeiramente o papel político desempenhado na antiguidade pelos discursos retóricos, quando a comunicação por meio das palavras era a forma mais utilizada. Naquele contexto uma obra como o *Panegírico* possuía evidentemente função de propaganda política a cumprir.

Com razão, a autora ressalta que o discurso de Plínio deve ser compreendido a partir de seu contexto específico, por isso dedicaremos os próximos capítulos para apresentar com mais ênfase seu autor, Trajano, a sociedade, as instituições e as ideias do período aqui abordado. Contudo, adiantaremos aqui, também, as observações de Méthy (2000), pois elas vêm ao encontro de nossa proposta de análise. Para essa autora, em linhas gerais, o *Panegírico de Trajano* é uma obra cuja originalidade profunda ainda aguarda definição. Entre os fatores que a levam a defender essa ideia está a constatação de que ele diverge de outros discursos contemporâneos, como os de Dion Crisóstomo<sup>46</sup>, sobre a realeza. A autora aponta que nas obras do orador de origem grega é construído o retrato de um príncipe ideal, ao passo que em Plínio, uma pessoa real, Trajano, é apresentado como ideal. Dessa forma, o objetivo pliniano não era persuadir o César a conformar-se a um modelo, já ele próprio era apresentado como modelo. Pensando no papel retórico do *Panegírico* percebemos a sutileza e a força dessa construção de Plínio, pois ainda que Trajano não fosse de fato portador de todas as virtudes que lhe eram atribuídas, a alocação era um forte incentivo para ele assumi-las, já que com elas ele era ilustrado, ou seja, não seria interessante para o César adotar atitudes que desmentissem um discurso amplamente favorável à sua imagem.

Certamente essa distinção dos modelos contemporâneos se deva ao fato, já apontado por Durry (1972), de que o *Panegírico de Trajano* foi o primeiro a ser dedicado a um imperador vivo, situação na qual a apresentação de um modelo seria facilmente entendida como recriminação. De fato, não era esse o objetivo de Plínio, Méthy (2000) destaca as características de propaganda política do discurso, que, no entanto, não era direcionada somente ao César. O Senado também ocupa papel importante, pois Plínio se coloca como porta-voz da ordem a qual ele dedica seus agradecimentos, a atenção dedicada a seus pares visava melhorar a autoestima da cúria, maltratada pelos governos anteriores, mas decadente também pela convivência de muitos de seus membros com os maus príncipes. Contudo,

---

<sup>45</sup> MÉTHY, Nicole. Éloge et propagande politique sous le Haut-Empire: L'exemple du *Panegyrique de Trajan*. In: **Mélanges de L'École française de Rome**. Antiquité T. 112, N° 1. 2000. p. 365-411.

<sup>46</sup> Filósofo e orador, viveu aproximadamente entre 40 d. C. e 112 d. C.

Trajano é, sem dúvida, o objeto principal do discurso. Com características literárias e oratórias, explicitadas em comentários (*Cartas* III, 13 e 18), no *Panegírico*:

Trajano é descrito, parcialmente ou de maneira mais completa, na quase totalidade dos capítulos, com uma insistência e uma precisão que impedem de não ver nesta descrição algo além da retomada de estereótipos artificiais<sup>47</sup> (MÉTHY, 2000, p 381).

Nesse sentido, a autora entende que o César figura como um personagem que no discurso é exaltado muito mais como indivíduo do que como imperador, ou seja, a ótica do *Panegírico* não é institucional, pois Trajano não exerce o poder e forma autocrática. Ele não é apresentado como um indivíduo superior, mas como alguém que prevalece por sua grandeza moral, e que tem sua influência exercida muito mais pela amizade do que pelo poder, por isso o príncipe é apresentado como *privatus*, no entanto, a grandeza moral do príncipe o aproxima dos deuses, aos quais ele é apresentado como exemplo. Essa permanente tensão entre grandeza e simplicidade fez com que a construção retórica da figura de Trajano se fundasse em imagens paradoxais. Como personagem modelar Plínio omite em seu discurso faces do César que outras fontes apresentaram, como Dion Cássio<sup>48</sup>, e que poderiam desaboná-lo, como a homossexualidade e o gosto pela bebida.

Comparando o texto com as emissões monetárias do período, Méthy (2000) constatou que o *Panegírico* não estava afinado com a propaganda oficial nas cunhagens por volta do ano 100 e 103 d. C., outro exemplo é o uso do cognome *Optimus*, que só passou a fazer parte do título oficial do César a partir de 114 d. C. Essas constatações levaram a autora à conclusão de que, ao adiantar aspectos da futura propaganda oficial, a *gratiarum actio* de Plínio cumpriu uma papel de preparação dos espíritos para os desdobramentos futuros do governo de Trajano.

Assim como Méthy (2000), Rees (2001) também percebeu a presença de paradoxos no *Panegírico de Trajano*, em seu artigo<sup>49</sup> ele os destaca e discute seus principais aspectos. O autor apresenta que as construções paradoxais feitas por Plínio são construídas a partir da oposição de características e virtudes morais do príncipe, são elas: *pudor/securitas*, *commilito/imperator*, *privatus/princeps*, *Optimus/aequatus*, *humanus/divinus*

<sup>47</sup> Trajan est décrit, partiellement ou de façon plus complète, dans la quasi-totalité des chapitres, avec une insistance et une précision qui interdisent de ne voir dans cette description que la reprise de stéréotypes artificiels.

<sup>48</sup> Historiador e político, nasceu por volta de 163 d. C.

<sup>49</sup> REES, Roger. To be and not to be: Pliny's paradoxical Trajan. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*. N.º. 45, 2001, p. 149-168.

Como estratégia retórica de elogio o uso desses paradoxos confere ao imperador características únicas e exclusivas, que ajudam a respaldar sua posição de mando. Cada um dos cinco paradoxos distingue o César da seguinte maneira: entendidas como modéstia e segurança a oposição, talvez não tão paradoxal, *pudor/securitas* alia a cautela daquele que se inicia no exercício de um novo encargo que exige muita capacidade, a qual, na verdade, Trajano já possuía como militar experiente; ligada também à vida militar, a oposição *commilitio/imperator* destaca, ao lado dos valores tradicionais que orbitavam a noção do cidadão-soldado, o equilíbrio entre a camaradagem e a autoridade do general em relação aos seus legionários; a ideia contida no paradoxo *privatus/princeps* igualmente trabalha com a questão da convivência entre aquele investido de autoridade e seus subordinados. No contexto do Principado ganhava contornos específicos, pois em tese o *princeps* continha a ideia de *privatus*, pois enquanto primeiro cidadão sua pessoa deveria compartilhar as atitudes e características desinteressadas do homem privado com as imposições e demandas do poder imperial; no mesmo sentido caminha a oposição *Optimus/aequatus*, pois em Trajano, cujas virtudes lhe conferiram o cognome *Optimus*, a superioridade moral o distinguia e o respaldava como digno do poder, entretanto tal superioridade não se aplicava contra os demais cidadãos diante dos quais o César mantinha uma postura igualitária; finalmente, no paradoxo *humanus/divinus*, o príncipe, comparado com Júpiter, goza de poderes divinos, os quais, devido à sua humanidade somente utiliza em favor dos cidadãos do império e não em benefício próprio.

Para Rees (2001), a utilização desses paradoxos confere uma importante originalidade ao discurso pliniano, embora a estratégia destaque o talento do panegirista, ao observarmos seu contexto percebemos aspectos condicionantes que a realidade impunha à sua obra. A ambiguidade do regime é, nesse sentido, um fator essencial a ser considerado, pois mesmo após cerca de um século de seu estabelecimento o Principado convivia com as instituições republicanas, portanto não se apresentava completamente consolidado. Nesse sentido, os paradoxos plinianos no *Panegírico* podem ser entendidos como uma busca de conciliação entre o poder centralizado e as reminiscências da República, representadas especialmente pelos membros do Senado. De qualquer forma, a presença dessa estratégia retórica demonstra que Plínio tinha consciência das questões que envolviam o sistema do Principado, ou seja, a necessidade de conciliação de demandas antagônicas que se resolviam na pessoa do César,

pois para o panegirista “em Trajano as características conflitantes encontram resolução”<sup>50</sup> (REES, 2001, p. 162).

Connolly (2008, p. 260), por sua vez, em seu artigo<sup>51</sup>, vê a obra em questão “como um exercício de teorização política”<sup>52</sup>, no qual Plínio trabalha as crenças sobre a figura do governante nas quais os cidadãos romanos queriam acreditar com o intuito de elaborar um sistema ético sob o regime autocrático do Principado. A pesquisadora expõe a ideia de que o autor buscou conciliar a necessidade do medo e da liberdade no regime:

O *Panegírico* não comemora o medo; pelo contrário, o discurso tanto apresenta o lugar do medo no coração do regime como oferece uma maneira de se pensar em torno dele, articulando uma nova concepção de *libertas* sob a autocracia”<sup>53</sup> (CONNOLLY, 2008, p. 267).

O medo na obra de Plínio cumpre, para essa autora, uma estratégia retórica que ocorre por três caminhos distintos: o medo motiva a lei, o temor da lei é corporificado no temível imperador e no temor das terríveis cenas de justiça expostas no discurso. Trata-se, então, de um sistema em que toda legitimidade repousa sob a vontade do César, no qual, portanto, “o medo do imperador agora surge não só como base legítima da ordem política, mas também como requisito a uma nova concepção de liberdade” (CONNOLLY, 2008, p. 274). Certamente não era mais possível celebrar a noção original de *libertas*, pois em seu bojo havia os distúrbios republicanos que o Principado viera sanar, dessa forma cabia ao panegirista condicionar a liberdade na aceitação de um governante dotado de poder superior e benfazejo, capaz de manter a tranquilidade e paz, embora possuísse os meios de fazê-lo pela força e pelo medo, até mesmo como forma de prevenção contra conturbações.

A obra<sup>54</sup> de Carvalho (2010), embora analise discursos do século do século IV d. C., especialmente os *Contra Juliano*, de Gregório Nazianzeno, possui uma abordagem que vem

<sup>50</sup> In Trajan the conflicting features find resolution.

<sup>51</sup> CONNOLLY, Joy. Fear and freedom: A New Interpretation of Pliny’s *Panegyricus*. In Gianpaolo Urso (ed.), **Ordine e sovversione nel mondo greco e romano: Atti Del Convegno Internazionale, Cividale Del Friuli**, 25-27 Settembre 2008.

<sup>52</sup> As an exercise in political theorizing.

<sup>53</sup> The *Panegyricus* does not celebrate fear; on the contrary, the speech both exposes fear’s place at the heart of the regime and presents a way to think around it, by articulating a new understanding of *libertas* under autocracy.

<sup>54</sup> CARVALHO, Margarida Maria de. **Paideia e retórica no Séc. IV: a construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2010.



ao encontro de nossa discussão e pode, portanto, ajudar-nos no diálogo com o panegírico de Plínio, o Jovem. Para ela,

O mundo clássico já considerava como decisivo o discurso ideológico e eloquente. As orações de Sócrates noticiadas por Platão, os discursos do próprio Platão e o tratado de Aristóteles denominado *Arte Retórica* delimitavam de forma relevante a importância do orador nos discursos políticos inseridos no espaço cívico da *polis*. Autores romanos como Cícero e Quintiliano, no período republicano e no início da fase imperial, baseavam seus estudos e aprimoravam suas técnicas persuasivas aproveitando o material retórico-filosófico grego, e assim, a herança desse discurso foi passada para outras gerações, sendo sempre admirada e adaptada a novos contextos históricos (CARVALHO, 2010, p. 27).

Percebe-se, portanto, que a obra de Plínio insere-se em uma antiga tradição do discurso político e da oratória na antiguidade. Assim para delinear as influências do discurso pliniano seria preciso recuar muito no tempo e dialogar com inúmeras obras gregas e latinas, o que foge ao escopo deste trabalho. Todavia, desse olhar ao passado, devemos reter, sobretudo, a ideia de que essa tradição permaneceu mesmo após a desestruturação do mundo da *polis*. Em Roma, as tradições políticas do sistema municipal, na época do Império, podiam ser sentidas nessas práticas que atestavam a exaltação ao *mos maiorum*.

Os discursos políticos que, na Grécia, em Atenas, tiveram grande papel nos debates acerca da democracia, por exemplo, encontraram na Roma imperial na figura do príncipe seu tema principal. Como precursora do gênero podemos dar à obra do Plínio a seguinte definição: “os panegíricos são, na verdade, um julgamento das ações passadas, futuras e presentes. Tais ações são referenciadas nos panegíricos que louvavam ou criticavam as ações dos Imperadores no século IV d. C.” (CARVALHO, 2010, p. 29). Vemos, logo, que a tradição na qual o *Panegírico de Trajano* estava inserido estendeu-se, não sem ser influenciado por ele, pois a definição acima exposta corresponde às características de nossa fonte, a qual deseja

Que nosso discurso faça discernir a diversidade dos tempos, e que somente o tom de nosso agradecimento faça compreender em honra de quem e de quando ele foi pronunciado. Que nossas lisonjas não igualem o imperador a um deus, que elas não o igualem a uma divindade<sup>55</sup> (*Panegírico*, 2, 3).

---

<sup>55</sup> Que nos discours fassent discerner la diversité des temps et que le ton seul de notre remerciement fasse comprendre em l'honneur de qui et quand il fut prononcé.

Glória imensa e pouco comum de um príncipe de quem eu temo menos a censura de insuficiência do que de excesso de louvor<sup>56</sup> (*Panegírico*, 3,3).

Conforme nos aprofundarmos na discussão da fonte se multiplicarão os exemplos que aproxima a obra de Plínio ao conceito de panegírico oferecido por Carvalho (2010), para melhor investigar esse diálogo arrolaremos mais alguns dados que a autora aporta sobre esse tipo de discurso político. Assim como Méthy (2000), focalizando o *Panegírico*, Carvalho (2010), de forma mais ampla, considera que a elocução do discurso é sempre feita por um porta-voz investido das intenções do círculo político e social do qual faz parte. Diante disso, a defesa da análise linguística e semântica desse tipo de obra é pertinente, nossa intenção de enfatizar as noções de *virtus* e *mos maiorum* concorda com essa perspectiva, pois eram ideias morais e políticas que faziam parte do vocabulário do Senado, do qual Plínio, o Jovem, era um representante destacado na época de Trajano. A autora pontua também que os discursos ocultam intenções políticas e culturais, tais aspectos podem ser desvendados igualmente pela análise das construções feitas em torno conceitos caros à ordem senatorial. Quanto à afirmação da importância da recepção dos discursos devemos enfatizar em relação ao *Panegírico de Trajano* sua destinação tanto ao imperador quanto à cúria. Como conciliador dos grupos senatoriais, Plínio construía seus elogios ao César também nos moldes da filosofia estoica, cujo caráter universalista contemplava as aspirações de um Senado cada vez mais composto por membros provinciais que, em muitos aspectos, não compartilhavam dos anseios conservadores da *Urbs*.

A presença da *Stoa* contribuiu para que no *Panegírico* surgisse a figura idealizada de Trajano em oposição a imperadores anteriores, especialmente Domiciano. Como veremos, o afastamento deste e a aproximação daquele em relação aos ideais do estoicismo ajudou na criação da dicotomia *princeps/tyrannus* que orbitava a imagem dos imperadores. Plínio operou tal construção a partir de um processo que a autora apresenta: a seleção de fatos como produtora de personagens míticos, heróis ou vilões, por meio de estereótipos exagerados quando comparados à realidade. Assim, a memória pliniana a respeito de Trajano e dos governos passados foi apresentada no *Panegírico* sob a ótica de grupos senatoriais favoráveis ao novo governo e que valorizavam as orientações da filosofia do Pórtico.

---

<sup>56</sup> Gloire immense et peu commune d'un prince don't je redoute moins le reproche d'insuffisance que d'excès dans la louange.

## CAPÍTULO II – Nossos protagonistas: Caio Plínio Cecílio Segundo e Marco Ulpio Trajano

Plínio, o Jovem, oferece-nos em sua obra a oportunidade de compreender a relação estabelecida entre o Senado e o imperador. Todavia, essa proximidade deve servir de advertência, pois não devemos esperar ver nas linhas do *Panegírico* a construção de uma imagem real do governante, mas principalmente elogios que demonstram dedicação e esperança de que as virtudes do príncipe sejam conhecidas por todos os romanos e correspondam cada vez mais a um modelo de imperador perfeito. Sua penetração no meio político dos dois primeiros Antoninos coloca-o em posição privilegiada, pois nesse período ele

Vem a ser um dos ideólogos e partidários mais ativos do poder imperial durante os reinados de Nerva e de Trajano. Grande proprietário de terras, chefe de um círculo cultural e político, amigo íntimo de Trajano, Plínio torna-se cônsul, e em seguida governador da Bitínia. Na verdade, Plínio não ilustra a ótica de Trajano, mas, sobretudo a ideologia de um grupo senatorial de conciliação permanente entre a cúria e o imperador, grupo desejoso não somente de legitimar a política do César, mas também de orientar mais de perto os interesses dos senadores. Ao mesmo tempo, Plínio se esforça para reunir o Senado inteiramente em torno de uma atitude de fidelidade escrupulosa a Trajano<sup>57</sup> (CIZEK, 1983, p. 32).

Buscar nas palavras de Plínio a concepção do bom governante construída no Alto Império representa uma atitude natural que perpasse toda a história da humanidade, e que também permanece presente nos dias de hoje, quando o sistema representativo deposita nas mãos dos políticos os interesses dos cidadãos. Enquanto na época de Plínio a *virtus*, o apego ao *mos maiorum* e ao estoicismo representavam as diretrizes a serem obedecidas pelo homem

---

<sup>57</sup> Devint l'un des idéologues et des partisans les plus actifs du pouvoir imperial, pendant les règnes de Nerva et de Trajan. Grand propriétaire foncier, chef de cercle culturel et politique, ami intime de Trajan, Pline n'illustra pas l'optique de Trajan, mais plutôt l'idéologie d'un groupe senatorial de conciliation permanente entre la Curie et l'empereur, groupe désireux non seulement de légitimer la politique du César, mais aussi de l'orienter plus près des intérêts des sénateurs. Em même temps, Pline s'efforça de rallier le sénat tout entier autour d'une attitude de fidélité scrupuleuse envers Trajan.

político, hoje palavras como honestidade, trabalho e compromisso ocupam posição de destaque no discurso dos homens públicos. Portanto, analisar a imagem ideal do imperador na pessoa de Trajano, a partir da obra de Plínio, configura-se, para além do interesse historiográfico, uma preocupação inerente aos dias atuais, quando o exercício democrático exige a vigilância constante dos governantes como prática necessária de cidadania.

Faz-se necessário, para iniciarmos nossa análise, conhecer nosso interlocutor. Sua trajetória social, política e pessoal são fatores essenciais para compreendermos seu discurso, por isso esses três elementos serão enfatizados: a vida privada, a vida pública e seus escritos. Deles depreenderemos a relação de Plínio com seu tempo e traduziremos, a partir de suas palavras, a idealização do César.

## 1 – Plínio, o Jovem, e sua vida privada

Iniciamos nossa descrição do autor<sup>58</sup> do *Panegírico* a partir de um grande estudioso de sua vida e obra. De acordo com Sherwin-White (1969) Plínio, o Jovem nasceu em 62 d. C. sob o reinado de Nero, na região setentrional da Itália, e morreu em 112 d. C., sob o governo de Trajano. Chastagnol (1992) acrescenta que sua família pertencia à “burguesia”<sup>59</sup> de sua cidade de origem, Como, na Cisalpina (MÉTHY, 2008). Plínio foi adotado por seu tio, Plínio, o Velho<sup>60</sup>, tal adoção foi um favorecimento importante, pois os bens dele herdados juntamente com os dotes de seus três casamentos aumentaram significativamente seu patrimônio (CHASTAGNOL, 1992). Em relação ao papel do casamento devemos destacar uma observação importante trazida por Venturini (2000), segundo a qual os romanos se casavam para herdar. No que toca a Plínio, isso já está explícito, pois como ressalta Oliveira (1996, p. 32) suas esposas “pertenciam a famílias proprietárias de bens fundiários”. Em relação a suas propriedades nosso autor estava em consonância com as elites terra tenentes da *Urbs*, pois

Além das *domus* urbanas que lhe pertenciam, uma em Roma, sobre o Esquilino, posse obrigatória a todo senador, outra em sua cidade natal, seus

<sup>58</sup> Ver estátua de Plínio, o Jovem nos anexos, imagem 1.

<sup>59</sup> Neste período os grupos sociais mais destacados da sociedade romana eram a ordem senatorial e a ordem equestre, as primeiras informações sobre Plínio situam-no, à época de seu nascimento, no contexto da segunda, cujos membros tradicionalmente envolviam-se em atividades comerciais e arrecadação de impostos. Em CHASTAGNOL, André. *Le sénat romain à l'époque imperiale*. Paris: Les Belles Lettres, 1992 apresenta, a partir da figura de Plínio, o Jovem, maiores detalhes sobre o desenvolvimento das carreiras públicas nesse período, quando a ordem senatorial era recomposta com indivíduos de origem equestre.

<sup>60</sup> Político e estudioso romano que viveu entre 23 d. C e 79 d. C. Sua obra mais destacada é *História Natural*.

bens fundiários, *praedia*, dotados cada um de uma vila<sup>61</sup>, situavam-se em três regiões: a de Como e de seu lago, o *Larius*, a do Tibre superior, em Ombria, a da região de Óstia, onde muitos senadores dispunham de uma residência secundária de fácil acesso a partir de Roma, uma *villa suburbana* (CHASTAGNOL, 1992, p. 147)<sup>62</sup>.

A opulência financeira de Plínio projetava-o nos espaços da elite aristocrática romana, com este grupo Plínio se correspondia e usava “sua habilidade de articulação no interior do poder político romano” (VENTURINI, 2000, p. 86). É a inserção nesse meio que, associada aos seus escritos, aqui em particular o *Panegírico de Trajano*, o qualifica como fonte acerca da construção da imagem do poder imperial.

A ligação familiar de Plínio com seu tio, Plínio, o Velho, foi muito importante. Oliveira (1996) ressalta a assessoria dada por ele na educação de seu sobrinho, que em Roma foi educado por Quintiliano. Nesta fase de sua vida devemos destacar também a influência do filósofo estoico Musônio<sup>63</sup>, pois a adoção de orientações estoicas marcou a visão política de Plínio, o que, como veremos, está presente no *Panegírico*. A riqueza de Plínio é lembrada por Sherwin-White (1969) como fator que possibilitou seu acesso a uma educação refinada e a uma cultura literária característica da elite:

A vida literária se desenvolveu em Roma nas mais altas esferas sociais e o círculo de Cipião Emiliano foi um de seus primeiros abrigos. Desde então o gosto pela cultura e o interesse trazido pelas letras passaram a fazer naturalmente parte da mentalidade de um romano distinto (GUILLEMIN, 1938, p. 38)<sup>64</sup>.

Essa educação literária refinada, na qual Plínio estreou aos “quatorze anos de idade” (VENTURINI, 2000, p. 55-56) visava, sobretudo, o domínio da oratória, instrumento indispensável para os futuros debates no Senado. Especialmente atuando como advogado,

<sup>61</sup> Espécie de casa de campo construída em uma propriedade agrícola com aposentos confortáveis, era destinada ao dono e sua família em suas estadias fora de Roma.

<sup>62</sup> En dehors des *domus* urbaines qui lui appartiennent, l’une à Rome, sur l’Esquilin, ainsi qu’il est obligatoire à tout sénateur, l’autre dans sa ville natale, se bien-fonds, *praedia*, dotes chacaun d’une Villa de maître, s’étendent dans trois régions: celle de Côme et de son lac, le *Larius*, celle du Tibre supérieur, em Ombrie, celle de la région de Óstie, ou bien des sénateurs disposent d’une résidence secondaire facile à atteindre depuis Rome, une *villa suburbana*.

<sup>63</sup> Viveu entre os anos 30 d. C e 101 d. C.

<sup>64</sup> La vie littéraire s’est développée à Rome dans le plus hautes spheres sociales et le cercle de Scipion Émillien a été l’un de ses premiers abris. Depuis ce temps, le gout de la culture et l’intérêt porte aus lettres on presque toujours fait partie de la mentalité d’un roman d’intingué.

Plínio esmerou-se nessa arte a ponto de tornar-se orgulhoso como nos informa Sherwin-White (1969, p. 81) que afirma ser ele “um homem satisfeito consigo mesmo e com sua carreira de sucesso”<sup>65</sup>.

As atividades particulares de Plínio revelam um homem diligente em suas transações. Essa qualidade era decisiva para um bom desempenho na vida pública, pois a administração imperial exigia, então, grande capacidade dos colaboradores do príncipe, e Plínio se tornaria um deles. Sherwin-White (1969) reforça que Plínio era um verdadeiro homem de negócios, e suas preocupações relativas a isso são frequentes nas *Cartas*, nas quais as descrições do bom gerenciamento de suas posses fundiárias expressam sua capacidade administrativa. Ele demonstra seu talento, pois atenta não somente para as condições climáticas, mas também para as distâncias e possibilidades de lazer de suas propriedades, o que revela habilidade e visão ampla na condução de seu patrimônio.

Apesar de ser um exemplo de grande dono de terras da Roma imperial, Plínio apresenta sua singularidade na forma como lidava com os trabalhadores, pois era amigável, demonstrava brandura e generosidade para com libertos e escravos. “Plínio fala sempre de seus escravos com muito afeto, se preocupa com suas doenças, se inquieta por suas mortes, gosta de conversar com eles, se esforça para garantir seus prazeres”<sup>66</sup> (GUILLEMIN, 1938, p. 17). “Isso estava longe da regra na sociedade romana, que era normalmente dura e utilitária na lida com os trabalhadores servis”<sup>67</sup> (SHERWIN-WHITE, 1969, p. 81). Trabalhando como arrendatários nas terras de Plínio haviam também agricultores de condição livre, os *coloni*, “com os quais o proprietário partilhará a despesa e os lucros”<sup>68</sup> (GUILLEMIN, 1938, p. 37).

A postura de Plínio como homem de seu tempo também se reflete na sua prática do evergetismo. Tal instituição era, então, uma exigência imposta ao homem público da antiguidade quando “parte substancial dos cidadãos gregos e romanos tinha um nível de vida baixo e sentia-se sempre em perigo. Esses cidadãos aguardavam, ou, ao menos, desejavam e esperavam alguma medida de apoio” (FINLEY, 1997 p, 45). Cabia então a homens como Plínio, eminentes dentro da estrutura social, suprir essa expectativa. Todavia,

---

<sup>65</sup> A man well pleased with himself and with his successful career.

<sup>66</sup> Pline parle toujours de ses esclaves avec beaucoup d'affection, s'inquiète de leurs maladies, s'afflige de leur mort, aime à causer avec eux, se gene pour assurer leurs plaisirs.

<sup>67</sup> This was far from the rule in Roman society, which was normally harsh and utilitarian in dealing with servile workers.

<sup>68</sup> Avec lesquels le propriétaire partagera la dépense et les profits.

Na Antiguidade, de qualquer modo, a benevolência raramente foi desinteressada, fosse ela face aos iguais ou a inferiores. Um dos seus objectivos era o estabelecimento de uma relação de patrono cliente e de um vínculo de relações para, partindo daí, conseguir-se a ulterior sanção da estrutura do poder e da autoridade prevaletentes na sociedade em causa (...) [e] para obter o favor do povo na progressão das carreiras políticas (FINLEY, 1997, p. 48).

Não se furtando a esse comportamento, a esse compromisso que cabia ao homem romano que ambicionava uma carreira pública Plínio também utilizou sua riqueza e poder para alcançar dividendos políticos de benefícios oferecidos à sua cidade de origem.

Convém recordar que Plínio, o Jovem foi um dos principais evergetas privados da Itália no século I d. C.: em Como, sua cidade natal, construiu às suas expensas (*Epist.* I, 8, 2; *CIL* V, 5262) uma biblioteca, uma termas, criou um fundação alimentar para as crianças pobres livres de nascimento, outra para 100 de seus libertos; construiu às suas expensas um templo na cidade de *Tifernum* (*Epist.* IV, 1; X, 8), doou um edifício à cidade de *Hispellum* (*CIL* xi, 5272)<sup>69</sup> (SÁEZ, 2004, p. 151).

Portanto, os atos de Plínio em relação aos moradores de sua cidade natal expressavam suas pretensões políticas; sua atitude para com estes e seus empregados atestavam seu alinhamento aos altos valores filosóficos e morais de seu tempo; também sua posição econômica o colocava em um lugar privilegiado para o desempenho da vida pública.

## 2 – Plínio, o jovem, e sua vida pública

A simples apresentação da lista de magistraturas exercidas por Plínio, o Jovem mostrá-lo-ia como homem de sua época e o situaria no contexto do Principado. Todavia, sua caracterização como homem político nesse período, seu papel na propaganda do sistema de governo imperial, especialmente por meio do *Panegírico*, e sua relação com os césares e o Senado são formas mais acuradas de expressar dois fatores importantes para a análise em questão. O primeiro contempla a exigência de demonstrar Plínio como figura exemplar entre

---

<sup>69</sup> Por último, conviene recordar que Plinio el Joven fue uno de los principales evergetas privados de la Italia del siglo I d. C.: en Como, su ciudad natal, construyó a sus expensas (*Epist.* I, 8, 2; *CIL* V, 5262) una biblioteca, unas termas, creó una fundación alimentaria para niños pobres libres de nacimiento, otra para 100 de sus libertos2; construyó a sus expensas un templo en la ciudad de *Tifernum* (*Epist.* IV, 1; X, 8), donó un edificio a la ciudad de *Hispellum* (*CIL* XI, 5272).

os componentes da aristocracia imperial, o segundo trata de distingui-lo entre seus pares expondo suas singularidades, justificando assim a opção por ele na análise feita nesta dissertação. Essa preocupação vem como prevenção contra uma possível supervalorização da ordem social de Plínio em detrimento de sua trajetória pessoal, pois devemos atentar para as observações de Bourdieu (1998) a respeito das limitações das análises centradas apenas na classe social do autor, evitando-as em favor de estudos que o situem no interior das estruturas que compõe sua classe social.

Nesse sentido, a carreira pública de Plínio contrasta, por exemplo, com a do próprio Trajano. Ambos eram membros da ordem senatorial, ou seja, eram indivíduos pertencentes a mais alta elite da sociedade romana. Entretanto, enquanto o César alcançou sua distinção na vida militar

Plínio percorreu uma carreira essencialmente civil que o conduziu a permanecer em Roma, mesmo durante o exercício de seus cargos administrativos; ele esteve longe da Itália somente na ocasião de seu tribunate na legião da Síria, em sua juventude, e no governo da Bitúnia, nos seus últimos anos (CHASTAGNOL, 1992, p 149)<sup>70</sup>.

Além disso, observando-o como senador que no ano 100 d. C. se tornava cônsul, a mais alta distinção entre os membros de sua ordem, devemos lembrar que sua origem social não era a mesma que a de alguns entre seus pares. Isso nos direciona para os anos iniciais da vida de Plínio, pois neste caso um estudo linear configura-se como a melhor maneira de situá-lo na dinâmica política do Principado.

Além da importante presença familiar do tio, Plínio tinha como tutor o influente Vergínio Rufo. A intervenção deste, aliada a sua adoção póstuma por parte de Plínio, o Velho, facilitou seu acesso à ordem senatorial (CHASTAGNOL, 1992), entretanto,

---

<sup>70</sup> Pline a parcouru une carrière essentiellement civile qui l'a conduit à demeurer à Rome, même pendant l'exercice de ses charges administratives; il ne s'est trouvé loin de l'Italie qu'à l'occasion de son tribunate de légion, em Syrie, dans sa jeunesse, et de son gouvernement de Bithynie em ses toutes dernières années.



Quando consideramos a carreira pública de Plínio, o Jovem devemos evidenciar sua origem equestre. Ele era originário de uma família de cavaleiros e chegou até o *ordo senatorius*. Embora *homo novus*, ele assumiu rapidamente a *forma mentis* senatorial, tanto na qualidade de *amicus principis* quanto na qualidade de dirigente de um influente círculo cultural e político (VENTURINI, 2000, p. 72).

A origem equestre de Plínio explica em parte sua devoção, expressa no *Panegírico*, ao imperador e ao regime representado por ele, pois, como veremos, seu grupo social foi amplamente favorecido pela nova realidade política que incorporou novos cargos administrativos ocupados majoritariamente por *equites*. Venturini (2001) destaca algumas dessas novas funções: prefeitura do pretório, da anona, da cidade, curador das vias urbanas, curador das águas e prefeitura do erário, estas últimas duas desempenhadas por Plínio após o exercício do consulado em 100 d. C. A autora pontua que Trajano recorreu à ordem equestre para administração imperial e Plínio é um exemplo bem acabado disso. A atitude do César estava em consonância com o processo verificado desde o final do século I d. C., quando os cavaleiros prósperos das províncias passaram a ocupar cada vez mais cargos importantes da burocracia imperial, transformando a antiga aristocracia patricia em uma aristocracia senatorial composta de provinciais e itálicos que, como o panegirista, tinha sua origem fora da *Urbs*.

Tal processo de ascensão dos equestres dava-se em uma atmosfera de estímulo à carreira pública com vistas ao Senado (VENTURINI, 2001). Um *equite* que adentrava na ordem senatorial era um “homem novo” entre os senadores, um tipo de indivíduo extremamente importante para o sistema do Principado, pois os *homines novi*

Representavam a maioria dos senadores aos quais eram entregues os mais importantes cargos da administração imperial, comando militares e governo das províncias imperiais. (...) O fato deste tipo de pessoas estarem presentes em grande medida no cume dirigente do estamento senatorial deve ser atribuído a dois fatores: por um lado, o *homo novus*, selecionado desde o início em função de suas esplêndidas qualidades para ser membro do estamento principal, buscava em geral com grande esforço ver-se plenamente integrado na aristocracia romana por meio de grandes serviços prestados na administração do estado; por outro lado, e em função disto, eram decididamente favorecidos pelo César, já que mediante sua estreita vinculação à casa imperial serviam como apoiadores leais da monarquia (ALFÖLDY, 1987, p. 163)<sup>71</sup>.

---

<sup>71</sup> Representaban la mayoría de aquellos senadores a quienes los más importantes cargos de la administración imperial, mandos militares y gobiernos de las provincias imperiales, les eran encomendados. (...) El que este tipo

Portanto, no interior da ordem senatorial, Plínio é um exemplo bem acabado do modelo descrito. Suas capacidades administrativas na vida privada o tornaram gabaritado para o serviço administrativo prestado ao imperador e ao Estado. Sua carreira política<sup>72</sup> não deixa dúvidas de que ele foi, de fato, um dos contribuintes do sistema do Principado:

Entre os dezoito e vinte anos ingressou na Corte dos Centúviro, exercendo aí a função de *decemvir stlitibus iudicandis*. Nessa mesma ocasião, é indicado para cumprir o tribunato militar na legião da Síria (Carta I. 12.), onde desempenhou uma função administrativa e financeira. O efetivo ingresso na carreira senatorial deu-se com a ascensão à questura, graças à proteção e à recomendação imperial, provavelmente no ano 86. Por volta do ano 91, Plínio já ingressara na Pretura, depois de uma rápida passagem pelo Tribunato da Plebe ou pela Edilidade da Plebe, provavelmente em 88, dada a sua condição de origem não-patícia. Com esse ingresso, habilita-se como cidadão qualificado para os principais serviços do imperador. Assim é que, após a Pretura, é nomeador para a *praefectura aerari militaris*, ocupada entre 94 e 96, e para a *praefectura aerari Saturni*, possivelmente entre 98 e 100. Em setembro deste último ano, assume o consulado, oportunidade em que fez um pronunciamento no Senado, o *Panegírico de Trajano*, em agradecimento ao imperador. Logo em seguida ao consulado, veio o augurado, o posto de *curator alvei Tiberis et riparum et cloacarum urbis*, entre 104 e 105 ou 106 e 107. A sua carreira pública encerra-se na função de *legatus augusti* na província do Ponto-Bitínia, provavelmente entre 111 e 113 (OLIVEIRA, 1996, p. 32-33).

Nessa trajetória Sherwin-White (1969) ressalta a especialidade de Plínio como administrador financeiro a cargo de três imperadores: Domiciano, Nerva e Trajano. O autor aponta uma progressão em suas funções: Plínio foi analista das contas dos regimentos das legiões da Síria, atuou na chefia dos dois principais tesouros romanos e, finalmente, no governo da província do Ponto-Bitínia, cujas questões fiscais eram importantes para o império. Considerando a carreira de Plínio, Champlin (1982) informa que ela floresceu sob o governo de Domiciano, o que o panegirista procura minimizar no dia de sua posse como consular: “Aceitai vós com confiança o compromisso que eu assumo: se é verdade que eu fui levado à carreira das honras pelo mais odioso dos imperadores antes que ele ficasse marcado

---

de personas estuviesen sobrerrepresentadas en el vértice dirigente del estamento senatorial, há de ser atribuido a la combinación de dos factores: por un lado, el *homo novus*, seleccionado desde un primer momento en función de sus espléndidas cualidades para ser miembro del estamento principal, buscaba por lo general con denodado esfuerzo verse plenamente integrado en la aristocracia romana a base de prestar grandes servicios en al administración del estado; por outro lado, y debido a esto, eran decididamente favorecidos por el César, ya que mediante sua estrecha vinculación a la cas imperial servían como leales puntales a la monarquía.

<sup>72</sup> Ver inscrição do *cursus honorum* de Plínio em Anexos, imagem 2.

pelo ódio das pessoas honestas, eu parei-a após ele ter se tornado odioso”<sup>73</sup> (*Panegírico*, 95,3). Por isso o autor demanda que nos acatelemos em relação às afirmações plinianas, já que ele, mesmo beneficiado, critica muito o último Flávio. Um dos favorecimentos, a aceleração da carreira mediante a redução do tempo de intervalo entre o exercício das magistraturas, aparece, inclusive, em seu epistolário:

Calestrio Tirão é um de meus mais queridos amigos e está muito ligado a minha pessoa tanto por laços públicos como privados. Servimos juntos no exército, fomos ao mesmo tempo questores do César. Ele me precedeu no tribunal pelo benefício do direito de três filhos, porém eu o alcancei na pretura, pois o imperador me havia concedido a dispensa de um ano. (*Cartas*, VII, 16).

Um dos fatores essenciais do desenrolar da carreira pública no mundo romano, da passagem do século I d. C. para o século II d. C. era o sistema de patronato. Plínio não se furtou a essa forma de ascensão política. Sherwin-White (1969, p. 76) destaca que “em parte por seus talentos e em partes através da influência de amigos da família na ordem senatorial ele alcançou promoções para compor os graus superiores da administração romana”<sup>74</sup>. Essa influência que traduz, grosso modo, as relações patronais, esteve presente na vida de Plínio no já citado apoio de seu tutor Vergínio Rufo. Também os favores políticos recebidos do imperador Domiciano mostram-nos Plínio sendo beneficiado por esse sistema. Trajano por sua vez favoreceu o panegirista concedendo-lhe o *ius trium liberorum*<sup>75</sup> no ano 98 d. C. (CHASTAGNOL, 1992). Entretanto, a despeito de ter recebido esse favorecimento, devemos destacar que Plínio não teve filhos, é que “o *ius trium liberorum* acabou por transformar as concessões em favores” (VENTURINI, 2000, p. 59). Um quadro cronológico com os cargos desempenhados por Plínio sob os Flávios e Antoninos demonstra o compromisso mútuo entre homens novos, como Plínio, e os césares:

<sup>73</sup> À vous d'agrèer avec confiance l'engagement que je prends: s'il est vrai que, poussé dans la carrière des honneurs par le plus odieux des empereurs avant qu'il eût affiché la haine de honnêtes gens, je me suis arrêté après qu'il eut affiché.

<sup>74</sup> And partly by his talents and partly through the influence of family friends in the senatorial class he gained promotion to the senior grade of the Roman administration.

<sup>75</sup> Concessão criada por Augusto diante da redução da natalidade na ordem senatorial concedia “privilégios especiais, e um em particular, em caso de igualdade de direito a preferência para certos cargos sobre aqueles que tivessem menos filhos”<sup>75</sup> (GUILLEMIN, 1938, p. 9). No original: Privilèges spéciaux, celui en particulier d'être, à égalité de droit préfères pour certaines charges à ceux qui avaient moins d'enfants

<b>Cargo</b>	<b>Ano</b>	<b>Imperadores</b>
Exército (Síria)	78 d. C.	Vespasiano
Tribuno militar (Síria)	81 d. C.	Tito/Domiciano
Questor	89 d. C. ou 90 d. C.	Domiciano
Tribuno da Plebe	91 d. C.	Domiciano
Pretor	93 d. C.	Domiciano
Cônsul	100 d. C.	Trajano
Prefeitura do erário militar e de Saturno	101 d. C.	Trajano
Curador do Tibre	105 d. C.	Trajano
Governador da Bitínia	111 d. C.	Trajano

**Fonte:** (VENTURINI, 2000, p. 69)

O que podemos depreender do trânsito do *cursus honorum* de Plínio, ao longo desses governos, é a adesão de senadores de origem equestre ao regime do Principado, pois, apesar das diferenças de posturas entre as dinastias, houve uma constante valorização dos *equites* durante o período. Nesse sentido, especialmente pela detração do último Flávio no *Panegírico*, devemos compreender o discurso pliniano como a busca de um bom governante que, sob o novo regime, também conciliasse aos olhos senatoriais as tradições e privilégios da antiga aristocracia com a ascensão proporcionada aos equestres pelos césares, já que Domiciano havia sido hostil ao Senado.

Posteriormente, com sua posição política e social consolidada dentro desse sistema, a ascensão de Plínio permitiu-lhe atuar, por sua vez, como patrono. Aos já citados benefícios concedidos por ele às camadas populares de Como, podemos juntar ainda diversos casos a partir de sua correspondência<sup>76</sup>:

Eras [Romacio Firmo] meu concidadão, meu condiscípulo e, desde a infância, meu amigo inseparável; teu pai era íntimo de minha mãe de meu tio materno e meu também, na medida em que a idade permitia: há, pois, importantes e sérias razões para que eu deva intentar melhorar tua posição social. O fato de que sejas decurião em nossa cidade indica claramente que tens um censo de 100.000 sestércios. Assim, pois para desfrutar do prazer de ver-te não só decurião, mas também cavaleiro, te ofereço 300.000 sestércios

<sup>76</sup> Além dos casos aqui citados, a correspondência pliniana traz ainda várias outras situações vinculadas ao sistema de patronato. Os levantamentos de Venturini (2000) e Souza (2013) apontam: II, 4; VI, 34; X, 5; X, 6; X, 7; X, 10; X, 11; X, 12; X, 13; X, 26; X, 51; X, 58; X, 94; X, 95; X, 104; X, 105; X, 106; X, 106; X, 107

para que possas chegar ao censo equestre<sup>77</sup> (*Cartas*, I, 19). Bem perto de minha propriedade há um povoado cujo nome é Tifernio Tiberino, que me nomeou seu patrono quando eu era pouco mais que um menino pequeno, com afeto tão grande quanto menor era a reflexão. A população celebra minhas chegadas, entristece-se com minhas partidas, e se regozija com as honras que recebo. Por isso, com objetivo de mostrar-lhes minha gratidão (pois resulta em torpeza ser superado em afeto), construí às minhas expensas um templo, cuja dedicação seria sacrílego demorar mais tempo, já que sua construção já está terminada<sup>78</sup> (*Cartas*, IV, 1).

Quando suas demandas de patrono excedem suas possibilidades pessoais, Plínio, naturalmente, recorre à autoridade superior do César que estava ao seu alcance. Atuando como elo privilegiado do sistema, ele busca no imperador benefícios para seus clientes.

Tua indulgência, excelente imperador, que conheço em toda sua amplitude, me anima a atrever-me a pedi-la também para meus amigos, entre os quais Voconio Romano, discípulo e camarada que desde a mais tenra infância ocupa o primeiro lugar. Por estes motivos havia solicitado a teu divino pai que o promovesse à condição de senador, porém o cumprimento deste rogo meu ficou reservado à tua bondade porque a mãe de Romano não havia realizado ainda de forma satisfatória segundo as leis a generosa doação de quatro milhões de sestercios que havia prometido que faria em um escrito dirigido à teu pai; o que finalmente fez aconselhada por nós<sup>79</sup> (*Cartas*, X, 4).

Porém, o interesse de Plínio em promover socialmente as pessoas próximas de si não se destinava somente aos indivíduos das ordens superiores, por isso ele apela ao César em nome também de membros de estratos mais humildes:

---

<sup>77</sup> Eres mi conciudadano, mi discípulo y, desde la infancia, mi amigo inseparable; tu padre era íntimo de mi madre y mi tío do materno, y mio también, en cuanto la diferencia de edad lo permitía: hay, pues, importantes y serias razones para que yo deba intentar mejorar tu posición social. El hecho de que seas decurión en nuestra ciudad indica claramente que tienes un censo de 100.000 sestercios. Así, pues, para poder disfrutar del placer de verte no solo decurión, sino también caballero, te ofrezco 300.000 sestercios para que puedas llegar al censo equestre.

<sup>78</sup> Muy cerca de mi propiedad hay un pueblo cuyo nombre es Tifermio Tiberino, que me nombró patrono suyo cuando yo era poco mas que un niño pequeño, con un afecto tanto mayor cuanto menor era la reflexión. La población celebra mis llegadas, se entristece con mis partidas, y se regocija con los honores que recibo. Por ello, al objeto de mostrarles mi agradecimiento (pues resulta muy torpe ser vencido en el afecto), he levantado a mis expensas un templo, cuya dedicación seria sacrílego demorar mas tiempo, puesto que su construcción esta ya terminada.

<sup>79</sup> Tu indulgencia, excelente emperador, que conozco por experiencia en toda su amplitud, me anima a atreverme a pedírtela también para mis amigos, entre los que Voconio Romano, discípulo y camarada desde la más tierna infancia, ocupa el primer lugar. Por estos motivos habia solicitado de tu divino padre que le promocionase a la condición de senador, pero el cumplimiento de este ruego mio ha sido reservado a tu bondad, porque la madre de Romano no habia realizado aún de forma satisfactoria segun las leyes la generosa donación de cuatro millones de sestercios que habia prometido que haría en un escrito dirigido a tu padre; lo que finalmente ha hecho, aconsejada por nosotros.

Senhor, Valerio Paulino, postergando a seu filho Paulino, me deixou seus direitos sobre seus libertos de direito latino; desta vez rogo-te que concedas o direito dos quirites a três deles, pois temo que seja presunçoso apelar a tua indulgência em favor de todos ao mesmo tempo, indulgência que devo usar com tanto mais moderação quanto mais amplamente dela desfruto. Aqueles por quem realizo esta petição são: Gayo Valerio Astreo, Gayo Valerio Dioniso, Gayo Valeiro Apro<sup>80</sup> (*Cartas*, X, 104).

Assim como atendera a outras questões, solícito, o imperador Trajano mostra-se e sensível também a este pedido de seu legado na Bitínia, como podemos ver em sua resposta à missiva anterior:

Posto que muito honradamente deseje velar o mais rápido possível por uma mediação minha por aqueles que foram à tua boa fé por Valerio Paulino, ordenei que anotassem em meus registros que concedi desta vez o direito dos quirites a esses por quem agora advogas; o mesmo farei por todos os demais a que me façam uma petição semelhante<sup>81</sup> (*Cartas*, X, 105).

Assim, agindo de acordo com as normas de seu tempo Plínio, sem se furtar às características de *homo novus* apresenta-se como um exemplo de senador sob o império. Todavia, seu pragmatismo em face das situações delicadas denuncia outra singularidade. Apesar de a doutrina estoica estar presente em seus escritos ele não abraçou abertamente a *Stoa* como forma de oposição à políticas como as de Domiciano, que condenou a morte Aruleno Rustico “por ter elogiado dois dos maiores mártires desta oposição [estoica], Trasea Peto e Helvidio Prisco”<sup>82</sup> (GUILLEMIN, 1938, p. 28). Para Sherwin-White (1969) essa postura de Plínio revela a cautela e o conservadorismo de um apoiador fiel, não necessariamente do governante, neste caso, mas principalmente do regime imperial. No *Panegírico*, ao criticar Domiciano após sua morte, ele o faz, principalmente, por discordar de seus métodos prejudiciais ao sistema do Principado. O mesmo autor ressalta ainda que Plínio sentiu-se desconfortável após a queda de Domiciano, que sob a ótica do Senado e da *Stoa* foi um tirano, pois sob seu governo ele acessou o *ordo senatorius* e gozou de favores imperiais.

<sup>80</sup> Señor, Valerio Paulino, postergando a su hijo Paulino, me ha dejado sus derechos sobre sus libertos de derecho latino; por esta vez, te ruego que concedas el derecho de los quirites a tres de ellos, pues temo que sea presuntuoso apelar a tu indulgencia en favor de todos al mismo tiempo, indulgencia que debo usar con tanta mas moderación cuanto mas plenamente disfruto de ella. Esos por lós que realizo esta petición son: Gayo Valerio Astreo, Gayo Valerio Dionisio, Gayo Valerio Apro.

<sup>81</sup> Puesto que muy honorablemente desees velar lo antes posible por mediación mia por aquellos que han sido confiados a tu buena fe por Valerio Paulino, he ordenado que se anote en mis registros que he concedido por esta vez el derecho de los quirites a esos por los que ahora has abogado; lo mismo haré por todos los demas por los que me hagan una petición semejante.

<sup>82</sup> Pour avoir l'éloge de deux plus grands martyrs de cette opposition, Thraséa Pétus et Helvidius Priscus.

Segundo Sherwin-White (1969), Plínio, constrangido, teria forjado a ideia de que também fora alvo de acusações de Domiciano, às quais haveria se furtado apenas pela morte do último Flávio.

Essa necessidade de justificar-se diante de uma nova realidade política, que trouxe ao poder a oposição senatorial com Nerva e, em seguida, a elite provincial com Trajano, visava, sobretudo, a manutenção de sua posição junto ao poder imperial por meio de seu círculo de relações pessoais. E a figura de um de seus correspondentes demonstra que ele estava em boas condições para isso, trata-se de Licínio Sura, que “foi amigo de Trajano”<sup>83</sup> (GUILLEMIN, 1938, p. 83), a quem Plínio escreve em *Cartas* 8, 8 (SHERWIN-WHITE, 1969). Sura, segundo as análises de Canto (2003a; 2003b), teria sido um dos arquitetos da ascensão de Trajano ao poder. Uma ligação, portanto, essencial para o acesso ao círculo íntimo do imperador e aos cargos do novo governo, que, como vimos, ele de fato exerceu.

Sob Trajano, sem dúvida, a incumbência mais importante exercido por Plínio foi o de governador. A região para a qual ele foi destacado exigia a administração de um especialista em finanças, pois “as cidades gregas prósperas do Ponto-Bitínia no noroeste da Turquia haviam sido entregues a uma orgia de gastos extravagantes que ameaçou arruinar a economia da província”<sup>84</sup> (SHERWIN-WHITE, 1969, p. 86), por isso, para lá o epistolário é enviado “com o título excepcional de *legatus pro praetore Ponti et Bithyniae consulari potestate*”<sup>85</sup> (DURRY, 2002, p. vi). Dessa última etapa de sua carreira administrativa o livro X das *Cartas* revela um governador intimamente ligado ao poder central do imperador. Sua nomeação para sanar os problemas financeiros da província denota sua importância no interior do aparato administrativo do império, importância acentuada, ainda, por um fator menos evidente de sua legação. Trata-se de uma hipótese: “podemos supor que se nesta época o Ponto-Bitínia foi tirada do Senado para ser dada a um amigo do príncipe é porque esta missão está ligada ao propósito pártico”<sup>86</sup> (DURRY, 2002, p. xi). Uma conjectura que, dada a localização estratégica da província e a posterior campanha de Trajano contra os Partos, se torna plenamente palpável e revela a confiança do imperador em Plínio.

Diante do que foi exposto devemos reconhecer que a opção de Plínio, o Jovem como nosso interlocutor na análise da construção da imagem do príncipe não se reduz ao fato de ele

---

<sup>83</sup> Il fut l’ami de Trajan.

<sup>84</sup> The prosperous Greek cities of Bithynia-with-Pontus, in north-west Turkey, had been indulging in an orgy of extravagant expenditure which threatened to ruin the economy of the province.

<sup>85</sup> Avec le titre exceptionnel de *legatus pro praetore Ponti et Bithyniae consulari potestate*.

<sup>86</sup> On a donc lieu de supposer que si à cette date le Pont-Bithynie est enlevé au Sénat pour être donné à un ami du Prince, c’est que cette mission est liée au dessein parthique.

ter escrito uma alocução de homenagem ao César. A esse fator, significativo, sem dúvida, devemos acrescentar o fato de que, na verdade, sua trajetória pessoal e política é que o coloca em uma posição privilegiada. Suas palavras expressam os discursos de uma ordem social e de um sistema político traduzido pela ótica de um *homo novus* que, com suas experiências pessoais nos altos círculos do poder, oferece-nos um testemunho do qual esta pesquisa se valerá para investigar qual era o ideal de bom governante na Roma do Alto Império.

#### 4 – A Hispânia sob os césares

A ascensão de *Marcus Ulpius Traianus* ao governo do Império é um acontecimento que marca uma nova etapa do desenvolvimento político, social, econômico e ideológico do Principado. Sendo Trajano o primeiro provincial a se tornar imperador, não podemos tratar de um período em que ele figura sem antes delinear as condições que favoreceram a significativa transferência do poder dos homens das aristocracias de Roma e da Itália para as mãos de um dos representantes das prósperas elites provinciais, que se desenvolviam sob as políticas do Alto Império. As condições alcançadas pela Hispânia na época em que o futuro imperador, um militar oriundo das elites da Bética<sup>87</sup>, reuniu sob sua autoridade as condições que lhe possibilitaram ser indicado por Nerva para assumir as responsabilidades de gerir o império merecem nossa atenção<sup>88</sup>.

Na época de Plínio e Trajano a Hispânia era uma das províncias mais importantes do império<sup>89</sup>. Sua economia progredia de forma aguda (ALFÖLDY, 1987). A expressão desse desenvolvimento econômico foi um crescente aumento da importância da Hispânia nas questões políticas do império. Se durante a República a pujança da província provocou lutas para consolidar a conquista e serviu de base para facções rivais durante as guerras civis, no Principado, aliada à relativa paz interna do império, ela beneficiou-se de uma conjuntura favorável que promoveu a

Integração das províncias e dos seus habitantes no Estado e na ordem social romanos e teve como consequência o facto de as populações da maior parte

<sup>87</sup> Ver localização da região de origem de Trajano na Hispânia no mapa 6.

<sup>88</sup> Retornar ao processo de conquista da Hispânia seria um recuo muito grande, portanto abreviaremos os acontecimentos que remontam aos primeiros movimentos das guerras púnicas, às reações contra a dominação romana e aos conflitos entre as facções políticas que marcaram a República tardia.

<sup>89</sup> Ver nos anexos a extensão do império na época de Trajano, mapa 5.



das províncias adquirirem o estatuto de “romanos” (no sentido de um modelo social específico), o que se traduziu na gênese de uma ampla aristocracia imperial, cada vez mais homogênea, e num reforço da coesão das elites locais, juntamente com uma assimilação de camadas mais vastas da população (ALFÖLDY, 1989, p.110-111).

A respeito desse processo favorável às províncias, Alföldy (1989) acrescenta outro fator importante: o desenvolvimento econômico provincial, verificado principalmente nas regiões ocidentais, que provocou a superação da preponderância da península itálica na economia imperial. Portanto, apesar de ser uma província a Hispânia vivia um momento de equiparação de importância em relação à Itália, e é esse panorama que permitiu a ascensão de Trajano ao poder do império.

Tovar e Blázquez (1975) destacam os principais fatores da política dos césares em favor da Hispânia. A primeira informação remonta à política augustana da fundação de colônias e cidades, fato muito importante, pois a urbanização pode ser considerada a plataforma mais importante dos processos de romanização. Nesses espaços urbanos criados por Roma nas províncias

Pouco a pouco, os mais notáveis entre os chefes de família indígenas eram admitidos a participar na vida pública. Acabava de nascer uma cidade provincial onde muito rapidamente se tornaria impossível distinguir entre os elementos locais e as famílias de origem romana (GRIMAL, 2003, p.51-52)

Esse foi o movimento embrionário iniciado na República, e que durante o Alto Império desenvolveu-se com mais força. Ele permitiu que as elites locais, já imbuídas dos valores e tradições da *Urbs*, adentrassem com sucesso na sociedade romana. Nesse processo concorria também a chegada, às províncias, de famílias italianas trazendo os hábitos ancestrais. Elas os conservariam muito mais do que a nobreza da própria Roma, fazendo com que tais regiões fossem consideradas uma reserva de elementos zelosos do *mos maiorum*, pois para essas novas aglomerações urbanas Roma com suas noções morais, era o exemplo por excelência. Trajano foi o indivíduo exemplar e o primeiro grande expoente desse processo, pois por meio desses fatores favoráveis agiu como protagonista dos eventos políticos do mundo romano ao tornar-se imperador.

Os elementos que compunham a construção de uma nova cidade indicam o papel fundamental do urbanismo na integração das novas regiões ao sistema social romano. Grimal (2003) indica as características que contribuíram para isso: as cidades romanas, desde seus alicerces e configurações mais elementares, como localização e traçado das ruas, obedeciam a ritos religiosos em honra aos deuses tradicionais da *Urbs*; durante o Alto Império esse apelo religioso ganhou novos contornos com o advento do culto imperial, cujo poder de penetração foi tão forte que os templos das diversas divindades localizados no fórum tinham seus altares utilizados para louvar os césores divinizados. Na Hispânia, a respeito da religião imperial, devemos ressaltar que ela contribuiu para unificar a província, pois a veneração dos césores alinhava-se a tradição peninsular dos antigos cultos aos chefes tribais. Assim, sob o império, essa tradição autóctone passou a se identificar com os ritos de uma única religião em louvor aos imperadores. Tovar e Blázquez (1975) ressaltam que o culto imperial teve grande expressão na Hispânia, especialmente durante a dinastia Antonina, devido à vinculação dos imperadores do período com a província.

Ao lado dessa integração, devemos ressaltar que o acesso à carreira pública nos quadros políticos militares e administrativos do império passava pela adoção dos valores mais tradicionais de Roma. E o sucesso do sistema imperial baseava-se numa adaptação diversificada conforme se caminhasse rumo ao *limes*, e em uma adaptação específica caso o trajeto fosse rumo à *Urbs*.

Além desses fatores positivos que a urbanização proporcionou às províncias Tovar e Blázquez (1975) citam que, assim como as diversas regiões do império, a Hispânia também se beneficiou com a profissionalização da administração provincial. Introduzida pelos príncipes, ela diminuiu os abusos praticados pelos governadores oriundos da aristocracia de Roma e pela ganância dos cavaleiros e publicanos arrecadadores de impostos. Feita por legados imperiais, a administração do mundo romano tornou-se mais racional e a submissão ao príncipe inibia governadores que administrassem em proveito próprio e em detrimento dos interesses das provinciais e do império. Isso fez com que os habitantes dessas regiões saudassem o novo regime como uma etapa mais benéfica da dominação romana. Mas a fundação de novas colônias e cidades observadas sob o governo de Augusto não foi uma constante durante o restante da dinastia Júlio-Cláudia. É com Vespasiano, a partir de 69 d. C., que as províncias recebem um novo impulso.

A ascensão de um itálico ao Principado já demonstrava as forças centrífugas que operavam os mecanismos de poder do império. Consoante com a tendência de maior

participação política do mundo romano além dos muros da *Urbs*, Vespasiano tomou atitudes decisivas em favor da romanização, especialmente em relação à Hispânia, que em 73 d. C. recebeu a direito latino, que permitia a aquisição da cidadania após o exercício de uma magistratura (TOVAR; BLÁZQUEZ, 1975).

A extensão dos direitos de cidadania, verificada a partir de Vespasiano, possibilitou a presença de senadores de origem hispânica nos quadros políticos em substituição à aristocracia de Roma, que dominou a cúria durante a República. Na região da Bética, onde se situava Itálica, a cidade de origem de Trajano, esse processo foi ainda mais agudo, pois ali a romanização ocorrera de forma rápida devido às condições anteriores do povo que ali vivia. “Os turdetanos são considerados os mais sábios dos ibéricos, pois não só utilizam a escrita, mas também possuem crônicas e poemas de tradição antiga e leis em versos de seis mil anos, segundo dizem”<sup>90</sup> (ESTRABÓN, *Geografia*, III, 1, 6). O sábio grego destaca as inúmeras cidades da região e seu comércio: “Da Turdetania exporta-se trigo e vinho em quantidade, assim como azeite (não só abundante, mas também de boa qualidade)”<sup>91</sup> (*Geografia*, III, 2, 6), aponta também a pujança e variedade da atividade pesqueira (*Geografia*, III, 2, 7). Mas, o que é enfatizado, acima de tudo, são as riquezas minerais da terra natal de Trajano:

Porém, apesar de que o território mencionado produza tantos bens, um tipo maravilharia ainda mais, especialmente ao conhecer a prodigalidade de suas minas. Pois todo o território dos ibéricos está repleto de semelhantes recursos, porém não todo o território é assim fértil e próspero, e em particular o que abunda em minas; é raro que uma região abunde em ambas classes de recursos, e raro também que uma mesma região em um território reduzido abunde em toda classe de metais. Porém a Turdetania e as comarcas vizinhas não permitem encontrar palavra adequada aos que desejam elogiar esta prodigalidade. Pois nunca se pode encontrar até agora nenhuma parte da Terra que produza tanta quantidade de ouro, prata, cobre ou ferro com tanta qualidade<sup>92</sup> (ESTRABÓN, *Geografia*, III, 2, 8).

<sup>90</sup> A los turdetanos se les considera los más sabios de los iberos: pues no solo utilizan la escritura sino que poseen crónicas y poema de antigua tradición, y leyes versificadas de seis mil años, según dicen.

<sup>91</sup> Desde Turdetania se exporta trigo y vino en cantida así como aceite (no solo abundante sino también de una gran calidad).

<sup>92</sup> Pero a pesar de que el mencionado territorio produce tantos bienes, no se maravillaría uno menos sino aún más, especialmente al conocer la prodigalidad de sus minas. Pues todo el territorio de los Iberos está repleto de semejantes recursos, pero no todo el territorio es así de fértil, y próspero, y em particular el que abunda en minas; es raro que una región abunde en ambas clases de recursos, y raro también que una misma región en un territorio reducido abunde en toda clase de metales. Pero Turdetania y las comarcas vecinas no permiten encontrar la palabra adecuada a los que desean ensalzar esta prodigalidad, Pues, nunca se hay podido encontrar hasta ahora en ninguna parte de la tierra que produzca ni tanta cantidad de oro, de plata, de cobre o de hierro ni tanta calidad.

Ou seja, tanto a Hispânia quanto a Bética reuniam as condições materiais necessárias para proporcionar às suas elites respaldo em sua participação nas altas esferas do poder imperial. A ascensão de Trajano desse meio refletiu, portanto, os vários processos que permitiram a integração das províncias e de seus habitantes ao sistema social, econômico e político que se expandiu da *Urbs* para todo o mundo romano. A Trajano, exemplo maior desse movimento, coube o governo do império.

Tão importante quanto à compreensão da situação econômica, política e social do império e das províncias, o entendimento do contexto imediatamente anterior à chegada de Trajano também é essencial para entendermos porque, no início da dinastia Antonina, Plínio enfatiza as ideias morais e políticas tradicionais *mos maiorum* e *virtus*, dando-lhes um marcante acento estoico. Em grande parte a política adotada pelo último dos Flávios contribuiu para isso.

Tudo o que, pais conscritos, digo ou disse sobre os outros príncipes, tende a mostrar por qual contínuo hábito foi corrompida e deteriorada a moral do Principado que nosso pai endireita e reforma. Além disso, não existe um bom elogio sem a comparação. No mesmo sentido, o primeiro dever dos cidadãos agradecidos ao bom príncipe é perseguir aqueles que a ele não se assemelham (*Panegírico*, 53, 1, 2)<sup>93</sup>.

As palavras de Plínio indicam o descontentamento com os imperadores anteriores, especialmente Domiciano que antecedeu Nerva. Sob este último e durante o governo de Trajano a possibilidade de criticar o último dos Flávios demonstra o liberalismo dos Antoninos. A ênfase que Plínio coloca na necessidade de louvar a bondade do novo príncipe e condenar a conduta ruim dos antecessores pode nos indicar a presença de outros círculos políticos que precisavam ser advertidos a se conciliarem com a nova dinastia. O discurso de Plínio reflete a visão de seu grupo, a qual ele buscava estender aos demais círculos senatoriais. Portanto, ao discorrermos sobre o governo de Domiciano não estaremos fazendo a mesma comparação exigida por Plínio, opondo o bom ao mau príncipe, de nossa parte interessa entender quais aspectos da política do último Flávio contrariaram as tradições republicanas e serviram de contraponto para que Plínio exaltasse em Trajano os valores

---

<sup>93</sup> Tout ce que, Pères conscrits, je dis ou ai dit sur les autres princês, tend à montrer par quelle longue habitude ont été corrompues et gâtées les moeurs Du principat que notre père redresse et reforme. De plus Il n'y a pas de bom éloge sans comparaison. Em outre le premier devoir des citoyens reconnaissants envers le meilleur des princês est de poursuivre ceux qui ne lui ressemblent pas.

morais e políticos que a doutrina estoica defendia para o modelo de príncipe ideal e que, na sua concepção, estavam ausentes na figura de Domiciano.

Como imperador Flávio, Domiciano carregava um estigma que vinha se construindo devido ao descontentamento com o sistema dinástico. É verdade que na ocasião em que Vespasiano, seu pai, subiu ao poder, no ano de 69 d. C., “o princípio da hereditariedade permanecia vivo na mentalidade romana. A noção de família era essencial, tanto no direito como na religião doméstica” (GRIMAL, 1999, p. 93), além disso, os distúrbios que antecederam sua ascensão sinalizavam a necessidade de um sistema que garantisse uma sucessão tranquila. Mas a transferência de poder no interior de uma família demonstrava suas falhas nos vícios e fraquezas de imperadores tirânicos como Calígula, Nero e também Domiciano. Assim como os valores de Augusto não preveniram a degradação dos Júlio-Cláudios, os de Vespasiano não fizeram melhor pelos Flávios.

A oposição entre os fundadores das dinastias e seus sucessores é esclarecedora. Tanto Augusto quanto Vespasiano enfrentaram grandes conturbações para alcançar o poder e, ao detê-lo, garantiram relativa paz ao império. Seus sucessores herdaram uma situação mais cômoda, que não contribuiu para o exercício de habilidades políticas, militares e morais que lhes favorecessem respaldar sua *auctoritas* e concentrar apoio e reconhecimento. Viviam, pois, em uma situação contrária aos atributos que caracterizavam o modelo de *princeps*. O exemplo de que a sucessão hereditária pura e simples trazia dificuldades está expressa na forma como Augusto precisou ilustrar a transferência de poder para Tibério por meio da “co-regência [que] dava ao escolhido grande força perante a opinião pública, conferindo-lhe honras e dando-lhe a possibilidade de mostrar seus méritos” (MENDES, 2006, p. 43). Portanto, o sistema de sucessão até então empregado exigia instrumentos de legitimação que não foram utilizados por Domiciano, o que, devido ao balanço negativo de seu governo, foi considerado uma degeneração do sistema do Principado e serviu de contraponto para Nerva, quando este indicou Trajano para ocupar o poder.

A mescla de aspectos positivos e negativos no governo de Domiciano e, principalmente, a presença de Plínio em seu aparato administrativo é um indicativo de que devemos relativizar as duras críticas a ele dirigidas, procurando compreendê-las a partir da mentalidade de alguns círculos senatoriais dirigidos por uma ótica filosófica na qual Domiciano não se enquadrava. Grimal (1981) enfatiza a perseguição empreendida tanto por Vespasiano quanto por Domiciano contra os estoicos, cuja filosofia suscitava muitas objeções às políticas Flavianas. Tendo como contraponto a ascensão de Vespasiano durante as

conturbações de 69 d. C. vemos no elogio a Trajano que o panegirista deixa claro o valor que os círculos senatoriais estoicos dedicavam ao acesso pacífico ao poder, assim ele escreve:

A posteridade acreditará que o filho de um patrício, de um consular, de um triunfador, estando no comando do exército mais sólido, mais importante, o mais devotado a sua pessoa, não foi feito imperador por este exército? Que este mesmo general, quando ele governava a Germânia e recebeu de Roma o título de *Germanicus* nada fez para tornar-se imperador? Que ele nada fez além de servir e obedecer? (*Panegírico*, 9, 2)<sup>94</sup>.

A recusa da via militar, na visão dos valores republicanos, significava respeito ao *mos maiorum*, pois a tradição execrava o acesso ao poder através das armas. Além disso, Domiciano afastava-se do ideal, pois para os estoicos o império deveria estar a cargo do cidadão mais sábio e de caráter exemplar, cujas virtudes lhe garantiriam governar muito mais do que sua filiação ou poder militar. Portanto, apesar de o último Flávio possuir aspectos positivos em sua política, a desobediência às diretrizes estoicas foram cruciais para que Plínio fizesse dele a imagem oposta do príncipe ideal. Assim, após frustrar as expectativas senatoriais, Domiciano sucumbiu assassinado por conspiradores, em 96 d. C., embora sua substituição por Nerva não tenha garantido, desde o início, a tranquilização do império.

O novo imperador deparou-se com grandes dificuldades, Grimal (1999) ressalta que o ano de 97 d. C. foi marcado por incertezas que se traduziram em revoltas militares. Nas causas desses distúrbios devemos dar destaque a um dos motivos: Nerva era um homem idoso e sem herdeiros, o que impunha o complexo problema da sucessão, ainda mais difícil após as sucessivas confirmações da falência do sistema hereditário, problema que seria resolvido com a adoção de Trajano.

Enquanto o novo sistema sucessório não estava estabelecido, temia-se que as indecisões reeditassem a crise de 69 d. C. Nesse período, a própria figura política de Nerva correspondia à situação dúbia na qual estava imerso o Principado. De certa maneira ele representava a continuidade das políticas dos Flávios, pois exerceu o consulado com Vespasiano e depois com Domiciano. Como aliado do Senado, ele representou o início do que Homo (1950) chamou de “restauração senatorial”, política de conciliação entre o Principado e

<sup>94</sup> La postérité croira-t-elle que le fils d'un patricien, d'un consulaire, d'un triomphateur, alors qu'il était à la tête de l'armée la plus solide, la plus importante, la plus dévouée à sa personne, n'a pas été fait empereur par cette armée? Que ce même général, alors qu'il gouvernait la Germanie, a reçu de Rome le titre de *Germanicus*? Qu'il n'a rien combiné pour devenir empereur? Qu'il n'a rien fait, si ce n'est servir et obéir?

a cúria, que foi seguida por Trajano. Com essa fórmula buscava-se estabelecer uma diarquia, na qual as duas instâncias de poder cooperariam entre si.

A experiência mostrara apenas que um imperador devia contar com a dedicação dos soldados, a estima do Senado e uma qualidade indefinível, o assentimento dos deuses. Esta tripla legitimidade assentava, em última análise, nas suas “virtudes”, qualidades eminentes que lhe eram próprias e de que o Império beneficiava, ao mesmo tempo que lhe asseguravam a estima e a obediência dos soldados, o respeito, ou mesmo o afecto dos Pais e, consequência suprema, a bênção dos deuses (GRIMAL, 1999, p. 94).

O autor citado adverte que Nerva possuía apenas uma das qualidades exigidas, e disso decorria a situação delicada de seu governo. Nesse sentido é importante ressaltar os três requisitos que deveriam respaldar o poder do príncipe: a) a adesão do Senado, que perdera a primazia e a *auctoritas* de que gozara durante a República e reivindicava ocupar o papel de consulente dos cézares; b) o apoio dos exércitos, que evocava a tradicional noção do magistrado vitorioso, do general celebrando triunfos pelas conquistas em favor de Roma; c) o consentimento divino, que representava o vigor das crenças ancestrais que mantinham viva a confiança de que os auspícios, sinais divinos, apontavam o escolhidos dos deuses para guiar o império.

Portanto, a busca do imperador que traria tranquilidade para o mundo romano observava parâmetros estabelecidos pelo *mos maiorum*, por meio do qual seria julgada a *virtus* pessoal do príncipe, cujo caráter deveria contemplar também os ideais da *Stoa*, que pelo seu apelo à moderação, ao controle das paixões alinhava-se à moral tradicional romana que valorizava a imagem rústica dos primeiros cidadãos da *Urbs*. Diante de imperativos políticos e morais, Nerva adotou Trajano, indicando-o como seu sucessor. Certamente, muitas qualidades pessoais favoreciam o futuro imperador, mas para ajudar a respaldar sua posição coube a Plínio, em seu *Panegírico*, ilustrá-lo à imagem do César ideal.

## 5 – Trajano imperador

Os dados acerca de Marco Ulpio Trajano<sup>95</sup> informam que ele era originário de uma família de origem úmbria que se fixou na Hispânia, seu pai foi o primeiro desta família a

<sup>95</sup> Ver estátua de Trajano nos anexos, imagem 3.

alcançar o status senatorial. Beneficiando-se dos sucessos militares de seu progenitor, Trajano desempenhou uma destacada carreira militar. Fernández (2003) informa que aos vinte anos foi tribuno militar no exército comandado por seu pai, na Síria. Por volta do ano 78 d. C. foi questor e entre 83 e 85 d. C. exerceu o cargo de pretor, já sob o governo de Domiciano. Estando a partir 87 d. C, a frente da legião VII Gemina, acampada em Lion, levou, em 89 d. C., esse exército à Germânia para debelar a revolta de Saturnino contra Domiciano. Pela sua lealdade Trajano foi nomeado consul em 91 d. C.

A política dos Flávios em favor da Hispânia beneficiou sua família, junto com as dos demais membros da elite peninsular. Sob o beneplácito de Domiciano, Trajano alcançou o consulado em 91 d. C. Entretanto, essa distinção, assim como outras, permaneceu obscura, pois a imagem negativa construída para o último Flávio, criada para opor-se ao feliz governo de Trajano, tornava incômoda a ideia de uma associação cooperativa entre os dois governantes.

Diante das dificuldades em que se viu envolvido quando assumiu o governo do império Nerva optou por nomear Trajano governador da Germânia, região delicada do império nas margens dos rios Reno e Danúbio e que contava com importantes legiões. Tal nomeação visava, sobretudo, tranquilizar e ganhar a confiança dos militares colocando um experiente soldado, um *vir militaris*, em uma posição importante do império. Posteriormente, em fins de 98 d. C., Nerva adotou-o num ato de indicação de que Trajano seria seu sucessor, consolidando uma situação que se desenhara a partir de sua legação na Germânia.

Aqui devemos retomar os requisitos, apresentados por Grimal (1999), então exigidos para respaldar o poder do imperador. Segundo ele, após ser designado acertadamente como governador da Germânia, Trajano obteve a adesão dos soldados; adotado por Nerva, um legítimo representante da cúria, assegurou o apoio do Senado, onde nomes importantes como o de Licínio Sura<sup>96</sup>, também hispânico, eram-lhe amplamente favoráveis (BLÁZQUEZ, 2003); por fim, a aprovação divina também teria se manifestado, segundo o relato de Plínio no *Panegírico*:

Os nomes dos outros príncipes não foram revelados àqueles que consultaram os oráculos onde o sangue das vítimas jorrou ou nos pássaros que voaram para a esquerda; mas tu, quando subias, seguindo o hábito, ao Capitólio, as aclamações dos cidadãos vindos, entretanto, por outro motivo se elevaram em tua direção, como se fosse já o príncipe deles; toda multidão que cercava

---

<sup>96</sup> Cônsul em 97, 102 e 107 d. C.



o tribunal, quando devido tua entrada foram abertas as portas, saudou, aquele que criam ser então Júpiter *Imperator*, mas era a ti, como provou o evento, que ela dava esse título (*Panegírico*, 5, 3, 4)<sup>97</sup>.

Assim, triplamente respaldado, Trajano possuía bases estáveis para se estabelecer no poder, e, quando Nerva faleceu deixou sob a responsabilidade do primeiro provincial os destinos do império. Em seu governo Trajano abdicou de atitudes divinizantes, dialogou com a cúria, expulsou delatores e jurou não condenar senadores à morte. No plano externo sua política retomou as conquistas. O novo imperador venceu a Dácia<sup>98</sup>, transformando-a em uma nova e rendosa província. Fortalecido, Trajano acreditou poder levar a cabo uma permanente ambição romana: a abertura para o império do comércio com o Oriente, extremamente onerado pela intermediação da Pártia que enriquecia com a mediação do intercâmbio romano com as regiões mais distantes da Ásia. Entretanto, os sucessos de Trajano nessa que foi sua derradeira campanha acabaram por serem malogrados devido a uma série de revoltas na Judéia, Egito, Cirenaica e Chipre. Obrigado a retornar para reorganizar a situação conturbada em sua retaguarda o imperador acabou por falecer na Cilícia em 117 d. C.

A imagem que Plínio construiu para Trajano, no *Panegírico*, representa muito mais a esperança de um imperador ideal do que uma fonte específica sobre os fatos de seu governo, embora contribua em relação ao conhecimento dos primeiros anos do imperador no poder. Nesse sentido, as análises de Canto (2003a; 2003b), baseadas em um estudo de fontes escritas e epigráficas, que contemplam as relações entre Nerva, Trajano e seus sucessores até Cômodo, sugerem o resgate do verdadeiro papel da Hispânia e dos eminentes representantes de sua elite no Senado romano nas suas relações com a ascensão dos imperadores que governaram ao longo do século II d. C. A autora ressalta o ineditismo da origem provincial do César.

Pode-se deduzir facilmente que o advento de Trajano ao poder não seria insólito porque nascera em uma província – algo que tinha uma precedente [Cláudio] – mas sim porque era um verdadeiro provincial, isto é, suas raízes

---

<sup>97</sup> Le nom des autres princes n'a été revele à ceux qui consultaient les oracles que si le sang des victimes jaillissait ou si les oiseaux volaient sur la gauche; mais toi, comme tu montais suivant l'usage au Capitole, les acclamations des citoyens venus pourtant pour tout autre chose s'élevèrent vers toi, comme si tu étais déjà leur prince; toute la foule qui assiégeait le parvis, quand à ton entrée on ouvrit les portes, salua, à ce qu'elle crut alors, Jupiter *Imperator*, mais c'est à toi comme l'a prouvé l'événement, qu'elle donnait ce titre.

<sup>98</sup> Região compreendida atualmente pela Romênia.

não eram itálicas hispanizadas, mas sim realmente hispânicas (CANTO, 2003a, p. 21)<sup>99</sup>

Mas, para Canto, essa natureza hispânica de Trajano<sup>100</sup>, que, em sua opinião, vem sendo negada sistematicamente pelos autores modernos, também foi encoberta por ocasião da ascensão de Trajano. Para a autora isso se deu devido ao conservadorismo das ideias políticas e morais da *Urbs*. Canto (2003a) descreve que a etapa decisiva para a ascensão de Trajano ao poder imperial remonta a épocas anteriores quando as:

Famílias hispano-béticas *Ulpio, Aelia, Annia, y Domitia*, assim como provavelmente os *Dasumii, Pompeii, Licinii, Sosii, Platorii i y Laberii*, todos consulares, todos procedentes daquelas cidades hispânicas nas quais viveram durante séculos desfrutando de grandes propriedades e de negócios muitos rentáveis, como o dos metais, vastas propriedades produtoras de cereais e azeite, ou as enormes *fidglinae* de cerâmica e ladrilhos (CANTO, 2003b, p.343).<sup>101</sup>

Durante o Principado, a autora pontua que tais famílias compunham uma *factio hispana* que apoiou e foi favorecida pelos três imperadores Flávios. A frente dessa espécie de partido provincial, na época de ascensão de Trajano, estava Licínio Sura, o qual usou o poder que aquele grupo político lhe delegava para induzir Nerva a adotar Trajano que, como um Ulpio, certamente favoreceria a Hispânia quando estivesse em posse do poder imperial.

Portanto, tendo alcançado o poder por meio do apoio da *factio hispana*, composta por “aqueles provinciais que Roma havia selecionado e feito romanos durante tanto tempo [e que então] se dispunham a suplantar as velhas famílias itálicas no poder<sup>102</sup>” (CANTO, 2003a, p. 65), a autora contesta a sinceridade da adoção de Trajano por Nerva, a qual não foi “livremente decidida, já que, em minha opinião, respondeu a uma complexa operação do “clã hispânico” de Roma<sup>103</sup>” (CANTO, 2003b, p.321). Dessa forma, o singular acesso ao poder

<sup>99</sup> Se puede deducir fácilmente que el advenimiento de Trajano al poder no sería insólito porque el hubiera nacido en una provincia – algo que tenía un precedente - , sino porque era un verdadero provincial, esto es, sus raíces no eran itálicas hispanizadas, sino realmente hispánicas.

<sup>100</sup> Ver nos anexos a árvore genealógica de Trajano proposta por Canto (1999), imagem 4.

<sup>101</sup> Famílias hispano-béticas *Ulpia, Aelia, Annia* , y *Domitia*, así como probablemente los *Dasumii, pompeii, Licinii, sosii, Platorii y Laberii*, todos consulares, todos procedentes de aquellas ciudades hispanas en las que habían vivido durante siglos y disfrutado de grandes propiedades y muy rentables negocios, como los metales, los vastos fundos cerealísticos y olivareros, o las enormes *fidglinae* de la cerámica y el ladrillo.

<sup>102</sup> Aquellos provinciales a los que Roma había seleccionado y hecho romanos durante tanto tiempo se disponían ahora a suplantar a las viejas familias itálicas en el poder.

<sup>103</sup> Libremente decidida, ya que a mi juicio respondió a una compleja operación del “clan hispano de Roma.

precisava ser normatizado de acordo com parâmetros aceitáveis aos olhos dos políticos mais alinhados à tradição da *Urbs*, então a opção pela *adoptio* serviu para justificar a escolha de Trajano.

Logo, a ascensão de Trajano necessitava ser ilustrada de uma forma que o aproximasse aos modelos ancestrais. Coube a Plínio, o Jovem, como amigo íntimo do imperador, fazer isso em sua *gratiarum actio*, onde “se esforça com todo cuidado ao longo de seu discurso para não dar relevância a seu lugar de nascimento e tampouco a sua ascendência familiar além daquela de seu pai<sup>104</sup>” (CANTO, 2003a, p.43). O posicionamento do panegirista permite compreender a necessidade de idealização do príncipe entrelaçada às noções de *virtus* e *mos maiorum* e o estoicismo.

Trajano governou o império romano entre 97 d. C. e 117 d. C., para Cizek (1983) nesse período o César operou uma renovação dos valores latinos, morais, políticos e militares, processo que, segundo ele, tem como fonte mais importante a obra de Plínio, o Jovem. Apesar dessa renovação, ele não rompe totalmente com as diretrizes políticas do Flávios (BLÁZQUEZ, 2003) e tampouco faz grandes mudanças no pessoal dos serviços administrativo, exemplo disso é o próprio Plínio que, tendo iniciado sua carreira durante a dinastia anterior, atinge os cargos mais altos sob Trajano. Griffin (2008), a respeito dessa continuidade, da qual cita a política externa como exemplo, chama atenção para o exagero de contraste entre as falhas de Domiciano e os sucessos de Trajano, o que dificulta a compreensão do prolongamento de alguns aspectos do governo anterior. Embora nossa análise não esteja focada essencialmente em um estudo comparativo entre as gestões de Trajano e Domiciano é importante termos isso em conta, pois na estratégia de idealização de Trajano, feita por Plínio, a detratção de Domiciano é um dos elementos mais pungentes.

Cizek (1983) afirma que o novo imperador em suas medidas iniciais buscou a conciliação com o Senado adotando uma postura moderada e popular, tranquilizando a cúria com a promessa de que não usaria a lei de lesa majestade contra os senadores, como fizeram outros imperadores. Em relação às camadas populares empreendeu uma política alimentária e de fortalecimento da anona que favorecia as crianças filhas dos cidadãos humildes e respaldava a *fides* do César com o povo de Roma (BLANCO, 1988), o mesmo autor destaca também que Trajano distribuiu grandes somas como *congiaria* ao povo e aos soldados.

---

<sup>104</sup> Se esfuerza con todo cuidado a lo largo de su discurso para no poner de relieve ni su lugar de nacimiento, ni su ascendencia familiar más allá de su padre.

Após a morte de seu pai adotivo, em 97 d. C., Trajano torna-se o imperador de Roma, mas permanece no *limes* Reno-danubiano organizando a região. Retorna a Roma em 99 d. C. e, segundo Fernández (2003), a partir de 101 d. C. inicia sua primeira campanha militar como imperador. Nela ele derrota os dáricos e obriga seu rei, Decébalos, a firmar a paz sob condições piores do que aquelas do tratado de 89 d. C., celebrado com Domiciano. Por essa vitória o Senado concede a Trajano o título de Dárico. Mesmo derrotado, a partir de 102 d. C. Decébalos desobedece o tratado que fora ajustado com Roma, o que leva Trajano a empreender contra ele uma segunda campanha em 105 d. C., da qual resultaram a morte de Decébalos, a derrota total da Dácia e sua transformação em província romana. Depois dessa conquista, Trajano empreende a partir de 113 d. C., uma nova e ambiciosa campanha, dessa vez contra a Pártia, um império que controlava importantes rotas comerciais vindas do Oriente. Comandando 17 legiões, Trajano toma as principais cidades que compunham o reino parto submetendo toda a região ao controle romano. É recompensado por essa conquista com o título de Pártico pelo Senado.

Nos anos finais do governo de Trajano uma série de revoltas se abate sobre o Oriente, nos territórios párticos ocupados, no Chipre, em Cirene e no Egito os judeus se sublevam. Ainda assim, o César, já debilitado, consegue, ao lado de seus chefes militares, controlar a situação. Devendo ter retornado a Roma desde 115 d. C., para tratar de sua saúde, o imperador se atrasa na região para solucionar os últimos problemas. Em 117 d. C., quando decide voltar à capital do império falece durante a viagem na cidade de Selinunte, na Cilícia.

Mas a política externa de Trajano não se resumiu às campanhas militares, além das conquistas o César empenhou-se em estabilizar, urbanizar e integrar as regiões incorporadas a Roma. Tal postura de Trajano caracterizou seu governo como o último grande movimento colonizador do império<sup>105</sup> (MELÉNDEZ; ESPARCIA; CARRASCO, 2013). A síntese das investigações desses autores aponta Trajano retomando a política de fundação de novas colônias, abandonada desde Augusto. Nesse sentido, Trajano acumulou, ao lado de seu talento militar, importante capacidade administrativa desde sua permanência no norte do império, o início de seu governo. As fundações de Trajano ocorreram por todas as partes do império: Germânia, Panônia, Moesia, Trácia, Dácia, Arábia e África Procunsular. Consolidada durante seu governo, a obra colonizadora de Trajano permaneceu estável e integrada ao mundo romano após sua morte, até a época do Baixo Império. Além disso, Trajano preocupou-se também com a construção e melhoria das obras públicas, com a revitalização de pontes, portos, estradas (FERNÁNDEZ, 2003).

---

<sup>105</sup> Ver nos anexos as fundações de Trajano, mapas 1 ao 4.

Enfim, Blázquez (2003) credita a memória positiva sobre Trajano ao fato de ele ter sido um governante habilidoso que soube cercar-se, em sua administração, de indivíduos fiéis e competentes. Tais homens eram oriundos em grande medida da Hispânia, mas contava também com o itálico Plínio, o Jovem que, inclusive se correspondia como altos nomes do estado maior hispânico de Trajano, como Licínio Sura (*Cartas*, IV, 30; VII, 27) e Julio Serviano (*Cartas*, III, 17; VI, 26). Esse mesmo autor informa, ainda, que sob Trajano o império não sofreu nenhuma crise ou rebelião das legiões. Tal *concordia* pode ser atribuída pelo equilíbrio que o sistema do Principado perseguia desde seu estabelecimento e que foi atingido durante governo de Trajano, quando se firmou um “compromisso político entre as forças que dominavam a administração do Estado, o exército, o Senado, o poder imperial, forças que antes de 96 d. C. eram frequentemente antagonistas”<sup>106</sup> (CIZEK, 1983, p. 512). A compreensão mais profunda desse amplo consenso verificado pela historiografia durante o governo de Trajano passa pela análise das ideias morais e políticas que faziam parte do programa e do ideário político difundido por um dos seus mais fiéis colaboradores. Plínio, o Jovem. No panegírico em honra ao célebre imperador, foi elaborada a ilustração de um modelo senatorial de governante marcado pela esperança de que as promessas positivas trazidas com o novo imperador se realizassem. Tal modelo era também, em certa medida, reflexo da realidade do governo de Trajano, construído, em parte, sobre os erros e acertos dos Flávios.

---

<sup>106</sup> Compromis politique entre les forces qui dominaient l’administration de l’État, l’armée, le sénat, le pouvoir imperial, forces qui, avant 96, étaient antagonistes

## CAPÍTULO III – As instituições e as ideias: Principado e estoicismo

### 1 – O Principado e os grupos políticos dirigentes

O Principado como um novo modelo político foi uma estrutura que adequava suas instituições de acordo com seu próprio desenvolvimento, por isso, embora Augusto tenha permanecido como modelo do bom príncipe, outros imperadores<sup>107</sup> também contribuíram para a construção do sistema. Nesse sentido nosso recorte, um estudo centrado no governo de Trajano, objetiva compreender aspectos dessa transformação tendo como balizas a relativa perenidade das tradições republicanas, especialmente a *virtus* e o *mos maiorum*, por meio do discurso de Plínio, o Jovem, membro de uma instituição da antiga ordem, porém integrado no aparato do novo sistema.

No período que nos interessa duas ordens sociais gozavam das vantagens que a expansão romana proporcionava desde a época republicana: a ordem senatorial e a ordem equestre. O *ordo senatorius* manteve seu poder baseado na tradição e em suas posses fundiárias, multiplicadas pelas conquistas do império, garantindo uma posição privilegiada no interior do sistema de patronato. Os *equites*, que durante a República dedicavam-se às atividades comerciais e organizavam-se nas sociedades de publicanos, arrecadando impostos para o Estado nas províncias passaram a desempenhar, com o novo regime, um papel mais destacado dentro do sistema administrativo imperial, alguns de seus elementos, convertendo-se em um grupo *terra tenente* e galgando altas posições políticas alcançaram distinções semelhantes às senatoriais. Ambas desempenhariam importantes papéis durante o novo regime.

Antes de analisarmos separadamente as duas ordens superiores da sociedade romana, devemos compreender que em certos aspectos elas tendiam a homogeneização apesar de suas diferenças estatutárias. Como dissemos acima, no Principado acentuou-se uma equiparação entre as classes dirigentes do império. Este quadro permitiu aos césares diluir a oposição ao novo regime, oriunda principalmente da *nobilitas* de Roma, por meio da introdução de

---

<sup>107</sup> Ver, em anexos 2, os imperadores das três primeiras dinastias do Império.

italianos e provinciais enriquecidos pelo desenvolvimento do império. Ascendendo na carreira pública por meio do exercício das magistraturas do *cursus honorum*<sup>108</sup> os cavaleiros, assim que ascendiam ao Senado adotavam gradualmente a *forma mentis* de sua nova ordem. O sistema de patronato e a aquisição da mentalidade senatorial por parte dos cavaleiros garantiu a coesão dessas duas camadas no tecido social do império. Além disso, as correntes que ligavam os cavaleiros ao príncipe tinham em seus elos elementos do *ordo senatorius*. Dessa forma, a cooperação entre os membros das duas ordens era necessária, pois a forma de ascensão social ocorria por meio das relações patronais aliadas à prestação de serviços ao Estado.

A principal distinção entre senadores e *equites* no interior do sistema do Principado decorre de que estes foram então chamados a participar mais ativamente da nova e racionalizada administração imperial.

Aos equestres foi reservada a gerência dos bens imperiais. Chamados de procuradores dirigiam os serviços financeiros das províncias imperiais, algumas das principais funções administrativas no interior da cidade de Roma e, também, nas províncias senatoriais onde o imperador possuía bens (MENDES, 2006, p. 32)

Como os cavaleiros estavam tradicionalmente ligados às atividades comerciais do mundo romano, alçá-los à administração financeira do império foi um passo lógico. Esse progresso, à primeira vista, poderia significar um recuo do campo de atuação do Senado, porém, isso não ocorreu de fato. Mendes (2006) afirma que sob o império foi criada uma aristocracia de serviço sob o controle do príncipe, na qual a influência das ordens era equilibrada pela presença de senadores e cavaleiros na administração imperial. Assim, ficava preservado o prestígio do *ordo senatorius* ao mesmo tempo em que era reduzido seu poder político. Além disso, sua recomposição se dava pela entrada de *homines novi* oriundos da ordem equestre. Ocorria, portanto, uma fusão ambígua das ordens, onde as distinções e as semelhanças eram alimentadas em favor da estabilidade e coesão do sistema imperial.

Nesse quadro de conciliação, a aceitação dos conceitos morais caros ao Senado acerca dos assuntos políticos promovia uma relativa, porém significativa, homogeneização nessa

---

<sup>108</sup> Ordem em que os cargos políticos e militares eram desempenhados, assim a carreira pública de um romano era composta por cinco estágios principais: questura, edilidade, tribunado, pretura e, por fim o mais alto de todos, o consulado.

nova aristocracia a respeito da idealização do homem público romano, com bases nas ideias tradicionais nascidas sob a República e no sistema filosófico majoritário, que então era a *Stoa*. O apelo à *virtus* e ao *mos maiorum* traduzidos pelo estoicismo na propaganda imperial respondia à necessidade de adequar a figura do imperador a uma imagem de homem político que atenderia as exigências da realidade do império, e conseqüentemente de suas duas ordens superiores, cuja inserção no mesmo sistema político e administrativo induzia a uma conciliação de interesses e ideias em prol do Estado.

Apesar da perda da primazia política que os senadores gozavam durante a república o novo regime não os deslocou completamente das importantes posições que ocupavam no interior da sociedade romana. Tal permanência exigia do príncipe uma busca constante de equilíbrio entre os interesses da cúria e as demandas centralizadoras que a administração do império impunha. Fato favorável ao Principado foi que os césares, apesar de precisarem respeitar a mentalidade republicana do Senado, não fizeram essa conciliação diretamente com os representantes concretos do antigo regime devido à nova constituição das camadas superiores.

Na relação com os membros do Senado a ambigüidade do regime encontrava uma dificuldade que a propaganda imperial muitas vezes não podia contornar. Rouland (1997) aborda explicando que o projeto de restauração das tradições exigiria, na verdade, o restabelecimento das antigas prerrogativas da aristocracia. Ou seja, um retrocesso em um sistema que ainda procurava se estabelecer, cujo desenvolvimento buscava superar as deficiências do sistema oligárquico representado pela ordem senatorial, ainda mais pelo fato de que entre os senadores havia elementos contrários ao novo regime. “A solução, dessa forma, é uma só: conservar o quadro e o nome, mas alterar-lhes o conteúdo. O novo Senado não será mais composto daqueles mesmos homens da aristocracia republicana antiga” (ROULAND, 1997, p. 367). A respeito da renovação da ordem, Rouland acrescenta:

O imperador preenche esses vazios [criados pelas guerras civis, proscricões e baixa natalidade] nomeando um Senado de “homens novos”. Estes provêm exatamente daquelas elites provinciais que desejaram profundamente o regime imperial. Entre 68 e 96, o percentual dos senadores italianos passa de 83% para 76%, e o dos senadores provinciais avança de 16,8% para 23% e entre estes contam-se 75% de ocidentais e 15% de orientais. Esse novo contingente constituirá para o imperador um apoio político muito mais seguro: o Senado passará a ser um instrumento dócil às suas vontades. É dentre seus quadros que ele escolherá os governadores das províncias, os superintendentes das legiões e os chefes dos grandes serviços públicos (curadores) (ROULAND, 1997, p. 367-368)



Esses dados quantitativos exemplificam o processo de expansão da cidadania e do sistema político da *Urbs* para todo o império, associado ao desejo das elites provinciais pelo regime imperial. Isso demonstra que havia uma insatisfação com a administração republicana das províncias, que durante as guerras civis foram espoliadas para sustentar os exércitos das facções rivais. Sob o Principado, os governadores nomeados pelo príncipe e administrando as províncias segundo suas orientações tornaram o sistema mais racional, especialmente porque a subordinação direta ao imperador desestimulava o uso desses cargos em benefício de ambições pessoais. A própria correspondência entre Trajano e Plínio, quando este era legado na província do Ponto-Bitínia exemplifica o quadro descrito. Em razão de uma questão fiscal é assim que o governador dirige-se ao príncipe “Eu rogo por tua boa vontade para que me dite a conduta que em tua opinião eu devo observar. Eu temo ultrapassar os limites da minha autoridade ou ficar abaixo dela”<sup>109</sup> (*Cartas*, X, 47, 3).

A próprias palavras do governador denotam sua flagrante falta de autonomia. A centralização decisória exigida por Trajano apresenta-se ao final de sua resposta a Plínio: “para recompensar sua probidade, que eles saibam doravante que este controle, é por minha vontade que tu o exercerás, respeitando, porém, os privilégios que eles possuem”<sup>110</sup> (*Cartas*, X, 48, 2). Explícita na resposta do príncipe está também o respeito imperial pelas tradições locais, e é essa consideração que ajuda a esclarecer os motivos pelos quais as elites provinciais preferiram o regime imperial.

Observando a questão do ponto de vista desses novos senadores oriundos das regiões conquistadas percebemos que era complicado ter suas propriedades, seus interesses e sua clientela subordinada aos humores e às ambições de sucessivos governadores vindos da nobreza romana, desvinculados, portanto, dos problemas locais. Com o sistema imperial as províncias eram melhor administradas, pois o apoio do senadores locais ao príncipe era importante para contrapor a oposição da aristocracia de Roma ao novo regime. Contudo, essa estrutura de antagonizações não era garantia para o novos senadores e seus interesses provinciais, pois caso o príncipe se sentisse suficientemente forte na *Urbs* certamente não dispensaria uma política tão favorável às demais regiões do império. Submetida a legados que respondiam a um governante de poder vitalício interessava à nova aristocracia imperial que o

<sup>109</sup> Je te prie de bien vouloir de me dicter la conduite qu’a ton avis je dois observer. Je crains de paraître outrepasser les bornes de mon pouvoir ou rester en deçà.

<sup>110</sup> Pour récompenser leur probité, qu’ils sachent désormais que ce controle, c’est par ma volonté que tu l’exerceras, tout en respectant les privilèges qu’ils ont.

príncipe correspondesse às suas expectativas e a um modelo de bom governante que, paradoxalmente, fora produzido segundo os princípios ancestrais da nobreza de Roma. Portanto, a união dos membros do Senado imperial dava-se em torno do desejo comum de obedecer a um governante capaz de equilibrar os diversos interesses da *Urbs* e do *immensum corpus imperii*.

Vemos, pois, que ao lado de seus interesses particulares os senadores colocavam os valores de sua ordem, os quais por sua vez eram afirmados na excelência de suas contribuições a serviço do Estado. Isso significava que o príncipe deveria permitir o exercício das magistraturas e a *libertas* republicana aos senadores que, apesar das limitações do regime imperial, desejavam “crer que a república existe”<sup>111</sup> (*Panegírico*, 93, 3). De fato ela persistia no seio da ordem e permaneceu enquanto as conjunturas do Principado permitiam o estabelecimento de um *modus vivendi* que conciliava as instituições republicanas com o poder imperial, portanto,

O senado, durante o Império, continua a ser em qualquer lugar “o símbolo da *res publica*”, a “instituição que ultrapassa cada governante”. Ele não perde, de um momento para outro, o seu peso político. Atravessa fases alternadas e sofre um progressivo declínio entre Augusto e os eventos cruciais de 238, o ano que “assinala o fim de uma era”; mas o seu papel permanece importante por muito tempo, no campo religioso e diplomático, legislativo e judiciário (BRETONNE, 1990, p. 167).

Porém, o sentimento era de uma decadência gradual da ordem durante o Alto Império. Tal situação, vivenciada pelo senadores, foi certamente uma das mais importantes motivações para que o discurso resgatador das tradições e das antigas ideias morais e políticas estivesse presente nas discussões senatoriais e, no presente caso, na propaganda do imperador Trajano. Nesse contexto o César buscava conciliação com os interesses do *ordo senatorius* por meio de elementos que, como Plínio, mostravam-se mais afeitos ao regime.

A atuação exemplar de Plínio, o Jovem, no interior da ordem e em relação ao imperador ilustra claramente este quadro de permanências e mudanças que marcou o Senado durante o Alto Império. A aceitação do sistema imperial partia dos senadores mais realistas que compreenderam a importância do poder pessoal centralizado como prevenção aos distúrbios da República tardia. Eles se contentavam com o respeito, ainda que parcial, por

---

<sup>111</sup> Croire que la république existe.

parte do príncipe em relação à *libertas* e à *dignitas* da ordem, traduzido na garantia de sua participação na condução do Estado romano.

Todavia, não foram apenas as novas configurações do Senado que contribuíram para a acomodação das instituições ao sistema imperial. O estoicismo exacerbado da *nobilitas*, que execrava o poder pessoal, deu lugar, entre as elites, às expressões da filosofia do Pórtico que estavam mais alinhadas à realidade, e foi a adesão a esses aspectos da *Stoa*, por parte de alguns imperadores, caso de Trajano, que facilitou a conciliação da ordem com o aparelho político do Principado. Portanto, o cosmopolitismo universalista estoico foi a base filosófica que justificou a integração das províncias, especialmente das elites, no sistema social da aristocracia romana do Alto Império.

Incorporando-se a esse sistema ideológico, os membros da ordem equestre atuaram de forma coesa no interior do sistema social romano, pois suas diferenças em relação à ordem senatorial eram francamente relativizadas, já que a ascensão política e econômica de seus elementos e de sua clientela dependia da aceitação das instituições estabelecidas.

Os *equites*, sob o Principado, desempenharam principalmente as funções administrativas e burocráticas criadas pelo novo regime. Esse direcionamento dos membros da ordem equestre para o aparelho do Estado e a serviço do príncipe ocorreu, sobretudo, devido às funções que em grande medida eram por eles desempenhadas na sociedade romana.

Havia entre eles grandes comerciantes, e grandes empresários e banqueiros, como por exemplo Cornélio Senécio, que segundo Sêneca recorria a todos os meios de ganhar dinheiro, inclusive ao contrato para a cobrança dos direitos alfandegários, usual entre os cavaleiros (*Ep.*, 101, 1 sgs.). De uma maneira geral, os membros da ordem equestre estavam mais interessados que os senadores noutras fontes de rendimento para além da terra, embora esta continuasse a ser a principal fonte também para eles (ALFÖLDY, 1989, p. 139).

Esse relativo dinamismo econômico dos *equites*, que os diferenciava dos senadores, nos ajuda a compreender a opção dos príncipes para com eles comporem o aparato administrativo do império. Como já dissemos acima, Plínio foi uma figura modelar de cavaleiro que ascendeu em sua carreira política a serviço do Estado romano devido às suas qualidades de administrador de suas propriedades privadas. Para não ficarmos restritos ao seu exemplo é importante fornecermos um panorama geral da ordem equestre sob o Principado. Tendo em vista as características próprias dos *equites*

Os principais cargos civis que lhe são oferecidos são as procuradorias financeiras, os grandes serviços públicos (administração, anona, *cursus publicus*); os cargos militares são o comando das legiões do Egito, o comando das frotas, a prefeitura dos guardas, a prefeitura do pretório; os cargos mistos são os governos provinciais: Egito, províncias ditas procuratórias<sup>112</sup> (ROUGÉ, 1969, p. 144-145).

A partir da enumeração dos cargos desempenhados pelos cavaleiros temos uma visão do aparelho administrativo do Estado e podemos, inclusive, perceber um aspecto interessante do governo imperial. Na *Urbs* e por todo o império os grandes homens públicos empreendiam uma prática essencial para o sucesso político no mundo romano, trata-se do “patrocínio comunitário, isto é, despesas privadas em larga escala, obrigatórias ou voluntárias, para fins comuns – templos e outras obras públicas, teatro e espetáculos de gladiadores, festivais e festas – em troca da aprovação popular” (FINLEY, 1997, p 48).

Tal prática, conhecida como evergetismo, na qual se confundia “o homem público e o homem privado” (VEYNE, 1991, p.117) resultava sempre em prestígio político para aquele que a desempenhasse. Mas, durante o Principado, todas as ambições políticas que aspirassem ir além das localidades municipais estavam submetidas à *auctoritas* do imperador. Nesse sentido, os cavaleiros em suas funções eram representantes da nova racionalidade administrativa, e estavam submetidos às práticas tradicionais cujos benefícios políticos não convergiam apenas para quem as praticava, uma vez que o correto desempenho de suas designações e encargos era traduzido, em última instância, na capacidade do príncipe de escolher os melhores cidadãos para ajudá-lo a gerir o império.

Essa relação, que mantinha os *equites* ligados ao príncipe, inseria essa classe no tradicional sistema do patronato romano, que, conforme Alföldy (1989), colocava todos os cidadãos sob a figura do imperador. Assim, suas peculiaridades funcionais, que os diferenciava *a priori* dos senadores, eram adequadas ao quadro das instituições tradicionais que buscavam manter o novo regime alinhado às formas de organização social às quais os romanos estavam mais habituados. E uma das formas mais eficazes para isso era manter presente a perspectiva de ascensão política, assim a ambição pessoal dos cavaleiros era estimulada, pois os imperadores os favoreciam.

---

<sup>112</sup> Les principales charges civiles qui lui sont offerts sont les procuratèles financières, lès grands seviles publics (administration, annone, *cursus publicus*); les charges militaires sont le commandement des légions d’Égypte, le commandement des flottes, la prefecture des vigils, la préfecture du prétoire; les charges mixtes sont lès gouvernements provinciaux: Égypte, provinces dites procuratoriennes.

Aqueles que se distinguiam nesta carreira tinham a perspectiva de não permanecer na ordem equestre; chamados ao Senado pelo imperador – *adlecti* –, frequentemente para a classe dos senadores pretorianos, eles podiam então percorrer a carreira senatorial até os altos cargos<sup>113</sup> (ROUGÉ, 1969, p. 145).

Diante disso, vemos que os cavaleiros estavam em um processo permanente de fusão com a ordem senatorial, e isso interessava ao César, pois tal movimento solidificava a coesão do império e respaldava o sistema político do Principado unindo os dois grupos a serviço do Estado, os quais em contrapartida exigiam do príncipe um comportamento modelar que fosse ao encontro de seus interesses. A acomodação dos *equites* ao governo imperial se dava principalmente pela possibilidade de ascensão política sob o beneplácito do príncipe. Além de integrar o aparato administrativo do Estado

Os cavaleiros mais qualificados e mais ambiciosos podiam depois ascender ao cargo de *procurator Augusti*, o lugar mais elevado da administração econômica e financeira do Império, ou ainda serem governadores de alguma província mais pequenas. Os mais capazes eram finalmente nomeados para os mais altos cargos da corte (ALFÖLDY, 1989, p. 141).

Contudo, o papel dos *equites* não deve ser supervalorizado, o próprio Alföldy (1989, p. 142) ressalta isso ao apontar que os papéis políticos mais importantes no período imperial permaneciam nas mãos dos senadores. Entretanto, devido à importância de alguns cargos reservados aos cavaleiros, aqueles que tinham a honra de exercê-los adquiriam níveis de prestígio que os equiparavam com os altos escalões do *ordo senatorius*.

No embate entre a nova realidade política, representada pelo advento do sistema imperial, e o apelo à preservação das tradições republicanas defendida por grupos senatoriais os *equites* serviram ao príncipe como um fator de compensação necessário à constante busca de equilíbrio presente nos primeiros tempos do Principado. Conforme o novo regime caminhava para sua consolidação a fusão das duas ordens em seus estratos mais altos pode ser traduzida pela adoção equestre das características da ordem senatorial que, abandonando os

---

<sup>113</sup> Ceux qui se distinguent dans cette carrière ont la perspective de ne pas rester dans l'ordre equestre; appelés au Sénat par l'empereur – *adlecti* –, le plus souvent au rang des sénateurs prétoriens, ils peuvent alors parcourir la carrière sénatoriale jusqu'aux plus hautes charges.

zelos republicanos mais exacerbados, passou a apoiar o novo regime, exigindo, porém, uma excelência moral dos homens políticos a frente do império. Portanto, apesar das diferenças, senadores e equestres compartilhavam um modelo comum de príncipe ideal, fundado, sobretudo, nas noções republicanas de *virtus* e *mos maiorum* e no estoicismo, que predominavam no pensamento e nas orientações políticas das elites do Alto Império romano.

A *virtus* era um valor fundamentalmente romano que nos remete ao homem direito que elenca, em ordem de importância, em primeiro lugar a *res publica*, em seguida a família e posiciona e último lugar a si mesmo. Nesse sentido a *virtus* exprime-se no modo de atuação a serviço do Estado (PEREIRA 1987, p 397-407).

A etimologia da palavra evoca um universo de sentidos masculinos, derivada de *vir*, vocábulo que pode ser utilizado para designar homem, varão, marido ou soldado. A noção primitiva de *virtus* expressa força, valor, energia, qualidade e mérito (BUSARELLO, 2003). Lidamos, portanto, com um conceito que sustenta valores enaltecidos do homem e, em última instância, no contexto romano, os adjetivos do *pater familias* em todos os espectros de sua atuação, privados ou públicos.

Magistrado, ele é delegado por seus iguais a uma função, e dela ele não saberia tirar a menor vantagem pessoal; mesmo em caso de necessidade, ele deverá sacrificar tudo o que lhe é mais caro, até mesmo sua pessoa<sup>114</sup> (GRIMAL, 1981, p.68)

Tal interpretação da *virtus* do homem romano contrastava em muitos aspectos com o comportamento adotado pelos homens políticos da República tardia, os quais exerceram o poder muitas vezes em nome de um partido ou facção, e, sobretudo, em benefício próprio. Por isso, durante o Principado, mesmo com a perda de importância das instituições da República diante do poder dos imperadores, a devoção cívica permaneceu como um dos fatores mais importantes da *virtus*. E tal conceito político, antes diluído entre os cônsules anuais e demais senadores no exercício dos cargos públicos, passou a ser atributo do príncipe, na medida em que cabia exclusivamente a ele muitas das prerrogativas que antes eram compartilhadas.

Numa construção social em que o passado era uma base fundamental das instituições dominantes, as qualidades e os hábitos do homem público deveriam observar constantemente

---

<sup>114</sup> Magistrat, il est delegue par ses égaux à une fonction, et celle-ci ne saurait lui valoir le moindre avantage personnel; au besoin meme, il devra lui sacrifier tout ce qui lui est cher et jusq' à sa personne.

a noção de *mos maiorum*. De definição um tanto complexa, a ideia era a junção de amplos elementos que tinham em comum a localização em um passado idealizado, no qual os membros eminentes da elite romana deram inúmeros exemplos de como deveria ser conduzida a vida pública e privada do homem político. Fixou também as formas e os estatutos que deveriam ser obedecidos na condução da *res publica*. Portanto, o respeito pelo passado e tradição de Roma concentra-se na noção de *mos maiorum* em cuja permanente observância imaginava-se assentada a grandeza do Estado. Essa ideia derivava da valorização do modo de vida rústico, próprio dos antigos ideais romanos, que uniam em um mesmo indivíduo as qualidades do camponês, do soldado e do cidadão (PEREIRA, 1987, p. 345-351).

A marcante presença dessa noção na mentalidade senatorial durante a república foi um dos fatores que facilitaram a adesão da elite pela filosofia estoica. O *mos maiorum* pode ser entendido como a naturalização dos hábitos dos antigos; a obediência a eles justificava o estatuto político privilegiado dos senadores e a hierarquização dos demais grupos sociais. E a filosofia do Pórtico ia ao encontro dessa mentalidade, pois

Para os estoicos o fundamento da moral é a conformidade com a natureza, ou seja, com tudo que é natural tanto para o próprio homem quanto para a ordem do mundo material e divino e também para a cidade<sup>115</sup> (GRIMAL, 1981, p. 77)

Imbuídos desse aspecto da *Stoa* os romanos viram nesse pensamento de origem grega um sólido fundamento filosófico para respaldar sua sociedade. O conservadorismo era o mote principal, especialmente devido à vitaliciedade do estatuto senatorial, cujo caráter moral e político eram sempre revigorados com vistas a respaldar a ordem como o sustentáculo por excelência da República (MENDES, 1988, p 32). Nesse período, anterior ao advento da filosofia estoica,

Via-se, em Roma, as preferências políticas dispersas, nos meios conservadores estavam longe de formar um conjunto doutrinal. Tratava-se, sobretudo, de uma espécie de prática fortemente enraizada nos espíritos pela

---

<sup>115</sup> Pour les stoïciens, le fondement de la morale est la conformité avec la nature, c'est-à-dire avec tout ce qui est aussi bien la nature propre de l'homme que l'ordre du monde matériel et divin, et aussi la cite.

fidelidade ao *mos maiorum*, que a justificava por alguns argumentos simples e fortes<sup>116</sup> (NICOLET, 1964, p. 28).

Portanto, o constante apelo ao *mos maiorum* delata uma tendência naturalizante de uma visão de mundo, um entrincheiramento de valores com uma dupla função distintiva: da elite em relação às demais camadas da população e da cultura romana em relação às estrangeiras. Entretanto, a trajetória que fez Roma rejeitar a República em favor do Principado foi um fator de degradação dessa noção, pois

O *mos maiorum*, inclusive para a aristocracia senatorial, havia deixado de ser desde muito tempo o único sistema de referência, a propósito disso os teóricos da época se lamentariam da decadência deste código de valores, e as correntes espirituais determinantes se proporiam a revitalizá-lo, porém nunca substituí-lo por novos ideais<sup>117</sup> (ALFÖLDY, 1987, p. 121)

O próprio estoicismo que, conforme dissemos acima, favoreceu a noção de *mos maiorum*, pode ser incluído entre as referências que com ele competia, pois contraditoriamente a *Stoa* também divergia dos valores ancestrais da *Urbs* ao dar respaldo ao poder pessoal por meio da exaltação da figura do político sábio. Trata-se, portanto, de uma delicada necessidade de conciliação. Com o advento do Principado, a junção do estoicismo com o *mos maiorum* expressava de um lado o reconhecimento de grupos senatoriais para com a imperativa presença do poder centralizado, e, de outro, a devoção dos príncipes, embora não de todos, em relação à autoridade social, econômica e moral do *ordo senatorius*.

Essa tentativa de reedição dos valores ancestrais durante o Alto Império deve ser entendida, principalmente, como um desejo de superação espiritual das conturbações ocorridas durante os anos finais da República, e pontualmente, sob alguns césores, quando “o horizonte moral e ideológico do *mos maiorum* praticamente se perdeu de vista”<sup>118</sup> (ALFÖLDY, 1987, p. 128). Ou seja, na época imperial o apelo ao *mos maiorum* esteve

---

<sup>116</sup> On le voit, les préférences politiques répandues, à Rome, dans les milieu conservateurs sont loin de former un corps de doctrine. Il s’agit plutôt d’une sorte de pratique fortement enracinée dans lês esprits par fidélité au *mos majorum*, que l’on justifie par quelques arguments simples et forts.

<sup>117</sup> El *mos maiorum*, incluso para la aristocracia senatorial, había dejado de ser desde hacía tiempo el único sistema de referencia, a pesar de lo cual los teóricos de la época se lamentarían de la decadencia de este código de valores, y las corrientes espirituales determinantes se propondrían revitalizarlo, pero nunca sustituirlo por nuevos ideales.

<sup>118</sup> El horizonte ideológico y moral del *mos maiorum* se perdió de vista prácticamente.



representado em tendências republicanas dos senadores que, diante da impossibilidade da restauração da República, reclamavam ao menos os valores a ela atribuídos.

Em torno dessa confluência de ideias e interesses senatoriais e imperiais no seio do regime orbita uma questão: quanto poder cada parte detinha? Embora sua solução seja deveras difícil não devemos nos furtar a discussão ainda que seja apenas para apresentar nosso posicionamento a respeito. Sobre a condição da aristocracia sob o Principado Rouland (1997, p. 349) informa: “não há liberdade a não ser na submissão”, ou nas palavras do panegirista referindo-se a Trajano: “Ele não esquecerá jamais os conselhos que nos deu e saberá que usando a liberdade que ele nos dispensou não faremos mais do que lhe obedecer”<sup>119</sup> (*Panegírico*, 67,2). A nosso ver, tal situação, embora possa ser relativizada, não pode ser contestada totalmente, já que a solução senatorial contra os imperadores cujos governos aos seus olhos, degradavam-se em tiranias era, na maioria das vezes, a conspiração e o assassinato. César, Calígula, Nero e Domiciano são exemplos de que a conciliação era difícil e que a verdadeira dignidade da cúria somente poderia ser recuperada com sangue. Mas, afóra esses casos extremos, em que as soluções urgentes traziam somente incertezas, podemos tentar compreender o grau de compartilhamento de poder entre césaes e senadores.

Centrando a discussão em um período mais próximo ao nosso recorte vemos que Eck (2008) ressalta que após 69 d. C. nenhum dos pretendentes ao trono imperial questionaram a posição política central do Senado, mesmo porque suas pretensões dependiam do apoio dos demais membros da ordem, da qual, naturalmente, eles também faziam parte. Contudo, devemos indagar se esta harmonia permanecia de forma ampla após o acesso ao poder. É claro que os apoiadores eram recompensados, como na política favorável à *factio hispana* que aderiu às intenções de Vespasiano durante as conturbações após a queda de Nero, mas, de maneira geral, a condição do *ordo senatorius* em face ao César era um tanto precária.

Sintetizando as informações trazidas por Eck (2008), notamos que desde sua composição o Senado estava comprometido pela vontade dos imperadores que escolhiam seus membros por meio da censura, que passou a ser prerrogativa perpétua do César a partir de Domiciano, devido a isso

Muitos senadores se viam obrigados ao imperador, então no poder, em relação a assuntos oficiais, pois sua entrada na ordem fora obra dele, por isso

---

<sup>119</sup> Il n'oublia jamais les conseils qu'il nous a donnés et il saura qu'em usant de la liberté que nous tenons de lui nous ne ferons que lui obéir.

não estavam em condições de fazer nada além de confiar nas decisões do imperador e apoiá-las quando estas chegavam ao Senado<sup>120</sup> (ECK, 2008, p. 234).

Nesse sentido é interessante destacarmos, no *Panegírico*, as reclamações de Plínio em relação à atitude dos senadores sob os governos passados, ele que fora justamente favorecido por Domiciano: “Anteriormente, ainda que fosse baixa e mesquinha a questão a ser discutida no Senado, aqueles que tinham a palavra estendiam-se em louvores aos príncipes” (*Panegírico*, 54, 3). Eck (2008) acrescenta que a independência decisória do Senado ficara reduzida a assuntos rotineiros, o que também aborrecia o panegirista: “nos consultavam sobre o aumento do número de gladiadores ou sobre a instituição de um colégio de *fabri*” (*Panegírico*, 54, 4).

Por outro lado, o César tinha junto de si um grupo de senadores de confiança que compunham o *consilium principis*, ou seja, seu conselho pessoal que o auxiliava politicamente. No caso de Trajano ele “cercou de homens competentes que sempre influenciaram suas medidas políticas concretas e sua ideologia”<sup>121</sup> (CIZEK, 1983, p. 166). A presença desse conselho imperial é evocada por Eck (2008) para relativizar a falsa ideia oferecida pelas fontes sobre o papel central do imperador, pois nelas “ele aparece como ponto focal de consultas e decisões”<sup>122</sup> (ECK, 2008, p. 195). O autor afirma que, a despeito da centralização do poder, os indivíduos que tinham contato com o César tinham a possibilidade de influenciá-lo, todavia a natureza dessa influência variava de acordo com o caráter do imperador. Desse ponto de vista, podemos incluir o *Panegírico* de Plínio como um possível canal de intervenção, já que a obra mesclou elogios e conselhos em virtude do momento favorável em que ocorreu sua elocução.

Contudo, nenhuma presença ou tentativa individual pode ser comparada com o *consilium principis*, pois, embora não fosse um órgão institucionalizado, sua proximidade em relação ao César era um fator de privilégio. Todavia, o conselho não significava de forma concreta um possível canal de subtração do poder imperial, pois, de início, um grupo de homens escolhidos entre os senadores para atuar junto ao imperador já significava uma redução do estatuto decisório da cúria como um corpo deliberativo. As reclamações de Plínio

<sup>120</sup> Many senators were obliged to the current emperor for official appointments, or owed their very entry into the Senate to him, and were therefore not in a position to do otherwise than to trust the emperor’s decisions, and to agree with his proposals when they came before the Senate.

<sup>121</sup> Entouré d’hommes compétent qui ont toujours influence ses mesures politiques concrètes et son idéologie.

<sup>122</sup> He appears as the focal point of consultations and decisions.

nos dão um indicativo disso. Além do mais, as próprias condições dos membros e da composição do conselho relativizam sua importância e poder diante do príncipe.

O *consilium* de Trajano, segundo Cizek (1983, p. 177), era composto por indivíduos que estavam unidos pela “competência em matéria administrativa e fidelidade com respeito a Trajano”<sup>123</sup>. Assim, a característica do conselho do César, além de suas habilidades, era ser composto por membros de confiança. E tal confiança só poderia ser avaliada na medida em que um senador do conselho imperial obedecia ao César e não aos interesses senatoriais que fossem de encontro às aspirações imperiais. Por isso Plínio, exorta os senadores a demonstrarem sua devoção a Trajano: “Além disso, o primeiro dever dos cidadãos reconhecidos ao melhor dos príncipes é o de perseguir aqueles que não se parecem com eles”<sup>124</sup> (*Panegírico*, 53, 2). Com estas palavras percebemos que o panegirista denuncia e testa partidários remanescentes de Domiciano ou mesmo aqueles que não haviam aderido totalmente ao novo governo, ademais, a atitude de Plínio não podia ser outra, pois sob Trajano ele era membro do conselho.

Causou-me uma enorme satisfação o fato de haver sido convidado a Centucelas (tal é o nome do lugar) por nosso amado César para formar parte de seu conselho. O que pode, de fato, ser mais agradável que contemplar de perto a justiça de nosso príncipe, sua dignidade e sua amabilidade também em um retiro onde estas virtudes se descobrem mais facilmente?<sup>125</sup> (*Cartas*, VI, 31, 1, 2) [...] No último dia, ao partir (tão atenta é a delicadeza de nosso príncipe), nos foram oferecidos pequenos presentes. Porém, para mim não só foi muito agradável a importância dos processos, a honra de fazer parte do conselho do príncipe, o encanto e a naturalidade da convivência, senão muito especialmente o próprio lugar<sup>126</sup> (*Cartas*, VI, 14).

O testemunho do epistolário mostra que, em certa medida, participar do conselho era um privilégio que o imperador proporcionava a partidários escolhidos. Embora os conselheiros possam ter contribuído nas decisões do César a admiração e a gratidão de Plínio mostra que o relativo poder do conselho não era próprio, mas dependia da permissão imperial.

<sup>123</sup> Compétence em matière administrative et la à l'égard de Trajan.

<sup>124</sup> En outre le premier devoir des citoyens reconnaissants envers le meilleur des princês est de poursuivre ceux qui ne lui ressemblent pas.

<sup>125</sup> Me ha causado una enorme satisfacción el hecho de haber sido invitado a Centuncelas (tal es el nombre del lugar) por nuestro amado Cesar para formar parte de su consejo. Que puede, en efecto, ser mas agradable que contemplar de cerca la justicia de nuestro principe, su dignidad y su amabilidad también en un retiro donde estas virtudes se descubren mas facilmente?

<sup>126</sup> El último día, al partir (tan atenta es la delicadeza de nuestro principe), nos fueron ofrecidos unos pequeños obsequios. Pero para mi no solo fueron muy agradables la importancia de los procesos, el honor de formar parte del consejo del principe, el encanto y la sencillez de la convivencia, sino muy especialmente el lugar mismo.

O fato de se reunir junto ao príncipe marca certa sujeição do conselho, cujos membros, quando no Senado, poderiam, a contento do César, sondar as intenções dos demais pares e promover especialmente os interesses que fossem ao encontro das intenções do governante. Uma hipótese interessante pode reforçar ainda mais a imagem de relativa subordinação do conselho:

A grande quantidade de trabalho envolvida sugere a suposição de que os encontros entre o imperador e seus conselheiros “permanentes” teria sido frequente e, talvez, relacionada com a *salutatio* da manhã<sup>127</sup> (ECK, 2008, p. 206).

A *salutatio*, como nos explica Venturini (2000), era uma obrigação no âmbito do sistema de patronato, pela qual o cliente fazia uma visita matinal ao patrono. Embora entre o conselho e o César não devamos ver uma relação *patronus-clientis*, onde a diferença social era significativa, mas sim uma relação *patronus-amicus*, que ligava indivíduos de estatuto semelhante, a situação é bem sugestiva, pois mesmo no segundo caso prevalece, ainda que relativamente, a verticalidade. Nesse sentido devemos indagar qual situação prevalecia em relação ao grupo de conselheiros escolhido pelo imperador, a de *consilium principis* ou de *amicus principis*?

Diante disso, não devemos nos deixar persuadir completamente com o fato de que em 102 d. C., Trajano remeteu ao Senado os embaixadores do rei dárico Decébalos para discutir com aquele órgão os termos da assinatura do tratado de paz (ECK, 2008). Ao contrário, devemos indagar como lá atuaram os membros do conselho e demais senadores, todos ligados ao César pelo sistema de patronato. Ou seja, a importância desempenhada pela cúria foi efetiva ou aparente?

Dois dúvidas sobre o *consilium principis* apontadas por Eck (2008) podem corroborar ou não com a sua importância: a primeira é sobre o peso das circunstâncias políticas na escolha, por parte do príncipe, dos membros do conselho; a segunda sobre o fato de algumas reuniões secretas não produzirem documentos. Em relação ao primeiro caso podemos pensar de um lado que quando o imperador estivesse fortalecido tivesse mais autonomia, e por outro, em situações de crise, talvez ele precisasse selecionar homens que, mesmo não sendo seus

---

<sup>127</sup> The large amount of work involved suggests that we should assume that meetings between the emperor and his ‘permanent’ advisers would have been frequent, if not almost daily, and perhaps linked with the morning *salutatio*.

favoritos, pudessem aconselhá-lo e sinalizar uma postura conciliadora. No que toca ao segundo, a ausência de atas pode ser entendida como uma convenção para reuniões mais reservadas ou até mesmo refletir a reduzida importância dos assuntos debatidos, todavia, podemos pensar também que, em caso de assunto importante, para além da necessidade do segredo, o César, em alguns casos, não estivesse predisposto a admitir por escrito que nas decisões tomadas tenha prevalecido opiniões dos conselheiros sobre as suas.

Essa discussão não visa subtrair a noção de que fora do conselho os senadores desempenhassem importantes funções políticas, administrativas e jurídicas dentro sistema imperial, como foi recentemente demonstrado por Souza (2013). Todavia, o exercício das diversas magistraturas e o acesso ao *ordo senatorius* dependiam do favor imperial, além disso, o poder de que gozavam era delegado pelo César: “para recompensar sua probidade, que eles saibam doravante que este controle, é por minha vontade que tu o exercerás”<sup>128</sup> (*Cartas*, X, 48, 2). Nesse sentido, a valorização do Senado deve ser entendida no âmbito das funções que ele desempenhou no período, as quais, embora essenciais para a manutenção e bem estar do sistema imperial, não refletiam de fato verdadeiro poder de decisão, o que fica claro, por exemplo, em Plínio, que, mesmo portando o importante título de *legatus pro praetore Ponti et Bithyniae consulari potestate* (DURRY, 2002, p. VI), demonstra hesitações na sua correspondência com Trajano, quando o senador governava a província do Ponto-Bitínia.

## 2 – As bases ideológicas do Principado

Para Béranger (1953) podemos resumir a ideologia do Principado em quatro pontos principais: a recusa do poder; a preocupação com o bem público; a ideia de unidade e a figura do protetor. Na órbita dessas ideias chaves gravitavam todas as demais que davam forma ao regime.

A recusa do poder, fiel à lógica do Principado, também se apresenta ambígua: “Há recusas e recusas”<sup>129</sup> (BÉRANGER, 1953, p. 140). Portanto as atitudes dos Césares em relação à rejeição do poder são múltiplas e podem expressar sinceridade ou perspicácia política. Entretanto, ela nunca é total, ou seja, nenhum imperador usou seu poder para restabelecer a República. Todavia, a despeito desse pragmatismo imperial, não devemos generalizar e crer que nenhum dos Césares foi sincero em suas atitudes favoráveis a essa ideia. Assim, a recusa

<sup>128</sup> Pour récompenser leur probité, qu'ils sachent désormais que ce contrôle, c'est par ma volonté que tu l'exerceras,

<sup>129</sup> Il y a refus et refus.

do poder pode ser vista na cautela augustana em relação ao exercício de magistraturas extraordinárias, nas evasivas de Tibério, ou na nostalgia de Marco Aurélio.

A recusa ao poder se manifestava, portanto, de várias maneiras: estava presente no sistema de sucessão baseado na adoção fora da família, pois nela os imperadores demonstravam rejeição a uma política dinástica beneficiadora de seus descendentes diretos. Revelava-se, também, na exaltação da figura do cidadão, “pois o príncipe é e permanece, estritamente falando, um particular, um *privatus*. Ele insiste também sobre sua qualidade de simples cidadão<sup>130</sup>” (BÉRANGER, 1953, p. 150). Ou seja, propagava a ideia de que o poder lhe era imposto, pois “a filosofia política do império é a do indivíduo diante dos poderes<sup>131</sup>” (MICHEL, 1969, p. 59). Em relação à imposição do poder ela também ocorria através da intervenção divina. Por meio da obediência aos deuses, o César, indicado por algum desígnio, demonstrava sua recusa na impossibilidade de rejeitar o poder delegado por uma vontade superior. A modéstia e a moderação também eram exemplos que se expressavam, especialmente, no respeito às diretrizes republicanas que mascaravam o caráter absoluto do Principado.

A ideologia da recusa do poder encontrava respaldo ainda na concepção estoica do controle das paixões, pois estas poderiam interferir prejudicialmente com a tendência despótica do poder centralizado (MICHEL, 1969). Era também exaltada na abdicação do luxo, acessível ao príncipe devido ao seu poder, porém reprovável pela moral tradicional. Trajano, além de seguir essa tendência, também demonstrou essa atitude de recusa ao poder no seu respeito e atenção ao Senado (CIZEK, 1983).

O segundo aspecto da ideologia do Principado, a preocupação com o bem público ou *cura*, pode ser entendida, sintetizando Béranger (1953), como a devoção do soberano a *rei publicae causa*. Ou seja, o príncipe, como cidadão e como governante devia sacrificar-se em nome do Estado. Dessa forma, a ideologia do Principado ilustrava o poder como um encargo assumido, apresentando “o imperador a serviço da humanidade”<sup>132</sup> (BÉRANGER, 1953, p. 179). Trata-se, enfim, de uma atitude de uso do poder em benefício dos demais cidadãos e dos assuntos públicos que se resume na ideia de *cura*.

Durante o Principado, a *cura* dos Césares pode ser observada na busca de uma administração mais racional do império, feita por meio da divisão regional da Itália e do

<sup>130</sup> Car le Prince est et reste, strictement parlant, un particulier, un *privatus*. Aussi insiste-t-il sur sa qualité de simple citoyen.

<sup>131</sup> La philosophie politique de l'Empire est celle de l'individu devant les pouvoirs.

<sup>132</sup> L'empereur au service de l'humanité.

compartilhamento da responsabilidade sobre as províncias geridas pelo Senado ou pelos legados do príncipe; pode ser visto também pelo controle e melhor organização fiscal (ROUGÉ, 1969). No plano social, a preocupação com o bem público se expressava no conservadorismo, um consenso geral de respeito às tradições e de entendimento entre os grupos retores (CIZEK, 1983), ou seja, um *consensus ordines* sob a direção do benfeitor supremo, o imperador (GRIMAL, 1999).

A ideia de unidade, por sua vez, guarda muitas semelhanças com a preocupação em relação ao bem público. Contudo, observada do ponto de vista do império, trata-se de uma *cura* dedicada ao *corpus imperii*. Tal ideia, “surgida do estoicismo, oferece uma explicação racionalista do mundo, abraçando em um conjunto grandioso a totalidade do universo”<sup>133</sup> (BÉRANGER, 1953, p. 225). Esse universo não era outro senão o império ao qual os homens deveriam se integrar, e, mais do que todos, o príncipe, como gestor imbuído do estoicismo. A filosofia do Pórtico, com seu universalismo e a exaltação do governante sábio, respaldava essa ideia de unidade a partir de noções como a do mundo como um cosmos único regido pela natureza que tudo determinava. Nesse sentido, devido à alegada inaptidão das camadas populares, a sociedade deve utilizar-se para seu governo de uma monarquia ideal (BÉRANGER, 1953), consoante com a noção de *vivere naturae*.

Portanto, o esforço maior da propaganda imperial era o de trabalhar para a integração de todo o império. Tal êxito, segundo Rougé (1969), se deu durante a dinastia Antonina que governou em consonância com as diretrizes estoicas. A integração das províncias no sistema romano era, inclusive, uma plataforma de poder dos césares, pois para as elites locais interessava mais suas qualidades administrativas de todo o império do que suas condições junto à aristocracia da *Urbs* (CIZEK, 1983). Durante o Alto Império essa doutrina era abraçada especialmente pelos pensadores gregos que viam na “expansão do império o desenvolvimento da cultura e a diversidade fecunda de ideologias”<sup>134</sup> (CIZEK, 1983, p. 123). Essa concepção era difundida por meio de uma literatura, cujos exemplos são os discursos de Dion Crisóstomo sob Trajano, que expressava identidade e alteridade nas relações com a periferia e o centro imperial. Uma harmonia garantida, sobretudo, pela prosperidade que o mundo mediterrâneo viveu, mesmo sob o imperialismo romano (OLIVEIRA, 2001).

Por fim, a figura do protetor preenche a ausência de uma definição clara, sob o ponto de vista legal, do papel do príncipe. De acordo com Béranger (1953) vários aspectos

<sup>133</sup> Issue du stoïcisme, elle offrait une explication rationaliste du monde, embrassant dans un ensemble grandiose la totalité de l’univers.

<sup>134</sup> L’expansion de l’Empire, le développement de la culture, la diversité féconde des idéologies.

caracterizavam essa concepção dos césares. Uma concepção cíclica do tempo e do mundo respaldava o príncipe como protetor da ordem cósmica na medida em que ele, com sua política, restaurava a paz, a prosperidade e as instituições republicanas. O protetor também se afirmava por meio de seu mérito pessoal, que o capacitava a assumir o poder sobre os demais embora permanecesse igual a todos, ou seja, um simples cidadão. A ideia de protetor refletia também a de tutela, familiar aos romanos, especialmente se atentarmos para o sistema de patronato. A busca do amparo econômico, político ou jurídico de um indivíduo com poder superior ilustra-se, sobretudo, nas relações do príncipe com os demais habitantes do império.

Concentrando sobre si todas as prerrogativas do antigo sistema, o imperador mantinha a política da República de defender os aliados de Roma (ROUGÉ, 1969). O César tornava-se assim, não só o protetor de Roma e das províncias, mas também de regiões além do *limes*. No âmbito interno, especialmente na *Urbs*, a figura do protetor expressava-se em medidas econômicas favoráveis à plebe urbana, distribuição de alimentos, dinheiro e na realização de espetáculos públicos. Políticas que também foram adotadas por Trajano (CIZEK, 1983). Um exemplo importante foi seu sistema de *alimenta*, um tipo de fundo, cujo rendimento era destinado à compra de trigo para crianças pobres (OLIVEIRA, 2001).

Todas essas práticas encontravam suas expressões concretas e abstratas por meio dos poderes, títulos e nomes atribuídos ao príncipe. Homo (1950) nos apresenta os mais importantes deles. A dignidade de *princeps* fazia de seu titular o primeiro entre os cidadãos, ainda que submisso às leis. O nome de *imperator* caracterizava-o como detentor de um poder denominado *imperium procursulare* que lhe dava total arbítrio sobre assuntos civis, militares e jurídicos que, diferente da época republicana, poderia ser exercido em Roma ou nas províncias. Outro nome era o de *Caesar*, atrelado aos imperadores da dinastia Júlio-Cláudia, ele passou a ser sinônimo do detentor dos poderes supremos. Por fim, o nome de *Augustus*, imbuído de especial significado religioso, eleva o imperador acima da humanidade e lhe confere características sagradas. Além disso, os imperadores possuíam a *tribunicia potestas*, que acumulava todas as prerrogativas legislativas e sagradas dessa magistratura republicana acrescentando ainda outras. Por fim, o imperador era o *pontifex maximus*, título religioso que lhe outorgava as prerrogativas religiosas tradicionais de Roma e lhe conferia uma ampla superioridade moral.

A antítese do príncipe ideal se configurava na figura do *tyrannus*. Usando como mote uma frase de Plínio: “Além do mais, não há bom elogio sem comparação”<sup>135</sup> (*Panegírico*, 53,

---

<sup>135</sup> De plus il n’y a pas de bon éloge sans comparaison.



1), podemos fixar melhor o modelo do príncipe ideal contrapondo-o ao arquétipo do príncipe ruim – o tirano. Tal comparação oferece os aspectos decisivos para entendermos a idealização do príncipe, pois sintetiza as características essenciais que foram manipuladas nos discursos políticos de propaganda do regime imperial. Como recurso retórico Plínio fez a oposição *princeps/tyrannus* comparando, no *Panegírico*, Trajano com Domiciano.

De tudo isso resulta que os retratos que nos são propostos são quase sempre terríveis caricaturas das quais devemos desconfiar. Entretanto, é possível extrair as tendências ideológicas que orientam a construção desses quadros; é necessário também buscar a través de cada um as indicações de como os príncipes viam a si mesmos. Agrupando todos esses traços chegamos a uma constatação que parece dominar a ideologia de Roma nesse período: o exercício do poder imperial criou uma situação fundamentalmente trágica<sup>136</sup>. (MICHEL, 1969, p. 88).

Ou seja, devemos nos acautelar com o discurso de Plínio e sermos críticos o suficiente para compreender que a exaltação propagandística de Trajano exigia um contraponto concreto. Contudo, tal oposição não se construiu apenas com dados da política empreendida pelo último Flávio, mas também por ter sido atribuída a ele a figura do tirano. Optar pela noção abstrata de *tyrannus* é necessário, especialmente, pelo fato de termos informações abonadoras do governo de Domiciano, que “instituiu, sob bons aspectos, uma administração competente do império, animada de um espírito autêntico de responsabilidades. [...] Cavaleiros, a plebe, e os pequenos e médios proprietários constituíam a base social da política de Domiciano”<sup>137</sup> (CIZEK, 1983, p. 87-88). Portanto, Domiciano não fora um tirano para todo o mundo romano, mas foi impiedoso e opressor para com setores ilustrados que viam especialmente na adequação às diretrizes estoicas a melhor forma de governo. Como Plínio simpatizava com esse grupo conferiu a Domiciano o arquétipo de *tyrannus*.

Como todas as ideias aqui abordadas, a noção de tirania em Roma também remontava ao passado, especialmente à passagem da monarquia à República. E, por isso, o panegirista não deixa de citar Bruto como exemplo de bom servidor à pátria. “Ele rejeita, expulsa a tirania e todos os males sofridos por uma cidade cativa”<sup>138</sup> (PLÍNIO, *Panegírico*, 55, 6, 7). A

<sup>136</sup> De tout cela il résulte que les portraits qu'on nous propose sont presque toujours d'effroyables caricatures, dont nous devons nous défier. Cependant, il est permis de dégager les tendances idéologiques que président à la confection de ces tableaux; il est nécessaire aussi de chercher à travers telle ou telle indication comment les princes se voyaient eux-mêmes. En regroupant tous ces traits, on arrive à une constatation que semble dominer l'idéologie de Rome en ce temps: l'exercice du pouvoir impérial crée une situation fondamentalement tragique.

<sup>137</sup> Avait statué, sous biens des aspects, une administration compétente de l'Empire, animée d'un esprit authentique de responsabilité. [...] chevaliers, la plebe et les petits et moyens propriétaires constituaient la base sociale de la politique de Domitien.

<sup>138</sup> Celui-ci repousse, expulse la tyrannie même et tous les maux que subit une ville prise.

tradicionalmente celebrada obra de Bruto foi a expulsão do último rei etrusco de Roma, o que abriu o caminho para o estabelecimento da República sob a direção da aristocracia. Tarquínio, o Soberbo é um dos personagens históricos de Roma mais frequentemente qualificado como tirano. Entre outras de suas características negativas uma das mais desabonadoras foi “ter chegado ao poder por um golpe de força e não por via regular como seus predecessores<sup>139</sup>” (BÉRANGER, 1935, p. 89). Fixada, assim, nos primórdios da tradição republicana, a aversão romana aos tiranos foi, então, transmitida entre as gerações e era uma parte importante do *mos maiorum*.

Desde suas primeiras lições a criança aprende a odiar os tiranos e a admirar os tiranicidas. [...] O jovem aluno aprende igualmente que o tirano é egoísta, caprichoso, que ele ignora a justiça, que ele se assemelha a uma besta selvagem<sup>140</sup> (CIZEK, 1982, p. 74).

A educação de Plínio não fugiu a esse costume. Nesse sentido cabe ressaltar a influência de sua educação com Quintiliano, autor da *Institutio oratória*, obra, como muitos tratados de retórica da época, na qual “o tema do tirano era o assunto por excelência dos exercícios de declamação”<sup>141</sup> (BÉRANGER, 1935, p. 87). Mas a aversão ao tirano deve também um importante aporte à filosofia grega, Oliveira (1996) destaca que Platão, em *A república*, contrapõe o sábio, com seu conhecimento benéfico ao Estado, ao tirano, egoísta e de caráter desonesto, moralmente inferior por lhe faltar o elemento filosófico. Michel (1969, p. 56), tratando de Plutarco, também delineia a figura do tirano: “eram os tiranos, que fazendo mal aos seus concidadãos, que governavam contra as leis e se destacavam especialmente por sua crueldade<sup>142</sup>”.

Durante a República romana, um dos pilares da manutenção do sistema foi, sem dúvida, a cultivada aversão à tirania. Qualquer acumulação de poder pessoal era indício de aspiração à realeza, interpretada por fim como inclinação para o poder absoluto

<sup>139</sup> Était arrivé au pouvoir par un coup de force et non par voie régulière comme ses prédécesseurs.

<sup>140</sup> Dès ses premières leçons, l'enfant apprend à hair les tyrans et à admirer les tyrannicides. [...] Le jeune élève apprend également que le tyran est égoïste, capricieux, qu'il fait fi de l'équité, qu'il ressemble à une bête sauvage.

<sup>141</sup> Le thème du tyran était le sujet par excellence des exercices de déclamation.

<sup>142</sup> C'étaient des tyrans, qui faisaient le malheur de leurs concitoyens, qui gouvernaient contre les lois et se signalaient notamment par leur cruauté.

(BÉRANGER, 1935). Contudo, a noção de realeza não era necessariamente compatível com a ideia de tirania<sup>143</sup>.

Em Roma, para a manutenção do sistema republicano oligárquico, os aspectos positivos da figura do rei foram esvaziados e toda a ênfase foi dada aos aspectos negativos que delineavam o tirano. Apenas uma tênue lembrança da figura real foi mantida, mas remetendo apenas aos aspectos religiosos. As responsabilidades dos antigos reis passaram a ser exercidas pelos aristocratas de forma difusa sob a cautela do sistema de magistraturas. Posteriormente, com o advento do Principado, as características positivas da realeza, aprimoradas pelo estoicismo, foram recuperadas para respaldar o poder pessoal dos imperadores.

Coincidências históricas e literárias criaram um tipo, cristalizando os sentimentos de reprobção contra o déspota. O tirano apresenta traços indelévels, convencionais. A antítese, ao contrário, reveste uma fisionomia móvel, impessoal. Retrato moral: aquele do homem político virtuoso<sup>144</sup> (BÉRANGER, 1953, p. 264-265)

É com essa oposição de modelos que Plínio trabalhou em sua obra. Pois, era necessário exaltar as virtudes do imperador, assim as imagens criadas orbitavam em torno da ideia do bom governante e do tirano, úteis para a percepção coletiva do bem e do mal (OLIVEIRA, 2001). A nós cabe o trabalho de compreender, a partir do *Panegírico*, a abstração pliniana do príncipe ideal construída sobre a imagem do tirano, já que, segundo Oliveira (1996), em virtude do discurso político, e aqui enfatizamos o de Plínio, o imperador Trajano tornou-se o modelo vivo do governante ideal, o *optimus princeps*.

Devemos ressaltar também que, de certa forma, a ideologia do Principado, na época de Trajano, era uma retomada das diretrizes augustanas que, segundo Silva (2010), buscavam legitimar o regime e o governante a partir de uma atitude reverente ao *mos maiorum*. A retomada da figura do tirano, execrada durante a República, é uma clara indicação dessa

---

<sup>143</sup> Béranger (1935) explica que antes do século IV a. C., na Grécia, o nome de *tiranus* poderia designar um usurpador, mesmo que o balanço de seu governo fosse positivo. Nas fontes, às vezes *rex/tiranus* são sinônimos, às vezes antônimos. Platão, em *A República*, é quem oferece a distinção decisiva para esse tipo de análise, pois segundo Béranger (1935) a partir dela se construiu a figura do rei filósofo que depois seria celebrada pelos estoicos.

<sup>144</sup> Des coïncidences historiques et littéraires avaient créé un type cristallisant les sentiments de réprobation envers le despote. Le tyran présente des traits indélébiles, conventionnels. L'antithèse au contraire revêt une physionomie mobile, impersonnelle. Portrait moral: celui de l'homme politique vertueux.

postura, que revela, sobretudo, a visão senatorial da ideologia do regime, pois a ordem era, em grande medida, herdeira dos valores da oligarquia republicana. Cabia, portanto, aos partidários do novo regime, ilustrar a figura dos governantes do Principado com uma ideologia que os afastasse dos tiranos na mesma medida em que os aproximava dos eminentes homens públicos da República.

É nesse sentido que um estudo mais recente (CORASSIN, 1997) compreende a ideologia presente na época dos Antoninos, quando a prosperidade atenuava os atritos entre a aristocracia e o poder imperial. A situação configurava-se como um relativo retorno da *libertas*, especialmente para as elites ciosas das tradições e favorecidas pelo novo sistema. Tal quadro forjava a existência de um Senado que se contentava com os privilégios mantidos e com o beneplácito dispensado pelos imperadores. Nesse contexto, o princípio de adoção utilizado pela dinastia, para operar a sucessão imperial era celebrado como a escolha do *princeps* entre os cidadãos. Em outras palavras, os senadores tinham, em tese, a possibilidade de acessar o poder imperial, que não estava mais restrito a uma família, como ocorrera na sucessão hereditária dos Flávios.

Mesmo com a marcha do Principado para o Dominado a partir dos Severos, quando a base do apoio imperial gradativamente deslocava-se do Senado para o estrato militar, constatamos, a partir de Corassin (1997), que a ideologia do Principado correspondia ainda aos princípios estabelecidos pelos Antoninos de respeito às posses senatoriais, moderação do poder, respeito às leis, apreço pelos valores de cidadania e pela observação do mérito na nomeação dos governadores provinciais. Havia também, no pensamento do período, a aprovação da atitude de rebeldia contra os imperadores cujos governos degenerassem rumo a comportamentos considerados tirânicos. Enfim, tratava-se de uma ideologia de manutenção dos privilégios das aristocracias periféricas do império comprometidas com o poder centralizado, nesse caso, um desdobramento explícito do processo que anteriormente levava um provincial, como Trajano, ao poder. A autora constata a longevidade dessa ideologia, presente ainda na passagem do século IV d. C. para o V d. C., quando prevalecia ainda a apreciação senatorial do bom ou mau imperador conforme este fosse favorável ou hostil à cúria. A ampla aprovação de Severo Alexandre, que governou o império no segundo quarto do século III d. C., justificava-se pelo fato de que sua ascensão ao poder era considerada como uma escolha senatorial, uma referência à época Antonina.

Essa permanência de ideias aristocráticas tradicionais do Senado, a respeito da legitimidade do sistema imperial no contexto de deslocamento do poder para as elites

provinciais, de onde saiam, inclusive, os novos imperadores, revela sua força no período em que foram formuladas suas diretrizes fundamentais. Construída sobre o consenso entre a cúria e os céсарes, na aceitação da entrada de homens novos no Senado, a ideologia que combinava inovações e tradição prevaleceu como propaganda imperial mesmo quando a realidade política do regime trouxe ao poder governantes cada vez mais autocráticos.

Em suma, as bases ideológicas do Principado podem ser rastreadas em vários aspectos das relações estabelecidas entre os interesses senatoriais e aqueles dos imperadores. A camada dominante do mundo romano detinha, pela riqueza e acesso ao conhecimento, o monopólio das ideias acerca do poder político, por isso sua construção do modelo ideal de governante ia ao encontro dos interesses e anseios de sua ordem. Nesse sentido, cabe incluir neste mapeamento, como último ponto da ideologia do regime, o papel do patronato. Tal sistema, exercido em última instância pelo príncipe, como patrono, e pelos senadores, como cliente, pode ser entendido também como uma parcela importante da ideologia do sistema. Tal compreensão está baseada na importante presença da noção de *fides* nesse tipo de relação, que como ideia moral e política, estabelecia o compromisso do César para com os colaboradores do império, fornecendo, assim, a coesão necessária para a manutenção e equilíbrio das forças que sustentavam o Principado.

### 3 – O estoicismo

Durante o Principado o pensamento estoico oferecia um conjunto de ideias fundamentais para traduzir a idealização do poder imperial. Portanto é compreensível que nas linhas do *Panegírico* Plínio tenha dedicado um papel majoritário a essa filosofia para a exaltação de Trajano.

O pensamento estoico contribuía, por meio de um caráter cosmopolita, para uma explicação humanística do mundo romano, que buscava uma relação ecumênica entre as culturas da bacia do Mediterrâneo, encontrando tal explicação na concepção estoica de que o mundo era um *logos* divino que tudo integrava, o qual os seres humanos deveriam compreender para nele conformar-se por meio da busca da razão, única fonte de felicidade.

Para alcançar a sabedoria, plenamente integrada ao Soberano Bem, era preciso viver de acordo com a natureza, controlando as paixões que perturbavam o entendimento do mundo, que seria regido por uma providência racional. Essa ideia impunha a todos a compreensão de

seu lugar no interior do *logos* divino (ABRÃO, 2004, p. 75-76). Esse reconhecimento de sua colocação no universo fornecia àquele que abraçava as diretrizes estoicas discernimento acerca de seus limites e possibilidades dentro da estrutura social continente no *logos*, traduzindo-se em um sentimento de paz interior e liberdade.

Segundo André (1994, p. 7), durante o período imperial, o estoicismo se expressava principalmente entre os grupos de homens que em Roma mantinham amizades comuns. Portanto, os círculos culturais e as relações de patronato eram um lugar privilegiado de expressão do pensamento estoico. Essa presença seletiva da *Stoa* entre os homens políticos demonstra de que maneira essa filosofia poderia ser utilizada tanto para o apoio quanto para a crítica, ainda que moderada, aos imperadores. Se durante o Alto Império a filosofia do Pórtico expandiu-se dentro do sistema social romano ela “continua a dirigir a consciência dos grandes”<sup>145</sup> (ANDRÉ, 1994, p. 14), e a preocupação com a ética é o tema dominante, caracterizado principalmente por uma busca moralizadora por meio de ideias mais antigas (GILL, 2006, p. 35). Nesse sentido temos uma junção entre a filosofia do Pórtico e as tradições ancestrais romanas compreendidas na noção de *mos maiorum*.

Entre as tradições mais valorizadas pelos romanos a religião ocupava um papel de destaque, pois todos os aspectos da vida dependiam de uma interação entre o mundo dos homens e o mundo divino. Para os estoicos a religião não era um dado metafísico. A presença dos deuses, suas vontades e desígnios eram dados tão reais, embora esporádicos e misteriosos, quanto os fatos mais comuns da vida cotidiana, pois

Os estoicos [tinham] convicção de que os mitos e as crenças das pessoas havia muito continham elementos de verdade, uma vez que haviam no mínimo constituído um prenúncio parcial da pré-concepção reta de deus (ALGRA, 2006, p. 188).

A concepção de mundo para a filosofia estoica, dessa forma, via na religião uma forma de acesso ao *logos* divino. Embora não se utilizasse de instrumentos suficientemente racionais, os cultos antigos constituíam-se como pontos de contato entre realidades universais distantes, mas interligadas.

---

<sup>145</sup> Continue à diriger la conscience des grands.

Eles acreditavam que a verdade a respeito dos deuses e da religião fosse a princípio acessível, e que as formas tradicionais de culto e crença poderiam ser, pelo menos, como que aproximações – embora primitivas e parciais – daquela verdade. Assim sendo, presumivelmente eles acreditavam que não se deveria descartar tão facilmente a religião tradicional (ALGRA, 2006, p. 197).

Portanto, a *Stoa* tinha motivos importantes para acolher em seu sistema filosófico aspectos da religiosidade romana que vinham ao encontro de seu pensamento. Os deuses, os rituais, os cultos tradicionais eram então aquilatados pela aprovação filosófica. Na esteira desse revigoramento dos valores ancestrais, a filosofia do Pórtico captou também carência moral dos romanos nos tempos do império.

Tendo o *mos maiorum* perdido seu vigor, coube à Estoá reavivar a ética periclitante. Por meio de palestras e de escritos, foi divulgado o pensamento do Pórtico. Desprezo dos bens materiais, domínios de si, igualdade de todos os homens, sem distinção de raça, tornaram-se ideias correntes, em meio ao povo (ULLMANN, 1996, p. 155).

Desapego aos bens materiais e igualdade entre os homens são dois apelos importantes para os políticos romanos; o primeiro recordava-os para o respeito aos valores rústicos prezados por seus ancestrais da *Urbs*; o segundo exortava os estadistas que deveriam manter a coesão do imenso império, cuja composição cultural diversificada poderia oferecer uma hierarquia de estatuto entre os povos, o que seria prejudicial para a pacífica integração do mundo romano.

Para os imperadores, a manutenção do poder era um problema complexo. Sobre os últimos anos da República sabemos que “à autoridade política, social e militar dos *imperatores* foi alinhada a autoridade acadêmica, representada pelos especialistas que os cercavam” (MENDES, 2006, p. 23), tendência que se estendeu ao período imperial. Os exemplos começam com Augusto. O fundador do novo regime contava em seu círculo pessoal com a presença de dois estoicos eminentes, Atenodoro e Ário Dídimo que fizeram o papel de conselheiros do príncipe (SEDLEY, 2006, p.). Assim, a promoção pessoal de Augusto obteve duplo respaldo apoiada nas crenças tradicionais, que com o Pórtico ganhavam estatuto elevado no meio intelectual. Assim, com a junção do antigo e o novo, concorriam para legitimar a posição do príncipe.

Em relação ao projeto restaurador de Augusto, sabemos que ele situava-se tanto no campo político quanto nos aspectos morais da sociedade romana. Todavia, em alguns aspectos não interessava ao príncipe ou à aristocracia o total retorno à ordem republicana, pois

Por intermédio do *princeps*, as elites romanas tencionavam manter o *Imperium* e reviver os ideais de *res publica*, ou seja, preservar a sua base material mediante a proteção da propriedade privada, a manutenção dos seus privilégios sociais e a garantia de segurança pessoal do indivíduo, afastando assim os abusos do tempo das guerras civis. Neste sentido, a atuação de Otávio Augusto foi bastante conservadora, possibilitando a consolidação das transformações socioeconômicas do final do período republicano (MENDES, 2006, p. 26-27).

Portanto, para solidificar as bases de seu poder, o príncipe precisava dar garantias às elites que lhe rendiam apoio. Guiando-nos pelos ideais da *res publica* podemos entender a natureza dessa garantia e sua face estoica sob Augusto. André (1994, p. 24) afirma que “o estoicismo imperial revaloriza a célula familiar<sup>146</sup>”. Embora na *Stoa* tal revalorização tendesse para uma equiparação entre o homem e a mulher, Augusto fez uma leitura enfatizando os papéis do homem e da mulher para reavivar o prestígio das famílias aristocráticas, dizimadas no fim da República (ROULAND, 1997 p. 361-365). Ele incentivou a natalidade por meio do *jus trium liberorum*, benefício concedido às famílias cuja fertilidade fornecesse três ou mais filhos para a recomposição da ordem superior do Estado. Assim, a seu modo e a serviço do Império, Augusto buscou reativar os papéis do *pater familias* e da matrona romana, dessa forma, homem e mulher equiparavam-se do ponto de vista de suas responsabilidades tradicionais perante a sociedade.

Para levar a cabo o papel de protetor, que as altas camadas da sociedade romana lhe demandavam, Augusto buscou afirmação em uma ideia moral e política tradicional, a *auctoritas*. Veremos que, também nesse aspecto, o aporte da *Stoa* foi importante para dar-lhe uma nova significação para a época em que ela era imprescindível. Afinal, a estabilidade repousava na figura de Augusto e temia-se que sem ele o regime se degradasse em novas disputas, semelhantes as do final da República.

---

<sup>146</sup> Le stoïcisme imperial revalorise la cellule familiale.



A *auctoritas* era a expressão do poder e da influência políticas em Roma. Era o resultado de um conjunto de fatores materiais, intelectuais e morais que se faziam publicamente conhecidos e justificavam a superioridade política para exercer uma função dirigente. Ela representava uma mistura de poder político e de prestígio social traduzidas no estoicismo (VENTURINI, 2011, p. 179).

Etimologicamente, segundo Pereira (1987, p. 351), a palavra *auctoritas* carrega uma noção de acréscimo, aumento, porém não se trata de uma superioridade de classe, de grupo ou inata à pessoa, mas de uma qualidade adquirida por meio de méritos pessoais e exercício correto das virtudes que eram valorizadas no homem político romano. É o que nos oferece a propaganda pessoal de Augusto

No meu sexto e sétimo consulados, após haver posto fim às guerras civis e assumido o poder absoluto por consenso universal, transferei a República do meu domínio para o arbítrio do Senado e do Povo Romano. Por esse motivo e pelo meu próprio mérito foi-me atribuído, por decisão senatorial, o título de Augusto, e as ombreiras da minha casa foram publicamente recobertas de louros, uma coroa cívica foi fixada sobre a minha porta e um escudo de ouro foi colocado na Cúria Júlia, como testemunho, através da inscrição nele registada, que o Senado e o Povo Romano mo haviam dado graças à minha virtude, clemência, justiça e devoção. Depois dessa época, fiquei acima de todos em autoridade; [*auctoritas*] porém, não tive mais nenhum poder além do que tinham os outros que também foram meus colegas de magistratura (*Res Gestae Divi Augusti*, 34 apud GRIMAL, 2008, p. 7).

Como podemos ver, os serviços prestados por Augusto renderam homenagens e fizeram com que sua *auctoritas* ultrapassasse a de todos em Roma. Afirmamos, acima, que a noção de *auctoritas* valia-se do estoicismo na construção da propaganda pessoal de Augusto. De fato, podemos depreender, na exaltação do homem político idealizado na figura do príncipe, traços importantes relacionados ao sábio estoico. Ullmann (1996, p. 40) afirma que “sábio (*sophós*) é aquele que progrediu moralmente”. Brun (1986, p. 77) por sua vez informa que “a sabedoria estoica é una: é uma compreensão das implicações dos acontecimentos que, por sua vez, é um consentimento da natureza e uma adesão ao bem”. Dessa forma, podemos perceber a presença da *Stoa* no tempo de Augusto, pois em sua propaganda é exaltada, por meio da *auctoritas*, sua superioridade moral e a habilidade como ele se comportou ao estabelecer o Principado. Pois Augusto soube prevenir-se dos erros de seus antecessores e adaptar às exigências da nova realidade política, às instituições remanescentes, cumprindo, assim, um papel de protetor em

favor dos cidadãos de Roma. Portanto, a seu modo e conforme os acontecimentos se impunham, Augusto seguiu as diretrizes da sabedoria do Pórtico.

De um extremo ao outro da época Júlio-Cláudia verifica-se também a importante presença do estoicismo de Sêneca no fim dessa dinastia<sup>147</sup>. De acordo com o recorte de nossa pesquisa e da magnitude da obra do pensador cordovês, analisaremos o momento em que ela se relaciona com mais ênfase ao Principado, ou seja, no período que corresponde ao governo de Nero.

Para Grimal (s. d.), Sêneca via a si mesmo como um estóico autêntico que, no entanto reservava para si certa independência e criatividade para lidar com a filosofia do Pórtico. O autor destaca também que o sábio cordovês, ao se tornar conselheiro de Nero, imitava Zenão, o fundador da filosofia, que também orientou governantes. Esse dado revela um resgate da *Stoa* antiga, que apoiou os monarcas helenísticos e que no Império serviu para justificar o poder absoluto dos cézares após o hiato em que a filosofia favorecia a manutenção do poder oligárquico em Roma. Com Sêneca, esse novo aspecto do estoicismo aparece na *Urbs*, uma exaltação da figura do sábio em face da ausência da possibilidade da atuação política nos moldes republicanos, o que fez com que ele assumisse o papel de conselheiro quando vislumbrou na juventude de Nero a possibilidade de reformar o Principado e extirpar traços de tirania, que se fizeram presentes no governo de Cláudio. Mesmo tendo fracassado com Nero, tal ideal continuou ecoando em Roma e serviu de exemplo para o desenvolvimento da instituição imperial sob o governo ideal de um *vir bonus* a partir de Trajano e seus sucessores.

A atuação senequiana no cenário político romano se deu principalmente pelo filósofo ter sido o preceptor de Nero nos primeiros anos da juventude deste, estendendo seu trabalho como conselheiro do jovem príncipe durante os anos iniciais de seu governo. A obra que caracteriza esse período e expressa o pensamento de Sêneca em relação à prática política do principado é o, já citado, *De Clementia*, escrito por volta de 55-56 d. C. Para Braren (1990), o *De Clementia* atesta o engajamento político do filósofo estoico em consonância com seu tempo, pois, afirma: “neste tratado Sêneca apresenta a cristalização de suas ideias políticas e uma resposta ao diagnóstico das carências que encontrou em seu momento histórico-político” (BRAREN, 1990, p. 13). O objetivo da obra é de conciliar a necessidade do poder absoluto e autoritário, porém humanizado por uma virtude, a *clementia*, que possibilita o exercício do poder de acordo com a lei da natureza segundo a concepção do Pórtico, ou seja, sem

---

<sup>147</sup> Não negamos a presença da *Stoa* no intervalo negligenciado, todavia, como nosso interesse é apenas ilustrar a presença da filosofia do Pórtico durante o Principado ressaltaremos apenas os períodos mais marcantes da atuação dessa filosofia na política de Roma.

corrupção. O *De Clementia* propunha ainda uma restauração de certos aspectos do *mos maiorum* e um restabelecimento da divisão de poder entre o príncipe e a cúria, em suma, um retorno moderado de algumas instituições republicanas, principalmente em relação à autoridade do Senado. Enfim, Braren (1990) destaca que a ênfase de Sêneca na *clementia* é a busca de

um conceito de poder segundo a filosofia política estoica: a autoridade, que domina o povo, retendo suas tendências anárquicas, contribuindo para ordenar o mundo, provém de sua própria grandeza e poder, que, por sua vez, pertencem aos deuses (BRAREN, 1990, p. 21).

Pelo exemplo da filosofia e pelo engajamento político de Sêneca, expressos por sua obra, percebemos que o processo absolutista do poder imperial exigia reacomodações constantes que, mormente, passavam por concessões de poder ao *ordo senatorius* e retornos controlados a algumas práticas políticas da República. Todavia, nem todos os príncipes harmonizavam seu governo com a moderação do poder político.

De acordo com André (1994, p. 23-24), durante a dinastia Flávia, em torno das relações de *amicitia*<sup>148</sup> os adeptos da *Stoa* se organizaram contra a tirania imperial, especialmente sob Domiciano. Desde a crise de que sucedeu à queda de Nero a filosofia estoica se organizou junto aos altos círculos senatoriais como um grupo de oposição, mas esta postura não indicava aspirações verdadeiramente republicanas. Os estoicos reivindicavam a *libertas*, que seria garantida aos cidadãos por um príncipe virtuoso. Tendo em vista que os filósofos do Pórtico eram ciosos das virtudes dos homens políticos, percebemos que dessa maneira nascia a oposição da *Stoa* aos imperadores que não estivessem de acordo com suas diretrizes morais (VENTURINI, 2011, p. 179). Esta atitude de oposição estoica em relação ao Principado pode ser percebida principalmente sob os imperadores Flávios, conforme afirma Gill (2006, p. 37).

Verificamos assim que, apesar da *Stoa* ter se adequado ao pragmatismo moral romano, as orientações do Pórtico não eram capazes de satisfazer prontamente as necessidades políticas que o desenvolvimento do Principado impunha. Não podia tampouco guiar as intenções de um imperador como Vespasiano que, alcançando sua posição pela força, não poderia suportar a presença de uma filosofia que pregava a aceitação da lei da natureza, pois a

---

<sup>148</sup> Termo que assinala de forma ampla, as relações travadas entre indivíduos, parentes ou grupos políticos. Englobava também a noção de dependência e camaradagem, distinguindo o nível de intimidade das relações constituídas (VENTURINI, 2000, p. 99)

crise de 69 d. C. e a intervenção das legiões podiam ser compreendidas como um golpe ao ideal de *vivere naturae*. No governo do sucessor de Vespasiano, Tito, seu filho mais velho, não temos notícias de grandes atritos com o Pórtico. Todavia, o hiato da época de Tito pode ser sentido de forma mais aguda devido à perseguição que seu irmão, Domiciano, empreendeu contra os estoicos.

Apesar dessas parcialidades e das diferenças de concepção entre política e filosofia no período de Vespasiano, não há como relativizar completamente a perseguição empreendida pelos Flávios contra os pensadores do Pórtico. Finalizando a dinastia como seu pai a começara, em 93 d. C., Domiciano expulsou os filósofos estoicos ao redor dos quais a aristocracia se reuniu, descontente com as desconfianças e perseguições do príncipe.

No mesmo ano em que os filósofos eram afastados Plínio, o Jovem, assumia sua primeira pretoria. Assim, o panegirista figura como um exemplo pontual das oscilações a que o Pórtico submeteu-se sob a alternância das políticas dos céсарs. Isso fica mais evidente quando observamos a liberdade de expressão que ele gozou sob Trajano, principalmente na apresentação do *Panegírico*, pois mesmo em um discurso político que reprova os antecessores e elogia o príncipe governante podem surgir interpretações ambíguas que atinjam o César reinante. A aproximação aos interesses senatoriais, imbuídos da ética estoica, permitiu na época de Trajano, a liberdade aos adeptos do Pórtico.

O início da dinastia Antonina, com Nerva e Trajano, inaugurou um novo período de entendimento entre a cúria e o príncipe, que, repetimos, Homo (1950) chamou de uma época de restauração senatorial. Foi concedida mais liberdade aos interesses e responsabilidades do *ordo senatorius*, que readquiriu parte de seu prestígio perdido, além disso, o príncipe obedeceu a *moderatio* e não exerceu a magistratura máxima do consulado por vezes além do limite considerado adequado. Esse comportamento concessivo tinha por trás de si a realidade de um regime de absoluta centralização. Porém, ao permitir o funcionamento de algumas instituições republicanas, o príncipe demonstrava sabedoria e respeito para com as leis da natureza que se confundiam com a noção de *mos maiorum*, a qual tradicionalmente garantia o perfeito funcionamento do Estado.

Apesar do testemunho do *Panegírico*, que sublinha o antagonismo entre Domiciano e Trajano, Blázquez (2003) e Cizek (1983) afirmam que em parte houve certa continuidade nas políticas adotadas. Diante disso podemos considerar que a aprovação presente na obra de Plínio tenha decorrido da conciliação entre o Senado e o príncipe e ao alinhamento às

diretrizes do Pórtico. Tal aprovação pode ser sentida na propaganda em torno da designação do sucessor no âmbito mais amplo do império e por meio da adoção, o que atendia os valores ancestrais e os ideais estoicos da escolha de um governante sábio.

A convivência pacífica entre a cúria e o príncipe e a influência da *Stoa* se unem ao fato de que o Senado estava cada vez mais depurado de elementos excessivamente conservadores, da antiga nobreza da *Urbs* e da Itália. Sua composição respondia então à representação política mais ampla dos cidadãos eminentes das províncias do império. O contraste entre a atitude dos Flávios e de Nerva e, principalmente, Trajano, em relação aos filósofos deve ser entendido então do ponto de vista da aproximação ou do distanciamento das orientações estoicas, que no período buscavam balizar o comportamento moral dos homens políticos.

Nos *circuli* os debates em torno do pensamento estoico fundamentavam as críticas aos imperadores que exerciam seu poder de maneira tirânica, afastando-se demasiadamente dos modelos republicanos ainda vivos e que representavam na *forma mentis* senatorial o exercício da vida política segundo a natureza e nos moldes delineados pelo *mos maiorum*. Quando o imperador comportava-se de maneira coerente com os valores ancestrais e com as diretrizes do Pórtico, os adeptos elogiavam suas virtudes. Ilustrando sua propaganda com os ideais estoicos, justificavam sua posição política, aproximando-o do panteão divino e transformando-o em *pater* de todo o império, figura integradora da comunidade sobre a qual convergiam os valores ancestrais e os ideais do Pórtico a respeito do *logos* universal.

Neste ambiente complexo, Plínio, o Jovem, que gozou dos favores de Domiciano para pular etapas do *cursus honorum*, foi prudente, compartilhando suas críticas ao poder apenas aos que mais confiava. Sua conduta ponderada favoreceu sua maior ascensão sob Trajano como ideólogo do César, em cujo governo alcançou o consulado e teve liberdade para expressar em um discurso público, o *Panegírico*, críticas à conduta moral dos príncipes anteriores e conselhos ao imperador reinante.

## **CAPÍTULO IV – A idealização do *princeps* no *Panegírico de Trajano***

A construção da imagem do príncipe no discurso de Plínio respondia a demandas políticas, ideológicas, culturais, econômicas religiosas e sociais próprias de seu tempo. Tal construção, cujo papel central era a propaganda do governo do príncipe e de seus grupos de apoio, expressou-se na busca de conciliação entre o poder imperial e os modelos e diretrizes tradicionais exigidos dos homens políticos romanos. Na época de Trajano foram identificados por Grimal (1999) três pontos que deveriam ser considerados para respaldar o poder imperial: o apoio militar, o senatorial e o divino. O primeiro garantia a autoridade do César contra eventuais oposições, tanto em Roma como nas províncias; o segundo favorecia a tranquilidade no exercício do poder, devido ao amparo moral que a cúria podia fornecer; o terceiro, mais amplo e indefinível, porém não menos importante, respaldava o poder do príncipe para além das instituições terrenas.

Devido à relevância, percebida ao longo da discussão, do processo de integração pelo qual passava o império, acreditamos ser pertinente acrescentar aos três fatores apresentados um quarto, relativo exatamente à aprovação da política imperial de Trajano. A expansão da cidadania, dos direitos políticos, a recomposição do Senado por indivíduos provinciais, além da própria origem de Trajano, como veremos, não permitiria a Plínio ignorar esse aspecto. Portanto, dedicaremos os próximos tópicos para analisarmos como cada um dos quatro fatores contribuíram para a construção da concepção pliniana do príncipe ideal a partir de Trajano.

### **1 – O *Optimus Princeps* sob a ótica senatorial**

A ocasião em que a *gratiarum actio* de Plínio foi pronunciada exigia que um dos aspectos a serem mais explorados fosse a relação entre o príncipe e o Senado. Ao assumir o poder após o curto reinado de Nerva, mas, sobretudo, depois daquele de Domiciano, quando a relação entre este e a cúria havia se deteriorado, Trajano deveria ter sua imagem representada não só como uma antítese do último Flávio, mas, especialmente, como a síntese de um

governante em harmonia com os senadores. E esse objetivo pliniano seria atingido a partir da ilustração da *virtus* do César, respaldada no *mos maiorum* e traduzida pelo estoicismo.

Portanto, no quadro em que Plínio nos apresenta Trajano como o príncipe ideal, podemos entender que a moldura, o pano de fundo, era constituído pela tradição, ou seja, pelo *mos maiorum*. Desde o início do discurso o panegirista deixa claro que o respeito aos antigos valores era a base para uma boa política sob o Principado:

É boa e sábia a instituição de nossos ancestrais, pais conscritos, de fazer começar por preces tanto os discursos quanto os atos; pois os homens nada saberiam inaugurar segundo os ritos, nada com previdência sem a segurança, o conselho e o respeito dos deuses imortais. Este hábito, quem o deve seguir e observar senão um consul, ainda mais no dia no qual, sob a injunção do Senado e em nome do Estado somos convidados a agradecer o melhor dos príncipes?<sup>149</sup> (*Panegírico*, 1, 1-2).

Este chamado das relações religiosas e cívicas à tradição da *Urbs* anuncia a postura moralizadora que Plínio compartilhava e que estava em voga no período. Pois, moral e tradição eram lugares comuns no discurso da aristocracia senatorial que, embora apoiasse o novo regime, permanecia ciosa dos modelos de comportamento que os distinguiam e fizeram a grandeza de Roma. Por isso, e o *Panegírico* é um exemplo destacado, a moral era “sustentada pelo brilhante aparelho da retórica, se manifestava em todos os setores da literatura”<sup>150</sup> (CIZEK, 1983, p.79-80). Temos como exemplo desse discurso de apelo à moral e às tradições a descrição plíniana da adoção de Trajano por Nerva:

Também, zeloso para evitar esta desgraça ele tomou conselho acerca do que pensavam não só os homens, mas também os deuses. Além disso, não foi em uma residência, mas em um templo, não diante do leito nupcial, mas diante do *puluinar* de Júpiter Optimus Maximus que a adoção foi consumada<sup>151</sup> (*Panegírico*, 8, 1).

<sup>149</sup> C'est une bonne et sage institution de nos ancêtres, Pères conscrits, de faire commencer par des prières aussi bien les discours que les actes; car les hommes ne sauraient rien inaugurer selon les rites, rien avec prévoyance sans le secours, le conseil et le respect des dieux immortels. Cet usage, qui le doit suivre et observer sinon un consul, et quand sinon le jour ou sur l'injonction du Sénat et au nom de l'État nous sommes invités à remercier le meilleur des princes?

<sup>150</sup> Soutenue par l'appareil brillant de la rhétorique, se manifestait dans tous les secteurs de la littérature.

<sup>151</sup> Aussi s'est-il empressé d'éviter cette disgrâce et il a pris conseil de ce que penseraient non seulement les hommes, mais encore les dieux. Aussi n'est-ce pas dans un appartement, mais dans un temple, non devant le lit nuptial, mais devant le *puluinar* de Jupiter Optimus Maximus que l'adoption a été consommée.

Ato inédito, a adoção de um sucessor fora da família do príncipe carecia do respaldo da tradição, o que se alcança com a sanção divina. A presença da crítica a outras adoções que teriam sido efetuadas sem a aprovação de Júpiter é uma forma de fornecer mais legitimidade a uma escolha inovadora, pois, embora a adoção fosse uma prática comum entre os romanos como forma de garantir herdeiros para famílias inférteis, em relação à sucessão imperial as adoções até então efetuadas contemplavam filhos das esposas dos príncipes: Augusto adotara o filho de Lívia, Tibério; Cláudio o filho de Agripina, Nero. Mas estes, quando assumiram o governo, não haviam atuado em conciliação com os senadores, o que permite a Plínio desqualificar a forma como eles acessaram o poder. Em outras palavras, quanto à adoção, o sucesso da escolha dependia do respeito aos antigos valores representados pela presença dos ritos religiosos tradicionais da *Urbs*.

Na passagem citada, Plínio menciona que Nerva, ao adotar Trajano, também tomara o conselho dos homens, ou seja, os senadores. Dessa passagem emerge a valorização da *auctoritas* do Senado, órgão tradicionalmente responsável pela escolha dos magistrados, função resgatada em relação à escolha do imperador, pois as sucessões anteriores ocorreram praticamente por meio de um modelo dinástico. Embora a escolha de Trajano deva ser entendida dentro de um contexto senatorial em que prevalecia a *factio hispana* que apoiara a ascensão de Vespasiano e manteve seu poder com o beneplácito dos Flávios, ela não deixa de ser uma escolha senatorial em oposição às decisões exclusivas feitas por imperadores que optaram por um filho ou enteado. Muito pelo contrário, “Trajano é um senador escolhido pelos senadores para ser imperador”<sup>152</sup> (CONNOLLY, 2002, p. 272). Tal forma de acesso ao poder fortalecia a imagem de Trajano como *princeps*, o primeiro dos cidadãos escolhido pelos senadores para governar o Estado. E a consciência dessa condição faz com que Trajano reconheça a importância dos senadores e da *dignitas* dos cargos que eles exercem:

Mas o que é preciso louvar mais do que todo o resto é que tu deixas ser cônsules aqueles que tu fez cônsules; é que do príncipe não vem nenhum perigo, nenhum temor que enfraquece e aniquila os corações do cônsules; eles não terão nada a ouvir apesar deles, nada a decidir por força. Esta magistratura conserva e conservará a veneração que lhe é devida e no exercício de nossa autoridade não perderemos nossa segurança<sup>153</sup> (*Panegírico*, 93, 1)

<sup>152</sup> Trajan is a senator picked by senators to be emperor.

<sup>153</sup> Mais ce qu'il faut louer plus que tout le reste, c'est que tu laisses être consuls ceux que tu as faits consuls; c'est que du prince ne vient aucun péril, aucune crainte qui affaiblissent et anéantissent les coeurs des consuls; ils n'auront rien à entendre malgré eux, rien à décider par force, Cette magistrature conserve et conservera la vénération qui lui est due et dans l'exercice de notre autorité nous ne perdrons point notre sécurité.



Ao ressaltar o respeito de Trajano pelo livre exercício do consulado Plínio procura demonstrar que as magistraturas estavam em funcionamento e com elas a *libertas* republicana vigorava. É interessante notar que em torno dessa valorização das instituições tradicionais emerge o real teor das relações entre o príncipe e o Senado, pois se ele era escolhido pelos senadores, estes, por sua vez, eram escolhidos por ele para compor tanto a ordem senatorial quanto para assumir as magistraturas a serviço do Estado. Tratava-se, portanto, de um jogo de relações em que o César ocupava um papel central, pois na sua escolha e confirmação no poder a presença de um grupo de apoio pré-existente era preponderante. Posteriormente este mesmo grupo era beneficiado pelo imperador e expandido com a inclusão de novos senadores, fiéis ao seu governo. Cizek (1983) explica que a relação entre o Senado era baseada no *obsequium*, ou seja, o respeito, e no compromisso entre o imperador e a ordem no âmbito da autocracia do César que, no entanto, reconhecia a necessidade de certas concessões ao *ordo senatorius*, já que era de tal corpo que emanava o apoio que era a base de seu poder, da riqueza e da manutenção social e administrativa do império.

Além do respeito às instituições, representadas pelas magistraturas, a construção do príncipe ideal no âmbito da tradição demandava que o príncipe figurasse como um modelo exemplar aos cidadãos romanos e especialmente aos senadores que, mesmo oriundos da Itália e das províncias, destinavam um importante valor às virtudes ancestrais (CIZEK, 1983) que deveriam orientar a vida do homem públicos:

Persevere somente, César, e teus princípios, teus atos obterão o poder e os efeitos de uma censura. Pois a vida do príncipe é uma censura, e, na verdade, perpétua: sob ela nós nos dirigimos, sob ela nós nos guiamos, e temos menos necessidade de ordens do que de exemplos. O medo é um mestre de moral ruim. O melhor ensinamento aos homens reside nos exemplos cujo principal mérito é provar que seus preceitos são executáveis<sup>154</sup> (*Panegírico*, 45, 6).

A evocação da figura do censor é significativa, pois dentre suas atribuições mais importantes tal magistrado tinha como dever zelar pela moral e pelos costumes, o expoente

---

<sup>154</sup> Persévère seulement, César, et tes principes, tes actes obtiendront la puissance et les effets d'une censure. Car la vie du prince est une censure, et celle-là perpétuelle: sur elle nous nous dirigeons, sur elle nous nous guidons, et nous avons moins besoin d'ordres que d'exemple. L'effroi est un bien mauvais maître de morale. Le meilleur enseignement des hommes reside dans les exemples dont le principal mérite est de prouver que leurs préceptes sont exécutables.

desse cargo foi Catão, o Velho<sup>155</sup>, que no início do século II a. C., exerceu com rigor a referida magistratura e que durante sua carreira política adotou uma postura de oposição à introdução de valores que pudessem enfraquecer os valores tradicionais de Roma. Esse retrospecto evidencia a importância que Plínio atribui ao *mos maiorum* na construção da imagem ideal de Trajano. Augusto, no início de seu reinado, buscara o restabelecimento da moral antiga. Como restaurador da República era preciso dar destaque aos valores ancestrais, pois a crise republicana era muitas vezes atribuída à decadência da austeridade tradicional romana. Nesse sentido, a Trajano, em sua política de conciliação com a cúria, cabia esse modelo de comportamento atribuído ao magistrado encarregado da censura. Mas Plínio não busca evocar apenas o valor de cargos públicos tradicionais como forma de exaltar Trajano. Sob a ótica do *mos maiorum*, ele também compara o César com os heróis da *Urbs*:

A ti erguemos então estátuas semelhantes àquelas que outrora eram dedicadas a particulares por serviços extraordinários prestados à pátria; vemos estátuas do César que são da mesma matéria que aquelas dos Brutos, dos Camilos. E pela mesma razão. Aqueles desterraram de nossos muros os reis e o inimigo vitorioso. Este repele, expulsa a tirania e todo o mal que mantinha a cidade presa, e se ele ocupa a posição de príncipe é porquer não existe lugar para um mestre<sup>156</sup> (*Panegírico*, 55, 6-7).

Dessa aproximação entre Trajano e grandes cidadãos do passado romano emergem no discurso de Plínio as qualidades do príncipe ideal, ou seja, do *mos maiorum* resulta a *virtus* do bom governante. Na passagem citada reis e tirania são apresentados como condenáveis pela tradição romana, e ainda que o príncipe ocupasse uma posição que podia ser identificada com a realeza ele não era considerado um monarca. Por isso, a ausência do conceito de *rex* na titulação dos imperadores romanos discutida por Ames (1999) é significativa. A posição e o poder que dela emanavam exigia do César “vencer nele não somente a tentação, mas a consciência de sua própria tirania”<sup>157</sup> (MICHEL, 1969, p. 89).

---

<sup>155</sup> Catão, o Velho, viveu entre 234 a. C. e 149 a. C., período em que a expansão começava a introduzir na *Urbs* novos costumes, especialmente gregos e orientais, incoerentes com o *mos maiorum*. Sobre a época de Catão devemos ressaltar que, situada após as vitórias sobre Cartago, registrou uma crescente transformação da estrutura social a partir das oportunidades de exploração das regiões conquistadas e do crescimento do escravismo, o que resultou no enriquecimento de novas camadas e no abandono de costumes mais rígidos.

<sup>156</sup> On te dresse donc des statues semblables à celles que jadis étaient dédiées à des particuliers pour services extraordinaires rendus à la patrie; on voit des statues de César que sont de la même matière que celles de Brutus, des Camilles. Et pour la même raison. Ceux-là chassèrent de nos murs les rois et l’ennemi victorieux, celui-ci repoussé, expulsa la tyrannie même et tous les maux que subit une ville prise, et s’il occupe rang de prince, c’est afin qu’il ne reste point place pour un maître.

<sup>157</sup> Vaincre en lui non seulement la tentation mais la conscience même de sa propre tyrannie.

Além da identificação e respeito de Trajano para com os heróis romanos e as intuições cívicas e religiosas do passado, a *virtus* do imperador foi ilustrada por Plínio através do *mos maiorum* também nos hábitos privados do César que, assim como Nerva, abdicou da ostentação que o cargo lhe proporcionaria (GRIFFIN, 2008). Tal postura pode ser percebida na forma como o panegirista descreve a *frugalitas* das recepções do imperador:

Tu não passas em nossa companhia somente as horas sérias do dia? Em teus momentos de prazer a mesma afluência e a mesma intimidade não intervêm? Tu não fazes sempre tuas refeições no meio de nós? Não as faz sempre conosco em uma mesa comum? Não devemos às refeições que partilhamos um prazer recíproco? Tu não provocas nossas conversações, tua não as responde? Quanto a própria duração de teus jantares, se a frugalidade a abrevia, a cultura do espírito não os alonga? [...] Não é o ouro nem a prataria, nem o refinamento dos requintes culinários que nos admiramos, mas tua gentileza e tua amabilidade<sup>158</sup> (*Panegírico*, 49, 4-5, 7).

Outro importante modelo que o homem político romano deveria seguir na sua vida privada era o do *pater familias*. No *Panegírico* este aspecto do homem é explorado, sobretudo na relação entre Trajano e as mulheres da *domus* imperial: sua esposa Plotina e sua irmã, Marciana:

É bonito que te guardes e te preserves de todo contágio dos vícios, porém mais belo ainda é que isso também fazes com os teus: pois é mais difícil se comportar como responsável dos outros do que de si mesmo, mas é louvável que, sendo perfeito, tornou todos ao teu redor semelhantes a ti. Muitos homens ilustres viram transformar-se em vergonha o fato de ter escolhido a esposa sem reflexão ou de a ter guardado com complacência: assim uma glória pública caiu sob os golpes de uma vergonha doméstica, e o que os impedia de serem considerados grandes cidadãos era valerem pouco como maridos. Tua esposa serve a tua honra e a tua glória. Existe alguma mais santa, mais virtuosa? Se um pontífice máximo tivesse que escolher uma mulher não escolheria ela ou semelhante (mas onde encontrar semelhante)? De tua riqueza ela não exige mais do que o prazer que ela tem! Com que sabedoria ela venera não teu poder, mas somente a tua pessoa! Frente a frente vos sois o que sempre foram; vós vos aprovais mutuamente e vossa riqueza não vos acrescentaria nada se não fosse próprio de vós saber se comportar bem diante da riqueza. Ela é simples em seus ornamentos, discreta em sua escolta, modesta em suas vestes! É a obra de seu esposo que

<sup>158</sup> Ne passes-tu em notre présence et compagnie que les heures sérieuses du jour? À tes moments de loisir la même affluence et la même intimité n'interviennent-elles pas? Ne prends-tu pas toujours tes repas au milieu de nous, ne fais-tu pas toujours avec nous table commune? Ne devons-nous pas au repas que nous partageons un plaisir réciproque? Ne provoques-tu pas nos conversations, n'y réponds-tu pas? Quant à la durée même de tes dîners, si la frugalité l'abrège, la culture de l'esprit ne l'allonge-t-elle pas? [...] Ce n'est ni l'or, ni l'argenterie, ni le raffinement de trouvailles culinaires que nous admirons, mais ta gentillesse et ton amabilité.

assim a formou e a moldou, pois à esposa basta a glória da obediência. [...] Quanto a tua irmã, como ela faz lembrar que ela é tua irmã! Como encontramos nela seu caráter aberto, tua franqueza, tua candura; se a comparamos a tua esposa, somos levados a perguntar o que vale mais para viver virtuosamente, uma boa educação ou um nascimento feliz. Nada favorece mais as querelas que a disputa, entre as mulheres especialmente: além disso, elas nascem, sobretudo da vida em comum, é alimentada pela igualdade, se exaspera pela inveja cujo resultado é o ódio. Tanto mais admirável deve parecer que entre duas mulheres, sob o mesmo teto, e de igual classe não haja nenhuma luta, nenhuma rivalidade. Elas se admiram mutuamente, mutuamente elas se resignam, e como todas as duas te amam carinhosamente entendem que pouco lhes importa saber qual das duas tu amas mais. Todas duas têm o mesmo ideal, a mesma regra de vida e não há nada que te permita ter a impressão que elas sejam duas. Elas pensam somente em te imitar, em seguir teu exemplo. Assim todas duas têm a mesma moral tendo a mesma que tu. Daí essa simplicidade, daí essa segurança que nada perturba<sup>159</sup> (*Panegírico*, 83; 84).

Na passagem, vemos que Plínio condiciona o sucesso do homem público à forma como ele conduz sua vida privada, e, no caso de Trajano, à harmonia doméstica. A humildade de sua esposa e irmã qualificam nele o modelo de *pater familias* que mantinha sua *domus* dentro da ordem ditada pela tradição, pela qual as mulheres estavam submetidas à ordem patriarcal.

Os exemplos aqui apontados buscaram exemplificar a síntese do modelo ideal do príncipe tendo como base seu respeito pelo *mos maiorum*. Vista como base da grandeza do Estado romano, a tradição era também reivindicada como o sustentáculo do poder do príncipe que se propunha a governar em conciliação com o Senado, que era o bastião dos valores ancestrais sob o Principado. A sanção das tradições era a plataforma sobre a qual a *virtus* do

---

<sup>159</sup> Il est beau que tu te gardes et te preserves toi-même de toute contagion de vices, mais plus beau que tu en fasses des tiens: plus il est difficile de se Porter garant des autres que de soi, plus il est louable que étant parfait, tu aies rendu tout ton entourage semblable à toi. Beaucoup d'hommes illustres ont vu tourner à leur honte d'avoir choisi leur femme avec éirréflection ou de l'avoir gardée avec complaisance: ainsi une gloire publique tombait sous les coups d'une honte domestique, et ce qui les empêchait d'être tenus pour très grands citoyens, c'étais de valoir moins comme maris. Ton épouse sert ton honneur et ta gloire. Q'y a-t-il de plus saint qu'elle, de plus vertueux? Si un grand pontife avait à choisir un femme, ne choisirait-il pas ou celle-ci ou un semblable (mais ou em est-il de semblable)? Comme elle ne revendique rien de ta fortune que le plaisir qu'elle en a! Avec quelle sagesse elle révère non ton pouvoir, mais ta seule personne! Vous êtes vis-à-vis l'un de l'autre ce que vous fûtes; vous vous approuvez l'un l'autre également, et votre fortune ne vous a rien ajouté, si ce n'est de vous faire commencer à savoir comme vous portez bien tous deux la fortune. Combien elle est simple dans sa toilette, discrète dans son escorte, modeste dans son allure! C'est l'oeuvre de son époux, qui l'a ainsi façonnée, ainsi formée; car à une épouse suffit la gloire de l'obéissance. [...] Quant à ta soeur, comme elle se souvient qu'elle est ta soeur! Comme on retrouve en elle ton caractère ouvert, ta franchise, ta candeur; si on la compare à ton épouse, on est amené à se demander ce qui vaut mieux pour vivre vertueusement d'une bonne éducation ou d'une hereuse naissance Rien ne favorise plus les querelles que l'émulation, chez les femmes en particulier: de plus elle naît surtout de la vie en commun, est nourrie par l'égalité, s'exaspère par la jalousie, dont l'aboutissement est la haine. Il doit paraître d'autant plus admirable qu'entre deux femmes, sous un même toit, et d'un rang égal il n'y ait nulle lutte, nulle rivalité. Elles s'admirent mutuellement, mutuellement elles se cèdent, et comme toutes deux t'aiment très tendrement, elles pensent que peu leur importe de savoir laquelle des deux tu aimes davantage. Toutes deux ont le même but, la même règle de vie et il n'y a rien qui te permette d'avoir l'impression qu'elles sont deux. Elles ne pensent qu'à t'imiter, à suivre ton exemple. Aussi toutes deux ont-elles les mêmes moeurs, ayant les memes que toi. De là leur simplicité, de là en outre une sécurité que rien ne troublera.

príncipe era expressa, pois, devido à ambiguidade do regime, as qualidades de um governante a frente de um sistema que ainda se estabelecia era dependente de um equilíbrio entre o novo e o antigo, o qual Plínio buscou conciliar no *Panegírico de Trajano*.

A *virtus* do imperador, de acordo com Cizek (1983), era entendida como a virtude que englobava todas as qualidades com as quais o governando garantia a felicidade universal. Segundo este autor a *virtus* era, na época de Trajano, o principal modelo e a ideologia que legitimava e orientava o príncipe. Em consonância com essa concepção, Plínio busca aproximar a abstração da ideia com um modelo concreto de sua atuação na vida política:

Aprendemos muito bem que ter uma virtude é ter todas; nós queremos, entretanto, verificar se atualmente ainda não há alguma diferença entre um bom cônsul e um bom príncipe. Pois, há a dificuldade de desempenhar ao mesmo tempo dois poderes, os mais altos, já que existe entre eles certa contradição: o príncipe deve parecer o mais possível, o cônsul o menos possível com um simples cidadão<sup>160</sup> (*Panegírico*, 59, 5).

Vemos, portanto, que a *virtus* do César, fundada na tradição, deveria ser demonstrada no desempenho exemplar das magistraturas republicanas, neste caso, o consulado. O panegirista introduz ainda a figura do cidadão como baliza do modelo ideal, embora ele considere que o poder imperial e o consulado situem-se em uma posição aproximada de dignidade, reconhece que mesmo aí as disparidades são grandes. Por isso, a cidadania, sinônimo de simplicidade<sup>161</sup>, é apresentada para abrandar a superioridade do poder imperial e também para contrastar com a importância da magistratura. Nas palavras de Chamizo (2003, p.126), “Trajano está seguindo o modelo do *civilis princeps*, ao mesmo tempo monarca e cidadão”<sup>162</sup>. Ou seja, ao desempenhar o consulado, o príncipe deveria expressar sua *virtus* tendo como parâmetro a figura do cidadão, da qual o próprio Plínio oferece um delineamento:

<sup>160</sup> On nous a bien appris qu’avoir une vertu, c’est les avoir toutes; nous voulons pourtant éprouver se aujourd’hui encore il n’y a aucune différence entre un bon consul et un bon prince. Car outre la difficulté de remplir à la fois deux pouvoirs et les plus hauts, il existe entre eux une certaine contraction: le Prince doit ressembler le plus possible, le consul le moins possible à un simple citoyen.

<sup>161</sup> A relação entre simplicidade e cidadania expressa na atitude do indivíduo que se submete aos interesses do Estado e não utiliza o poder das magistraturas em proveito pessoal tinha em Roma como exemplo a história heróica de Cincinato, cidadão exemplar que viveu no século V a. C. e teria abandonado seu arado, síntese de sua vida rústica, para assumir a ditadura e fazer frente a uma crise militar, ao fim da qual abriu mão do poder e retornou às suas atividades agrárias.

<sup>162</sup> Trajano está siguiendo el modelo del *civilis princeps*, a la vez monarca y ciudadano.

Aquele que brilhou na guerra eclipsou-se na paz; o outro se distinguiu sob a toga, mas não sob as armas; aquele buscou o respeito, mas pelo terror; o outro o amor, mas pela humilhação; aquele perdeu fora uma glória adquirida em sua casa, aquele outro perdeu em sua casa a glória conquistada fora dela: enfim, ninguém até aqui alcançou virtudes que não estivessem manchadas pela presença de defeitos. Ao contrário que acordo e que concerto de todos os louvores e de toda glória concentra nosso príncipe! Sua alegria, sua simplicidade, sua bondade não afastam sua gravidade, sua autoridade, sua majestade. Sua força, a grandeza de seu talhe, a beleza de sua cabeça, a nobreza de seus traços, sem contar esta inflexível maturidade, seus cabelos que uma atenção dos deuses ornou de marcas prematuras da velhice, que somente faz aumentar sua majestade, tudo isso não anuncia aos quatro cantos do universo um soberano?<sup>163</sup> (*Panegírico*, 4, 5-7)

A descrição apresenta, em linhas gerais, o homem político ideal, o *optimus civis* (NICOLET, 1992). O equilíbrio entre o guerreiro e o político, entre o homem público e o homem privado, a valorização da sobriedade, da maturidade e da dignidade da presença física de Trajano demonstram o quanto o conservadorismo contribui, no *Panegírico*, para ilustrar a *virtus* do príncipe. Essa ênfase na tradição resulta que o elogio das práticas políticas do César focalize, sobretudo, o respeito pelas tradições, a recusa do poder como artifício para oferecer uma imagem de moderação, e, por fim, sua aceitação não com vistas a benefícios próprios, mas somente pelo bem do Estado.

Somente tu não querias compreender; tu recusavas reinar, tu recusavas, prova de que tu reinarias bem. Precisamos forçar-te. Mas tu só poderias ser à vista da pátria em perigo e da República que a ruína ameaçava. Tu te obstinavas a se encarregar do fardo do império somente no dia em que fosse preciso salvá-lo.<sup>164</sup> (*Panegírico*, 5, 5-6)

A aceitação do poder, apenas como encargo do primeiro cidadão, pode ser entendida, no contexto do imaginário romano dos heróis republicanos. A exemplo de Bruto, que

---

<sup>163</sup> Tel s'est illustré à la guerre, qui s'est obscurci durant la paix; tel autre s'est distingue sous la toge, mais non pas sous les armes; celui-ci a cherché le respect, mais par la terreur; tel autre l'amour, mais para l'abaissement; celui-ci a perdu au dehors une gloire acquise dans sa Maison, celui-là a perdu dans sa maison une gloire gagnée au dehors; enfin personne jusqu'ici ne s'est rencontré dont les vertus ne fussent gâtées par le voisinage de quelque défaut. Au contraire quel accord et quel concert de toutes louanges et de toute gloire est le lot de notre Prince! Sa gaieté n'enlève rien à sa gravité, sa simplicité à son autorité, sa bonté à sa majesté. Sa force, la grandeur de sa taille, la beauté de sa tête, la noblesse de ses traits, sans compter cette inflexible maturité, sa chevelure qu'une attention des dieux a ornée des marques prématurées de vieillesse que ne fait qu'accroître sa majesté, tout cela n'annonce-t-il pas aux quatre coins de l'univers un souverain?

<sup>164</sup> Seul tu ne voulais pas comprendre; tu refusais de régner, tu refusais, preuve que tu régnerais bien. On a dû te forcer. Mas tu ne pouvais l'être que par la vue de la patrie en danger et de la république qui menaçait ruine. Tu t'obstinais à ne te charger du fardeau de l'empire que le jour où il le faudrait sauver.

expulsara da *Urbs* a tirania dos tarquínios<sup>165</sup>. Ou seja, o bom cidadão, agindo como bom político, somente deveria livrar-se dos escrúpulos de manter-se em igualdade com os demais quando havia a necessidade de que ele, sendo portador das qualidades necessárias, aqui atestadas pela recusa, assumisse poderes superiores em defesa do Estado. E, em posse do poder, a *virtus* desse indivíduo providencial deveria ser confirmada pelo respeito à leis:

Sobre os rostros também, por um escrúpulo análogo, tu te submetes espontaneamente às leis, às leis, César, que jamais foram redigidas pelo príncipe. Mas tu não queres ter mais direitos que nós: se bem que gostaríamos que tu tivesses mais. Eis que eu entendo pela primeira vez, que eu aprendo pela primeira vez que o príncipe não está acima das leis, mas que as leis estão acima do príncipe.<sup>166</sup> (*Panegírico*, 65, 1)

Segundo Nicolet (1992), ao homem romano competia saber mandar e obedecer, o que sob a ótica das instituições republicanas significava a consideração pelas magistraturas que, temporárias e colegiadas, não permitiam o cidadão iludir-se com o poder que elas representavam. Em relação ao imperador, o respeito às leis representava a forma como Trajano se comportava ou deveria se comportar diante do povo romano (CHAMIZO, 2003), em suma, a imagem de um príncipe reverente às leis significava a redução da defasagem de estatuto entre ele e o Senado. Aliás, as passagens que ilustram a proximidade entre o César e o *ordo senatorius* são muito exploradas por Plínio para exaltar as qualidades de Trajano:

Mas tu, tu eras maior que todos e maior sem diminuir ninguém: cada um conservava em tua presença a mesma autoridade que em tua ausência; na verdade mais de um devia um aumento de respeito ao respeito que tu lhe testemunhavas.<sup>167</sup> (*Panegírico*, 19, 2) Era uma satisfação geral quando para recepcionar tu abraçavas os senadores como em tua partida eles haviam te abraçado.<sup>168</sup> (*Panegírico*, 23, 1) Depois, com que aplausos, com que alegria os senadores receberam o beijo que tu davas em cada candidato após o ter

<sup>165</sup> Tarquínio Soberbo foi o último rei de Roma. A passagem do período monárquico para o republicano em 509 a. C. é marcado pelo relato da reação aristocrática à violação cometida pelo filho do rei contra uma jovem romana chamada Lucrecia. A história ilustrava a atitude de desrespeito que o poder real poderia assumir sobre os habitantes da *Urbs*, dessa forma cristalizou-se a imagem da República como guardiã da liberdade e da monarquia como fonte essencial da tirania.

<sup>166</sup> Sur les rostres aussi, par un scrupule analogue, tu t'es spontanément soumis aux lois, aux lois, César, qui n'ont jamais été rédigées pour le Prince. Mais tu ne veux pas avoir plus de droits que nous: si bien que nous voudrions que tu en eusses davantage. Voici que j'entends pour la première fois, que j'apprends pour la première fois que le prince est non pas au-dessus des lois, mais que les lois sont au-dessus du prince.

<sup>167</sup> Mas toi, tu étais plus grand que tous et plus grand sans diminuer personne: chacun conservait en ta présence la même autorité qu'en ton absence; plus d'un même devait un surcroît de respect au respect que tu lui témoignais.

<sup>168</sup> C'était une satisfaction générale quando pour accueil tu embrassais les sénateurs comme à ton départ ils t'avaient embrassé.

nomeado, te colocando no mesmo nível com eles e te conduzindo com um daqueles que traziam suas felicitações.<sup>169</sup> (*Panegírico*, 71, 1)

O entusiasmo com que Plínio procura apresentar as relações de Trajano com a cúria deriva do reconhecimento do César em relação ao papel que o Senado desempenhava no sistema imperial, além disso, alguns dos últimos imperadores, como Vespasiano, Nerva e Trajano, antes de se verem como Césares, pertenceram ao *ordo senatorius* (ECK, 2008). A consciência senatorial dos príncipes era importante para a manutenção do estatuto da ordem e os elogios a Trajano, que, segundo Plínio, conheceu o “sofrimento da servidão” (*Panegírico*, 72, 6) sob Domiciano, por sua vez revelam o reconhecimento de um dos membros em relação à postura reverente do imperador que governava de forma conciliadora e prometera não condenar à morte nenhum senador (BLÁZQUEZ, 2003), o que resultou em um pacto garantido pelo arbítrio divino:

Por um acordo com os deuses, de sua própria iniciativa, César, a República demandou-lhes assegurar tua vida e tua segurança se tu garantisses aquelas dos outros; senão, eles também desviariam de tua cabeça seus olhares que a protegiame te abandonariam aos vãos que não se fazem abertamente.<sup>170</sup> (*Panegírico*, 67, 5)

Com essa passagem percebemos que a adesão senatorial ao governante não era incondicional e dependia da *securitas* que o César deveria garantir aos senadores, situação que, segundo Plínio, não estava presente durante o reinado dos imperadores que antecederam Trajano, especialmente aquele de Domiciano:

De guarda na porta o horror, as ameaças, igual apreensão de ser introduzido ou repellido; após o que, terrível também de reconhecer e ver; a soberba na frente, a cólera nos olhos, uma palidez feminina sobre o corpo, sobre a face um impudência mascarada por uma intensa vermelhidão. Ninguém ousava dele se aproximar, lhe falar, este ser que procurava sempre as trevas e o mistério, e somente deixava a solidão para criar a solidão (*Panegírico*, 48, 4-5)

<sup>169</sup> Ensuite avec quels applaudissements, avec quelle joie les sénateurs ont accueilli le baiser que tu donnais à chaque candidat après l’avoir nommé, te mettant de palin-pied avec eux et te conduisant comme l’un de ceux qui apportaient leur félicitations.

<sup>170</sup> Par une entente avec les dieux, sur ta propre initiative, César, la république leur a demandé d’assurer ta vie et ta sauvegarde, si tu assurais celles des autres; si non, eux aussi détourneraient de ta tête leurs regards qui la protégeaient et t’abandonneraient aus vouex qu’on ne forme point ouvertement.



Como já discutimos acima, a construção de uma imagem desabonadora atribuída a Domiciano era, naturalmente, o recurso para exaltar Trajano por meio da oposição entre o *princeps* e o *tyrannus*. Devemos lembrar também que “os retratos a nós apresentados são quase sempre caricaturas apavorantes, das quais devemos desconfiar”<sup>171</sup> (MICHEL, 1969, p. 88). Todavia, em se tratando do último Flávio, a bibliografia informa que ele se tornou inimigo do Senado e implantou um regime de terror para eliminar inimigos e expulsar os filósofos (BLÁZQUEZ, 2003). A questão se torna ainda mais complexa se recordarmos que o *cursus honorum* de Plínio florescera no tempo de Domiciano, o que o panegirista esclarece para não se comprometer:

Se for verdade que fui favorecido na carreira das honras pelo mais abominável dos imperadores antes que ele atraísse o ódio das pessoas honestas, me desvinculei quando ele se tornou odioso.<sup>172</sup> (*Panegírico*, 95, 3)

Contudo, sob Trajano, o panegirista era um *amicus principis*, o que também demonstra certa continuidade entre as duas dinastias por conta da manutenção de indivíduos como Plínio, envolvidos nos altos cargos da administração imperial. Seja como for, o *Panegírico* não tinha o intuito de fazer um balanço imparcial, sua função propagandística exigia a acentuação dos vícios dos governos anteriores com vistas a ressaltar as qualidades de Trajano. Dito de outra forma, a comparação era uma forma eficiente de exaltar a *virtus* do governante Antonino, por isso, a forma como é descrita as recepções de Trajano é tão contrastante com as de Domiciano:

E tu, em pessoa, como sabes receber bem, aguardar todo mundo! Passar grande parte de teus dias em meio de tantos problemas políticos com aparência de lazer! Nós também não nos dirigimos a ti pálidos, apavorados, hesitantes como se nos aproximássemos de um perigo de morte, mas seguros e felizes, no momento que nos convém.<sup>173</sup> (*Panegírico*, 48, 1)

---

<sup>171</sup> Les portraits qu'on nous propose sont presque toujours d'effroyables caricatures, dont nous devons nous défier.

<sup>172</sup> S'il vrai que, poussé dans la carrière des honneurs par le plus odieux des empereurs avant qu'il eût affiché la haine des honnêtes gens, jê me suis arrêté après qu'il l'eût affiché.

<sup>173</sup> Et toi, em personne, comme tu sais bien recevoir, attendre tout le monde! Passer une grande partie de tes journées au milieu de tant des soucis politiques avec l'apparence du loisir! Aussi n'allons-nous pas vers toi pâles, épouvantés, hésitants comme si nous approchions d'un péril de mort, mais assurés et joyeux, au moment qui nous convient.

Para enfatizar a *virtus* de Trajano, o panegirista utiliza o recurso da comparação: “Além disso não há bom elogio sem comparação”<sup>174</sup> (*Panegírico*, 53, 1). Faz isso a partir de temas e situações sensíveis aos membros da ordem senatorial, nesse sentido a *gratiarum actio* de Plínio visava tranquilizar os membros da cúria, especialmente porque em 100 d. C. o governo de Trajano estava ainda no início, o que, de certa forma, lançava dúvidas em relação ao futuro do reinado.

A verdade era que a relação entre o imperador e o Senado sempre foi o resultado da tensão entre o que a maioria dos senadores achava que ele deveria ser, e o que ele realmente era, ou poderia tornar-se: *princeps* ou *dominus*.<sup>175</sup> (ECK, 2008, p, 214)

A transformação do primeiro cidadão em senhor, ou seja, *dominus*, era algo que o *ordo senatorius* não contemplava na ideologia do Principado. A aceitação da autocracia do César somente poderia acontecer se a *libertas*, entendida muito mais como *securitas* fosse garantida. É o que Plínio assegura em relação a Trajano: “Semelhante início foi esmagador para todos os outros; tu és a cada dia mais admirável e mais perfeito, de uma maneira que os outros príncipes souberam ser apenas em promessa” (*Panegírico*, 24,1). As incertezas dos primeiros anos de governo eram oriundas, como Plínio afirma, de experiências passadas: Tibério, inicialmente tomado de escrúpulos republicanos, não se entendeu com os senadores e terminou seu reinado com a imagem de um tirano recluso; Calígula, coberto pela fama de seu falecido pai Germânico, não correspondeu às expectativas; Nero, após os bons tempos de seu *quinquennium neronis*, envolveu a *domus* imperial e o Senado em tramas e assassinatos. Mas, a comparação no *Panegírico* não dizia respeito somente ao príncipe, mas também à escolha dos membros que deveriam compor seu estado maior:

Na verdade os príncipes que te precederam, salvo teu pai e com ele um ou dois outros (para falar com exagero), preferiam nos cidadãos os vícios às virtudes, primeiro porque se ama em outro sua própria natureza, segundo,

<sup>174</sup> De plus il n’y a pas de bon éloge sans comparaison.

<sup>175</sup> The relationship between emperor and Senate was always the result of the tension between what the majority of senators thought the emperor should be, and what he really was, or could become: *princeps* or *dominus*.

porque eles julgavam que suportariam melhor a escravidão aqueles que só serviam para serem escravos<sup>176</sup> (*Panegírico*, 45, 1).

A seleção adequada dos indivíduos que fariam parte do círculo do imperador não era somente uma maneira de atestar a *virtus* do César, mas também de valorizar a dos que eram nomeados para os altos cargos da administração imperial. Como primeiro cidadão não cabia a Trajano apenas ser exemplo de um governante virtuoso, esperava-se dele também a capacidade de identificar e favorecer os homens de qualidade. Quando Plínio diz: “é próprio de ti, César, confiar as funções a quem deseja se descarregar”<sup>177</sup> (*Panegírico*, 87, 2) ele destaca que Trajano preferia não estar rodeado de ambiciosos. Os outros imperadores haviam, portanto, se cercado de indivíduos de caráter reprovável justamente porque não estavam interessados pela manutenção e bom andamento da *res publica*, tarefas que exigiam a *virtus*, já que ela se tratava de uma ideia moral que se expressava na devoção ao Estado, atitude incompatível com a ambição pessoal, percebida naqueles que aspiravam ansiosamente os cargos da administração imperial.

Contudo, o fato de o príncipe devotado ao *mos maiorum* expressar sua *virtus* pelo respeito aos valores e instituições ancestrais não significava que na época de Trajano os senadores estivessem inclinados a buscar o retorno ao sistema republicano. Na verdade, ao demonstrar suas qualidades por meio dos canais apresentados, o César garantia o bom funcionamento do novo regime. Ou seja, embora fundado na tradição, a *virtus* do príncipe traduzia-se dentro dos limites e necessidades que a administração imperial demandava. É o que se depreende das seguintes palavras de Plínio em seu discurso: “Tudo o que, Pais conscrito, eu digo ou tenha dito sobre os outros príncipes, tende a mostrar por quais velhos hábitos foram corrompidos e deteriorados a moral do principado, que nosso pai recupera e reforma”<sup>178</sup> (*Panegírico*, 53, 1).

Essa construção da *virtus* do príncipe, sob a tensão constante entre a tradição e a realidade, encontrou em Plínio uma significativa forma de expressão na problemática do exercício da magistratura consular por parte do príncipe. Durante a República o consulado, a mais alta magistratura, era uma espécie de poder executivo que incluía também prerrogativas

<sup>176</sup> En réalité les princes qui t'ont precede, sauf ton père et avec lui um ou deux autres (c'est même trop dire), préféreraient chez les citoyens les vices aux vertus, d'abord parce qu'on aime en autrui sa proper nature, ensuite parce qu'ils jugaient que supporteraient mieux l'esclavage ceux qui n'étaient bons qu'à être esclaves.

<sup>177</sup> C'est bien de toi, César, de confier les fonctions à qui souhaite se décharger.

<sup>178</sup> Tout ce que, Pères conscripts, jê dis ou ai dit sur les autres princes, tende à montrer par quelle longue habitude ont été corrompues et gâtées les moeurs du principat que notre père redresse et reforme.

militares. A parcimônia com a qual o príncipe se utilizasse deste importante cargo revelava, então, sua moderação no exercício do poder.

Eis o que faz a glória do consulado que tu exercestes; e eis o que dele diferiu: como teu principado começava já completo e pleno somente de honras tu recusaste o consulado que os novos imperadores se atribuíram, ele foi destinado a outros. Houve até mesmo um que ao fim de seu principado extorquiu e roubou os consulados que ele havia dada por suas mãos, dos quais a maioria já tinha sido cumprida. Assim esta honra que do início ao fim do reinado dos príncipes foi alvo da cobiça e até do rapto, tu a deixou aos particulares, embora estivesse livre e sem titular.<sup>179</sup> (*Panegírico*, 57, 1-2)

Na passagem, é notável a importância que Plínio dedica ao consulado, valorizado por Trajano exatamente na moderação com que ele exerce a magistratura, Griffin (2008) assinala que o César foi cônsul somente três vezes, um largo contraste com a postura dos Flávios, que haviam monopolizado o cargo. Embora a magistratura tivesse perdido com o Principado muito das prerrogativas republicanas, tratava-se de uma função muito celebrada por ser a etapa final do *cursus honorum*, após a qual o senador exercia as mais altas funções da administração imperial. Como já destacamos acima, Plínio, após seu consulado no ano 100 d. C., desempenhou o augurado, a curatela do Tibre e o governo da província do Ponto-Bitúnia. A alegria com que o panegirista assume seu consulado, bem como na demonstração do que o cargo representa para ele são significativas:

Como igualar nosso reconhecimento a teus favores? A única maneira será lembrarmos sempre que nós fomos cônsules e teus cônsules, de ter sentimentos e votos dignos de consulares, de nos ocupar de coisa pública de maneira a acreditar que a República existe, de não recusar nem nossos conselhos nem nossa ajuda, de não nos estimar nem nos libertar, nem por assim dizer aliviados do consulado, mas por assim dizer nele permanecer ligados e unidos, e de continuar a dar tanto trabalho e zelo quanto nós recebemos de honra e dignidade<sup>180</sup> (*Panegírico*, 93, 3)

<sup>179</sup> Voilà ce qui fait la gloire du consulat que tua as exercé; et de celui que tua as différe voici: ton principat commençait seulement que déjà, comme rassasié et gorgé d'honneurs, tu as refusé le consulat que les nouveaux empereurs s'attribuaient, fût-il destiné à d'autres. Il y eut même qui, à la fin de son principat, extorqua et vola le consulat qu'il avait donné de ses mains et dont la plus grande part était déjà accomplie. Ainsi cet honneur, dont au début et à la fin de leur règne les princes on se convoitise que va jusqu'au rapt, toi tu l'as laissé à des particuliers, bien qu'il fût libre et sans titulaire.

<sup>180</sup> Comment égaler notre reconnaissance à tes bienfaits? La seule façon sera de nous rappeler toujours que nous avons été consuls et tes consuls, d'avoir des sentiments et des votes dignes des consulaires, de nous occuper de chose publique de manière à croire que la république existe, de ne refuser ni nos conseils, ni notre aide, de ne nous estimer ni délivrés, ni pour ainsi dire dévarrassés du consulat, mais pour ainsi dire y demeurant liés et attachés, et de continuer à donner autant de travail et de zèle que nous avons reçus d'honneur et de dignité.

A ênfase no prestígio do cargo, bem como nos contornos republicanos, que Plínio nele evoca, demonstram que o respeito de Trajano em relação ao consulado era, por extensão, uma forma de valorizar os costumes antigos e também os senadores que sentiam na distinção consular a manutenção da importância da ordem e de seus membros, dentro do novo regime. Assim, cada vez que um senador assumia o consulado mais levemente ele sentia sobre si o poder do imperador, ao passo que a moderação com a qual o príncipe exercia a magistratura fazia com que ele mantivesse sua proximidade com os cidadãos, ou seja, sua postura de *princeps*. Tendo assumido uma postura equilibrada em relação a mais alta magistratura, Trajano comprova sua *virtus* e os senadores ficam tranquilos quanto aos abusos que não ocorreriam, por isso pedem que ele exerça mais vezes o cargo:

Nossa unanimidade parece pedir um sacrifício a tua discrição querendo que, príncipe, tu fosses tantas vezes cônsul como foi um de teus senadores: extremamente modesto, recusas como se fosses somente um particular.<sup>181</sup>  
(*Panegírico*, 58, 2)

Nesta abordagem, Plínio apresenta o consulado como uma distinção da qual a humildade de Trajano não permite abusar. A presença da ideia da recusa representa o respeito imperial em relação às instituições republicanas, embora o príncipe, na ótica pliniana, fosse o mais indicado para o consulado. Todavia, a insistência na recusa poderia significar falta de capacidade ou mesmo desprezo às instituições, é por isso que Plínio também celebra quando Trajano assume seu terceiro consulado. “É a estas razões tão imperiosas que a modéstia de nosso príncipe, apesar de uma longa resistência, cedeu enfim”<sup>182</sup> (*Panegírico*, 60, 4). Mas a aceitação do consulado oferecido pelos senadores não significava que o César sucumbira à vaidade, mas sim que aceitara um encargo que outros príncipes não se dispuseram assumir.

Outro, mesmo se não estava entregue ao ócio ou ao prazer, relaxaria diante de um labor contínuo ao menos por momentos de lazer e repouso; ele, livre das ocupações consulares, retoma as ocupações imperiais com tamanho

<sup>181</sup> Notre unanimité semblait demander un sacrifice à ta discrétion en voulant que Prince, tu fusses autant de fois consul qu'un de tes sénateurs: trop modeste refus même si tua n'avais été qu'un particulier.

<sup>182</sup> C'est à ces raisons si impérieuses que la modestie de notre prince, malgré une longue résistance, a pourtant enfin cédé.

equilíbrio que, príncipe ele não desejava o poder de um cônsul, nem cônsul aquele de um príncipe<sup>183</sup> (*Panegírico*, 79, 5)

Nesse sentido, a convivência das instituições republicanas sob o Principado estava representada na junção da figura do cônsul e do príncipe na pessoa de Trajano. E o César demonstrava sua *virtus* ao assumir a magistratura não em busca de prestígio ou poder, mas para servir ao Estado, função que ele também deixava aos outros senadores por não reservá-la exclusivamente para si. Assim, o comedimento de Trajano era a garantia e a segurança do regime, e sua *virtus* era respaldada tanto pelo respeito às tradições quanto pela coerência com qual ele adaptava as tradições às demandas imperiais. É por isso que a propaganda do Principado lançava mão também da *Stoa* para traduzir e reacomodar as ideias e as instituições, segundo as exigências morais do presente.

A filosofia do Pórtico servia, de certa maneira, para aparar as arestas e resolver, ou pelo menos relativizar, as contradições e ambiguidades inerentes ao Principado. Pois, “a vantagem dessa doutrina reside evidentemente no fato de que, conforme as necessidades do momento, pode justificar tudo, e igualmente seu contrário” (ROULAND, 1997, p. 347). No âmbito da propaganda imperial devemos entender que esta colocação discerne a capacidade da *Stoa* tanto para celebrar o regime do Principado, sob um bom príncipe, quanto para criticar o governante que por seus vícios fizesse degenerar até mesmo o sistema de governo que poderia ser exemplar sob um imperador virtuoso.

A escolha pliniana de exaltar a *virtus* de Trajano, comparando suas qualidades com os defeitos de Domiciano, foi ao encontro desta característica do estoicismo. Mas, outros aspectos desta filosofia também foram utilizados pelo panegirista para exaltar o César, que, inclusive, segundo Montero (2000), possuía ideias estoicas. No *Panegírico* a imagem de Trajano é resultado da construção pliniana, embora as intenções propagandísticas prevaleçam não devemos desconfiar totalmente da sinceridade do autor, que, certamente, realça em seu elogio as qualidades do príncipe que coadunavam com a *Stoa*, a qual na época “era a base doutrinal do império” (MONTERO, 2000, p. 172). Imbuídas dessa filosofia os valores romanos tradicionais expressam igualmente a visão estoica:

---

<sup>183</sup> Um autre, même s’il ne s’était pas abandonné à la paresse ou au plaisir, se serait délassé d’un labeur continuel du moins par des moments de loisir et de repôs; lui, déchargé des occupations consulaires, a repris les occupations impériales, avec un tel souci d’équilibre que prince il ne désirait pas le pouvoir d’un consul, ni consul celui d’un prince.

Tu podes muito bem parecer ter alcançado entre os homens o cume das honras, entretanto, o que tu deixaste representava uma felicidade maior: tu renunciaste sob um bom príncipe a condição de homem privado.<sup>184</sup>  
(*Panegírico*, 7, 2)

Essa atitude de devoção ao Estado em detrimento à vida pessoal, característica importante da *virtus*, representa também a abordagem do estoicismo em relação ao controle das paixões e da capacidade de diferenciar as coisas simplesmente preferíveis das verdadeiramente boas (GILL, 2006). Ou seja, Trajano não se entregou ao prazer do *otio* do homem privado, pelo contrário, aceitou a indicação de Nerva que o tornaria imperador e que lhe imporia o *negotio* da vida imperial. Assim o César não fez o que era interessante somente para si, mas o que era realmente bom para o império, pois ele era a pessoa destinada e capaz de assumir a posição de *princeps*.

Os estoicos propõem-se abrir ao indivíduo o caminho da felicidade e da virtude. Ensinam que a natureza está bem feita: embora as capacidades físicas e psíquicas sejam desiguais, deu a todos os indivíduos a mesma possibilidade de acesso à virude. Todos terão acesso a ela, se cumprirem a sua função no lugar que a Fortuna lhes atribuiu; se é imperador, desempenhará com honra o cargo, se é escravo desempenhará a sua tarefa de escravo (VEYNE, 1992, p.286).

Partindo de uma visão conformista da realidade a *Stoa* abre ao indivíduo a possibilidade de demonstrar sua *virtus* nos limites da posição que a sociedade lhe destinou. O fato de Trajano não ter sucedido Nerva por uma via hereditária, mas por conta de sua escolha, como opção mais adequada, reforça na trajetória do César a função do Destino defendida pelos estoicos. Responsável por distribuir as atribuições dos homens, o Destino deve ser compreendido e aceito pela sabedoria humana como forma de elevação moral.

Devido ao cosmopolitismo estoico e à noção de Destino, a escolha do imperador não deveria recair somente sobre os romanos ou itálicos, pois “quem deve comandar a todos deve ser escolhido entre todos”<sup>185</sup> (*Panegírico*, 7, 6). Isso significava a justificação, no discurso de Plínio, da escolha de Trajano, um provincial, por meio da visão universalista do Pórtico. Após ser escolhido, Trajano, com sua atitude, dá provas de sua *virtus*:

<sup>184</sup> Tu peux bien paraître avoir atteint parmi les hommes le comble des honneurs, ce que tu as quitté représentais pourtant un bonheur plus grand: tu as renoncé sous un bon prince à la condition privée.

<sup>185</sup> Qui doit commander à tous doit être choisi entre tous.

É uma grande prova de tua moderação que tu tenhas sido aceito não somente por sucessor, mas também por colega e por associado. Um sucessor, gostando ou não, é preciso ter um; um associado é possível não tê-lo, a não ser que o queira<sup>186</sup> (*Panegírico*, 9, 1)

O fato de Trajano ter sido destinado ao governo do imperial pela Fortuna, pois “o mundo inteiro formava o mesmo voo” (*Panegírico*, 10, 2), coloca em tela a relação entre determinação e ação prevista pelo estoicismo. Embora circunstâncias internas e externas atuem sobre o indivíduo, seu comportamento e atitude diante delas permanecem sob seu controle (FREDE, 2006). É dentro desta perspectiva que Plínio exalta o comportamento de Trajano enquanto co-regente de Nerva, a proximidade que ele estava do governo não excitou sua paixão pelo poder, atitude irracional e contrária à natureza que afastaria o equilíbrio natural (BRUN, 1986). Tal equilíbrio, entendido dentro do contexto, correspondia à manutenção da ordem política do mundo romano que, por sua abrangência, era entendido como a própria ordenação cósmica. O controle das paixões, especialmente o daquele que fosse detentor de grande poder, era para os estoicos uma marca de elevação moral do indivíduo que o identificava com a figura virtuosa do sábio, que “não é, por conseguinte, um apaixonado, porque julga sadiamente, porque vive de acordo com a razão natural” (BRUN, 1986). O César, identificado com o modelo de sabedoria estoica figura, então, como modelo para elite senatorial:

Os assuntos que tu conduzes, que tu colocas em pauta, são assim como o tipo, o modelo do gênero de vida, da espécie de homens que tu preferes; e se tu não te encarregastes até hoje com a censura nem com a prefeitura da moral é porque te agrada mais experimentar nosso valor por benefícios do que por severidades. Além disso, eu não sei o que faz mais pela moral, o príncipe que permite a moralidade ou aquele que nessa posição constrange. Brando, o príncipe nos conduz aonde ele quer, e nós somos uma espécie de seguidores<sup>187</sup> (*Panegírico*, 45, 4-5).

<sup>186</sup> C'est une grande preuve de ta moderation que aies été agréé non seulement pour succesus, mais aussi pour collègue et pour associé. Um sucesseur, qu'on le veuille ou non, il faut en avoir um; um associé, on peut n'en pas avoir, à moins qu'on ne veuille.

<sup>187</sup> Les sujets que tu pousses, que tu mets en vue sont dont comme le type, le modele du genre de vie, de l'espèce d'hommes que tu preferes; et si tu n'es point jusqu'ici chargé de la censure ni de la préfecture des moeurs, c'est qu'il te plaît mieux d'éprouver notre valeur par des bienfaits que par des sévérités. Et d'ailleurs jê ne sais pas qui fait le plus pour les moeurs, du prince qui permet la moralité ou de celui qui y contraint. Souples, le Prince nous conduit ou il veut, et nous sommes en quelque sorte des suivers.



A construção da figura exemplar de Trajano, especialmente a postura flexível, que mais permite a expressão espontânea das virtudes do que as obriga, coaduna diretamente com a descrição do sábio estoico apresentada por Brun (1986, p, 43): “sábio, no estoicismo, há de ser considerado quem segue a retidão da vida, após madura reflexão. Sábio é aquele que não obedece às leis por medo, mas porque as julga salutares.”

A *virtus* do príncipe, respaldada pelo *mos maiorum*, expressada pelo estoicismo na ótica pliniana e observada de uma perspectiva senatorial é, portanto, a partir do exemplos aqui arrolados, a junção de múltiplas qualidades que contemplavam igualmente modelos tradicionais de comportamento do homem político e atitudes louváveis adotadas pelo César nos momentos pontuais de sua carreira política, especialmente na ocasião de sua escolha por Nerva e na sua posterior ascensão ao poder, bem como na forma como ele o exerceu. Esse conjunto de atitudes e condutas favoráveis adotadas pelo César e celebradas por Plínio, em seu discurso, foi responsável pela atribuição senatorial do título de *Optimus Princeps* a Trajano.

Apesar de aparecer oficialmente somente a partir de 114 d. C. o título já teria sido oferecido pelo Senado ao César desde os primeiros anos de seu governo em 100 d. C. (ROMÁN, 2003), ou até mesmo antes de sua ascensão, como forma de legitimar a sucessão imperial (CIZEK, 1983). Dessa forma, ao celebrar Trajano como *Optimus Princeps*, no *Panegírico*, Plínio fazia coro com a imagem que o César gozava nos círculos senatoriais.

Não é por justas razões que o Senado e o povo romano juntaram ao teu nome aquele de *Optimus*? Ele é comum, diria até banal, contudo, novo. Sabemos que ninguém recebeu este título, e que é difícil imaginar que alguém o tivesse merecido. Seria suficiente chamar-te *Felix*? É um elogio que não é moral, mas de sorte. *Magnus*? É um título ao qual se liga mais a inveja que o brilho. Adotando um príncipe perfeito te deu seu nome, o Senado, aquele de *Optimus*. Este nome é para ti tão pessoal quanto o nome paterno; e ainda não está bem claro se se faz melhor compreender dizendo Trajano ou *Optimus*, da mesma maneira que outros designavam os Pisões por sua frugalidade, os Lelios por sua sabedoria, os Metelos por sua piedade filial, todas as virtudes que são reunidas neste nome que é teu. E apenas pode ser julgado *Optimus* aquele que supera todos os homens nas virtudes em que cada um é excelente. É então com razão que após teus outros títulos junte-se aquele como o maior. É menos ser *imperator*, César, Augusto, que ser melhor que todos os imperadores, todos os Césares, todos os Augustos. Assim o pai dos homens e dos deuses é adorado primeiro sob o nome de *Optimus*, somente após sob o de *Maximus*. É ainda mais brilhante teu mérito, tu que é aos olhos de todos não menos *Optimus* que *Maximus*. Tu obtives um nome que não se saberia passar a outro sem parecer emprestado em um bom príncipe, falso em um mal, que, mesmo se todos teus sucessores o usarem, será sempre considerado como teu. Da mesma forma que o nome de Augusto nos faz sempre pensar a quem o teve primeiro, da mesma forma esta denominação

de *Optimus* não retornará jamais à memória dos homens sem que eles pensem em ti, e cada vez que nossos descendentes forem atribuir o título de *Optimus*, eles lembrar-se-ão quem mereceu assim ser chamado.<sup>188</sup> (*Panegírico*, 88, 4-10)

Vê-se que sob o título de *Optimus*, atribuído a Trajano, o panegirista sintetiza a imagem do príncipe como um cidadão cujas virtudes são superiores às dos demais na mesma medida em que ele também é um governante melhor que seus antecessores. Na citação, passado, presente e futuro testemunham a excelência do César. Fernández (2003) lembra que a frase “*felicior Augusto, melior Trajano*” endereçada pelo Senado aos imperadores indica a permanência da fortuna de Trajano, certamente ligada ao título de *Optimus*. Distinção por sua boa atuação governamental, o título também visava estabelecer Trajano como modelo aos próximos imperadores (BLÁZQUEZ, 2003). Na mesma linha, Cizek (1983) acrescenta que o título de *Optimus Princeps* era resultado das qualidades reais do imperador somadas às aspirações políticas então vigentes. O mesmo autor acrescenta que assumida por Trajano a denominação reforçava sua *auctoritas* pessoal ao identificá-lo com Júpiter modelando-o como um ser providencial e merecedor e capaz de exercer o poder absoluto.

Ao abordar a tal titulação, Plínio aproxima essa imagem senatorial de Trajano contida na ideia de *Optimus Princeps* às noções que ora analisamos. Verifica-se que o *mos maiorum* pode ser constatado na lembrança de que o título viera do Senado e do povo romano. No texto latino do *Panegírico*, a presença da fórmula *senatus populusque romanus*, frequentemente abreviada SPQR, nos estandartes republicanos, busca mostrar que a superioridade de Trajano era válida pela ratificação das instituições. Plínio também aproxima Trajano dos valores ancestrais recorrendo ao nome de famílias tradicionais cujas virtudes o César supera. A

---

<sup>188</sup> N'est-ce pas pour de justes raisons que le sénat et le peuple romain ont ajouté à tes surnoms celui d'*Optimus*. Il est commun, dirá-t-on, et banal, mais nouveau pourtant. On sait que personne n'a mérité ce titre, qui n'était pas difficile à imaginer si quelqu'un l'avait mérité. Aurat-il suffi de t'appeller *Felix*? C'est l'éloge non des mœurs, mais de la chance. *Magnus*? C'est un titre auquel s'attache plus d'envie que d'éclat. En t'adoptant un prince parfait t'a donné son nom, le sénat celui d'*Optimus*. Ce nom est pour toi aussi personnel que le nom paternel; et l'on n'est pas plus Clair, on ne se fait pas mieux comprendre en disant Trajan qu'en disant *Optimus*, de même que jadis on désignait le Pisons par leur frugalité, les Laelii par leur sagesse, les Metelli par leur piété filial; toutes vertus qui sont d'un coup continues dans ce seul surnom qui est tien. Et ne peut être jugé *Optimus* que celui qui l'emporte sur tous les hommes parfaits dans la vertu ou chacun d'eux excelle. C'est donc avec raison qu'après tes autres titres on a ajouté celui-ci comme plus grand. Il est moins d'être *imperator*, César, Auguste que d'être meilleur que tous les empereurs, tous les Césars, tous les Augustes. Aussi le père des hommes et des dieux est adoré d'abord sous le nom d'*Optimus*, ensuite seulement sous celui de *Maximus*. D'autant plus éclatant ton mérite, toi qui es aux yeux de tous non moins *Optimus* que *Maximus*. Tu as obtenu un surnom qui ne saurait passer à un autre sans paraître emprunté chez un bon Prince, faux chez un mauvais, qui, même si tous tes successeurs s'emparent, sera toujours considéré comme tien. De même que le surnom d'Auguste nous fait toujours penser à qui l'a eu le premier, de même cette appellation d'*Optimu* ne reviendra jamais à la mémoire des hommes sans qu'ils songent à toi et chaque fois que nos descendants seront obligés de décerner le titre d'*Optimus*, ils se rappelleront qui mérita d'être ainsi appelé.

associação do imperador com a imagem de Júpiter Optimus Maximus por sua vez remete à divinização do governante nos moldes estoicos, já que essa filosofia propunha que a distinção, a elevação do homem, seu progresso moral aproximava-o das divindades. Nesse sentido o título de *Optimus*, na perspectiva pliniana, cristalizava a *virtus* de Trajano com base no *mos maiorum* e na *Stoa*.

Contudo, essa tríade de noções exaltantes, *mos maiorum*, *virtus* e estoicismo, não eram, no *Panegírico de Trajano*, exclusividade de um modelo senatorial de governante. Embora o momento de elocução do discurso colocasse especialmente a cúria como interlocutora do panegirista, a presença dessas ideias morais, políticas e filosóficas podem ser percebidas na obra pliniana também em momentos em que são enfatizadas outras faces do imperador, ou seja, aquelas em que Plínio celebra o imperado a partir da ótica militar, religiosa e imperial. Abordaremos cada uma delas nos próximos tópicos deste capítulo.

## 2 – O imperador soldado

A expansão das conquistas, aspecto marcante da história romana, teve como protagonista o elemento militar desde as primeiras campanhas da República. Sob o império as legiões mantiveram seu papel bélico e consolidaram sua missão colonizadora que permitiu a Roma integrar em seu sistema as diversas províncias, somando os valores da *Urbs* ao multiculturalismo presente no império, ou seja, paralelo ao que chamamos de romanização, a extensão dos valores de Roma para as províncias do império, ocorria também o encontro e a coexistência desses valores com as culturas autóctones presentes nas regiões antes do processo de conquista.

Durante o Principado, o poder do César dependia em grande medida da influência que exercida sobre legiões, que muitas vezes estavam acampadas muito distantes do centro do governamental. Por isso, a identificação do imperador, em Roma, com os soldados no *limes* era necessária como fator de estabilidade para o governante e para todo o império. A aproximação e o reconhecimento imperial para com os soldados vêm sendo atestado pelo estudo da cultural material, na qual se destaca os diplomas militares, documentos que tornavam públicos, em Roma, os privilégios concedidos aos legionários ativos ou veteranos. Eck (2002) ressalta que, junto com o aspecto jurídico do documento, havia também uma função social, pois se todos sabiam que serviam aos príncipes poucos tinham uma confirmação personalizada, ou seja, o diploma militar onde figuravam o nome do imperador e

o seu. Em outras palavras, o documento pode ser compreendido como amostragem da valorização do reconhecimento recíproco entre o César e as legiões.

Para Trajano, que já desempenhara uma carreira militar de sucesso, a identificação com os soldados foi, inclusive, um dos fatores que pesaram em sua escolha como sucessor de Nerva. Assim, Plínio, ao enfatizar no *Panegírico* a imagem de *vir militaris* de Trajano agia em sintonia tanto com a característica do príncipe quanto com uma necessidade ideológica do Principado. Dentro da dinâmica das ambiguidades do regime, a identificação do príncipe com as legiões passa por exigências no que toca à atitude do governante e à sua propaganda. Pautado na busca do equilíbrio e moderação o regime demandava um governante cuja imagem equilibrasse as virtudes cidadãs com as militares. Segundo Carrié (1992) na tradição romana o homem do campo, chamado a defender junto aos seus pares suas terras e os interesses do Estado, adquiriu por essa prática a consciência cívica, ou seja, do camponês-soldado surgiu o soldado-cidadão. O evidente vínculo deste binômio com a austeridade e rusticidade ancestrais romanas nos dá o ensejo para que iniciemos a discussão da imagem militar de Trajano no *Panegírico* a partir da noção de *mos maiorum*.

Plínio procura justificar que a escolha de Trajano por Nerva, como seu sucessor a frente do império, foi uma atitude acertada também do ponto de vista militar. O panegirista constrói essa ideia, assim como fizera em relação ao Senado, exaltando sua *virtus* a partir dos valores tradicionais da sociedade romana.

É duvidoso que se um imperador que não era mais respeitado pôde dar o império graças à autoridade daquele a quem ele era dado? Tu se tornou ao mesmo tempo filho do príncipe, e César, prontamente imperador com a partilha do poder tribunício e teve ao mesmo tempo e imediatamente todos esses títulos que recentemente um pai verdadeiro transmitiu somente a um de seus dois filhos<sup>189</sup> (*Panegírico*, 8, 6).

Antes de elencar as virtudes do príncipe, Plínio ressalta a autoridade de Trajano ao ser adotado e associado ao poder por Nerva numa situação de crise em 97 d. C., quando a guarda pretoriana, ainda insatisfeita com a morte de Domiciano<sup>190</sup>, amotina-se sob o comando de

---

<sup>189</sup> Est-ce qu'il est douteux que si un empereur que l'on ne respectait plus a pu Donner l'empire, c'est grâce à l'autorité de celui à qui il était donné? Tu es devenu tout à la fois fils du Prince, et César, bientôt empereur avec partage de la puissance tribunitienne et tu as eu même temps et immédiatement tous ces titres que récemment un père véritable n'a transmis qu'à un seul de ses deux fils.

<sup>190</sup> Cizek (1983) e Blázquez (2003) destacam que os grupos militares foram favorecidos por Domiciano e diante do assassinato do imperador por uma conspiração senatorial custaram a reconhecer a legitimidade de Nerva.

Casperio Aeliano (CIZEK, 1983). Rebelião condenada por Plínio: “Eis, sem dúvida, uma grande desonra imposta ao nosso século, uma grande ferida feita à República”<sup>191</sup> (*Panegírico*, 6, 1). A atitude pliniana em reprovar tal sublevação<sup>192</sup> revela sua postura senatorial, pois a ordem fora prejudicada pelo último Flávio, além disso, a passagem chama atenção contra possíveis partidários remanescentes de Domiciano, cujas atitudes contrárias ao *ordo senatorius* são interpretadas por Plínio como ofensas ao próprio Estado romano.

Retomando a citação anterior, vemos que na exaltação da *auctoritas* de Trajano o panegirista não deixa de utilizar o recurso da comparação. Uma vez que Vespasiano partilhara poderes apenas com Tito, Domiciano, portanto, é o filho que ao contrário de Trajano, embora legítimo, não mereceu ser distinguido por seu pai. O fato de Trajano ter sido indicado como sucessor, justamente por ocasião da revolta pretoriana, (a guarda pessoal do imperador estacionada em Roma) revela a extensão de sua influência e sua autoridade para apaziguar os ânimos, principalmente por ter sido nomeado anteriormente, por Nerva, governador da Germânia, província que contava com as mais bem preparadas legiões do império. Ou seja, a posição de poder e autoridade de Trajano não era somente uma construção de Plínio, estava bem fundada na realidade, a qual é por sua vez exaltada pelo panegirista. Ele também se admira de que mesmo estando Trajano investido de um poder que lhe possibilitava alcançar o poder pela força se absteve:

A posteridade acreditará que o filho de um patrício, de um consular, de um triunfador, quando ele estava a frente do exército mais sólido, mais importante, o mais devotado à sua pessoa, não foi feito imperador por este exército? Que este mesmo general, quando ele governava a Germânia recebeu o título de *Germanicus*? Que nada combinou para tornar-se imperador? Que ele nada fez a não ser servir e obedecer?<sup>193</sup> (*Panegírico*, 9, 2).

Nesse arrebatamento pliniano cruzam-se, para construir a *virtus* do César, aspectos da *Stoa* e do *mos maiorum*. O respeito de Trajano em relação às tradições se expressa na moderação com a qual ele exerceu o poder de que dispunha. Ao não reeditar os episódios em

<sup>191</sup> Voici sans doute un grand déshonneur imprimé à notre siècle, une grande blessure faite à la république.

<sup>192</sup> Trata-se da revolta dos pretorianos sob o comando de Casperio Aeliano ocorrida em setembro e outubro de 97 d. C. Cizek (1983) informa que a rebelião não foi dirigida tanto contra Nerva, mas sobretudo contra os assassinos de Domiciano.

<sup>193</sup> La postérité croira-t-elle que le fils d'un patricien, d'un consulaire, d'un triomphateur, alors qu'il était à la tête de l'armée la plus solide, la plus importante, la plus dévouée à sa personne, n'a pas été fait empereur par cette armée? Que ce même général, alors qu'il gouvernait la Germanie, a reçu de Rome le titre de *Germanicus*? Qu'il n'a rien combiné pour devenir empereur? Qu'il n'a rien fait, si ce n'est servir et obéir?

que ocorreram durante a decadência republicana, quando os generais a frente de seus exércitos pessoais marchavam contra Roma, e coagindo assim o Senado tinham seu poder, adquirido à força, legitimado. Essa atitude adotada por Trajano, e elogiada por Plínio, também estava em consonância com o estoicismo, pois a filosofia valorizava a aceitação do destino e do papel que cada uma deveria desempenhar, bem como da compreensão dos acontecimentos de acordo com a noção de *vivere naturae*, como forma de adesão ao bem (BRUN, 1986). Assim, ao manter-se fiel ao cargo e posição que Nerva havia lhe delegado, Trajano conformou-se com seu destino e não violou a natureza, o que acarretaria conturbações que levariam inevitavelmente ao mal. Nessa leitura da *Stoa* estava a própria compreensão dos romanos, na qual todo cosmo era identificado com a sociedade e o mundo governados por suas instituições. Mundo cujos indivíduos deveriam seguir as orientações éticas aceitas pelo Senado. Mas se o Pórtico exigia a moderação do poder em relação aos romanos, o respeito ao *mos maiorum* exigia uma atitude impiedosa contra os inimigos da *Urbs*:

Mas agora em todos retornou o terror, o medo e o desejo de executar as ordens. É que eles veem um capitão romano, um daqueles dos tempos de outrora que deviam o nome de *imperator* aos campos cobertos de mortos e aos mares tintos pelas vitórias<sup>194</sup> (*Panegírico*, 12, 1).

Com essa passagem Plínio faz referência aos dácios, cujo rei Decébalos desobedecia aos tratados firmados com Domiciano, pelos quais deveriam respeitar as fronteiras do império em troca de um pagamento. Tal acordo, além de vergonhoso para Roma, fora violado impunemente sob o último Flávio, por isso Trajano, já tendo sucedido Nerva, após assegurar a estabilidade na Germânia, inicia em 101 d. C. uma campanha contra os dácios. Trajano vence-os e, em 102 d. C., um novo pacto é estabelecido, o qual, por sua vez, também transgredido, o que deu origem a segunda guerra dálica, em 105 d. C., culminando em 106 d. C. com a derrota total de Decébalos e a transformação da Dácia em província romana (FERNÁNDEZ, 2003). Assim, a imagem construída por Plínio é um ideal que se confirmou na realidade. As conquistas de Trajano legitimavam sua posição de imperador sob a ótica do *mos maiorum*, pois na tradição ancestral os generais, após as vitórias, eram aclamados *imperatores* pelas tropas, título que posteriormente era confirmado pelo Senado e que dava o direito ao general

---

<sup>194</sup> Mais maintenant chez tous sont revenus la terreur, la crainte et le désir d'exécuter les ordres. C'est qu'ils voient un capitaine romain, un de ceux du temps jadis qui devaient le nom d'*imperator* aux champs couverts de morts et aux mers teintées par des victoires.

vitorioso desfilando em triunfo pelas ruas da *Urbs*. Por ter feito jus à tradição, Trajano é comparado com os grandes militares do passado:

Eu não julgaria digno de admiração o *imperator* que tivesse também a bela conduta no tempo dos Fabricios, Cipiões e dos Camilos: quando os inflamava uma viva emulação ou sempre alguma virtude superior à sua. Mas desde que nosso amor às armas é pretexto não ao exercício ao espetáculo, ao prazer e não mais ao esforço, desde que nossas manobras não são mais dirigidas por um veterano decorado com a coroa mural ou cívica, mas por um pequeno mestre grego, como é bonito que um só entre todos ame ser fiel à moral de nossos ancestrais, ao valor de nossos ancestrais, e sem emulação, sem exemplo combata somente consigo mesmo, rivalize somente consigo mesmo, e, assim como ele reina só, seja o único digno de reinar!<sup>195</sup> (*Panegírico*, 13, 4-5).

Ou seja, o zelo ao *mos maiorum*, que Plínio atribui a Trajano, respalda a posição do César como imperador já que não havia outro com as mesmas capacidades. A escolha dos nomes para a comparação também é sugestivo pelo fato de contemplar indivíduos que viveram em épocas anteriores às guerras púnicas, nas quais eram idealizadas as mais caras virtudes romanas do rústico camponês-cidadão-soldado. Isso porque o período após a vitória sobre Cartago trouxe, junto com as conquistas, um afrouxamento dos valores tradicionais, especialmente a adoção de hábitos menos austeros atribuídos aos gregos e outros orientais.

Para ilustrar a imagem do imperador soldado Trajano, o panegirista destaca também as atitudes que o César adotava no convívio com seus soldados. O companheirismo do imperador em relação às suas tropas e a partilha das dificuldades eram maneiras de expressar os valores do *vir militaris* por meio de uma atitude condizente com os valores ancestrais:

Tal é a veneração que tem por ti nossos inimigos. Eu diria qual a admiração entre nossos soldados, como tua a conquistou? Eles partilhavam contigo as privações, contigo a sede; nos exercícios sobre o campo de manobras tu que juntavas aos esquadrões de soldados a poeira e o suor imperiais; sem outra distinção que tua força e tua superioridade, sem nenhuma etiqueta, às vezes tua lançavas de longe os dardos, às vezes tua recebias aqueles que te lançavam; tu te alegravas e se felicitava da bravura de teus homens cada vez

<sup>195</sup> Je ne jugerais pas digne d'admiration l'*imperator* qui aurait une aussi belle conduite au temps et des Fabricius et des Scipions et des Camilles: alors l'enflammerait un vive emulation ou toujours quelque vertu superieure à la sienne. Mais depuis que notre amour des armes est préteste non à exercice, mais à spectacle, à plaisir et non plus à effort, depuis que nos manouvres ne sont plus présidées par un vétéran decore de la couronne murale ou civique, mais para un petit maître grec, comme il est beau qu'un Seul entretous aime à être fidèle aux moeurs de nos aïeux, à la valeur de nos aïeux, et sans emule, sans exemple ne combatte qu'avec soi-même, ne rivalise qu'avec soi-même, et, ainsi qu'il règne Seul, soit Seul digne de régner!

que teu elmo ou teu escudo era tocado mais duramente, pois tu aplaudias aqueles que acertavam o alvo, tu os recomendavas a ousar e ousavam prontamente; espectador e diretor, tu preparavas as armas dos bravos que iam se envolver no assalto, tu experimentava os dardos, e se um de teus soldados achava muito pesada a arma que ele havia recebido, tua mesmo a lançava<sup>196</sup> (*Panegírico*, 13, 1-3).

Na descrição das atividades de caserna, a *militia*, que o imperador dividia com seus legionários, além da postura de camaradagem e emulação de Trajano, há a menção elogiosa da transpiração do César durante os exercícios militares, o que nos remete a um tema habitual no universo militar romano. Segundo Carrié (1992, p. 100) o “*sudor*, suor, ao mesmo tempo produto e prova do *labor* do soldado, [é] sinal de doação voluntária da sua pessoa e da renúncia às comodidades civis”. A mesma construção em torno do *sudor* já havia sido explorada por Salústio para ressaltar seu valor sobre uma existência de lassidão: “o suor, a poeira e outras coisas tais, deixem-nas para nós que as temos por mais agradáveis que os festins” (*Guerra de Jugurta*, 85). Ao destacar o *sudor* de Trajano, o panegirista aproxima o César do ideal de companheiro de armas, o *commilito*, fiel ao modelo o imperador “não pode também deixar de suar, a fim de manifestar o seu sentido do dever, dar o exemplo da disciplina dos antepassados e suscitar a devoção ilimitada dos seus homens” (CARRIÉ, 1992, p. 101). Mas se nas atividades militares do príncipe são enfatizados o esforço e o exercício, seu lazer e descanso não eram menos agitados ou menos afirmadores das virtudes ancestrais:

Se te ocorre estar em dia com o fluxo dos afazeres, como relaxamento tu vês somente uma mudança de trabalho. Que outro relaxa como tu que esquadrinha as florestas faz levantar as bestas de suas tocas, atravessa os altos cimos das montanhas, leva teus passos sobre as rochas escarpadas sem que o ajudem com a mão, sem que te indiquem o caminho, não sem ir ao meio destas distrações visitar devotadamente os bosques sagrados e apresentar tuas homenagens às divindades? Outrora eis o que fazia o entretenimento da juventude e sua alegria, eis os exercícios que formavam os futuros chefes: combate de velocidade com as bestas mais rápidas, de força com as mais intrépidas, de localização com as mais espertas; tinha-se como uma fina honra em tempos de paz conduzir caçadas de animais selvagens e se entregar verdadeiramente aos trabalhos dos campos. Mesmo esta glória era usurpada também por esses príncipes que eram incapazes de merecê-la;

<sup>196</sup> Telle est la vénération qu'ont pour toi nos enemies. Dirai-je quelle admiration chez nos soldats, comment tu l'as conquise? Ils partageaient avec toi les privations, avec toi la soif; dans les exercices sur le champ de manoeuvres tu melais aus escadrons la poussière et la sueur impériales; sans autre distinction que ta force et ta supériorité, sans aucune étiquette, tantôt tu lançais de loin des traits, tantôt tu recevais céus qu'on te lançait; tu te réjouissais et te félicitais de la bravoure de tes hommes chaque fois que ton casque ou ton bouclier était plus durement touché, car tu applaudissais ceux que faisaient mouche, tu leur recommandais d'oser et ils osaient aussitôt; spectateur et directeur, tu préparais les armes des braves qui allaient se livre assaut, tu essayais les traits et si um de tes soldats trouvait trop lourde l'arme qu'il avait recue, tu la lançais toi même.



usurpada, pois eles abatiam com habilidade simulada bestas domesticadas e enfraquecidas pelo cativo, que após eram soltas para sua distração[...] Ao mesmo tempo, penso que se estes são os jogos e divertimentos, qual deve ser a importância de suas ocupações sérias e graves que ele abandona para um repouso tão ativo, o prazeres, de fato, sim, os prazeres são o que informam melhor sobre a gravidade, a moralidade, o equilíbrio de cada um<sup>197</sup> (*Panegírico*, 81, 1-3).

No comportamento de Trajano descrito por Plínio emergem características próprias de um filho da Hispânia, pois a província “era um verdadeiro paraíso para os caçadores”<sup>198</sup> (BLÁZQUEZ, 2003, p. 245), com abundância de veados, javalis e coelhos. Ao arrolar como fator da *virtus* do César o desafio à natureza e o hábito da caça, atividades apreciadas pelos hispânicos, Plínio, além de atribuir a Trajano hábitos caros ao *mos maiorum*, também aponta a presença dos valores ancestrais na província numa época em que os processos de aculturação já havia dispersado os valores da *Urbs*, valores que em certa medida foram melhores preservados em outras regiões do império que não Roma como provava o exemplo de Trajano. Mas os hábitos rústicos e as atividades do corpo não eram um fim em si mesmo, mas sim uma forma de aprimoramento moral do indivíduo:

Além disso, eu não louvaria muito pela força do próprio corpo e dos braços; mas se uma alma mais forte que o próprio corpo impõe sua lei, uma alma que não se amolece pelo favor da fortuna, que as riquezas imperiais não levam à preguiça ou ao excesso, então eu admirarei que eles exerçam na montanha ou no mar, um corpo embelecido pelo trabalho e os membros fortificados pelos exercícios<sup>199</sup> (*Panegírico*, 82, 6).

---

<sup>197</sup> S’il t’arrive d’être à jour avec le flot des affaires, en guise de délassement tu ne vois qu’un changement de travail. Quelle autre relâche as-tu que de fouiller les forêts, faire lever les bêtes de leurs repaires, franchir les hautes cimes des montagnes, porter tes pas sur les rochers escarpés, sans qu’on t’aide de la main, sans qu’on te marque la trace, non sans aller au milieu de ces distractions visiter dévotement les bois sacrés et présenter tes hommages aux divinités? Jadis voici ce qui faisait l’entraînement de la jeunesse et sa joie, voici les exercices qui formaient les futurs chefs: lutter de vitesse avec les bêtes les plus rapides, de force avec les plus hardies, d’adresse avec les plus rusées; et l’on ne tenait pas pour un mince honneur en temps de paix de chasser des campagnes les incursions des fauves et de délivrer d’un véritable siège les travaux des champs. Même cette gloire était usurpée aussi par ces princês que étaient incapables de la mériter; usurpée, car ils rabattaient avec une habileté feinte des bêtes apprivoisées et abâtardies par la captivité et qu’ensuite on lâchait pour leur amusement.[...] Em même temps, je pense que si ce sont là ses jeux et divertissements, quelle doit être l’importance de ses occupations sérieuses et graves et qu’il abandonne pour un repôs si actif, Les palisirs, en effect, oui les plaisirs sont ce qui renseigne le mieux sur la gravite, la moralité, l’équilibre de chacun.

<sup>198</sup> Era un verdadero paraíso par los cazadores.

<sup>199</sup> D’ailleurs jê ne louerai pas beaucoup por elle-même la force du corps et des bras; mais, si une ame plus forte que le corps même lui-même leur impose as loi, une ame quen’amollisse pasla faveur de la fortune, que les richesses impériaes ne mènent pas à la paresse et aux excès, alors j’admirerai, qu’ils s’exercent à la montagne ou à la mer, un corps embelli par le travail et des membres fortifiés par les exercices.

Em vista de todos os exemplos aqui arrolados para construção *virtus* de Trajano, como *vir militaris* a partir aspectos tradicionais que o César teria exercido, percebe-se que Plínio deposita grande importância na identificação do príncipe com suas tropas, como forma de tranquilizar o Senado. Em outras palavras, fazia parte da atitude do imperador, o que era incentivado pelo panegirista, figurar como exemplo moral de um tipo militar específico: aquele que envolvido com a *militia* não fosse persuadido a atuar contra o Senado. É por isso que as imagens recuperadas do passado remetem a períodos anteriores à República tardia, antes da época em que a profissionalização das legiões, levadas a cabo por Mário, permitisse a formação de exércitos que favoreceram a ascensão do poder pessoal. Embora na época de Plínio e Trajano aqueles distúrbios estivessem já muito distantes, a contundente, porém curta, crise de 69 d. C. mais próxima deles era um alerta de que as conturbações rondavam o mundo romano sempre trazendo a morte aos membros da cúria, para quem a figura do soldado ideal estava localizada no tempo que o *ordo senatorius* dirigia a política de Roma com uma mentalidade de abnegação, coragem e paciência, virtudes que no período eram também atributos do soldado-cidadão (CARRIÉ, 1992). E esse modelo ainda era desejado para os militares das legiões imperiais.

Ainda sob os Flávios o futuro príncipe já havia prestado importante serviço militar em favor da segurança do Estado. Em 87 d. C., durante o governo de Domiciano, Trajano, no comando da legião *VII Gemina*, marchou para a Germânia para sufocar a revolta de Antonio Saturnino (FERNÁNDEZ, 2003). Embora a postura de Plínio fosse de reprovação em relação ao último Flávio, ele não deixa de destacar os méritos de Trajano nessa campanha:

A Germânia e a Hispânia são defendidas e separadas por inúmeras nações, pela imensidade quase sem limites de regiões que se estende entre as duas províncias, mas também pelo Pirineus, os Alpes e outras montanhas enormes se não as comparamos com aquelas. Quando, através de todo este espaço tu conduzas tuas legiões, ou mais do que isso (tão grande era a rapidez) tu os fazias voar sobre o caminho, jamais você se preocupou com carro nem com cavalo! Ao contrário, não para te ajudar no caminho, mas por decoro, teu cavalo seguia; tu o utilizavas somente em alguns dias de etapa, fazendo com teu entusiasmo voar o solo, as voltas, a poeira sob o acampamento<sup>200</sup> (*Panegírico*, 14, 2-3)

---

<sup>200</sup> La Germanie et l'Espagne sont défendues et séparées par d'innombrables nations, par l'immensité presque sans limite des contrées qui s'étendent entre les deux provinces, mais aussi par les Pyrénées, les Alpes et d'autres montagnes énormes, si on ne les compare pas à celles-là. Lorsqu'à travers tout cet espace tu conduisais tes légions, ou plutôt (si grande était ta rapidité) tu les enlevais à la course, jamais tu ne t'es soucié de char, ni de cheval! A vide, non pour aider à ta route, mais pour le décorum, ton cheval suivait; tu ne t'en servais qu'aux jours d'étape, faisant autour du champ voler le sol sous ton entrain, tes voltes, ta poussière.

Nessa passagem do *Panegírico* se expressa de forma bem acabada, a partir de um acontecimento real, a pujança militar de Trajano, ilustrada com características de uma divinização estoica, percebida na capacidade de o César prevalecer sobre as barreiras naturais. E o mais notável é que todo o talento trajânico foi empreendido em favor da estabilidade do império, o que tornava secundário que tal campanha ocorrera no reinado de Domiciano. A necessidade de uma figura militar devotada ao *mos maiorum* para assegurar a estabilidade do governo de Nerva e sinalizar uma sucessão tranquila dá o ensejo a Plínio para ressaltar a *virtus* de Trajano no papel que ele desempenhou no processo:

Também estou persuadido de que este mesmo desvio e esta sedição dos soldados não foram produzidos senão para que apenas uma grande violência, um grande perigo pudesse triunfar sobre tua modéstia. Da mesma forma que as tempestades e tormentas dão mais valor à calma do mar e do céu eu acredito de bom grado que é para aumentar o encanto que esses distúrbios precederam a paz que tu nos deu<sup>201</sup> (*Panegírico*, 5, 7-8).

De fato os riscos existiam, pois a guarda pretoriana em Roma e os soldados do império lamentaram a morte de Domiciano. Foi necessário que os chefes desses militares os chamassem à obediência (CIZEK, 1983). Havia, inclusive, o risco do embate entre duas facções, pois havia a presença de outro *capax imperii* além de Trajano, o também hispânico M. Cornelio Nigrino Curiatio Materno, governador da Síria (CHAMIZO, 2003; MANJARRÉS, 2003). Dessa forma, Plínio ilustra com modéstia e abnegação a *virtus* de Trajano mesmo nas atitudes em que ele não defendia exclusivamente o Estado, mas também seus interesses pessoais e os daqueles que apoiaram sua ascensão, especialmente o grupo de senadores da Hispânia, liderados por Licínio Sura, com quem o panegirista se correspondeu em *Cartas*, IV, 30 e VII, 27. Assim, como *amicus principis* destacado ao lado da *factio hispana* Plínio manipulou alguns dos fatos decisivos do acesso de Trajano ao poder para fazer uma propaganda imaculada da *virtus* do César, na qual este controla as paixões que a ambição poderia suscitar, renegando as coisas preferíveis em favor do que estivesse em sintonia com o soberano bem (GILL, 2006).

Decisivas para manter a paz no curto reinado de Nerva e para assegurar seu próprio acesso ao poder, as virtudes militares de Trajano, na ótica pliniana, não foram produtos da

---

<sup>201</sup> Aussi suis-je persuade que cet égarement même et cette sédition des soldats ne se sont produits que parce qu'une grande violence et un grand péril pouvaient seuls triompher de ta modestie. De même que tempêtes et orages donnent plus de prix au calme de la mer et du ciel, de même jê croirais volontiers que c'est pour en augmenter le charme que ces troubles ont précédé la paix qu tu nous as donnée.

ocasião. Assim como em *Panegírico*, 81, ele demonstra saudosismo pela austeridade esquecida na juventude do passado e exalta o fato dessas qualidades perdidas estarem presentes no César desde seus primeiros passos: “tais exercícios, César, não foram eles teu berço, tua escola?”<sup>202</sup> (*Panegírico*, 14, 1). E o desempenho das primeiras magistraturas de Trajano também é exaltado, pois a *virtus* do tribuno já prenunciava aquela do imperador.

Mas como um tribuno e ainda de uma idade frágil, tu percorreste as terras mais distantes com vigor de um homem; desde então a fortuna te adverte a estudar longamente e a fundo este ofício no qual tu devias facilmente passar a instrutor. Tu não te contentaste com um olhar distante sobre o acampamento, nem com um tipo de passeio pelo serviço militar; tu exercestes o ofício de tribuno de maneira a poder ser imediatamente após general e a não ter nada a aprender quando chegasse o momento de ensinar. Dez anos de serviço te fizeram conhecer a moral dos povos, a situação dos países, as vantagens do terreno; tu te habituaste a suportar todas as variedades de águas e de climas tanto quanto as fontes de teu país, quanto a atmosfera de teu país<sup>203</sup> (*Panegírico*, 15, 1-3).

Como em Roma a carreira pública desenvolvia-se exclusivamente no âmbito do *cursus honorum*, a exploração do desempenho das magistraturas que o compunham é significativa. Nesse sentido, Plínio opta em destacar não só um cargo militar, mas um que era exercido na primeira fase, o tribunado, o qual se opõe à pretura ou consulado, as quais representavam uma posição já consolidada dentro do sistema imperial. Fernández (2003) informa serem escassos os dados acerca do desabrochar da carreira de Trajano, contudo situa seu tribunado militar por volta dos vinte anos, desempenhado junto ao exército que Trajano pai comandava na Síria. A valorização pliniana das primeiras etapas da vida pública de Trajano é uma forma de destacar as formas mais humildes de expressão da *virtus*, ademais, a duração de dez anos de seu tribunado, que Durry (1972) considera inusitada, é mais um fator a ser arrolado nesse sentido, especialmente para um membro da classe senatorial, já que muitos indivíduos dessa ordem pulavam etapas ou as encurtavam, às vezes com o beneplácito do imperador no caso de Plínio, visando a aceleração da carreira. O longo período ao lado das legiões desenvolveu o sentido de *commilito* do César:

<sup>202</sup> De tels exercices, César, n’avaient-ils pas été ton berceau, ton école?

<sup>203</sup> Mais en tant que tribun et encore d’un âge tendre, tu as parcouru les terres les plus éloignées avec la viguer d’un homme; dès lors la fortune t’avertissait d’étudier longtemps et à fond ce métier ou tu devais peu passer instructeur. Tu ne t’es pas contenté d’un lointain coup d’œil sur le camp, ni d’une sorte de brève promenade à travers le service militaire; tu as fait le métier de tribun de façon à pouvoir être aussitôt general et à n’avoir rien apprendre le moment venu d’enseigner. Dix années de service t’ont fait connaître les mœurs des peuples, la situation des pays, les avantages du terrain; tu t’es habitué à supporter toutes les variétés d’eaux et de climats aussi bien que les sources de ton pays, que l’atmosphère de ton pays.

O que direi eu ainda? Tu consolavas os fatigados, aliviava os doentes. Não fazia parte dos teus hábitos penetrar em tua tenda antes de passar em revista aquelas de teus companheiros de armas, nem de repousar se não fosse o último<sup>204</sup> (*Panegírico*, 13, 3).

Respaldada no *mos maiorum*, a *virtus* militar de Trajano é ilustrada por Plínio sempre com ênfase no respeito às tradições, evidenciada, sobretudo, na comparação com a postura dos antecessores. Nesse sentido, o panegirista ressalta a solidez das pacificações operadas pelo César (*Panegírico*, 16, 3), o que legitimava seus triunfos em oposição àqueles de outros imperadores (*Panegírico*, 17, 1). Contudo, em relação à primeira guerra dácica, Blázquez (2003) ressalta que o triunfo celebrado em 102 d. C. estava mais em consonância com a propaganda imperial do que com a realidade, o que ficou procado pela necessidade de uma segunda campanha contra Decébalo. Após a segunda e definitiva vitória, anos depois da publicação do *Panegírico*, as guerras dácicas serviriam de tema nos círculos literários de Plínio:

É uma excelente ideia que te disponhas a escrever sobre as guerras dácicas. Pois, que outro acontecimento é tão recente, tão rico, tão elevado ou, enfim, tão poético e, ainda que se trate de coisas muito verdadeiras, tão legendário?<sup>205</sup> (*Cartas*, VIII, 4).

O interesse de Canínio Rufo, interlocutor de Plínio nesta missiva, pelas campanhas contra os dácios demonstra que a recepção da política exterior de Trajano atingia outros indivíduos além de Plínio, fato que deve ser creditado tanto às vitórias do imperador quanto à propaganda do *Panegírico* que, pronunciado em 100 d. C. e publicado mais tarde em 103 d. C., antes dessas guerras vantajosas para Roma já exaltava a habilidade militar do César, a qual se confirmaria na realidade.

Mas o elogio do soldado imperador não era incentivo para a belicosidade indiscriminada: “Tua moderação merece tanto mais ser louvada, pois, nutrido na glória

---

<sup>204</sup> Que dirai-je encore? Tu consolais les fatigues, tu soulageais les malades. Il n’était pas dans tes habitudes de pénétrer sous ta tente avant d’avoir passé en revue celles de tes compagnons d’armes, ni de prendre repôs si ce n’est le dernier.

<sup>205</sup> Es una excelente idea que te dispongas a escribir sobre las guerras dacicas. Pues, l,que outro acontecimiento es tan reciente, tan rico, tan elevado o, en fin, tan poetico y, aunque se trate de cosas muy verdaderas, tan legendario?

guerreira, tu amas a paz”<sup>206</sup> (*Panegírico*, 16,1). A valorização desse controle, associado à moderação estoica, pode ser entendido como a necessidade de evitar o esvaziamento da imagem civil do imperador, que na ótica do Senado, compreendida por meio da concepção do primeiro cidadão, ou seja, na construção do governante ideal, as características de *princeps* e *vir militaris* não eram excludentes, mas sim complementares.

A afirmação dos feitos militares do César era uma importante fonte de propaganda de governo. Detalhes de uma inscrição encontrada próximo de Cádiz, em 1982, trazem algumas informações pertinentes para nossa discussão, trata-se de um pedestal de mármore com a titulação de Trajano, o achado é apresentado por Fernández (1987) e traz as seguintes informações:

Imp(eratori). Caes(Ari).D[iui Ner-]  
 uae.f(ilio).Ne[ru]ae.Traiano  
 [Optimo A]jug(usto).Ger(manico).Daci-  
 co.Part(h)ico.ponti(ifici).max(imo).  
 trib(unicia).pot(estate).XIIII.imp(eratori).X.  
 co(n)s(uli).VI.p(atri).p(atriae)  
 res.p(ublica).Saeponensium  
 statuam.triump(h)alem  
 ex.d(ecreto).d(ecurionum).dedit

Dentre esta miscelânea de informações devemos nos concentrar, neste caso, aos três títulos vinculados aos feitos militares do César: *Germanicus*, em virtude da organização do *limes* da Germânia; *Dacicus*, pelas vitórias sobre Decébalos e transformação de seu reino em província romana; *Particus*, em nome da conquista, efêmera, do império dos partos, ocorrida nos anos finais de seu governo. Tais títulos não possuíam uma significação simplesmente pontual, pelo contrário, representavam a extensão, operada pelo César, da civilização romana às regiões conquistadas.

<sup>206</sup> Ta modération mérite d’autant plus d’être proué que, nourri dans la gloire guerrière, tu aimes la paix.

De acordo com Veyne, (1992) antes dos estoicos o mundo greco-romano considerava não humanos os povos que não compartilhavam de sua cultura. O Pórtico, com seu universalismo, trouxe uma nova concepção do gênero humano, a de que todos os homens pertenciam a uma única comunidade. Mas esse reconhecimento não era completo, e para os romanos a etapa necessária para estabelecer a humanidade, também dos povos bárbaros, era sua integração ao mundo romano. Nesse sentido, ao ampliar as conquistas romanas, Trajano estava operando um ajustamento do cosmos, expandindo a civilização ao gênero humano.

Após o período de combate pela conquista de uma região, seguia-se um processo de urbanização, que buscava equiparar as condições dos novos territórios àquelas das demais províncias romanas. Trajano buscou esse objetivo por meio da concessão de terras aos habitantes locais e colonos, com isso ele conseguiu “criar condições análogas as que tinham outras províncias romanizadas”<sup>207</sup> (MANJARRÉS, 2003, p. 151). Em regiões de tradição grega, onde a urbanização era anterior à conquista romana, o reconhecimento pelo pertencimento à comunidade humana expressava-se no respeito às instituições locais. Quando Plínio governava a Bitínia, uma das recomendações que Trajano lhe dirigiu dá exemplo disso: “Para recompensar sua probidade, que eles saibam doravante que este controle, é por minha vontade que tu o exercerás, respeitando, porém, os privilégios que eles possuem.”<sup>208</sup> (*Cartas*, X, 48, 2). É claro que o respeito não ultrapassa para além das elites e que as camadas mais humildes da sociedade não eram atingidas pelos privilégios referidos pelo César.

Para celebrar as vitórias o ideário estoico era preterido em favor de motivos mais tradicionais que valorizavam, sobretudo, a superioridade militar romana e os benefícios dela advindos. Essa postura ficou bem marcada na política edilícia de Trajano, em seu fórum onde “a ideologia belicista que se imprime em todo o conjunto é resultado de um intencional objetivo da propaganda imperial”<sup>209</sup> (BASARRATE, 2003, p.71). No centro do fórum uma coluna celebrava a vitória nas guerras dácicas, a obra, que ainda pode ser observada em Roma, tem como característica marcante as imagens em relevo que circundam-na de baixo até em cima em uma longa espiral representando diversos episódios das campanhas contra os dácicos.<sup>210</sup> “A coluna é uma alegoria à *sapientia* e à *virtus* do imperador. Trajano não se

<sup>207</sup> Crear condiciones análogas a las que tenían otras provincias romanizadas.

<sup>208</sup> Pour récompenser leur probité, qu’il sachent désormais que ce controle, c’est par ma volonté que tu l’exerceras, tout en respectant les privilèges qu’ils ont.

<sup>209</sup> La ideologia belicista que se imprime en todo el conjunto es resultado de un intencionado objetivo de la propaganda imperial.

<sup>210</sup> Ver anexos, imagem 5.

caracteriza por sua elevada formação cultural, mas sim por seu destacado matiz militar”<sup>211</sup> (BASARRATE, 2003, p 82). O monumento de Adamclisi, construído no território dácico, cumpria a mesma missão de celebrar a vitória de Roma (MANJARRÉS, 2003), porém, por sua localização destaca-se sua função coercitiva e dissuasiva.

Nessas obras e monumentos o universalismo estoico dá lugar a uma visão da superioridade romana conquistando pela força o direito de submeter seus inimigos, fazendo com que as populações locais se tornassem fontes de riqueza para Roma. No *Panegírico*, Plínio compartilha essa imagem ao celebrar as vantagens oriundas das regiões conquistadas:

Nós recebemos reféns, nós não os compramos mais; nós não negociamos mais ao preço de enormes sacrifícios e de imensas liberalidades vitórias imaginárias. Pedem, suplicam; aceitamos ou recusamos sempre em função da majestade do império; aqueles que obtiveram satisfação nos rendem graças; aqueles que sofream uma recusa não ousam queixar-se<sup>212</sup> (*Panegírico*, 12, 2).

Além da submissão dos povos, as vitórias de Trajano, festejadas pelo panegirista, serviram para confirmar a supremacia romana. Certamente essa imagem de poder falava mais alto do que um discurso de tolerância, principalmente porque, em relação aos dácicos, essa fora a postura adotada por Domiciano. Identificada com a fraqueza, a negociação era inferior às vitórias retumbantes, em outras palavras, apesar de que a filosofia predominante acenasse com um universalismo entre os homens e as nações, a visão pliniana mostra que aos olhos romanos tal ideal não poderia realizar-se de forma igualitária, pelo contrário, estava condicionada à prévia aceitação, pela paz ou pela força, da hegemonia romana. Sob esta, por fim, haviam permanências e trocas culturais, mas a preponderância política e militar romana não era objeto de negociação no âmbito da ideologia e da propaganda imperial.

---

<sup>211</sup> La columna es una alegoría a la *sapientia* y la *virtus* del emperador. Trajano no se caracterizaba por su elevada formación cultural, sino por su destacada matiz militar.

<sup>212</sup> Nous recevons des otages, nous ne les achetons plus; nous ne négocions plus au prix d'énormes sacrifices et d'immenses largesses des victoires imaginaires. On demande, on supplie; nous accordons ou nous refusons, toujours ainsi qu'il sied à la majesté de l'Empire; ceux qui ont obtenu satisfaction nous rendent grâces; ceux qui ont essuyé un refus n'osent plaindre.



### 3 – Divinização e religiosidade em torno do príncipe

Entre os paradoxos presentes no *Panegírico* e apontados por Rees (2001) está o que opunha a natureza humana e divina do César. Nessa construção, o autor identifica pontos contraditórios, já que os dois aspectos foram exaltados, não sem acuidade, pois em cada extremo havia o risco de prejudicar a imagem do príncipe: humano, como qualquer cidadão, perderia a legitimidade do poder; divino demais degradaria a mesma legitimidade, aproximando-se da postura dos tiranos que o precederam.

A tensão entre a divindade e a humanidade na construção de Plínio reflete a importância propagandística do culto imperial, que por ter sido muitas vezes abusado pelos imperadores precisava ser moderado e compreendido sob a ótica dos valores tradicionais e do estoicismo. Como já vimos, este último fornecia o respaldo filosófico a uma prática que não poderia se resumir à adoração do governante, principalmente por parte dos membros do Senado. Em relação a isso devemos ressaltar que a divinização era permitida, contudo, ocorria somente após a morte do príncipe, o qual teria direito a essa distinção somente se tivesse desempenhado um bom governo aos olhos senatoriais, pleiteá-la ou atribuí-la a si, em vida, era uma usurpação.

Por isso, buscando ilustrar a imagem de Trajano à luz do culto imperial, Plínio contemplou as questões que favoreciam a aceitação da prática no ambiente conservador da cúria. Assim, a aproximação do imperador ao universo divino é cautelosa: “Que presente do céu é mais precioso ou mais belo que um imperador virtuoso, santo e todo semelhante aos deuses?” (*Panegírico*, 1, 3). Ocorria que, o culto imperial não era a adoração pura e simples da pessoa do César, principalmente porque o clero tradicional aristocrático de Roma resistia a essa ideia, além disso, um dos aspectos para a aceitação do regime imperial era a ênfase nas qualidades humanas do imperador enquanto *princeps* (ARCINIEGA, 1981). Mas Plínio não abriu mão de utilizar aspectos do culto imperial no *Panegírico*, apesar de que ao se dirigir aos membros do Senado a questão apresentava dificuldades. Cizek (1983) informa que, embora o culto imperial tivesse vocação política e inspirasse, inclusive, fervor religioso, ele não era capaz de satisfazer aqueles romanos que haviam recebido uma educação mais racional. É por isso que, para satisfazer sua audiência, o panegirista adotou elementos que se coadunassem com as expectativas.

Nesse aspecto, o apelo ao *mos maiorum* também foi útil à proposta pliniana, percebemos isso quando ele afirma que é “evidente que nosso príncipe nos foi destinado por

uma vontade divina”<sup>213</sup> (*Panegírico*, 1, 4). Acostumados desde o início de sua história aos ritos religiosos, que orientavam suas instituições, os romanos aceitariam melhor um imperador enviado pelos deuses, e a abordagem é reforçada: “Não é o obscuro poder do destino, é o próprio Júpiter, diante de todos, que revelou”<sup>214</sup> (*Panegírico*, 1, 5). Assim, o principal deus do Panteão romano e, por extensão, da religião do estado é usado por Plínio como legitimador da posição de Trajano sob a ótica tradicional. A descrição da atitude do príncipe em relação ao culto imperial também evoca maior respeito à religião ancestral em oposição à presença da adoração do César:

É com semelhante respeito aos deuses, César, que não sofres quando não se endereçam ao teu gênio para agradecer tua bondade, mas à divindade de Júpiter Optimus Maximus: é a ele que devemos tudo o que nós devemos a ti, teus benefícios são obra daquele que te deu a nós”<sup>215</sup> (*Panegírico*, 52, 6).

Por meio da forma como o culto imperial era mais aceito, através da adoração do gênio do imperador, que fora instituído na época de Augusto, é exaltada a recusa de Trajano de se entregar a uma atitude divinizante para além do que a moderação tradicional aceitaria, ou seja, a exigência de que os cidadãos deveriam dirigir ao César agradecimentos que poderiam ser feitos diretamente a Júpiter. Por outro lado, a passagem demonstra que naturalmente os agradecimentos haveriam de ser direcionados a Trajano, mas ele não se mostra tão exigente em relação ao seu direito instituído pelo culto imperial, nesse caso o César abdica de uma atitude avara que mancharia a espontaneidade legitimadora do culto imperial.

Tal moderação se fazia necessária por conta da forma como os antecessores de Trajano se comportaram, mesmo quando obedecido os limites da divinização póstuma ocorriam abusos: “Tibério deu a apoteose a Augusto, mas para introduzir a acusação de lesa majestade; a Claudio Nero, mas por zombaria; a Vespasiano Tito, a Tito Domiciano, mas aquele para parecer o filho, este irmão de um deus”<sup>216</sup> (*Panegírico*, 11, 1). Percebe-se que Plínio busca mostrar que a divinização dos antecessores possuía utilidades políticas e ideológicas das quais os Césares lançavam mão: no caso de Tibério, a acumulação de poderes;

<sup>213</sup> Évidente que notre prince nous a été destine par une volonté divine.

<sup>214</sup> Ce n'est pas l'obscur pouvoir du destin, c'est Jupiter lui-même, au su et au vu de tous, qui l'a révélé.

<sup>215</sup> C'est avec un semblable respect des dieux, César, que tu ne souffres pas qu'on te remercie de ta bonté em s'adressant à ton génie, mais à la divinité de Jupiter Optimus Maximus: c'es à lui que nous devrions tout ce que nous te devons, tes bienfaits seraient l'oeuvre de celui qui t'a donné à nous;

<sup>216</sup> Tibère a donné l'apothéose à Auguste, mais pour introduire l'accusation de lese-majesté, à Claude Néron, mais par raillerie, à Vespasien Titus, à Titus Domitien, mais celui-là pour paraître le fils, celui-ci frère d'un dieu.

no de Nero, a desqualificação de seu pai adotivo, como forma de legitimar seu acesso ao poder; no de Tito e Domiciano, o fortalecimento da dinastia. Mas este tipo de interesse pragmático, na ótica de Plínio, não moveu Trajano na divinização de Nerva, embora a justificação do panegirista não seja convincente ele afirma: “Tu, se dedicou a teu pai um lugar entre os astros, não é para assustar os romanos, nem para insultar os poderes superiores, nem para te fazer valer; é porque tu o crês um deus”<sup>217</sup> (*Panegírico*, 11, 2).

Dada a importância política do culto imperial, Trajano não abriu mão desse importante fator de legitimação de seu poder, pois ele “e seus sucessores Antoninos parecem cercados de uma aura religiosa, da proteção dos deuses e são investidos de um caráter sobre-humano”<sup>218</sup> (CIZEK, 1983, p. 130). Porém, se o culto era algo comum às outras dinastias, às quais degradaram seu verdadeiro propósito, coube a Plínio enfatizar no seu elogio ao César que no novo governo foram desbastados os excessos que o desvirtuaram: “Tu banistes de teu culto o teatro e seus jogos. Poemas sérios e o elogio eterno de nossos anais te celebram, e não esta publicidade efêmera e vergonhosa”<sup>219</sup> (*Panegírico*, 54, 2). Aqui, como em outras passagens, valores novos e antigos se debatem na idealização de Trajano. Na rejeição dos divertimentos emerge o espírito tradicional do cidadão romano austero, e é somente sob o signo da austeridade que a inovação do culto imperial é aceita. No repúdio as extravagâncias imiscui-se o saudosismo da República que, mesmo sob o novo regime, deveria ser objeto de preservação do príncipe que colhe

O fruto mais glorioso de tua saúde no assentimento dos deuses. Por esta menção se expressa que os deuses devem te conservar sob a condição única de que tu governes bem a República, e no interesse geral, torna-te seguro de ter governado bem a República, pois eles te conservam<sup>220</sup> (*Panegírico*, 68, 1).

Aqui, a vinculação da política sob o governo de Trajano com tendências republicanas caras ao Senado, é a condição para aprovação divina, a qual o César obtém. Contudo, o mais interessante nesta passagem sobre barganhas políticas e divinas é que a República não é

<sup>217</sup> Toi, si tu as fait à ton père un place dans les astres, ce n'est pas pour effrayer les Romains, ni pour insulter les puissances supérieures, ni pour te faire valoir; c'est parce que tu le crois dieu.

<sup>218</sup> Et ses successeurs Antonins semblent entourés d'une aureole religieuse, de la protection des dieux et sont investis d'un caractère surhumain.

<sup>219</sup> Toi, tua as banni de ton culte le théâtre et ses jeux. Des poèmes sérieux et la louange éternelle de nos annales te célèbrent, et non cette publicité éphémère et honteuse.

<sup>220</sup> Le fruit le plus glorieux de ton salut dans l'assentiment des dieux. Car cette mention exprime que les dieux doivent te conserver à la condition seulement que tu gouvernes bien la république et dans l'intérêt général, te rend Sûr d'avoir bien gouverné la république, puisqu'ils te conservent.

colocada apenas como um desejo da cúria, mas também como um desejo dos deuses, ou seja, Plínio busca construir a ideia de que a ordem romana, a partir da visão celeste, não poderia prescindir dos valores republicanos, dos quais o príncipe deveria ser um guardião. E é por isso que ele faz um “pacto com os deuses [para que] eles te conservem se tu mereceres, sabendo que ninguém sabe melhor que os deuses se tu o mereces”<sup>221</sup> (*Panegírico*, 67, 7).

O comedimento trajânico identificado com a noção de *mos maiorum* se expressa na estatuária do príncipe, nela a propaganda vinculada à religião recusa as atitudes exageradas do antecessor Flávio:

Também vemos de ti na entrada de Júpiter Optimus Maximus somente uma ou duas estátuas, e ainda de bronze. Ao contrário, há pouco tempo todos os acessos, todos os degraus, o espaço todo inteiramente brilhando de ouro e prata, ou antes estava contaminado, enquanto que misturadas às estátuas de um príncipe incestuoso [Domiciano], as imagens dos deuses desapareciam sob a sujeira (*Panegírico*, 52, 3).

Embora Trajano houvesse recebido do Senado o título *Optimus*, que o aproximava de Júpiter, ele não se utilizava de tal distinção de forma tão óbvia como poderia agir se copiasse Domiciano que, de acordo com a passagem do *Panegírico*, buscou sobrepor-se sem possuir o mesmo título. Todavia, não é totalmente conservador quando à propaganda vinculada ao culto imperial, pois, como afirma Cizek (1983), ele introduz o culto de Trajano pai. Embora não se tratasse de uma divinização como fora a de Nerva, o fato é celebrado por Plínio: “Mas tu também, Trajano pai (pois tu igualmente ocupas senão os astros, ao menos um lugar mais próximo dos astros)”<sup>222</sup> (*Panegírico*, 89, 2). Essa inovação que poderia ser desqualificada como um abuso é justificada por Plínio como uma justa recompensa: “Honra a todos os dois [Nerva e Trajano pai] pelo imenso serviço prestado ao Estado, que vos agradece por tal benefício”<sup>223</sup> (*Panegírico*, 89, 3). O serviço, neste caso, era a paternidade de Trajano, fato que deve ser entendido a partir do contexto de estagnação da natalidade das famílias senatoriais, desde os estertores da República, o que levou Augusto a instituir o benefício do *ius trium liberorum*, uma concessão de vantagens às famílias férteis da aristocracia que gerassem ao menos três filhos para renovar os quadros do Senado. Assim, ambos os pais de Trajano eram

---

<sup>221</sup> Pacte avec les dieux qu'ils te conservaient si tua l'as mérité, sachant que nul ne sait mieux que les dieux si tu le mérites.

<sup>222</sup> Mais toi aussi, Trajan père (car toi également tu occupes sinon les astres, du moins la place la plus proche des astres)

<sup>223</sup> Honneur à tous deux pour l'immense service rendu à l'État, que vous avez gratifié d'un tel bienfait.

importantes benfeitores do Estado, especialmente por terem filho capaz de governar o império de acordo com os principais aspectos que o *ordo senatorius* buscava preservar, sobretudo na sua própria perpetuação como grupo social privilegiado e crente de sua função política.

Dessa forma, a divinização de Nerva e o culto a Trajano pai não era somente a propaganda do *domus* imperial, mas também do papel que os membros do Senado como elemento fundamental do sistema imperial. Percebemos, assim, que Plínio, por um lado, destaca a moderação do culto imperial de Trajano e de outro, o vincula a aspectos caros à aristocracia senatorial com vistas a não distanciar esse instrumento de legitimação do poder imperial de valores identificados com o *mos maiorum*.

Mas a complexidade da religiosidade em torno do culto imperial não poderia ser respaldada somente sob a ótica da tradição. Sua estreita ligação com o novo regime dificultaria ilustrá-lo somente com dados do passado, apesar de que o culto romano dos ancestrais fosse uma de suas bases. Por isso, Plínio lançou mão, no *Panegírico*, da noção de *virtus*, esta, embora em certos aspectos fosse resultante do respeito ao *mos maiorum*, poderia também ser expressa, em certa medida, de forma independente das reminiscências republicanas. Em outras palavras, como a *virtus* não era um monopólio do discurso republicano, figurava como uma noção propícia para celebrar o culto imperial, legitimador do novo regime que, inevitavelmente, antagonizava com a tradição. Em suma, como noção moral e política a *virtus* independia do sistema em que atuasse e assim transitava pelas intersecções que se construía entre República e Principado.

Conforme explicado, a *virtus* do homem político expressava-se, entre outras formas, na sua devoção ao Estado romano em detrimento de seus interesses pessoais, familiares ou de círculos de amizade. É exaltando esta atitude de Trajano que Plínio introduz a fala do príncipe em seu discurso:

Eis as reflexões que o agitam dia e noite: “Sim, contra mim, se o interesse público o exigir, eu armei até a mão de meu prefeito; mas os próprios deuses, eu não os adjuro de descartar nem a cólera nem a indiferença, mais do que isso eu oro e suplico que jamais a República faça em seu prejuízo voos por mim, ou, se ela fizer em seu prejuízo, que ela não seja atendida”<sup>224</sup> (*Panegírico*, 67, 8).

<sup>224</sup> Voici les réflexions qu’il remue jour et nuit: “Oui contre moi, si l’intérêt public l’exigeait, j’ai arme jusqu’à la main de mon préfet; mais les dieux mêmes, jê ne les adjure d’écarter ni la colère ni l’indifférence, bien plus jê prie et supplie que jamais la republique ne forme malgré elle des voeux pour moi, ou, si elle le fait, qu’elle ne soit pas tenue”.

Na fala que Plínio atribui a Trajano fica clara a percepção de que o imperador era, como que, avesso à realidade política autocrática, adotando, ao contrário, a atitude senatorial que em muitos aspectos viviam ainda sob o signo da *res publica*. Pela consciência dessa divisão, o César subtraí-se em importância em relação ao Estado diante das práticas religiosas, assim, ao abrir mão do papel central, Trajano demonstra sua *virtus*.

A estreita relação entre a política e a religião em Roma fazia com que o comportamento do governante, nas cerimônias oficiais fosse, sondado como indicadores de sua vida privada, que por sua vez colaborava ou prejudicava sua imagem pública. Nesse sentido, a oposição feita por Plínio entre as atitudes dos outros imperadores e as de Trajano é sugestiva:

Conscientes de seus estupros e de suas noites incestuosas ousariam eles manchar os auspícios e contaminar o campo consagrado com seus passos celerados? Não, eles não desprezavam os homens e os deuses ao ponto de poder, em um lugar tão magnífico, suportar e sustentar os olhares dos homens e dos deuses que a eles se dirigiam. A ti, ao contrário, a simplicidade e a pureza te persuadiram a te oferecer à presença sagrada dos deuses e aos julgamentos dos homens<sup>225</sup> (*Panegírico*, 63, 7).

No contraste entre os governantes passados e o presente Plínio ressalta a *virtus* de Trajano, a qual permitia ao César apresentar-se imaculado na presença humana e divina, especialmente, em ocasiões em que a religião o exigia. Essa excelência moral exigida na vida pública e, neste caso, confirmada pela *pietas* religiosa do imperador, era um dos pilares que davam corpo ao culto imperial, pois

A honra é menor quando ela vem de imperadores que se creem eles mesmos deuses. Mas embora tu tenhas para seu culto erguido altares, *puluinares*, criado um flâmine, tu fazes um deus e tu provas que ele é um deus, sobretudo por tuas virtudes. Em um príncipe que, após ter escolhido seu

---

<sup>225</sup> Conscients de leurs stupres et de leurs nuits incestueuses, auraient'ils osé salir les auspices et contaminer le champ consacré de leurs scélérats? Nos, ils n'avaient pas méprisé les hommes et les dieux au point de pouvoir, dans ce lieu si magnifique, endurer et soutenir les regards des hommes et des dieux qui convergeaient sur eux. A toi au contraire ta simplicité et ta pureté t'ont persuadé de t'offrir à la présence sacrée des dieux et aux jugements des hommes.

sucessor, pagou seu tributo ao destino, somente são provas, mas provas infalíveis da divindade, as qualidades de seu sucessor<sup>226</sup> (*Panegírico*, 11, 3).

Diferente da atitude de outros imperadores, que teriam buscado a divinização como forma de aumentar seu poder e sem respeito pela religião, o culto imperial de Nerva, deveria ser aceito, na ótica pliniana, por se basear na *virtus*. Ou seja, todo o aparato instituído por Trajano em honra de seu pai não era um fato novo, mas o valor que o fazia sobressair era a *virtus*, qualidade que para o panegirista não estava presente nos cultos de outros césores.

A ênfase nessa ideia moral e política como forma de legitimar tanto o apoio divino como o próprio culto imperial introduz o terceiro aspecto que nos propomos a abordar sobre religião e divinização no *Panegírico de Trajano*. O estoicismo era uma filosofia que valorizava as virtudes como forma de aprimoramento do ser humano, por meio do qual o indivíduo aproximava-se do *logos* divino. Assim, a propaganda pliniana, ao destacar a *virtus*, o fazia também como forma de qualificar o imperador como habilitado para a divinização a partir do sentido ético com o qual o estoicismo completava a religião romana, na qual setores da ideologia oficial centravam-se no culto ao príncipe (PRIETO, 1981). Nesse sentido, a forma como Plínio descreve a escolha de Trajano alinha-se ao estoicismo.

Foi adequado que não houvesse nenhuma diferença entre um imperador escolhido pelos homens e um imperador escolhido pelos deuses? E esta escolha que eles fizeram de ti, César Augusto, este favor, desde o instante em que tu partiste para o exército, eles manifestaram por um presságio extraordinário. O nome dos outros príncipes não foi revelado àqueles que consultaram os oráculos, quer o sangue das vítimas jorrassem, quer os pássaros voassem para a esquerda; mas tu, como subias conforme o hábito o Capitólio, as aclamações dos cidadãos lançadas por motivo diverso se elevaram em sua direção como se tu fosses já o seu príncipe; a multidão que cercava o adro no momento de tua entrada abrindo as portas, saúda, aquele que acreditavam então ser Júpiter *Imperator*, mas era a ti, como prova o acontecimento, que ela dava o título. E é exatamente assim que todos interpretaram o presságio<sup>227</sup> (*Panegírico*, 5, 2-4).

<sup>226</sup> L'honneur est moindre quand il vient d'empereurs que se croient eux-mêmes dieux. Mais quoique tua aies pour son culte dressé des autels, des pulvinares, créé un flâmine, tue ne fais un dieu et tu prouves qu'il est un dieu surtout par tes vertus. Chez un prince qui, après avoir choisi son successeur, a payé son tribut à u destin, il n'est qu'une preuve, mais une preuve infaillible de la divinité, ce sont les qualités de son successeur.

<sup>227</sup> Était-il convenable qu'il n'y eût aucune différence entre un empereur choisi par les hommes et un empereur choisi par les dieux? Et ce choix qu'ils avaient fait de toi, César Auguste, cette faveur, dès l'instant où tu es parti pour l'armée, ils ont manifesté par un pressage extraordinaire. Le nom des autres princês n'a été révélé à ceux qui consultaient les oracles que si le sang des victimes jaillissait ou si les oiseaux volaient sur la gauche; mais toi, comme tu montais suivant l'usage au Capitole, les acclamations des citoyens Venus pourtant pour tout autre chose s'élevèrent vers toi, comme si tu étais déjà leur Prince; toute la foule qui assiégeait le parvis, quand à ton

A flagrante busca de legitimar a escolha de Trajano por meio de um presságio divino, expressa a presença da filosofia estoica pelo fato de que esta valorizava essas formas de manifestações religiosas que, embora consideradas primitivas, eram aceitas como forma de conexão com o *logos*. A leitura que a historiografia faz do acontecimento que gerou tal passagem evidencia ainda mais a intencionalidade pliniana:

Quando Trajano, ante de partir para a Germânia, cumpriu os votos aos deuses, a multidão o aclamou com se já fosse o imperador. Plínio, em seu *Panegírico*, modificou esta aclamação popular em um presságio dos deuses, quando na realidade se tratava de uma demonstração pública dos cidadãos que apoiavam sua candidatura ao poder<sup>228</sup> (BLÁZQUEZ, 2003, p. 44).

Este aproveitamento que Plínio fez do ocorrido é sugestivo pelo fato de que o panegirista, mesmo tendo Trajano recebido a aclamação popular, soma outro argumento à situação. O apoio do povo tinha sua importância, e é sobre ela que ele constrói, a partir de um aspecto tradicional da religião romana, os presságios, uma aprovação em conformidade com os preceitos da filosofia estoica.

Essa identificação entre estoicismo e religião romana, no período em questão, ocorreu porque os ritos antigos perderam credibilidade e cederam espaço para a filosofia. Embora prevalecesse o monoteísmo, havia compatibilidade com os antigos cultos romanos (CIZEK, 1983), processo que pode ser também entendido como complementação ética e moral da religião romana que não era somente uma instituição reprodutora do sistema, mas também agia nos processos de transformação (PRIETO, 1981), neste caso a necessidade permanente de aceitação do poder imperial frente às tradições.

A *Stoa* não substituiu a religião tradicional, ao contrário, foi um aporte revigorante pautado na *virtus* e no *mos maiorum*. E, em se tratando da religiosidade em torno do culto imperial, o Pórtico oferecia uma leitura filosófica mais satisfatória sob a ótica senatorial. Ademais, é sob o filtro do estoicismo que Plínio se permite comparar Trajano aos deuses, pois

---

entrée on ouvrit les portes, salua, à ce qu'elle crut alors Jupiter *Imperator*, mas c'est à toi, comme l'a prouvé l'événement, qu'elle donnait CE titre. Et c'est bien ainsi que tous interprétèrent ce pressage.

<sup>228</sup> Cuando Trajano, antes de partir para Germania, cumplió los votos a los dioses, la muchedumbre le aclamó como si fuese ya emperador. Plinio, en su *Panegírico*, hay cambiado esta aclamación popular en un presagio de los dioses, cuando en realidad se trata de una demostración política de los ciudadanos que apoyaban su candidatura al poder.



não se tratava de uma divinização gratuita, mas sim de uma condição atestada pela *virtus* do príncipe.

Que intensidade de amor, que aguilhões, que chamas nos ditaram estas aclamações! Foram, César, não palavras sugeridas por nossas imaginações, mas por tua virtude e teus méritos, palavras que jamais uma adulação encontrou, que o medo jamais arrancou de ninguém<sup>229</sup> (*Panegírico*, 72, 5).

A espontaneidade que Plínio procura imprimir na devoção estimulada pela *virtus* do príncipe opõem-se à atitude de outros imperadores que se impunham ao Senado, ordenando, inclusive, seu culto em vida, como fizera Domiciano que exigia ser chamado *dominus et deus* (CHAMIZO, 2003).

Se outro tivesse um só destes títulos, há muito tempo ele teria uma auréola, e em meio aos deuses um assento seria colocado para ele feito em ouro e marfim, e diante dos altares sacrificar-lhe-iam vítimas maiores. Tu penetras nos santuários somente para adorar; para ti a maior honra é velar diante dos templos e no limiar de suas portas. É porque os deuses te conservam no topo do poder humano, pois tu não cobiças o poder divino<sup>230</sup> (*Panegírico*, 52, 1-2).

A construção pliniana das virtudes do César, em consonância com a ambiguidade do regime e as dificuldades ideológicas do culto imperial, equilibra-se no paradoxo apontado por Rees (2001) entre a humanidade e a divindade e, embora o afaste dos abusos anteriores, delineia uma imagem sobre-humana de Trajano como imperador:

Frequentemente, pais conscritos, pergunto a mim mesmo que grandes qualidades deveria ter aquele que com um gesto do seu poder rege mares e terras, paz e guerras; enquanto eu imaginava e representava um príncipe digno de um poder comparável àquele dos deuses imortais, jamais, mesmo

<sup>229</sup> Quelle ardeur d'amour, quel aiguillons, quelles flammes nous ont dicté ces acclamations! Ce furent, César, non des mots suggérés par notre imagination, mais par ta vertu et tes mérites, mots que jamais aucune flatterie n'a trouvés, que frayeur n'a jamais arrachés à personne.

<sup>230</sup> Si un autre avait un seul de ces titres, il y a long-temps qu'il aurait une aureole et qu'au milieu des dieux un siège serait placé pour lui en or ou en ivoire et qu'on l'invoquerait devant les maîtres-autels et en lui sacrifiant des victimes majeures. Toi tu ne penetres dans les sanctuaires que pour adorer; pour toi le plus grand honneur est veiller devant le temples et d'encadrer leurs portes. C'est pourquoi les dieux te conservent au faite de la puissance humaine, puisque tu ne aonvoite pas la puissance divina.

em sonho, saberia conceber a semelhança daquele que está diante de nós<sup>231</sup>  
(*Panegírico*, 4,4)

A exaltação das características divinizantes de Trajano como indivíduo amplamente capacitado para gerir o império, que para os romanos correspondia ao mundo civilizado, obedece à lógica da teologia estoica que concebia deus como determinante e sentido de todas as coisas, destino e providência (ALGRA, 2006). E, por ocasião da seca no Egito, então sob o domínio romano, Plínio ilustra em Trajano o aspecto mais favorável dessa visão, ou seja, a resolução dos desacertos do universo.

O que seria feito desse país tão fecundo se ele fosse livre; ele seria humilhado por esta esterilidade incomum; e ele não se envergonharia menos da fome que o torturava; então tu o livraste da necessidade e da humilhação. Estupefação dos trabalhadores diante dos celeiros que eles não haviam abastecido: de quais campos esta colheita chegou ao rio? Em que outra parte do Egito haveria outro Nilo? Assim, graças a ti a terra não foi avara, e se o Nilo, em sua complacência, se mostrou frequentemente mais generoso para o Egito, jamais ele foi melhor para nossa glória<sup>232</sup> (*Panegírico*, 31, 6).

Embora, como dissemos, a ênfase tenha recaído sobre a intervenção providencial de Trajano, ao socorrer o Egito, remetendo àquele país os cereais colhidos em outras regiões do império, a própria seca apresentou-se como a oportunidade para o César, e também para Roma, provar sua capacidade superior de sanar um problema que sobrepujava os egípcios. Esse desempenho do César é completado pelo panegirista ao identificá-lo com Júpiter que, no âmbito da religião ilustrada pelo estoicismo, era compreendido como o princípio governador do cosmos (ALGRA, 2006), por conta da adaptação da tradição a essa filosofia:

É assim, creio eu, que o pai do mundo tudo regula com um sinal de sua cabeça, quando ele lança seus olhares sobre a terra e digna-se contar os

<sup>231</sup> Souvent, Pères conscrits, jr me suis em moi-même demande quelles grandes qualités devait avoir celui qui d'un geste de as puissance régit mers et terres, paix et guerres; tandis que jê m'imaginai et me représentai un Prince digne d'un pouvoir comparable à celui des dieux immortels, jamais même em revê jê n'ai rien su concevoir de semblable à celui qui est devant nous.

<sup>232</sup> C'en était fait de ce pays si fecund s'il avait été libre; il était humilié para cette stérilité inaccoutumée, et il ne rougissait pas moins de la faim qui le torturait; alors tu l'as déchargé à la fois du besoin et de l'humiliation. Stupéfaction des laboreurs devant ces greniers qu'ils n'avaient pas eux memes remplis: de quells champs cette moisson avait-elle remonté le fleuve? De quell côté de l'Égypte y avait-il un autre Nil? Ainsi Grace à toi la terre ne fut pasa Avaré, et si le Nil, dans as complaisance, s'est montré souvent plus généraux pour l'Égypte, jamais il ne l'a été davantage pour notre gloire.

destinos humanos entre as ocupações divinas; doravante, livre e dispensado desta parte, ele se ocupa apenas do céu desde que ele te deu a nós para substituir seu papel a respeito de todo o gênero humano. Tu o substituis e tu és digno de quem em ti confiou, pois cada um de seus dias transcorre para nossa maior bem e por tua maior glória<sup>233</sup> (*Panegírico*, 80, 4-5). Também o pai dos homens e dos deuses é adorado primeiro sob o título de *Optimus*, apenas depois sob aquele de *Maximus*. Ainda mais brilhante é teu mérito, tu que é aos olhos de todos não menos *Optimus* que *Maximus*<sup>234</sup> (*Panegírico*, 88, 8).

Dessa forma, a atuação providencial de Trajano na gestão do império, como ocorreu no socorro ao Egito, é uma dos encargos que o César assumiu ao substituir Júpiter no que tangia às questões terrenas que, por conta da abrangência do império, era responsabilidade do príncipe, ou seja, o mundo civilizado vivia sob a direção de Roma e a *Urbs*, por sua vez, era regida pelo César. A amplitude geográfica e a diversidade cultural presente no interior do império contribuíam para que ele fosse compreendido como um universo. Junto a isso havia o poder do príncipe, que deveria velar pela paz, prosperidade, segurança e estabilidade desse cosmos. Esses eram fatores que ajudavam na constituição de um perfil divino do governante, a partir de conceitos da *Stoa*, filosofia que, ademais, tinha uma leitura cosmopolita do mundo, o que favorecia a integração do mundo romano sob seus diversos aspectos, inclusive o religioso, na forma do culto imperial.

#### 4 – A política imperial de Trajano

Solidamente respaldada pelo *mos maiorum*, nos aspectos relativos ao Senado, à vida militar e à religião, a *virtus* de Trajano, na sua relação mais ampla com o império, é ilustrada por Plínio com uma construção que aproxima os atos do César a uma atitude de reconhecimento do espaço controlado pelos romanos como um universo a ser cada vez mais integrado. Nessa elaboração sobressai, especialmente, uma visão estoica da política imperial, na qual a *virtus* do César expressa-se, sobretudo, no respeito e nos benefícios concedidos às populações que viviam sob seu governo.

---

<sup>233</sup> C'est ainsi, je le croirais, que le père du monde règle tout d'un signe de sa tête, quand il jette ses regards sur la terre et daigne compter les destins humains parmi les occupations divines; désormais libre et dispensé de cette partie, il ne s'occupe plus que du ciel, depuis qu'il t'a donné à nous pour remplir son rôle à l'égard du genre humain tout entier. Tu le remplis et tu es digne de qui te l'a confié, puisque chacune de tes journées s'écoule pour notre plus grand bien et pour ta plus grande gloire.

<sup>234</sup> Aussi le père des hommes et des dieux est adoré d'abord sous le nom d'*Optimus*, ensuite seulement sous celui de *Maximus*. D'autant plus éclatant ton mérite, toi que es aux yeux de tous non moins *Optimus* que *Maximus*.

Como já dissemos acima, Trajano, após a morte de Nerva, permaceu na região da Germânia. Organizando aquela parte do *limes* imperial, ele funda colônias: *Colonia Ulpia Noviomagus Batavorum* e *Colonia Ulpia Traiana*, na Germânia Inferior; cria também cidades: *Civitas Ulpia Taunensium*, *Civitas Ulpia Mattiacorum* e *Civitas Suevorum Nicretum*, na Germânia Superior. Esta postura adotada por Trajano, nos anos iniciais de seu governo, fez com que ele figurasse como último imperador a desenvolver uma importante série de fundações pelo império (MELÉNDEZ; ESPARCIA; CARRASCO, 2013). Esses autores informam que a prática não se limitou à região do Reno e se estendeu à Dácia, Mésia, Trácia, África Proconsular e Arábia. A iniciativa era uma importante atitude em relação ao Império, pois essa política de urbanização favorecia a convivência da cultura romana e autóctone nesses novos espaços, reduzindo, inclusive, a incidência de conflitos. Nesse sentido, Pereira (2004) assinala que a longevidade do Império Romano derivava de um esforço sustentado pela organização e assimilação. Estudos recentes sustentam que a fortaleza do Império derivava de que em seu interior conviviam muitas identidades em diálogo e fusão, processo favorecido pela urbanização, disso resultou que

No bojo da integração política, a unidade imperial favoreceu a integração e a hierarquização das elites locais conduzindo, progressivamente, à formação de uma elite imperial, com códigos sociais, culturais e de conduta cada vez mais homogêneos (GUARINELLO, 2010, p. 125).

Um dos sintomas dessa negociação compartilhada é exatamente um dos aspectos que temos abordado nesta pesquisa, ou seja, a influência do estoicismo na construção da imagem do imperador. Essa filosofia, desde suas origens, expressava multiculturalismo. Para Ullmann (1996) o pensamento que se constituiria na *Stoa* de Zenon tinha precedentes entre os Cananeus, o próprio fundador da escola viera das regiões orientais do mundo grego antes de fixar-se em Atenas. Favorável ao cosmopolitismo, o estoicismo via os homens como cidadãos do cosmos (VEYNE, 1992), assim, a filosofia do Pórtico favorecia-se da difusão helenística e da expansão romana para moldar conceitos políticos homogêneos dentro de um universo cultural marcado pela pluralidade. No *Panegírico*, algumas atitudes do imperador demonstram o reconhecimento e o respeito às diretrizes éticas e morais que surgiam desse processo de hibridização coroado nos hábitos políticos das elites pela *Stoa*. Isso é perceptível na distinção que Plínio faz dos retornos de Trajano e Domiciano das províncias em direção a Roma:

Quanta diferença da recente passagem de outro príncipe! Isso se for possível denominar passagem e não destruição esta marcha na qual ele expulsava para encontrar pouso, na qual, à direita ou à esquerda tudo era queimado e pisoteado como se algum flagelo ou os próprios bárbaros dos quais ele fugia ali estivessem se lançando. É preciso fazer as províncias compreenderem que esta maneira de viajar era aquela de Domiciano, não a do imperador<sup>235</sup> (PLÍNIO, *Panegírico*, 20, 4).

Como a comparação foi muito utilizada pelo panegirista, devemos recordar, aqui, que o último Flávio expulsara os filósofos estoicos ao passo que sob o Antonios a escola viveu um período favorável. A passagem de Domiciano descrita por Plínio ocorreu quando este retornou de uma guerra contra os suevos e sármatas, em 92 d. C. Ela contrasta como o regresso de Trajano da Germânia, ou seja, a primeira viagem dele como imperador em direção a Roma, ocorrida em 99 d. C. A pacífica travessia de Trajano, na visão pliniana, é uma mensagem alvissareira de um tratamento adequado que as províncias receberiam sob o governante Antonino: “Teu retorno foi pacífico e modesto”<sup>236</sup> (*Panegírico*, 20, 1). Não é de nosso conhecimento exato o itinerário utilizado por Trajano em sua viagem, mas sabemos que entre a Germânia e a Itália havia as províncias da Retia e Galia, desta última, conquistada por Júlio César, os indivíduos por ele introduzidos no Senado, causaram escândalos na aristocracia conservadora de Roma, que os viam como bárbaros. Portanto, a aceitação desses povos, mesmo já integrados com os romanos, representa uma conquista do modelo imperial, que não visão de Plínio, é respeitada por Trajano e ignorada por Domiciano.

Esta atitude de Trajano, observada sob a perspectiva do estoicismo, coloca o governante do império no eixo da simpatia universal, um cosmopolitismo em que exige do sábio, e o imperador deveria sê-lo, uma postura de cidadão do mundo (BRUN, 1986), a qual se reforça, também pela *Stoa*, com a identificação do César como legado de Júpiter no mundo dos homens (BLÁZQUEZ, 2003). A reverência ao Império se expressa também no rigor relativo ao controle de gastos:

---

<sup>235</sup> Combien dissemblable naguère le passage d'un autre prince! Si toutefois l'on peut appeler passage et non ravage cette marche où il expulsait pour trouver gîte, où à droite, à gauche tout était brûlé et piétiné comme si quelque fléau ou ces barbares mêmes qu'il fuyait s'étaient abattus. Il fallait faire comprendre aux provinces que cette façon de voyager était celle d'un Domitien, non de l'empereur.

<sup>236</sup> Ton retour fut paisible et modeste.

Também, não tanto por teu renome, mas para o bem público tu divulgaste por um édito o que cada um dos dois havia dispendido. Que o imperador se habitue a contar com o império; que ele parta e retorne com a ideia de que terá contas a prestar; que ele publique o que ele gastou: assim, ele evitará despesas que teria vergonha de publicar.<sup>237</sup> (*Panegírico*, 20, 5)

Notamos aqui, em paralelo com a citação anterior, uma extensão do compromisso do *princeps* em direção aos habitantes para além da Itália, pois o elogio de campanhas que não prejudicassem as províncias, junto com a exigência de que o imperador controlasse e divulgasse os gastos feitos no âmbito do império, demonstram que a atitude de consideração do primeiro cidadão não estava reservada apenas para os eminentes habitantes da *Urbs*, mas também para aqueles que viviam nas demais regiões sob sua administração.

Contudo, mesmo durante o Principado, quando as províncias ocidentais experimentavam grande desenvolvimento (ALFÖLDY, 1987), a Itália ainda ocupava um papel destacado na política imperial. Duas iniciativas do próprio Trajano demonstram isso. O César exigiu que os senadores provinciais investissem pelo menos um terço de suas posses em terras na península itálica (BLÁZQUEZ, 2003), tal obrigação visava, claramente, revitalizar a economia dessa importante e central região do império.

Trajano aumentou a política de abertura em relação às províncias, sem com isso esquecer que a Itália continuava sendo base da nobreza imperial, a qual ia acompanhada de um processo de italianização das elites provinciais, ao obrigar os senadores de origem provincial a comprar terras na Itália, para que assim a Itália fosse uma pátria e não uma espécie de albergue.<sup>238</sup> (BLANCO, 1988, p. 167)

Outra ação do imperador em prol da Itália foi a criação dos *Alimenta*. Román (2003) explica que se tratava de uma instituição que permitiu a distribuição de alimentos às crianças das cidades itálicas. Para alcançar tal intento, o Estado fornecia empréstimos com juros reduzidos aos proprietários rurais interessados na produção de cereais, os rendimentos gerados pelo sistema eram então divididos entre as crianças das cidades, sua extensão restrita

<sup>237</sup> Aussi, non pas pour ta renommée que pour le bien public as-tu publié par un édit ce qui avait été dépensé pour chacun de vous deux. Que l'empereur s'habitue à compter avec l'empire; qu'il parte, qu'il revienne avec l'idée qu'il aura des comptes à rendre; qu'il publie ce qu'il a dépensé: il évitera ainsi les dépenses qu'il aurait honte de publier.

<sup>238</sup> Trajano aumentó la política de apertura hacia las provincias, sin olvidar por ello que Italia seguía siendo la base de la nobleza imperial, la cual iba acompañada de un proceso de italianización de las élites provinciales, al obligar a los senadores de origen provincial a comprar tierras en Italia, para que así Italia fuese una patria y no una especie de albergue

à Itália revela a posição de primazia que a pensínsula ocupava no ordenamento imperial. Plínio tece elogios a essa política de Trajano:

Também, de toda tua generosidade o que eu louvava mais é a doação de um congíario de tua renda, distribuições de tua renda<sup>239</sup>, e de não alimentar os cidadãos como bandos de bestas selvagens, de sangue e carnificina; e, doçura sem igual para os beneficiários, eles sabem que as doações que recebem não são tiradas de ninguém, que em meio de tanto enriquecimento somente o príncipe se empobrece, ou nem mesmo ele: que senhor da menor parcela do patrimônio comum possui a mesma quantia que a comunidade.<sup>240</sup> (*Panegírico*, 27, 3-4)

O primeiro dado que podemos extrair da citação é o aspecto comparativo da *liberalitas* de Trajano em relação à de Domiciano, ou de outros imperadores que utilizavam os jogos com frequência para agradar o povo. Román (2003) reitera que o objetivo dos *Alimenta* era a nutrição infantil, diferindo, portanto, da liberalidade imperial ligada ao tradicional *panem et circenses*. O fato de a distribuição ser feita a partir de incentivos à produção expressa dois méritos dessa política alimentária, uma delas, presente na citação, exalta o fato de tal distribuição não acarretar confiscos; a outra, podemos compreendê-la a partir de uma passagem anterior do discurso:

Quando chegava um dia de congíario, o hábito era que viessem observar a saída do príncipe, se postar nas ruas enxames de crianças, povo do futuro. Os pais se esforçavam para por seus pequenos à vista e, colocando sobre seus ombros, ensinavam palavras de adulação e lisonja: eles repetiam a lição e com frequência gritavam em vão suas súplicas aos príncipes que fingiam não ouvir.<sup>241</sup> (*Panegírico*, 26, 1-2)

Ou seja, já que a distribuição dos *Alimenta* não era feita diretamente das mãos do imperador, mas sim por um sistema por ele instituído, o povo gozava do benefício sem

---

<sup>239</sup> *Alimenta de tuo*.

<sup>240</sup> Aussi de toute ta générosité ce que louerais davantage c'est de donner un congiaire sur ta cassette, des distributions sur ta cassette, et de ne pas nourrir les citoyens, comme des portées de bêtes fauves, de sang et de caranges; et, douceur sans pareille pour les bénéficiaires, ils savent que les dons qu'ils reçoivent ne sont un rapt sur personne, qu'au milieu de tant d'enrichissements n'est appauvri que le Prince, et encore pas même lui: qui est maître de la moindre parcelle du patrimoine commun possède à lui autant que la communauté.

<sup>241</sup> Quand arrivait un jour de congiaire, l'habitude était que vinssent guetter la sortie du prince, se pôster dans les rues des essains d'enfants, peuple futur. Les parents s'affairaient à faire voir leurs petits et les ayant mis sur leurs épaules, à leur apprendre des mots d'adulation et des paroles flatteuses: eux répétaient la leçon et le plus souvent ils criaient vainement leurs prières aus princes qui faisaient sourde oreille.

precisar adotar as atitudes aviltantes que Plínio atribui aos governos anteriores. Os *alimenta* diferiam dos *congiaria*, estes eram distribuições monetárias feitas pelos imperadores, inclusive Trajano, ao povo e aos soldados em certas datas, sendo, portanto, esporádicas e dependentes da *liberalitas* imperial, ocorriam especialmente nos dias em que era comemorado a ascensão do príncipe ao poder, ou seja, o aniversário de seu governo, o *dies imperii*; os *Alimenta*, por sua vez, como uma instituição de caráter menos esporádica, logrou sua renovação mesmo após o governo de Trajano, em 118 d. C. (BLANCO, 1988), estendendo-se até o século IV, quando foi suprimida por Constantino (ROMÁN, 2003).

A necessidade da instituição dos *alimenta* situava-se em um contexto de queda da produção italiana de grãos, ocorrida em virtude da opção de grandes proprietários, especialmente, pelo cultivo de oliveiras, que exigia menos trabalhadores, além disso, o comércio do azeite, originário dessa cultura, era muito rentável. Nessas condições o incentivo imperial para as lavouras cerealísticas ia ao encontro da necessidade de melhor alimentação das crianças itálicas e, por extensão, do aumento da natalidade.

Tu tens razão, César, de encarregar-se das esperanças do nome romano. Nenhuma despesa ou honra de um grande príncipe que espera a imortalidade é melhor que aquela feita em proveito dos homens do futuro. Os ricos são incitados a ter filhos por recompensas consideráveis e penas equivalentes; os pobres somente têm como razão de ter filhos a beneficência do príncipe. Se com um amão generosa ele não protege, não provê, não adota essas crianças que devem a vida à confiança nele colocada, ele apressa a queda do Império, a queda de República; e é em vão, se ele negligencia a plebe, que ele sustenta a nobreza, cabeça privada de corpo, cujo desequilíbrio fará cair.<sup>242</sup>  
(*Panegírico*, 26, 4-6)

A revitalização agrícola e demográfica por meio dos *Alimenta* atenderia, então, a uma retomada da Itália como importante região produtora do Império e a demanda das legiões por indivíduos que se tornariam soldados oriundos da plebe, mas investidos de um verdadeiro sentido de romanidade. Ao lado dessas duas motivações para os *Alimenta*, Román (2003) acrescenta que a instituição inseria-se na necessidade de fortalecer as relações clientelares do príncipe, que deveria ser identificado pela sociedade como patrono por excelência do Império.

<sup>242</sup> Tu as raison, César, de prendre à ta charge les espoirs du nom romain. Aucune dépense n'honore mieux un grand prince qu'attend l'immortalité que celle qu'il fait au profit des hommes à venir. Les riches sont incités à avoir des enfants par des récompenses considérables et des peines équivalentes; les pauvres n'ont qu'une raison d'élever des enfants, la bienfaisance du prince. Si d'une main généreuse il ne protege, ne pourvoit, n'adopte ces enfants qui ont dû le jour à la confiance qu'on a mise em lui, il hâte la chute de l'empire, la chute de la republique; et c'est em vain, s'il néglige la plebe, qu'il soutient la noblesse, Tetê prive de corps et son desequilibre fera choir



Deslocado do centro para outras regiões não menos importantes do Império, a figura do César como patrono imperial talvez atinja seu ápice na visão pliniana na forma como o panegirista descreve a atuação do príncipe em virtude da seca que castigou o Egito, em 99 d. C.

Então, frustrada sua inundação, ou seja, sua fecundidade, o país invoca a segurança do César como ele costumava invocar seu rio e seu sofrimento não dura mais do que o tempo necessário para ele se inteirar do assunto. Tão eficiente é teu poder, César, tua bondade tão atenta e tão pronta a prestar igualmente todos os serviços, que se há sob teu reino vítimas de alguma calamidade, basta para que elas sejam socorridas e salvas que tu sejas advertido [...] Ademais, parece extraordinário, César, que a calamidade do Egito e a suspensão do Nilo não tenha afetado a anona da *Urbs*; ora, graças a tua garantia, a teu cuidado, ela transborda a ponto de fornecer a prova dupla de que nós podemos passar sem o Egito, mas não o Egito sem nós [...] Que alegria para todas as províncias estarem submetidas às nossas leis, pois nós devemos à Fortuna um príncipe capaz de fazer passar de um lugar a outro a fecundidade da terra, transportada, remanejada de acordo com as circunstâncias e necessidades, capaz de fornecer a uma nação separada pelo mar, como a uma parte do povo e da plebe de Roma, alimento e segurança.<sup>243</sup> (*Panegírico*, 30, 5; 31, 5; 32, 1).

Na verdade, Plínio ilustra o imperador como um patrono que ocupa uma posição de divindade já que foi a ele que os egípcios direcionaram suas preces em virtude da cheia insuficiente do Nilo, o rio que era adorado como um deus. Nesse sentido, Blázquez (2003) informa que Trajano, assim como Augusto, proibiu o culto a sua personalidade nas regiões ocidentais do império, permitindo-as no Oriente, onde o culto aos soberanos era uma tradição. Em se tratando do Egito, a associação do príncipe<sup>244</sup> com os deuses do Nilo é bastante compreensiva, dado o costume daquele povo de venerar seus faraós como verdadeiras divindades. Devemos lembrar, também, que Alexandre Magno, após conquistar o Egito no século IV a. C., então sob o domínio Persa, foi entronizado como faraó pelos sacerdotes egípcios, atitude imitada também por Ptolomeu que, depois da morte do conquistado macedônico, tornou-se governante do país do Nilo. Portanto, devemos entender a construção pliniana como aceitação dos modelos helenísticos de fusão de culturas, tratando-se, então, de

<sup>243</sup> Alors frustré de son inondation, c'est-à-dire de sa fécondité, le pays invoqua le secours de César comme elle a coutume d'invoquer son fleuve et son malheur ne dura que le temps de le faire connaître. Si prompt est ta puissance, César, ta bonté si attentive et si prête à rendre également tous services que s'il y a sous ton règne des victimes de quelque calamité, il suffit pour qu'elles soient secourues et sauvées que tu sois averti. [...] Il paraît déjà extraordinaire, César, que la défaillance de l'Égypte et l'arrêt du Nil aient été sans retentissement sur l'annonce de la Ville; or grâce à ton secours, à tes soins, elle a regorgé au point de fournir la double preuve que nous pouvons nous passer de l'Égypte, mais pas l'Égypte de nous. [...] Quelle joie pour toutes les provinces d'être tombées sous notre loi, puisque nous devons à la fortune un prince capable de faire passer d'un lieu à l'autre la fécondité de la terre, transportée, rapportée au gré des circonstances et des besoins, capable de fournir à une nation séparée par la mer, comme à une partie de peuple et de la plebe de Rome, nourriture et secours!

<sup>244</sup> Ver nos anexos a imagem 6.

um exemplo de que o sistema imperial também submetia a cultura romana às formas estrangeiras quando a postura era favorável para sua manutenção, e, no presente caso, dada a ênfase pliniana no socorro de Trajano ao Egito, não podemos descartar a possibilidade de que tal abertura fosse também uma estratégia de governo do imperador. Cabe sublinhar, inclusive, que Plínio aprova a associação de Trajano com os deuses egípcios, já que a utiliza na propaganda do César. Essa atitude é um significativo contraste com a postura senatorial de pouco mais de um século antes, quando a cúria aceitou as críticas de Augusto contra Marco Antonio, aliado à Cleópatra no Egito. Guardadas as devidas proporções, devemos notar aí a aptidão da sociedade romana imperial em aceitar a pluralidade das nações (PEREIRA, 2004), inclinação que já fora sentido com a ascensão de um provincial ao governo.

A atitude de socorro protagonizada por Trajano estava inserida na concepção que os romanos construíram desde o início, nos tempos da República, quando a posse do império mediterrâneo já anunciava o papel de patrono que Roma desempenharia sobre o mundo (VEYNE, 1992). Coerente com essa política “Trajano ajuda todas as partes do Império e integra o Oriente e o Ocidente”<sup>245</sup> (CIZEK, 1983, p. 183). A capacidade do César para gerir a imensidão do império e seus recursos era, então, uma expressão de sua *virtus* estendida de seu conceito municipal primitivo para a abrangência imperial. Assim,

Neste modelo de economia mundial, o imperador erigia-se como artífice e regente do mundo, imagem que fora construída por meio do *consensus universorum* estabelecido por Augusto e que com os Antoninos desembocou no universalismo imperial tão bem explicado pelos autores da época.<sup>246</sup> (VEGA, 2005, p. 279)

Sendo um dos porta-vozes do êxito de Trajano em expandir a obra integradora do império, levada a cabo principalmente pela centralização de poder e pela administração das províncias por parte dos legados imperiais, Plínio explica como o segundo governante Antonino tornara possível o socorro romano ao Egito que, tradicionalmente, era o celeiro do Império:

Semelhante a um congíario perpétuo é em minha opinião a abundância da anona. O cuidado que outrora lhe deu Pompeu não acrescentou menos à sua glória do que ter expulsado a intriga do Campo de Marte, limpado o mar dos

<sup>245</sup> Trajan aide toutes les parties de l’Empire et met en rapport étroit l’Orient avec l’Occident.

<sup>246</sup> En este modelo de economía mundial el emperador se erigia como artífice y regidor del mundo, imagen que se había construido por medio del *consensus universorum* establecido por Augusto y que con los Antoninos desembocará en el universalismo imperial tan bien explicado por autores de la época.

piratas, percorrido com triunfos o Oriente e o Ocidente. Ele não foi melhor cidadão do que nosso pai, quando por sua autoridade, sua opinião, sua boa fé ele abre as rotas, cava portos, restitue os caminhos em terra, aos rios o mar, o mar aos rios, e religa as diversas nações por tal comércio que os produtos de um lugar qualquer parecem pertencer a todos os países. Não nos permitido ver como, sem prejudicar ninguém, a cada ano atende em superabundância nossas necessidades? Pois as colheitas não são, como um butim de guerra que apodrecerá nos celeiros, arrancadas aos aliados que gritam por justiça. Os próprios aliados trazem o que a terra produziu, o sol alimentou, o ano forneceu, e não sendo massacrados sob novas taxas, eles sacrificam aos antigos impostos. As compras do fisco nunca são compras simuladas. Daí estas provisões, daí esta anona, cujo preço é fixado de acordo entre o licitante e o vendedor, por isso reina aqui a abundancia, e em nenhuma parte a fome.<sup>247</sup> (*Panegírico*, 29)

A citação demonstra que nesse período do Principado a obra integradora de Trajano era tão valorizada como foram os feitos militares da República, tendo os de Pompeu Magno<sup>248</sup> com exemplo. Em outras palavras, o status das conquistas nas propagandas políticas dava lugar à valorização da *fides* em um espaço de compartilhamento pacífico das riquezas produzidas pelo império. Com Trajano essa harmonia era um prenúncio da realização dos demais governantes Antoninos que

Haviam logrado integrar progressivamente as elites cultas das cidades, tanto da *pars orientis* quanto da *pars occidentis*, em um sistema de poder mundial e hegemônico do qual todos se sentiam participantes, ao ponto de ser superada a distinção original entre vencedores e vencidos.<sup>249</sup> (VEGA, 2005, p. 281)

Nesse sentido, Plínio celebrava, no *Panegírico*, um ideal de imperador virtuoso que se realizava exatamente pelos empreendimentos que Trajano efetuava nas diversas partes do

<sup>247</sup> Pareille à um congiaire perpétuel est à mona vis l'abondance de l'annone. Le soin qu'y donna jadis Pompée n'ajoute pas moins à sa gloire qu d'avoir chassé la brigade du champ de Mars, nettoyé la mer des pirates, parcouru de ses triomphes l'Orient et l'Occident. Il ne fut pas un meilleur citoyen que notre père quand par son autorité, ses avis, sa bonne foi il ouvrit les routes, creusa les ports, restitua les chemins à la terre, aux rivages la mer, à la mer le rivage, et relia les diverses nations par un tel commerce que les produits d'un lieu quelconque semblaient appartenir à tous les pays. Ne nous est-il pas donné de voir comment, sans faire tort à personne, chaque année fournit en surabondance à nos besoins? Car les récoltes ne sont pas, comme un butin de guerre qui ira pourrir dans nos greniers, arrachées aux alliés qui crient justice. Les alliés apportent d'eux-mêmes ce que la terre a produit, le soleil nourri, l'année procure, et n'étant pas écrasés sous de nouvelles taxes, ils sacrifient aux anciens impôts. Les achats du fisc ne sont jamais achats simulés. De là cette annone, dont le prix est fixé d'accord entre enchérisseur et vendeur, de là que règne ici l'abondance et nulle part la famine.

<sup>248</sup> Viveu entre 106 a. C. e 48. a. C., compôs junto com Crasso e César o primeiro triunvirato, durante as guerras civis esteve ao lado do partido senatorial junto do qual foi derrotado por César na Batalha de Farsália em 48 a. C.

<sup>249</sup> Habían logrado integrar progresivamente a las elites cultas de las ciudades, tanto de la *pars orientis* como de la *pars occidentis*, en un sistema de poder mundial y hegemónico del que todos se sentían partícipes, hasta el punto de quedar superada la distinción originaria entre vencedores y vencidos.

império. Além das fundações de colônias e cidades nas várias províncias, com a doação de terras para moradores locais e colonizadores como forma mais eficaz de estabilização das regiões conquistadas em comparação com a repressão militar (MANJARRÉS, 2003), o príncipe construiu importantes estradas, pontes e *viae militares*, utilizando inclusive recursos de sua própria *pecunia* (MARTÍNEZ, 2003). Blázquez (2003) acrescenta que o César melhorou também os portos.

Essa série de melhorias na infraestrutura do Império capitaneadas pelo imperador respaldava sua posição de poder, legitimava o sistema de governo do Principado e indicava às elites provinciais os benefícios da integração. Veyne (1992, p 299) chega a afirmar que “os habitantes das províncias romanizavam-se espontaneamente.” Contudo, eram favorecidas por esse sistema, sobretudo, as elites terra tenentes que viam sua produção circular pelo Império e, enriquecidos, podiam acessar o Senado e os altos cargos da administração pública em busca de distinção pessoal. Contudo, não devemos esquecer que o império era também um sistema de coercitivo, mas “Roma sabia, no entanto, apresentar sua dominação como um sonho irresistível para amplos setores das classes dominantes” (UBINA, 2006, p.82). Com seu discurso Plínio cumpre também essa função ao defender, a propósito da seca no Egito, a submissão dos povos às leis romanas, não sem valorizar que tais leis estavam sob a direção de Trajano, cuja *virtus* favorecia o *oikoumene*, o ecumenismo, ou seja, a busca de unidade entre os povos, já que o sentido primitivo do termo grego *οἰκουμένη* expressava a ideia de “terra habitada”, no sentido de povos civilizados com uma postura cultural aberta. Em outras palavras, ao ilustrar o governo sob signos ecumênicos, o panegirista mostra Trajano como um príncipe que buscava superar aspectos violentos da dominação imperial.

Na história do Principado, um dos aspectos mais significativos da integração do império era a possibilidade dos *homines novi*, especialmente os provinciais, acessarem as distinções oriundas do *cursus honorum*. A importância desse processo também é captada por Plínio, e ele destaca no *Panegírico* que Trajano, em seu governo, valorizava e recompensava a ascensão desses devotados indivíduos dentro da administração estatal:

Um dos candidatos fora encarregado dos serviços de uma província como questor, onde ele organizara de forma notável os impostos de uma cidade muito importante. Tu decidiste que se tratava de um feito a ser apresentado aos olhos do Senado. Porque quando tu és príncipe, tu que ultrapassou por teu mérito a nobreza de tua origem, a condição daqueles que merecem ter nobre por descendentes não vale o mesmo daqueles os tiveram por pais? Como tu és digno de tornar sempre justo o julgamento sobre nossos magistrados e de torná-los bons, não em poder os maus, mas recompensando

bons! A juventude foi inflamada, e o que ela via ser louvado colocava em seu coração um desejo de emulação, e não houve ninguém que não tivesse este pensamento, sabendo que tudo o que cada um fazia de bom nas províncias, tu o sabias. É bom e salutar, César, para os governadores das províncias, estarem seguros de que a virtude e a atividade podem esperar grande recompensa, o veredicto do príncipe, o voto do príncipe. [...] Se alguém administra bem uma província oferece-se a dignidade merecida por sua virtude. O campo da honra e da glória esta aberto a todos.<sup>250</sup> (*Panegírico*, 70, 1-4; 8)

Ao apresentar o imperador recompensando os indivíduos que se dedicavam com afinco à administração imperial, ou seja, aqueles que expressavam sua *virtus* no serviço prestado ao Estado, Plínio mostra que o próprio Trajano dava condições para que os cidadãos expressassem essa qualidade. Dessa forma, além de ilustrar o César como exemplo, o panegirista também o faz figurar como sustentáculo para que os demais cidadãos alcancem, por meio do patrocínio e *auctoritas* do príncipe, a possibilidade de expressarem sua própria *virtus*. Beneficiado por esse harmônico devotamento ao sistema imperial o César mantinha sua estabilidade em Roma.

Tua tranquilidade não é toldada nem pelo atraso dos correios, nem pela lentidão das cartas. Tu sabes que por toda parte fazem voos por ti, que os fez por todos. Ninguém se negar a esse prazer.<sup>251</sup> (*Panegírico*, 68, 4)

A exaltação da paz nas províncias, além de um sintoma de alívio em relação a ausência das conturbações que se seguira à queda de Nero, quando generais vindos das províncias disputaram a primazia do império, era também um elogio a essa nova forma de gerir o império. A aprovação pliniana da presença de homens novos que iniciavam carreiras em cargos administrativos das províncias configura-se como um contraste do sistema administrativo republicano, quando a *nobilitas* da *Urbs* governava as províncias e alguns de

<sup>250</sup> Um des candidats avait été chargé des services d'une province comme questeur et il y avait organisé sur un règlement remarquable les revenus d'une cite très importante. Tu as pensé que c'était un titre à faire valoir aux yeux du Sénat. Pourquoi quand tu es prince, toi qui as surpassé par ton mérite la noblesse de ton origine, la condition de ceux qui mériteraient d'avoir des nobles pour descendants ne vaudrait pas celle de ceux que en auraient eu par parents? Comme tu es digne de rendre toujours pareil jugement sur nos magistrats et de les rendre bons non en punissant les mauvais, mais en récompensant les bons! La jeunesse a été enflammée et ce qu'elle voyait louer lui a mis au cœur un désir d'émulation, et il n'y eut personne qui n'eût cette pensée, chachant que tout ce que chacun faisait de bien dans les provinces, tu le savais. Il est bon, César, pour les gouverneurs de provinces, il leur est salutaire qu'ils soient assurés que leur vertu et leur activité peuvent s'attendre à la plus grande récompense, le veredict du prince, le suffrage du prince. [...] Si quelqu'un administre bien une province, on lui offre la dignité méritée par sa vertu. Le champ de l'honneur et de la gloire est ouvert à tous.

<sup>251</sup> Ta tranquillité n'est retardée ni par les délais des courriers, ni par la lenteur des lettres. Tu sais que partout l'on fait des vœux pour toi, toi qui en as fait pour tous. Nul qui ne se donne ce plaisir.

seus indivíduos usavam seus cargos como forma de acumularem riqueza e prestígio aspirando ao poder pessoal. Em outras palavras, aqueles que iniciavam a carreira pública a partir de uma posição mais próxima da base social romana davam suporte a uma forma mais controlada de administração, já que seu orgulho pessoal estava muito mais na perspectiva de ascensão do que de sua posição social primitiva. Cabia, portanto, ao príncipe fomentar esse processo que trazia segurança e estabilidade, ou seja, a *aeternitas* do regime. Outra medida integradora do sistema imperial utilizada por Trajano foi a concessão de direitos jurídicos. A prática, tradicional da política romana, também exprimia, na concepção pliniana, a *virtus* do imperador, já que

A extensão da cidadania e do regime municipal não foi dirigida por um projeto estável e permanente como linha estratégica de Estado. Por isso não ocorreu no mesmo ritmo em todas as províncias. Moveu-se segundo impulsos dos distintos governos, segundo interesses de estabilidade dinástica para lograr equilíbrios entre as diversas populações provinciais, para consolidar novos territórios dominados, ou até mesmo como simples moeda de troca de apoios e lealdades.<sup>252</sup> (RUIZ, 2000, p. 166)

Portanto, sendo uma prerrogativa utilizada distintamente por cada imperador, a concessão de direitos servia também como parâmetro para avaliar o governante. A generosidade de Trajano nesse campo, explorada por Plínio no *Panegírico*, é outra forma de ilustrar a *virtus* do príncipe ideal como o promotor de uma integração cada vez maior dos membros das elites aos benefícios do Império. Nesse sentido o discurso pliniano identifica-se com

Um modo de propaganda e de um programa de ação política [e com] formas retóricas que exaltam o conceito de *oikouméne* de maneira hiperbólica, exigência própria dos tratados de retórica em voga. Tudo isso forma parte evidente de um substrato cultural mais amplo, próprio do helenismo matizado com os elementos inerentes a uma monarquia com vocação universalista, exercida por meio de um processo de assimilação e integração de todos os povos às estruturas organizativas romanas, cujo nível mais elevado produziu-se na época dos Antoninos, quando o consenso e a integração de todos os territórios do Império alcançou o nível máximo, consolidando entre os habitantes do Império uma consciência clara de

---

<sup>252</sup> La extensión de la ciudadanía y del régimen municipal no fue dirigido por un proyecto estable y permanente como línea estratégica des estado. Por esso no llevó siempre igual ritmo en todas las provincias. Se movió a impulsos de los distintos gobiernos, según intereses de estabilidad dinástica, para lograr equilíbrios entre los diversos colectivos provinciales, para consolidar nuevos territorios dominados, o cuando no como simple moneda a cambio de apoyos y lealtades.

pertencimento a um Estado em face aos povos do exterior.<sup>253</sup> (VEGA, 2005, p. 278)

É exatamente nesse quadro que percebemos, na apresentação de Plínio no *Panegírico*, uma série de medidas adotadas pelo imperador a respeito de questões fiscais, especialmente a *vicesima hereditatium*, taxa que incidia sobre as heranças e exigia uma aplicação desconfortável do ponto de vista do projeto integrador do império, uma vez que esbarrava nos distintos estatuto jurídicos de que gozavam membros de uma mesma família.

Este favor da lei era reservado aos cidadãos de longa data: os novos, caso tivessem se tornado cidadãos pelo direito latino ou pelo favor do príncipe, a menos que eles tivessem obtido ao mesmo tempo os direitos de cognação, eram considerados absolutamente distintos daqueles a quem estavam fortemente unidos. Assim, a maior vantagem transformava-se na mais pesada injustiça e “direito de cidadania romana” significava ódio, discórdia, supressão da ascendência e da descendência, pois separava as pessoas mais queridas umas das outras a despeito de sua mútua ligação. [...] Não contente de haver dispensado de 5% o primeiro grau de parentesco fez o mesmo para o segundo e fez escapar do imposto sobre os bens da irmã o irmão, sobre aqueles do irmão inversamente a irmã, o avô e a avó sobre aqueles de uma neta e de um neto, e reciprocamente. Também aos cidadãos a quem o direito latino abria o acesso à cidadania romana, a mesma concessão; e a todos, direitos de cognação recíprocos, de uma vez, sem distinção, segundo a lei da natureza.<sup>254</sup> (*Panegírico*, 37, 3-4; 39, 1-)

Aqui vemos que Plínio ilustra *virtus* de Trajano como aquele que derruba os impedimentos legais que barravam a expansão do ecumenismo imperial. Para isso, César usa a

---

<sup>253</sup> Un modo de propaganda y de un programa de acción política como con unas formas retóricas que exaltan el concepto de *oikouménē* de manera hiperbólica, exigencia propia de los tratados de la retórica al uso. Todo ello forma parte evidentemente de un substrato cultural más amplio propio del helenismo irizado con los elementos inherentes a una monarquía con vocación universalista, ejercida a través de un proceso de asimilación e integración de todos los pueblos a las estructuras organizativas romanas, y cuyo nivel más elevado de integración se produjo en época de los antoninos, donde el consenso y la integración de todos los territorios del imperio llegó al máximo nivel, consolidándose firmemente entre los habitantes del Imperio una conciencia clara de pertenencia a un estado frente a los pueblos del exterior.

<sup>254</sup> Cette faveur de la loi était réservée aux citoyens de longue date: les nouveaux, qu'ils fussent devenus citoyens par le droit latin ou la faveur du prince, à moins qu'ils n'eussent obtenu en même temps les droits de cognation, étaient tenus pour absolument distincts de ceux auxquels ils avaient été le plus étroitement unis. Ainsi le plus grand avantage se emuait en la plus lourde injustice et “droit de cite romaine” signifiait haine, discord, suppression de l'ascendance et de la descendance, puisqu'il séparait les personnes les plus chères l'une à l'autre em dépit de leur mutuel attachement. [...] Non content d'avoir dispense du 5% le premier degré de parente, il ya soustrait aussi le second et il a fait échapper à l'impôt sur les biens de la soeur le frère, sur ceux du frère inversement la soeur, le grand-père et la grande-mère sur ceux d'une petite-fille et d'un petit-fils, et réciproquement. Aux citoyen aussi à qui le droit latin avait ouvert l'accès de la cite romaine, même concession; et à tous, don des droit de cognation réciproques, em une fois, sans distinction, selon la loi de nature.

*humanitas*, que na pessoa do governando expressava-se na concessão de benefícios pessoais (VEYNE, 1992). Essa noção também aparece matizada junto ao estoicismo que o panegirista imprime nas medidas do imperador, que atua como filósofo sábio, adequando as leis humanas ao ideal de *vivere naturae* defendido pela *Stoa*. A crescente equiparação jurídica, ao lado de todas as medidas integradoras do príncipe, favorecia o que Cizek (1983) descreve como a superação dos limites da mentalidade do *civis romanus*, o cidadão romano, em nome do estabelecimento do *homo romanus*, o homem romano. Este novo modelo de cidadão era o habitante idealizado do Estado imperial mantenedor das tradições da *Urbs*. A construção deste indivíduo, bem como das condições para sua existência, era uma responsabilidade do príncipe, a qual Trajano, na concepção pliniana, cumpre:

Ó cuidados que são de um verdadeiro príncipe, e até mesmo de um deus, reconciliar as cidades rivais, apaziguar os povos em agitação menos por autoridade do que pela razão, reparar as injustiças dos magistrados, anular tudo o que não deveria ter sido feito, enfim, como o mais rápido de todos os astros, tudo ver, tudo entender, e, onde quer que o invoque, prontamente, como um ser sobrenatural, estar presente e ser útil.<sup>255</sup> (*Panegírico*, 80, 3)

Vemos, portanto, que a *virtus* do príncipe vinculada à política imperial foi ilustrada pelo panegirista, sobretudo a partir de valores e atitudes favoráveis à integração, tais como o respeito em relação às províncias, tanto do ponto de vista patrimonial quanto daquele da participação de seus elementos na administração e na política do Estado. Isso especialmente pela concessão de direitos, atribuição de cargos e o reconhecimento do bom desempenho nas funções. Importante também é a valorização do César como construtor, mantenedor e patrono do império e das populações nele existente. Essas imagens eram reforçadas em atitudes demonstradas no empenho em facilitar a circulação das mercadorias e no incentivo à produção. No discurso pliniano a atribuição de todas essas qualidades a Trajano, associada à detração comparativa com seus antecessores, ilustraram-no como responsável pela paz e harmonia imperial, um ecumenismo garantido por um governante virtuoso, cujas qualidades identificavam-no simultaneamente com a divindade jupiteriana ancestral adaptada à realidade do Império pela aquisição dos valores estoicos.

---

<sup>255</sup> O soins qui sont bien d'un vrai prince, et même d'un dieu, réconcilier des cites rivales, apaiser les peuples en effervescence moins par autorité que par raison, réparer les injustice des magistrats, annuler tout ce qui n'aurait pas dû être fait, enfim à l'instar du plus rapide des astres tout voir, tout entendre et d'où qu'on l'invoque, aussitôt, comme un être surnaturel, y être et y être utile.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim das discussões aqui entabuladas acerca da idealização do príncipe na concepção pliniana devemos ressaltar certa concordância com uma afirmação original sobre o *Panegírico de Trajano*, que afirma: “Este texto enorme e entediante, que é uma versão muito ampliada da oração efetivamente entregue, vai cansar o aluno mais incansável”<sup>256</sup> (CHAMPLIN, 1982, p. 1037). A apreciação quando o caráter tedioso do discurso de Plínio certamente deve ser reativizada levando em conta seu caráter pessoal. Ademais, o leitor de Plínio, acostumado com o estilo do epistolário, certamente notará grande diferença ao ler o discurso do cônsul do ano 100 d. C.

Quanto à fadiga provocada pela leitura, concordamos e ressaltamos que ela foi maximizada pela necessidade do estudo pormenorizado dos termos aqui abordados. Contudo, nossas queixas são, na verdade, uma forma de expressão do grande esforço empreendido na análise da obra em tela. Nesse estudo estivemos em uma tensão constante às voltas com a necessidade de não nos deixarmos ludibriar pela tênue linha que separava, no *Panegírico*, a propaganda da realidade. A sinceridade, a apologia, o elogio, a esperança, a idealização e as advertências ora apareciam fundidos, ora distintos no longo discurso pliniano, exigindo percepção e cautela constantes.

Tendo como objetivo do estudo o interesse pela concepção do modelo do governante ideal na, época do Principado romano, tema abrangente, nosso recorte recaiu sobre o discurso de Plínio, o Jovem. A conjuntura em que a obra estava inserida ressaltou sua importância em relação a nossa proposta, concebida como um estudo de caso, pois a elocução do *Panegírico* ocorreu nos anos iniciais de um novo governo, o de Trajano, e de uma nova dinastia, a Antonina. Desde Augusto a política dos imperadores romanos havia demonstrado certa heterogeneidade, disso resulta que o Principado não pode ser entendido como um sistema político gerido por diretrizes fixas, antes disso, devemos entender que certas concepções baseadas em valores éticos, filosóficos e morais deviam servir de orientação tanto para a atuação do governante quanto para a apreciação de seu desempenho.

---

<sup>256</sup> This massive and tedious text, which is much expanded version of the oration actually delivered, will tire the most tireless student.

A presença marcante das ideias morais e políticas na vida pública romana encaminhou a discussão para a escolha de duas delas, a *virtus* e o *mos maiorum* e também da filosofia estoica. A apresentação da vida pública e privada de Plínio, bem como de sua obra no interior dos grupos dirigentes em que ele atuava, demonstrou que o modelo do príncipe ideal era a expressão dos valores e virtudes daquelas ideias por parte do imperador a partir da perspectiva e aprovação dos membros do Senado. Em função do momento de elocução da *gratiarum actio* de Plínio, o discurso dirigia-se simultaneamente ao César e à Cúria, demonstrando, para além do elogio, ao mesmo tempo o modelo que deveria ser assumido pelo governante e exigido pela ordem senatorial. Nesse sentido, demonstrar quem era, de onde vinha e o que queria cada uma dessas duas partes, o Senado e Trajano, foi essencial para fundarmos em uma realidade concreta os valores em debate.

O *ordo senatorius*, na passagem do século I d. C. para o século II d. C., era um corpo social e político que gozava de muito prestígio e riqueza. Embora guardasse muitos valores republicanos, o novo regime do Principado era muito favorável aos seus membros, pois em seu interior eram escolhidos os indivíduos que deveriam participar da administração imperial, especialmente porque fora recomposto com provinciais que anteriormente estavam excluídos da participação política. Além disso, a posição central do príncipe reforçava as relações de patronato, indispensáveis para a ascensão na carreira pública. Como patrono do império, o César fazia convergir para si e para os interesses governamentais as aspirações de senadores e *equites*, favorecendo a coesão e a cooperação desses dois grupos sociais em favor do Estado. Em suma, era sobre essa estrutura que se assentavam o poder e as condições favoráveis do governo no mundo romano. Sem essa conjunção de atitudes e ideias harmônicas entre o César e a aristocracia, ou mesmo no interior dos grupos aristocráticos, a estabilidade do sistema ficava prejudicada, favorecendo a ocorrência de conspirações, crises e conturbações sucessórias.

O imperador, por sua vez, também representava uma nova etapa do processo político verificado ao longo do Principado. A família de Trajano pertencia à elite provincial hispânica, e o crescente processo de integração, verificado ao longo do Principado, favoreceu seu estrato social em uma região que registrava, além do mais, significativo desenvolvimento econômico. No caso específico da Hispânia, a adesão dos membros eminentes da província à ascensão de Vespasiano resultou no recebimento de benefícios jurídicos concedidos pelos imperadores Flávios. A partir dessas condições favoráveis, a *factio hispana* e o futuro imperador ocupavam papel de destaque, principalmente no campo militar, quando uma conspiração senatorial assassinou Domiciano. Dessa forma, a ascensão do primeiro provincial ao governo de Roma

baseava-se em uma série de fatores produzidos pelo desenvolvimento do novo regime. Os mais importantes eram, sem dúvida, o acesso de provinciais ao senado, a concessão de direitos de cidadania a camadas mais vastas da população imperial e o desenvolvimento das regiões além das fronteiras italianas.

Diante desse contexto em que estavam inseridos o Senado e o novo imperador, resultou que a filosofia estoica e as noções morais e políticas abordadas em nossa pesquisa deviam ser entendidas não exclusivamente a partir de seus sentidos e motivações primitivas, mas, sobretudo, dentro dos limites e possibilidades que a realidade oferecia. Por isso, a *virtus* era entendida não mais simplesmente como a devoção de um indivíduo ao Estado. Dilatada ao mundo imperial a noção de Estado englobava novos elementos, e a exaltação dessa virtude na construção do modelo de príncipe ideal devia incluir novas exigências. No mesmo sentido o *mos maiorum* também precisou ser equilibrado em relação à nova realidade política. A adesão aos ideais romanos por parte das elites provinciais, interessadas na carreira política imperial, favoreceu a extensão do conceito a indivíduos cujos valores ancestrais pudessem divergir daqueles da *Urbs*. Esse processo, tanto em relação à *virtus* quanto ao *mos maiorum* pode não ter significado o completo abandono das culturas autóctones, e a convivência diversificada de valores no interior do Império Romano encontrou sua justificação no cosmopolitismo universalista da *Stoa*, que também favoreceu a aceitação do governo imperial, pois a filosofia e seus adeptos souberam relativizar ou potencializar valores segundo a necessidade de respaldo do novo regime. Diante desse panorama, a escolha da análise de quatro aspectos do modelo do príncipe ideal foi a resposta que encontramos para aproximarmos as ideias e a realidade, já que, como homem profundamente inserido em sua época, Plínio seguiu a tendência de conciliação da tradição com as ideias e demandas de seu tempo.

Para os seus pares do Senado, Plíniou ilustrou Trajano como príncipe ideal utilizando as virtudes aqui abordadas apresentando o César em uma atitude de conciliação e valorização da ordem por meio do respeito aos valores dos quais ela era a tradicional representante. Por meio do *mos maiorum* o panegirista legitimou a adoção de Trajano como sucessor de Nerva. Ao exaltar sua atitude conservadora nos hábitos privados, confirma a postura de *pater familias*, obtendo assim proximidade com os modelos heroicos do passado, enfim, caracterizando-o como exemplos de príncipe cidadão, respeitador do exercício das magistraturas por parte dos senadores, garantindo-lhes a *libertas* e a *securitas*. Respaldo no poder pelos valores ancestrais Trajano foi afastado, por Plínio, do modelo de tirano atribuído a Domiciano. Dessa forma, o príncipe figurava como *optimus civis* cuja *virtus* foi expressa no discurso pliniano pelo exercício do poder moderado e sem ambição. Pela proximidade

mantida com os membros do *ordo senatorius*, descrita no *Panegírico*, o imperador gozava do fortalecimento de sua imagem de *princeps*, ou seja, de primeiro cidadão, pois Plínio destaca amplamente tal postura em Trajano. Embora sob a perspectiva senatorial o discurso exalte a devoção do César a vários aspectos republicanos a obra não assume um compromisso restaurador. As contradições e ambiguidades surgidas entre a postura de defesa de valores da República e a exaltação de Trajano como imperador a ser obedecido foram resolvidas por Plínio com a presença do estoicismo. Tal doutrina filosófica, flexível aos interesses ideológicos do período, permitia a crítica ou o elogio ético-moral do governante. No caso de Trajano, sob a perspectiva da construção pliniana, prevaleceu a exaltação do César, já que ele aderiu em seu governo às diretrizes estoicas. Dessa forma, o autor do *Panegírico* ilustrou o imperador como sábio estoico, capaz de governar bem, controlar suas paixões e seu poder. A *Stoa* também justificou o ineditismo da ascensão de Trajano, pois tanto a valorização do destino quanto a visão universalista da filosofia serviram para favorecer a escolha de um provincial aos olhos de um Senado já recomposto por indivíduos vindos de fora da *Urbs*. Enfim, a junção de todos esses aspectos favoráveis, acumulados sobre a figura de Trajano, resultou na atribuição senatorial ao César do título de *Optimus Princeps*.

Do ponto de vista guerreiro o César foi caracterizado como um verdadeiro *vir militaris*, cujas virtudes obedeciam às tradições de devoção do poderio militar apenas aos interesses do Estado. Essa postura foi exaltada por Plínio na moderação de Trajano quando, no comando das legiões germânicas, não se utilizou desses exércitos para obter o poder imperial. Dessa forma, o príncipe foi ilustrado como um indivíduo que soube equilibrar, em uma posição de grande poder, atitudes que expressavam humildade, reunindo assim em si mesmo as virtudes do cidadão-soldado, conforme as diretrizes da *virtus* e do *mos maiorum*. A exaltação do lazer de Trajano, voltado para os exercícios guerreiros, e da boa convivência com as tropas construíram no *Panegírico* a imagem excelente do *commilito* que pelo apego às tradições afirmava sua *auctoritas* militar, com a qual triunfava sobre os inimigos de Roma e pela qual garantia a paz ao Império.

Em relação ao culto imperial e a religiosidade inerente ao governante e ao regime, Plínio esforçou-se na construção de um discurso que exaltasse as virtudes superiores do imperador, sem abusar de imagens demasiadamente divinizadoras. Sem desprezar a vocação política do culto imperial, o panegirista buscou associar ao governante a predestinação e a capacidade divina a partir da conciliação entre valores caros ao *mos maiorum* e ao estoicismo. A ênfase nos auspícios que indicavam a aprovação dos deuses à ascensão de Trajano ao poder buscava respaldo na religiosidade tradicional do Estado, a recusa de uma

divinização explícita e a seriedade e simplicidade em torno do culto demonstrava o respeito do príncipe ideal aos valores ancestrais, reforçado, ainda, pela disposição em condicionar o apoio divino à valorização do César para com as diretrizes políticas republicanas. Assim, pelo respaldo da tradição e do racionalismo filosófico da *Stoa*, a divinização do príncipe tornava-se coerente e aceitável, permitindo a propaganda, por essa via, na qual Trajano era considerado como um governante favorecido pelos deuses e dotado também de qualidades divinas, com as quais protegia e fazia prosperar o mundo romano.

Da perspectiva da política imperial, o panegirista ilustrou a *virtus* do príncipe ideal atribuída a Trajano caracterizando-o como agente de integração das regiões e indivíduos provinciais aos benefícios oferecidos por Roma. Essa atitude passava, sobretudo, pelo respeito em relação às províncias, submetidas a leis justas, e pela política de construções de estradas, pontes e portos que garantiam a circulação de mercadorias, possibilitando, inclusive, o socorro de regiões afetadas por catástrofes naturais. Contudo, é valorizada também a atitude do governante em manter a primazia da península itálica frente às demais regiões do império. É o que se verifica no elogio da exigência de os senadores possuírem terras na região e, principalmente, na política dos *alimenta*.

Ainda assim, prevalece no discurso pliniano a visão de um ecumenismo proporcionado pela atuação do príncipe. Isso se constata no *Panegírico* pela valorização do modelo de governante pacífico e que reincorpora conceitos culturais alheios à *Urbs*, atestando assim a junção entre unidade e pluralidade presente no império. A concessão de direitos e a admissão dos provinciais na administração imperial ilustrou o imperador como indivíduo que dava acesso para que os cidadãos alcançassem, no serviço prestado ao Estado, a distinção almejada pelo homem público. Em suma, a *virtus* do príncipe ideal do ponto de vista do Império é construída por Plínio pela valorização de uma atitude ecumênica do imperador coerente com o universalismo estoico e com a noção de *humanitas*, que, durante o Principado, promovia a relativização de ideias excessivamente conservadoras da *Urbs* e a aceitação do novo cidadão do império, o *homo romanus*.

O modelo de príncipe ideal não era uma resposta apenas às aspirações senatoriais, era, na verdade, uma síntese de valores destinada a atender tanto a tradição quanto as novas demandas do Estado imperial. É por isso que Plínio, ao exaltar a figura do César como o governante perfeito, acumula sobre ele, cuidadosamente, as virtudes contrabalançadas de cidadão, soldado e deus, formadoras do verdadeiro patrono do Império. Trata-se da visão do

panegirista acerca das exigências e esperanças depositadas sobre o imperador Trajano e o regime do Principado.

## REFERÊNCIAS

### 1 – Fontes impressas

ESTRABÓN. **Geografía de Iberia**. 1. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2007, p. 557.

PLINE LE JEUNE. **Panegyrique de Trajan**. Texte établi et traduit par Marcel Durry. 4. Ed. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

\_\_\_\_\_. **Lettres: Livre X**. Texte établi et traduit par Marcel Durry. 5. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

PLINIO EL JOVEN. **Cartas**. Introducción, traducción y notas de Julián González Fernández. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

SALÚSTIO. A conjuração de Catilina/A guerra de Jugurta. In: SÊNECA/SALÚSTIO. **Tratado sobre a clemência/ A conjuração de Catilina – A guerra de Jugurta**. Introdução e tradução de Ingeborg Braren e Antônio da Silveira Mendonça. Petrópolis: Vozes, 1990.

SÊNECA. Tratado sobre a clemência. In: SÊNECA/SALÚSTIO. **Tratado sobre a clemência/ A conjuração de Catilina – A guerra de Jugurta**. Introdução e tradução de Ingeborg Braren e Antônio da Silveira Mendonça. Petrópolis: Vozes, 1990.

### 2 – Bibliografia

ABRÃO, Bernadette Siqueira. **História da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

ALFÖLDY, Géza. **Historia social de Roma**. Madrid: Alianza, 1987.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 1. ed. Lisboa: Presença, 1989.

ALGRA, Keimpe. Teologia estoica. In: INWOOD, Brad. **Os estoicos**. 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2006.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1971.

AMES, Cecilia. El título imperial romano y la problemática del Principado. **Estudios Clásicos**. Tomo 41, N° 116, 1999, p. 49-64.

ANDRÈ, Jean-Marie. Les écoles philosophiques aux deux premiers siècles de l'Empire. **ANRW**. Berlín/New York (Dijon): De Gruyter, II, 36.1: 8-77, 19, 1994.

ARCINIEGA, Alberto Prieto. Ideología de las religiones romanas no oficiales: notas sobre la función ideológica de la religión romana. **Memórias de Historia Antigua**. N° 5, 1981, p. 7-18.

ARICO, Giuseppe. Plinio il Giovano e la poesia. In: **Storia, Letteratura e Arte nel Secolo dopo Christo: Atti del Convegno, Mantova**. Firenze, Italia, 1995, p. 27-42.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BASARRATE, Trinidad Nogales. Foro de Trajano, símbolo de poder. In: FERNÁNDEZ, Julián González. **Trajano, Óptimo Príncipe: de Itálica a la corte de los césares**. Sevilla: Fundacion El Monte, 2003.

BÉRANGER, Jean. Tyrannus: notes sur la notion de tyrannus chez les romains particulièrement à l'époque de César et le Cicéron. **Revue des Études Latines**. Tome XIII, p. 85-94, 1935.

\_\_\_\_\_. **Recherches sur l'aspect idéologique du principat**. Verlag Friederich Reinhardt Ag Basel, 1953.

BLANCO, Jose Antonio Garzón. La política alimentaria desde Trajano a Antonino Pio en la propaganda numismática. **Studia historica. Historia antigua**. N° 6, 1988, p. 165-174.

BLÁZQUEZ, José María. **Trajano**. 1. ed. Barcelona: Ariel, 2003.

\_\_\_\_\_. **La romanización: Tomo I**. Madrid: Istmo, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

BOWMAN, Alan K.; WOOLF, Greg. **Cultura escrita e poder no mundo antigo**. São Paulo: Ática, 1998.



BRAREN, Ingeborg. Introdução do *Tratado sobre a clemência*. In: SÊNECA. **Tratado sobre a clemência**; SALÚSTIO. **A conjuração de Catilina e A guerra de Jugurta**. Petrópolis: Vozes, 1990.

BRENNAN, Tad. Psicologia moral estoica. In: INWOOD, Brad. **Os estoicos**. 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2006.

BRETONE, Mario. **História do direito romano**. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

BRUN, Jean. **O estoicismo**. Lisboa: Edições 70, 1986.

BRUNT, Peter Astbury. *Nobilitas and novitas*. **The journal of roman studies**. Volume LXXII, p. 1-17, 1982.

\_\_\_\_\_; MOORE, J. M. *Res Gestae Divi Augusti: The achievements of the divine Augustus*. Oxford University Press, 1967.

BURKE, Peter, **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.

BUSARELLO, Raulino. **Dicionário básico latino-português**. 6. ed. Florianópolis: UFSC, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudo de teoria e história literária**. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

CANTO, Alicia Maria. **Las raíces béticas de Trajano**. Sevilla: RD Editores, 2003a.

\_\_\_\_\_. La dinastia Ulpio-Aelia (98-192 d. C.): Ni tan “Buenos”, ni tan “Adoptivos”, ni tan “Antoninos”. **Gerión**. v. 21, n. 1, p. 305-347, 2003b.

CARCOPINO, Jérôme. **Roma no apogeu do império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARRIÉ, Jean-Michel. O soldado. In: GIARDINA, Andrea. **O homem romano**. 1. ed. Lisboa: Presença, 1992.

CARVALHO, Margarida Maria de. **Paideia e retórica no Séc. IV: a construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2010.

CHAMIZO, José Carlos Saquete. La imagem de Trajano en las fontes literárias. In: FERNÁNDEZ, Julián González. **Trajano, Óptimo Príncipe: de Itálica a la corte de los césares**. Sevilla: Fundación El Monte, 2003.

CHAMPLIN, Edward. Pliny the Younger. Ancient Writers. Reprinted from **Greece & Rome**. Ed. T. J. Luce. Charler Scribners's Sons, p. 1035-1048, 1982.

CHASTAGNOL, André. **Le senat romain à l'époque imperiale**. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

CIZEK, Eugen. **L'époque de Trajan: circonstances politiques et problèmes idéologiques**. Paris: Les Belles Lettres, 1983.

\_\_\_\_\_. **Néron**. Paris: Fayard, 1982.

CONNOLLY, Joy. Fear and freedom: A New Interpretation of Pliny's *Panegyricus*. In Gianpaolo Urso (ed.), **Ordine E Sovversione Nel Mondo Greco E Romano: Atti Del Convegno Internazionale, Cividale Del Friuli, 25-27 Settembre 2008**.

CORASSIN, Maria Luiza. **Sociedade e política na Roma antiga**. São Paulo: Atual, 2001.

\_\_\_\_\_. A idealização do príncipe na ideologia aristocrática de Roma. **Boletim do CPA**. N. 4, p. 197-211, 1997.

COVA, Pier Vincenzo. **La critica letterario di Plinio il Giovane**. Brescia, 1996.

CURTY, Marlene G.; CRUZ, Ana maria da Costa; MENDES, Maria Tereza Reis. **Apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses (NBR 14724/2002)**. 2ª ed. Maringá: Dental Press Editora, 2006.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2007.

DURRY, Marcel. **Introduction**. In: PLINE LE JEUNE. **Panegyrique de Trajan**. Texte établi et traduit par Marcel Durry. 4. Ed. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

\_\_\_\_\_. **Introduction**. In: PLINE LE JEUNE. **Lettres: Livre X**. Texte établi et traduit par Marcel Durry. 5. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

ECK, Werner. The emperor and his advisers. In: BOWMAN, Alan; GARNSEY, Peter; RATHBONE, Dominic. (Ed.). **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A. D. 70-192**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. Emperor, Senate and magistrates. In: BOWMAN, Alan; GARNSEY, Peter; RATHBONE, Dominic. (Ed.). **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A. D. 70-192**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. L'empereur romain chef de l'armée. Le témoignage des diplômes militaires. In: Cahiers du Centre Gustave Glotz, 13, 2002. pp. 93-112.

FERNÁNDEZ, Julián González. Introducción, traducción y notas. In: PLINIO EL JOVEN. **Cartas**. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

\_\_\_\_\_. Trajano: datos biográficos (Coord.) **Trajano, óptimo príncipe, de Itálica a la corte de los césares**. Sevilla: Fundación el Monte, 2003.

\_\_\_\_\_. Trajano: part(h)icus, trib, pot. XIIX, imp. X. **Archivo español de arqueología**. 1987, p. 237-250.

FINLEY, Moses. **Política no mundo antigo**. Lisboa: Edições 70, 1997.

FREDE, Dorothea. Determinismo estóico. In: INWOOD, Brad. **Os estoicos**. 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Antiguidade clássica: a História e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. A cidadania entre os romanos. In: PINSK, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **História da Cidadania**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. **Roma: vida pública e vida privada**. 4. ed. São Paulo: Atual, 1993.

\_\_\_\_\_. **Grécia e Roma**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

GARCÍA. Juan Ramón Carbó; VEGA, María José Hidalgo de la. El ecumenismo romano em la época de Trajano: espacios de inclusión y exclusión. **Studia Historica**. Nº. 26, 2008, p. 63-86.

GILL, Christopher. A Escola no período imperial romano. In: INWOOD, Brad. **Os estoicos**. 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2006.

GRIFFIN, Mirian. Nerva to Hadrian. In: BOWMAN, Alan; GARNSEY, Peter; RATHBONE, Dominic. (Ed.). **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A. D. 70-192**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

GRIMAL, Pierre. **La civilisation romaine**. Paris: Flammarion, 1981.

\_\_\_\_\_. **Os erros da liberdade**. Campinas: Papirus, 1990.

\_\_\_\_\_. **O império romano**. Lisboa: Edições 70, 1999.

\_\_\_\_\_. **As cidades romanas**. Lisboa: Edições 70, 2003.

\_\_\_\_\_. **O século de Augusto**. Lisboa: Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_. Sénèque et Le Stoïcisme Romain. **ANRW**. Berlim/New York (Paris): De Gruyter, II. 36.3: p. 1962-1992, s. d.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Ordem integração e fronteiras no Império Romano. Um ensaio. *Mare nostrum*. Nº. 1, 2010, pp 113-127.

GUILLEMIN, Anne- Marie. **Les lettres de Pline le Jeune**. Paris: Hachette, 1938.

HOMO, Léon. **Les institutions politiques romaines: de la cité à l'état**. Paris: Albin Michel, 1950.

INWOOD, Brad. **Os estoicos**. 1. ed. Org. São Paulo: Odysseus, 2006.

IRWIN, T. H. Naturalismo estoico e seus críticos. In: INWOOD, Brad. **Os estoicos**. 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2006.

MANJARRÉS, Julio Mangas. Trajano y las fronteras del império. In: FERNÁNDEZ, Julián González. **Trajano, Óptimo Príncipe: de Itálica a aa corte de lós césares**. Sevilla: Fundación El Monte, 2003.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe e Escritos políticos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MARTÍNEZ, José María Álvarez. Trajano y las obras públicas em *Hispania*. In: FERNÁNDEZ, Julián González. **Trajano, Óptimo Príncipe: de Itálica a la corte de lós césares**. Sevilla: Fundacion El Monte, 2003.

MELÉNDEZ, Javier Bermejo; ESPARCIA, Santiago Robles; CARRASCO, Juan M. Campos. Trajano fundador. El último impulso colonizador del Imperio. **Revista Onoba**. 2013, nº. 01, p. 99-114.

MENDES, Norma Musco. **Roma republicana**. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; DAVIDSON, Jorge Davidson. A experiência imperialista romana: teorias e práticas. **Tempo**. N. 18, pp. 17-41.

\_\_\_\_\_. O sistema político do Principado. In: MENDES, Norma Musco; SILVA, Gilvan Ventura da Org. **Repensando o império romano: perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro/Vitória: Mauad/EDUFES, 2006.

MENDONÇA, Antônio da Silveira. Introdução de *A conjuração de Catilina e A guerra de Jugurta*. In: SÊNECA. **Tratado sobre a clemência**; SALÚSTIO. **A conjuração de Catilina e A guerra de Jugurta**. Petrópolis: Vozes, 1990.

MÉTHY, Nicole. **Les Lettres de Pline le Jeune. Un re/presentation de l'homme**. Paris: Université Paris-Sorbonne, 2007.

\_\_\_\_\_. Éloge et propagande politique sous le Haut-Empire: L'exemple du *Panegyrique de Trajan*. In: **Mélanges de L'École française de Rome**. Antiquité T. 112, N°. 1. 2000. p. 365-411.

\_\_\_\_\_. Rome vue par un italien du second siècle: le témoignage des lettres de Pline le Jeune. **Roma illustrata**. P. Fleury, O. Desbordes (dir.), Caen, PUC, 2008, p. 317-326.

MICHEL, Alain. **La philosophie politique à Rome d'Auguste à Marc Aurèle**. Paris, Armand Colin, 1969.

MONTERO, Santiago. Prodigio y expiación en el imperio de Trajano. **Gerión**. Anejos IV. 2000, p. 41-94.

\_\_\_\_\_. Trajano y la adivinación: las claves estoicas. **Gérion**. Anejos IV. 2000, p. 171-182.

MOREAU, Joseph. Sénèque et le prix du temps. **Bulletin de l'Association Guillaume Boudé**, n. 1, p 119-124. Paris: Les Belles Lettres, 1969.

MOUNIN, Georges. **Os problemas teóricos da tradução**. São Paulo: Cultrix, 1975.

MUÑOZ, Alejandro Fornell. Las epístolas de Plinio el Joven como fuente para el estudio de las *uillae* romanas. **Circe**. Nº. 13, 2009, p. 139-155.

NICOLET, Claude. O cidadão e o político. In: GIARDINA, Andrea. **O homem romano**. 1. ed. Lisboa: Presença, 1992.

\_\_\_\_\_. **Les idées politiques à Rome sous la République**. Paris: Armand Colin, 1964.

OLIVEIRA, Andrea Lúcia Dorini de. **Poder e mito: o Principado na perspectiva da literatura latina (Tácito, Suetônio e Plínio, o Jovem)**. Assis: 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP.

\_\_\_\_\_. Andrea Lúcia Dorini de. **Princeps e Basileus nos discursos de Dion Crisóstomo (96 a 117 d. C.)**. Assis: 2001. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista – UNESP.

OLIVEIRA, Carlos Roberto. **Mito e História nas cartas plinianas**. Assis: 1997. Tese (Livro-Docência em História) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista – UNESP.

\_\_\_\_\_. **As propriedades rurais de Plínio, o Jovem: algumas considerações sobre a origem, a superfície e a exploração econômica**. São Paulo: 1978. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo – USP.

\_\_\_\_\_. **O senhorio rural nas Cartas de Plínio, o Jovem**. São Paulo: 1983. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo – USP.

\_\_\_\_\_. Doença e morte: um estudo sobre o imaginário político nas *Cartas* de Plínio. **Estudos de História**. Franca, v.3, n. 1, p. 33-52, 1996.

\_\_\_\_\_. *Miseria temporum*: mito e perseguição na literatura Pliniana. In: **Ciclo de Estudos Antigos e Medievais**, 4, v. 1, p. 1-2, 1995.

\_\_\_\_\_. Literatura e História: a produção do imaginário nas *Cartas* de Plínio, o Jovem. In: **Anais de Estudos Literários**. São Paulo, v. 4, p. 387-390, 1994.

\_\_\_\_\_. O colonato nas *Cartas* de Plínio, o Jovem: a decadência da *Villa* e o incremento da economia domínial. In: **História**, v. 5, p. 75-83, 1986.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura clássica: cultura romana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

\_\_\_\_\_. Unité et pluralité culturelle: le paradigme de l'Empire Romain face aux défis de l'Union Européenne. *Máthesis*. N°. 13, 2004, p. 265-275.

PEREIRA, Virgínia Soares. Plínio e a sombra tutelar de Cícero. *Ágora*. N°. 8, 2006, p. 79-104.

\_\_\_\_\_. Inveja e emulação em Plínio-o-Moço. In: PEREIRA, Belmiro Fernandes; DESERTO, Jorge (Orgs.) **Symbolon II: Inveja e emulação**. Porto, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010, p. 103-124.

PETIT, Paul, **A paz romana**. São Paulo: EDUSP, 1989.

PICONE, Giusto. L'eloquenzadi Plínio. **Teoria e prassi**. Palermo, 1978.

PINSKY, Jaime. **100 textos de História Antiga**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

PRETE, Sesto. **Saggi pliniani**. Bologna (Università degli Studi di Bologna, Facoltà di Lettere e Filosofia. Studi Pubblicati dall'Istituto di Filologia Classica, 3), 1948.

RADICE, Betty. **Pliny and the Panegyricus. Greece & Rome**. Oxford: The Classical Association, XV, 2: p. 167-172, 1968.

REES, Roger. To be and not to be: Pliny's paradoxical Trajan. **Bulletin of the Institute of Classical Studies**. N°. 45, 2001, pp 149-168.

RICHARDSON, J. S. *Imperium romanum: Empire and the language of power*. **The journal of roman studies**. Volume LXXXI, p. 1-9, 1991.

ROMÁN, Cristóbal González. Trajano, *Optimus Princeps*: a propósito de los *alimenta*. In: FERNÁNDEZ, Julián González. **Trajano, Óptimo Príncipe: de Itálica a la corte de los césares**. Sevilla: Fundación El Monte, 2003.

ROSTOVTZEFF, Mikhail. **Rome**. New York: Oxford University Press, 1960.

ROUGÉ, Jean. **Les institutions romaines**. Paris: Armand Colin, 1969.

ROULAND, Norbert. **Roma, democracia impossível?: os agentes do poder na Urbs romana**. Brasília: UNB, 1997.

RUIZ, Urbano Espinosa. **El modelo romano de ciudad en la construcción política del império romano**. Mesa redonda. Sociedade Española de Estudios Mayas. Valladolid, 2001.

SÁEZ, José Uroz. Evolución del hábitat en la Villa de Plinio el Joven. **Bienes culturales: revista del Instituto del Patrimonio Histórico Español**. Nº. 3, 2004, p. 149-160.

SEDLEY, David. A Escola, de Zenon a Ário Dídimo. In: INWOOD, Brad. **Os estoicos**. 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2006.

SCHOFIELD, Malcolm. Ética estoica. In: INWOOD, Brad. **Os estoicos**. 1. ed. São Paulo: Odysseus, 2006.

SHERWIN-WHITE, A. N. Pliny, the man and his letters. **Greece & Rome**. Oxford: The Classical Association, XVI, 1: p. 76-90, 1969.

\_\_\_\_\_. **The Letters of Pliny. A Historical and Social Commentary**. Oxford: Oxford University Press, 1985.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Semíramis Corsi. O principado romano sob o governo de Otávio Augusto e a política de conservação dos costumes. **Crítica & Debates**, v. 1, n.1, p. 1-17, 2010.

SHOTTER, David. **Nero**. Lisboa: Edições 70, 2008.

SOUZA, Daniel Aparecido de. **A representação do home político no Principado romano: uma leitura das cartas de Plínio, o Jovem (96-113 d. C.)**. Assis: 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista – UNESP.

SOUZA, Dominique Monge Rodrigues. **Ações judiciais de Plínio, o Jovem, no tribunal dos centúviro e na corte senatorial (Séculos I e II d. C.)**. Franca: 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Estadual Paulista – UNESP.

STADLER, Thiago David. **O poder das palavras na idealização de um *princeps*: epistolário cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98-113 d. C.)**. Curitiba: 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR.

TORREJÓN, Pilar Pavón. La propaganda política de Trajano a través de sus emisiones monetárias. In: FERNÁNDEZ, Julián González. **Trajano, Óptimo Príncipe: de Itálica a la corte de los césares**. Sevilla: Fundacion El Monte, 2003.



TOVAR, Antonio; BLÁZQUEZ, José María. **Historia de la Hispania romana**. Madrid: Alianza, 1975.

TRISOGLIO, Francesco. Opere di Plinio Cecilio Secondo. **Classici Latini**. Turin: Unione Tipografico Editrice Torinese, p. 49-102, 1973.

UBIÑA, José Fernández. El império romano como sistema de dominación. **Polis**. Nº. 18, 2006 p. 75-114.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Estoicismo romano: Sêneca, Epicteto, Marco Aurélio**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

VALLE, Isidoro Muñoz. La concepcion del império romano como Principado. **Cuadernos de filologia clásica**. Nº. 3, 1972, p. 115-126.

VEGA, María José Hidalgo de la. Algunas reflexiones sobre los limites del oikoumene en el Imperio Romano. **Gerión**. V. 23, Nº. 1, p. 271-285.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. **Relações de poder em Roma: o patronato na correspondência pliniana**. São Paulo: 2000. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

\_\_\_\_\_. Estoicismo e *imperium*: a *virtus* do homem político romano. **Acta Scientiarum. Education**, v. 33, n. 2, p. 175-181, 2011.

\_\_\_\_\_. As palavras e as idéias: o poder na antiguidade. **Diálogos**. v. 9, n. 2, p. 143-155, 2005.

\_\_\_\_\_. Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial. **Acta Scientiarum**. V. 23, n. 1, p. 215-222, 2001.

VEYNE, Paul. *Humanitas*: romanos e não romanos. In: GIARDINA, Andrea. **O homem romano**. 1. ed. Lisboa: Presença, 1992.

\_\_\_\_\_. **A sociedade romana**. Lisboa: Edições 70, 1993.

\_\_\_\_\_. O império romano. In: VEYNE, Paul. **História da vida privada: do Império Romano ao ano mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIEIRA, Mára Rodrigues. **As orações subordinadas substantivas nas *Cartas de Plínio, o Jovem***. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

WHITE, Michael J. Filosofia natural estoica (Física e Cosmologia). In: INWOOD, Brad. **Os estoicos**. 1 ed. São Paulo: Odysseus, 2006.

## ANEXOS

### 1 – Mapeamento das ideias morais e políticas romanas no *Panegírico de Trajano*<sup>257</sup>

Ideias morais e políticas	Localização no <i>Panegírico de Trajano</i>
<i>AUCTORITAS</i>	1,2 8,6 10,1 19,2 29,2 60,2 77,4 93,1
<i>CLEMENTIA</i>	3,4 35,1 80,1
<i>CONCORDIA</i>	4,6 90,4 91,6
<i>CURA</i>	25,3 31,5 44,4 48,1 60,6 66,2 68,2 – 68,7

<sup>257</sup> Edição *Les Belles Lettres*, 1972. (Ver em Referências: Fontes impressas)

<i>CURA</i>	77,6 80,3 82,8 – 82,9 94,2
<i>DIGNITAS</i>	4,7 17,4 19,1 44,5 47,1 61,2 77,5 82,7 92,1
<i>FIDES</i>	1,6 11,3 19,4 23,6 32,1 – 32,4 42,2 49,3 51,5 56,2 67,1 – 67,3 68,5 74,3 95,1
<i>FORTITUDO</i>	3,4 16,2 – 16,3

<i>FRUGALITAS</i>	<p>3,4 41,1 44,8 49,5</p>
<i>GLORIA</i>	<p>3,3 4,5 – 4,6 8,2 – 8,4 9,5 10,3 – 10,6 14,1 16,3 20,5 24,5 28,1 29,1 30,1 31,6 36,4 43,4 55,8 56,1 – 56,4 – 56,5 62,8 63,1 64,3 68,1 70,8 75,2 81,3 83,1 – 83,5 – 83,7 86,2 – 86,6 90,5</p>

<i>GLORIA</i>	91,1 – 91,6
<i>GRAVITAS</i>	4,6 46,5 49,7 67,1 74,2 82,8
<i>HONOR</i>	1,1 4,3 – 4,7 11,3 21,1 23,1 33,4 36,2 38,7 39,5 44,7 47,1 49,8 52,2 54,2 – 54,5 – 54,6 55,1 – 55,3 – 55,4 – 55,8 56,4 – 56,6 57,1 – 57,2 58,5 61,7 62,1 63,3 – 63,4 – 63,5 69,2 – 69,5 – 69,6 70,8 71,3 – 71,6

<i>HONOR</i>	<p>77,5 – 77,6 – 77,7 – 77,8  78,3  84,8  85,5  88,2 – 88,3  90,6  91,1 – 91,2  92,1 – 92,3  93,1  94,2 – 94,4  95,2 – 95,4</p>
<i>HUMANITAS</i>	<p>2,7  3,5  4,6  24,2  47,3  49,5</p>
<i>LABOR</i>	<p>3,4  7,3  10,3  14,4 – 14,5  19,3  22,4  24,2  26,1  44,8  77,5  79,5  81,1 – 81,2 – 81,3  82,6  86,3</p>

<i>LABOR</i>	91,1 93,3
<i>LIBERALITAS</i>	3,4 25,3 27,3 28,4 33,2 34,3 38,2 – 38,4 43,4 51,5 86,5
<i>LIBERTAS</i>	1,6 2,5 8,1 11,5 24,5 27,1 32,2 36,4 44,6 55,2 57,4 58,3 66,2 67,3 69,4 78,3 87,1



<i>MODERATIO</i>	<p>9,1 10,3 13,2 16,2 – 16,3 17,4 23,6 24,4 39,4 54,5 55,5 56,3 57,5 60,5 63,8 78,2 84,5</p>
<i>MOS MAIORUM</i>	<p>1,1 9,5 69,5</p>
<i>OTIUM</i>	<p>56,4 79,5 82,9 86,2 – 86,3 87,2</p>
<i>PIETAS</i>	<p>2,6 3,1 10,3 21,3 24,5</p>

<i>PIETAS</i>	<p>33,3 67,4 42,2 43,1 55,4 75,3 79,4</p>
<i>RES PUBLICA</i>	<p>1,2 5,1 – 5,6 6,1 – 6,3 15,5 26,6 55,6 57,5 60,3 61,7 66,4 67,4 – 67,5 – 67,6 – 67,8 68,1 69,5 72,1 76,2 78,2 89,3 91,3 93,3 94,5</p>
<i>SAPIENTIA</i>	<p>47,1 55,8</p>

<i>VIRTUS</i>	3,2 4,5 13,1 – 13,5 14,5 16,5 31,1 44,6 45,1 55,10 59,5 70,2 – 70,8 72,5 85,7 89,3
---------------	---

## 2 – As primeiras dinastias romanas da época imperial<sup>258</sup>

### *Júlio-Cláudios*

Augusto – (27 a. C. a 14 d. C.)

Tibério – (14 d. C. a 37 d. C.)

Calígula – (37 d. C. a 41 d. C.)

Cláudio – (41 d. C. a 57 d. C.)

Nero – (57 d. C. a 68 d. C.)

### *Ano dos quatro imperadores (Crise de 69 d. C.)*

Galba – (68 d. C. a 69 d. C.)

Otão – (69 d. C.)

Vitélcio – (69 d. C.)

Vespasiano – (69 d. C. a 79 d. C.)

### *Flávios*

Vespasiano – (69 d. C. a 79 d. C.)

Tito – (79 d. C. a 81 d. C.)

Domiciano – (81 d. C. a 96 d. C.)

### *Antoninos*

Nerva – (96 d. C. a 98 d. C.)

Trajano – (98 d. C. a 117 d. C.)

Adriano – (117 d. C. a 138 d. C.)

Antonio Pio – (138 d. C. a 161 d. C.)

Marco Aurélio – (161 d. C. a 180 d. C.)

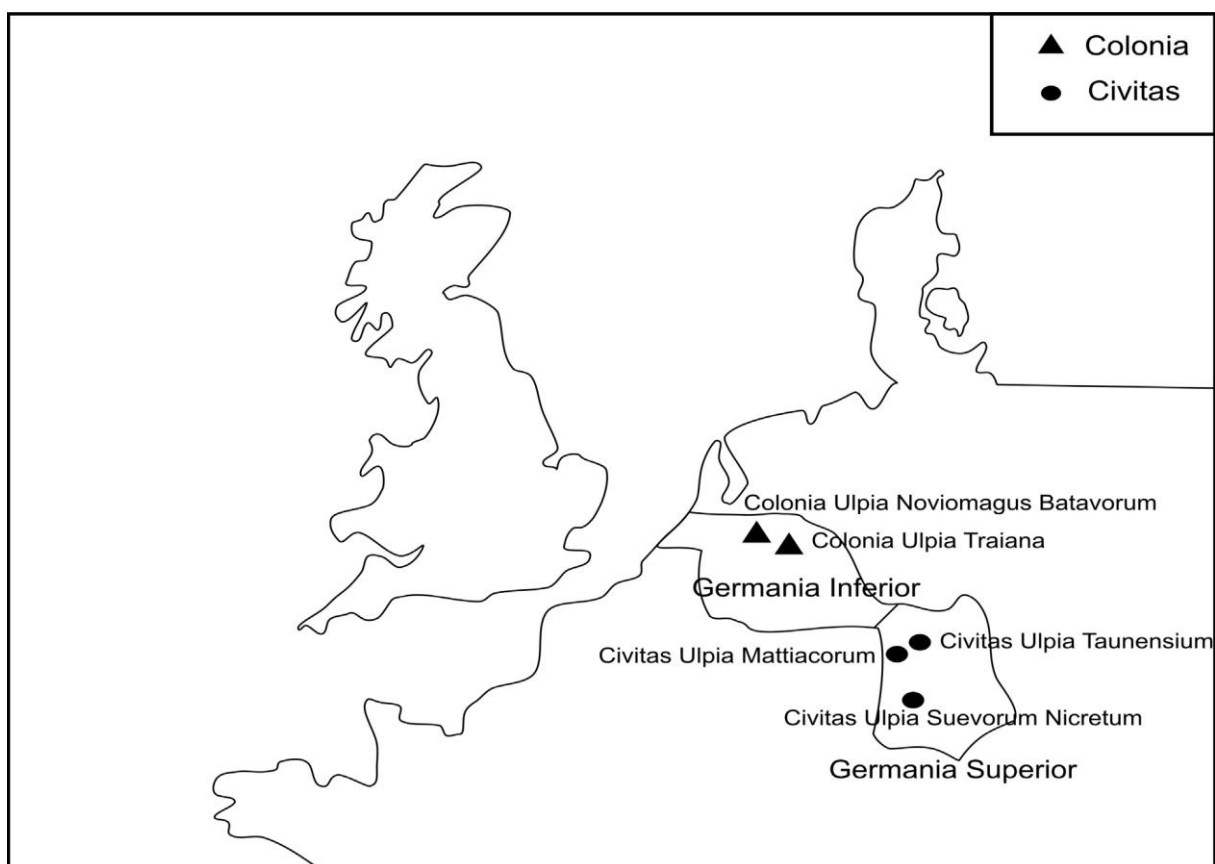
Cômodo – (180 d. C. a 192 d. C.)

---

<sup>258</sup> Datações segundo Rostovtzeff (1960, p. 326).

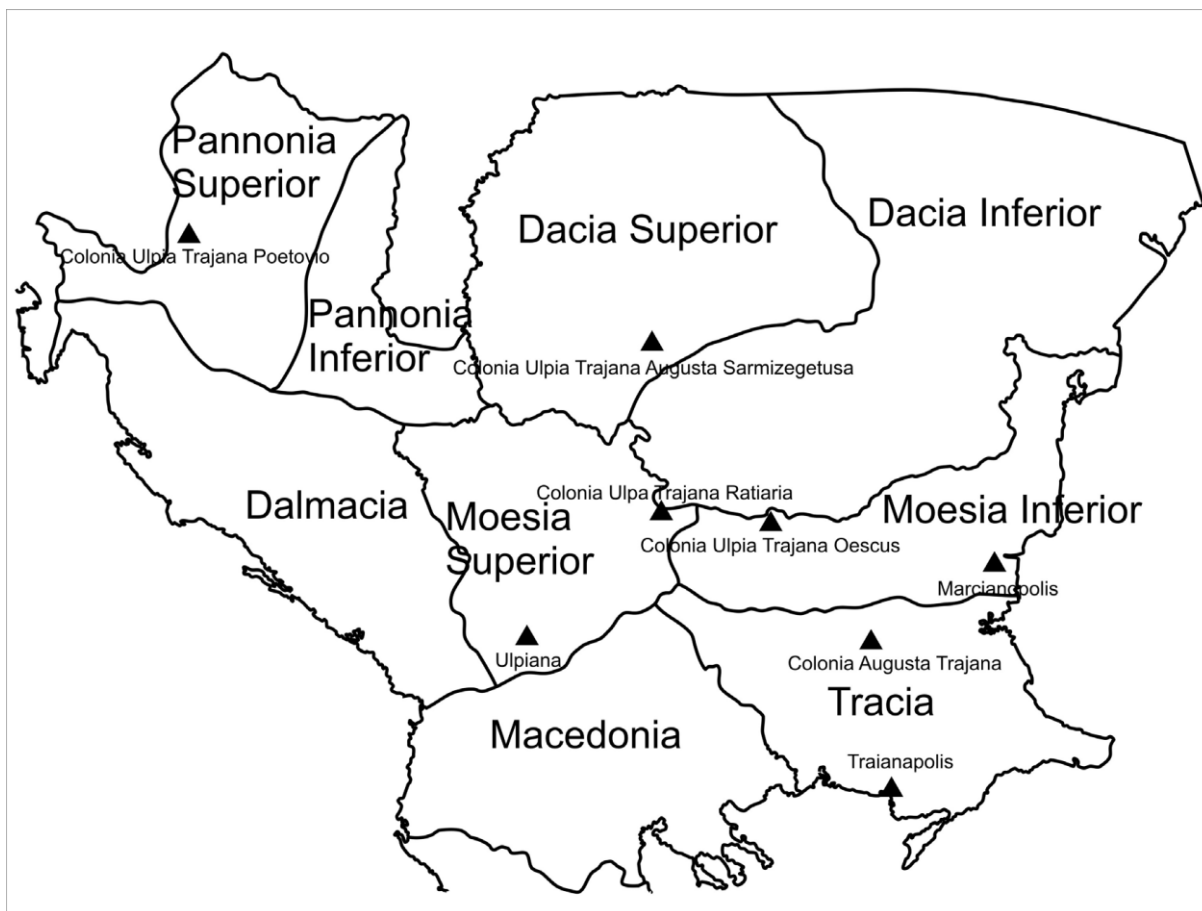
### 3 – Mapas

#### 1 – Núcleos urbanos criados por Trajano na Germânia



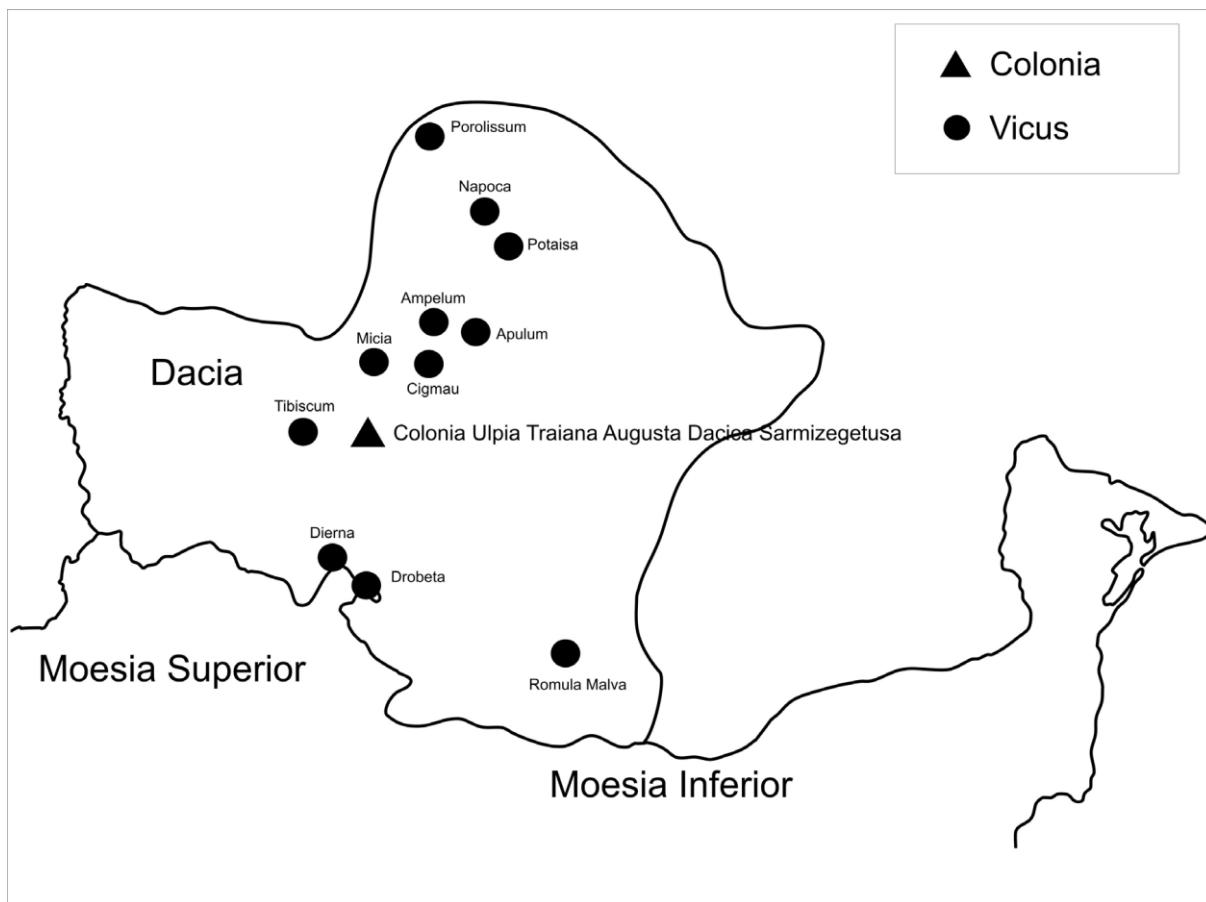
Fonte: MELÉNDEZ, Javier Bermejo; ESPARCIA, Santiago Robles; CARRASCO, Juan M. Campos. Trajano fundador. El último impulso colonizador del Imperio. **Revista Onoba**. 2013, n°. 01, p. 102.

## 2 – Principais colônias criadas por Trajano na área dos Bálcãs



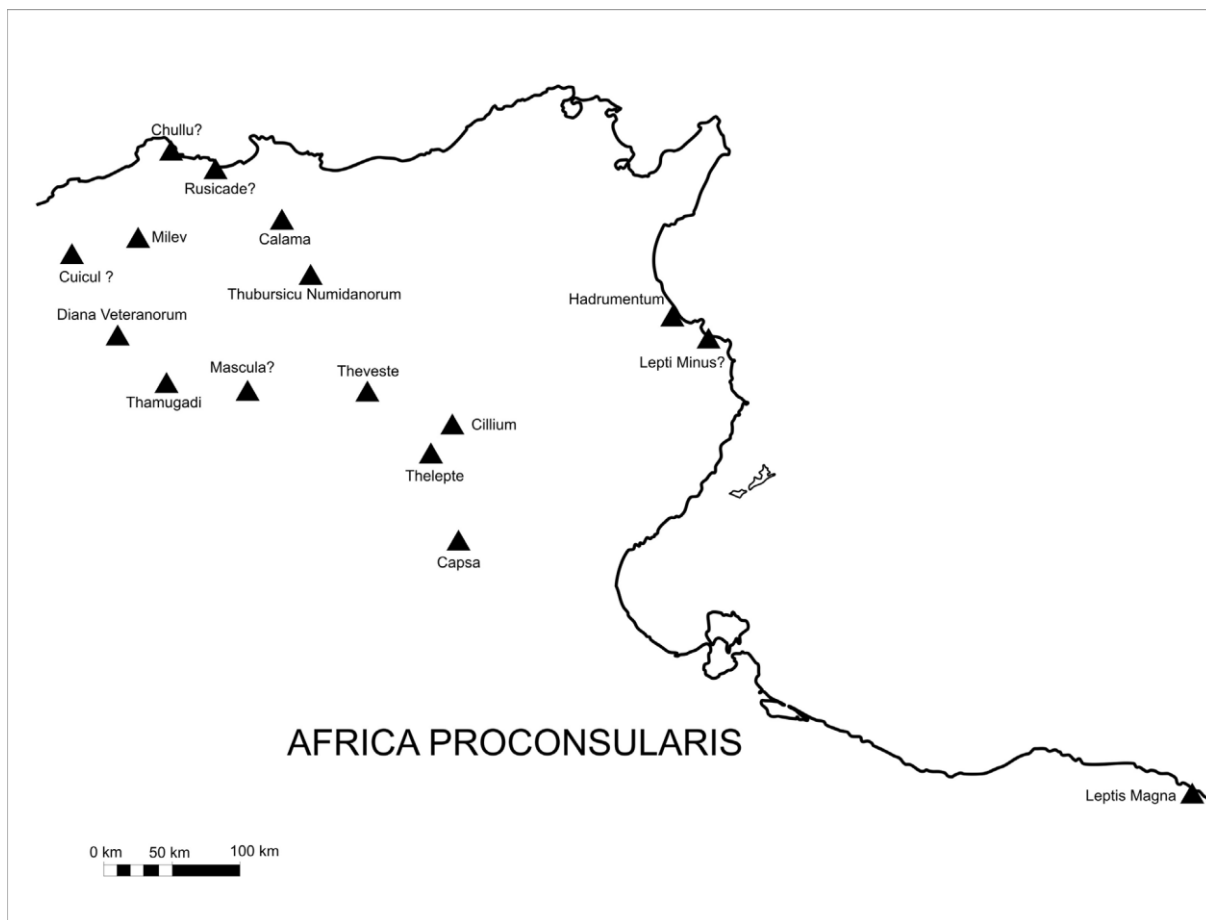
Fonte: MELÉNDEZ, Javier Bermejo; ESPARCIA, Santiago Robles; CARRASCO, Juan M. Campos. Trajano fundador. El último impulso colonizador del Imperio. **Revista Onoba**. 2013, n°. 01, p. 104.

## 3 – A província da Dácia sob o principado de Trajano



Fonte: MELÉNDEZ, Javier Bermejo; ESPARCIA, Santiago Robles; CARRASCO, Juan M. Campos. Trajano fundador. El último impulso colonizador del Imperio. **Revista Onoba**. 2013, n.º. 01, p. 105.

## 4 – Municípios e Colônias fundados por Trajano na África Proconsular



Fonte: MELÉNDEZ, Javier Bermejo; ESPARCIA, Santiago Robles; CARRASCO, Juan M. Campos. Trajano fundador. El último impulso colonizador del Imperio. **Revista Onoba**. 2013, n.º. 01, p. 109.

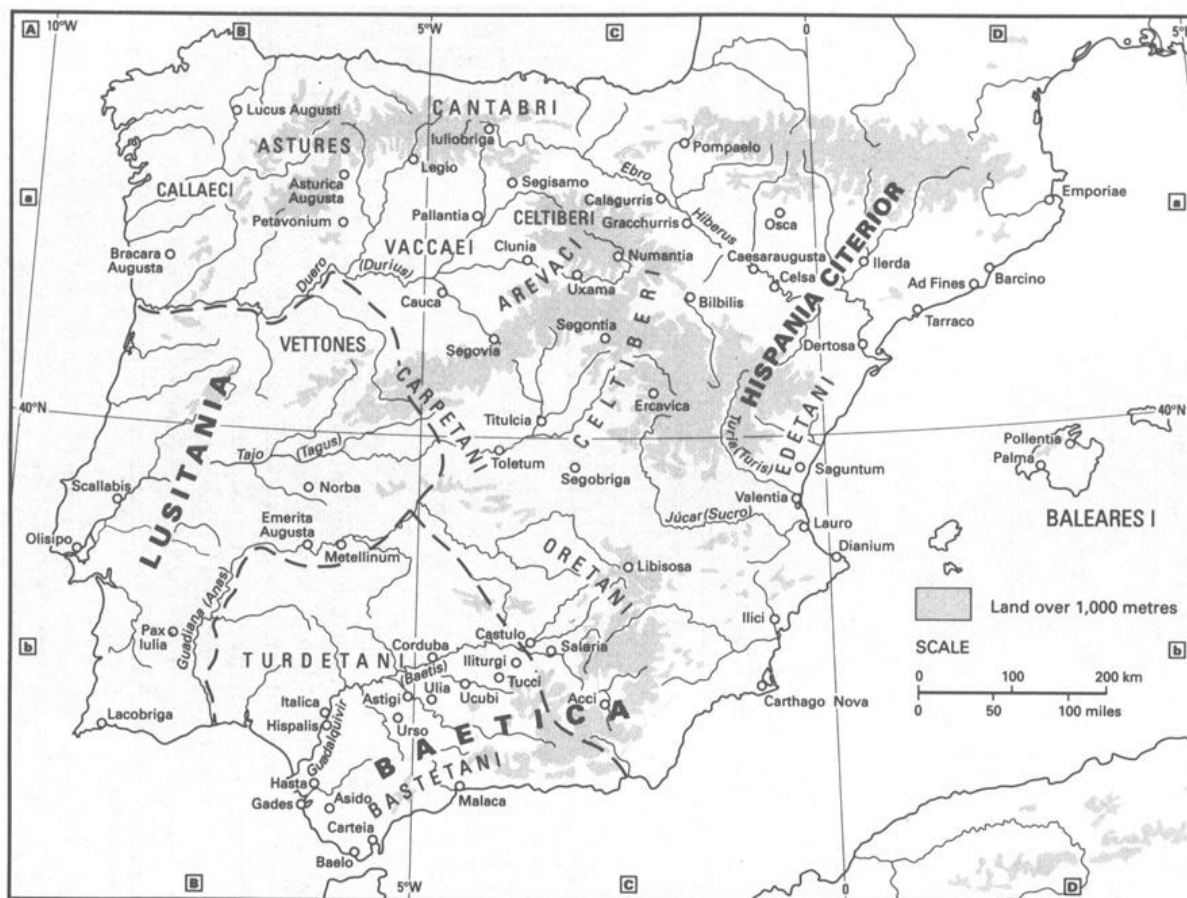


## 5 – Império Romano na época de Trajano



Fonte: Ancient History Encyclopedia. Disponível em: <http://www.ancient.eu.com/image/266/>  
Acessado em 03/11/2013.

## 6 – Província da Hispânia durante os séculos I e II d. C.



Fonte: BOWMAN, Alan K.; GARNSEY, Peter; RATHBONE, Dominic (Ed.). **The Cambridge Ancient History: The High Empire, A. D. 70-192**. 2<sup>o</sup> Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 450.



#### 4 – Imagens

1 – Escultura medieval de Plínio, o Jovem na Catedral de Como.



Fonte: <<http://de.academic.ru/dic.nsf/dewiki/491477>>. Acessado em 31/10/2013



2 – *Cursus honorum* de Plínio, o Jovem. Inscrição reconstituída a partir do fragmento original.



Fonte: Museo nazionale della civiltà romana. Disponível em: <[http://www.livius.org/pi-pm/pliny/pliny\\_y.htm](http://www.livius.org/pi-pm/pliny/pliny_y.htm)>. Acessado em 31/10/2013.

## 3 – Trajano.



Fonte: <<http://www.livius.org/to-ts/trajan/trajan.html>>. Acessado em 31/10/2013.

4 – Árvore genealógica de Trajano.

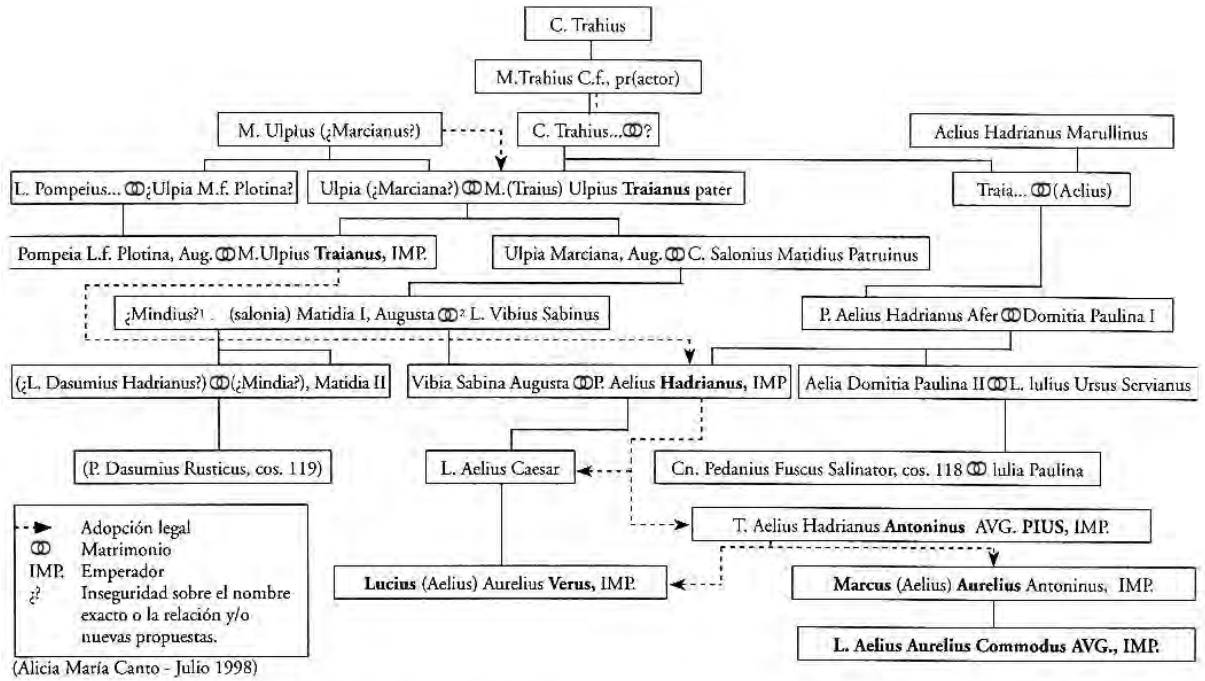


Fig. 4. Propuesta de nuevo stemma familiar del emperador Trajano. En su parte superior, entre M. Trahianus C.f. praetor y el abuelo paterno, Trahianus,

Fonte: A. M. CANTO, Alicia Maria. **Hispania. El Legado de Roma** 1999. p. 236.



5 – Cena das Guerras dácicas, detalhe da Coluna de Trajano.



Fonte: <<http://jonessamuel.wordpress.com/category/art/>>. Acessado em 03/11/2013.

6 – Baixo relevo no templo de Dendera, Egito, onde se vê Hórus e Hathor recebendo uma oferenda de Trajano, à direita, representado como faraó.



Fonte: <<http://www.superstock.com/stock-photos-images/1788-2168>>. Acessado em 30/01/2014.



7 – Primeiras páginas do *Panegírico de Trajano*, edição de Puteolanus, 1482.

8 – Folha de rosto do *Panegírico de Trajano*, edição de *Dumaeus*, 1542.



Fonte: <<http://www.forumrarebooks.com/Plinius-Caecilius-Secundus-Caius-Epistolarum-libri-ad-exemplar-manuscriptum.html>>. Acessado em 31/10/2013.

9 – Folha de rosto do *XII Panegyrici Veteres*, edição de *Livineius*, 1599.



Fonte: <[http://books.google.com.au/books/about/XII\\_Panegyrici\\_veteres.html?id=aj-hhNurKNAC](http://books.google.com.au/books/about/XII_Panegyrici_veteres.html?id=aj-hhNurKNAC)>.  
Acessado em 03/11/2013.



10 – Folha de rosto do *XII Panegyrici Latini*, edição de *Aemilius Baehrens*, 1874.



Fonte: <<https://archive.org/details/xiiiduodecimpa00baeh>>. Acessado em 03/11/2013.

## 5 – Glossário

***Auctoritas***: Palavra que etimologicamente carregava a noção de acréscimo e aumento, e que era atribuída a militares, políticos e ao Senado, o órgão que segundo a tradição era seu portador por excelência, por isso suas orientações tinham peso para posteriormente tornarem-se leis, porém deslocou-se paulatinamente do âmbito dessa ordem para o domínio pessoal.

***Clementia***: Em tempos de guerra e conturbações políticas este conceito era de grande importância para os romanos, pois dizia respeito à capacidade daquele dotado de poderes extraordinários para julgar sem a severidade excessiva que sua posição permitia.

***Coloni***: Agricultores que trabalhavam nas grandes propriedades romanas.

***Commendatio***: Pedido de proteção ou recomendação para a carreira pública feito no âmbito das relações de patronato.

***Commilito***: Sintetiza a ideia de companheirismo entre os soldados durante as batalhas e demais atividades militares.

***Concordia***: Exaltada como elemento necessário à paz na Urbe ela traz a noção de consenso entre ideias e sentimentos possibilitando, assim, a conciliação entre as ordens equestre e senatorial e também entre os chefes políticos.

***Congiaria***: Distribuições monetárias feitas pelos imperadores aos cidadãos e aos soldados.

***Cura***: Significava o cuidado e diligência nas funções administrativas, traduzindo, assim, as responsabilidades dos magistrados a serviço do Estado. Fora da atividade política prevalecia seu valor moral. Como propaganda, a ideia acentuava a preeminência do cidadão, o que tornou relevante seu papel durante o Principado.

***Cursus honorum***: A carreira das honras. Trata-se da ordem e da idade na qual um romano deveria exercer as magistraturas, os principais cargos eram, em importância crescente, a questura, edilidade, tribunado, pretura e o consulado.

***Dies imperii***: Data em que era comemorada a ascensão do imperador ao poder e na qual o governante fazia distribuições, *congiaria*, aos cidadãos e aos soldados.

**Dignitas:** Ligava-se ao exercício de cargos importantes e ao pertencimento à ordem senatorial, configurando-se assim, como um atributo de quem alcança uma elevada posição social juntamente com prestígio e a honra daí advindos.

**Equites:** Membros da ordem equestre, cavaleiros.

**Factio hispana:** Facção hispânica. Os romanos não possuíam o conceito atual de partido e utilizavam o termo *factio* para designar um grupo político com interesses convergentes.

**Fides:** Atuava na organização da sociedade, da política e das leis romanas e significava um compromisso recíproco de duas partes que legitimava a ligação entre romanos ou entre Roma e outros povos aliados ou protegidos, possibilitando a manutenção do império e a integração de seus habitantes.

**Fortitudo:** Designa a atitude de enfrentamento, firmeza e resistência racional e filosófica diante de perigos e desafios.

**Frugalitas:** Refere-se a uma postura sóbria e moderada em oposição a hábitos desregrados e faustosos.

**Gloria:** Conceito próprio daquele que reunia em si a dignidade necessária que permitia agregar em sua pessoa o amor do povo, sua confiança e admiração, em suma, tratava-se do reconhecimento dos valores inerentes ao cidadão romano e de seus atos em favor do Estado.

**Gravitas:** Relacionava-se ao comportamento público do homem político, este deveria ser orientado pelo conceito de *gravitas* que lhe vedava atitudes incoerentes com a circunspeção ética, contrárias as suas verdadeiras atividades a serem praticadas no fórum.

**Honor:** Também ligado à consideração pública, o conceito de *honor* pode ser entendido como estímulo no desempenho de uma carreira política exemplar

**Humanitas:** Carrega a noção dos sentimentos e da natureza do homem, e celebra um movimento progressivo dos estágios primitivos aos civilizados nos quais os indivíduos são orientados pela vida em sociedade, pelas leis e pela cultura, tornando-se, em virtude disso, mais humanos

**Immensum corpus imperii:** Designa a grande extensão do império romano enfatizando seus aspectos de integração.

**Labor:** Expressa a ideia de trabalho, mais especificamente o trabalho rural do camponês, mas de maneira mais ampla deve ser compreendido como a forma através da qual o homem romano conquista, por seu esforço, o sustento e o reconhecimento e a ascensão dentro de seu grupo social.

**Liberalitas:** No âmbito das relações de patronato, em Roma, designava a forma com a qual obtinha-se reconhecimento público dos clientes.

**Libertas:** No contexto político do Principado, expressava principalmente o gozo, sem coerção, dos direitos políticos dos senadores no exercício do *cursus honorum*, disso resultava que era usada também como sinônimo de República, durante o período imperial.

**Limes:** Designa as fronteiras do Império Romano.

**Moderatio:** Expressa a atitude de um governante que age de forma comedida e sábia, ou seja, aquele que exerce o poder com prudência e temperança.

**Mos maiorum:** O respeito pelo passado e tradição de Roma concentra-se nesta noção, em cuja permanente observância assenta-se a grandeza do Estado, que, segundo essa ideia, devia-se ao modo de vida rústico, próprio do ideal romano que unia em um mesmo indivíduo as qualidades do camponês, do soldado e do cidadão.

**Negotio:** Ocupação, principalmente a atividade política do cidadão romano a serviço do Estado.

**Nobilitas:** Designa os membros de famílias cujos ancestrais haviam exercido a magistratura consular, ou seja, a camada mais alta da aristocracia romana.

**Otio, Otium cum dignitate:** Celebrava a necessidade do lazer e do exercício da reflexão intelectual a respeito das atividades políticas, delas distanciado sem delas abdicar.

**Pietas:** Englobava o respeito pelas obrigações relativas à família, à comunidade, ao Estado e à religião, constituindo, assim, um conjunto amplo de deveres que o romano deveria assumir.

**Princeps:** Designava o César em sua qualidade de primeiro cidadão, ou seja, o mais qualificado entre os senadores para governar o império.

**Pontifex Maximus:** Sacerdote de maior poder em Roma, controlava várias instituições religiosas, na República era um cargo eletivo e vitalício, durante a época imperial os príncipes assumiram a função devido a sua importância.

**Res publica:** É um dos conceitos morais e políticos romanos mais ricos e difíceis de definir, sua noção aproxima-se da ideia do Estado no perfeito funcionamento de suas instituições controladas em harmonia pelas magistraturas, pelo Senado e pelas assembleias populares.

**Sapientia:** Esta noção, mais do que a ideia de conhecimento, expressa um sentido moral em que sobressai a moderação, mas também exprime, no seu aspecto prático, saberes ligados à política, à eloquência e às leis, enfim, refere-se também à abstração filosófica.

**Securitas:** Expressa segurança e tranquilidade, condições que, na época imperial, dependiam em grande parte das atitudes que os imperadores adotavam em suas relações com a ordem senatorial.

**Stoa, Pórtico:** Sinônimos da filosofia estoica.

**Urbs:** A cidade de Roma, exemplo por excelência do modelo de espaço urbano no período discutido.

**Vir militaris:** Designa o homem romano na sua qualidade de soldado imbuído das virtudes próprias das atividades militares.

**Virtus:** Remete-nos às características do homem direito que elenca em ordem de importância a *res publica*, a família, posicionando em último lugar a si mesmo, nesse sentido essa ideia exprime-se no modo de atuação a serviço do Estado, englobando uma variedade de qualidades essenciais à carreira pública da *Urbs*, como o caráter e a bravura militar.